



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

R. G. Ribeiro Júnior (Org.)

Fortaleza, 300 Anos de História e Memória

CRÔNICAS SOBRE A TERRA DO SOL

EDIÇÕES
INESP



R. G. Ribeiro Júnior (Org.)

Fortaleza, 300 anos de História e Memória

**CRÔNICAS SOBRE
A TERRA DO SOL**





ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ



R. G. Ribeiro Júnior (Org.)

Fortaleza, 300 anos de História e Memória

CRÔNICAS SOBRE A TERRA DO SOL

Fortaleza, junho de 2026

**EDIÇÕES
INESP**

Copyright by Inesp © 2026

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

João Milton Cunha de Miranda
Diretor-Executivo

Napoleão Torquato
Ilustrações

Luis Ernandes dos Santos do Carmo
Articulador

Gustavo Rodrigues de Vasconcelos
Orientador da Célula de Redação
e Revisão Preparação Textual

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)
Orientador da Célula de Produção
e Gestão Editorial

Tiago Melo Casal e Aurenir Lopes Alves
Acessibilidade Digital

Sara Maria Marques Bastos
Supervisora do Núcleo
de Iniciativas Editoriais

Sandra Bastos Mesquita
Nadja Pinheiro
Revisão

Valdério da Costa
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

F736 Fortaleza 300 anos de história e memória [livro eletrônico]: crônicas sobre a
Terra do Sol / organização, R. G. Ribeiro Júnior. – Fortaleza: ALECE,
INESP, 2026.
402 p. : il. color. ; 14900 KB ; PDF

Os textos incluem QR Codes para áudio.
ISBN: 978-65-6094-156-4

1. Literatura – Ceará. 2. Crônicas. 3. Fortaleza (CE) – História.
I. Ribeiro Júnior, R. G. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de
Estudos e Pesquisas sobre Desenvolvimento do Estado.

CDD 869.94

***** DISTRIBUIÇÃO GRATUITA *****

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial,
por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.

Agradecimentos

Queremos aqui agradecer muitíssimo a todas e todos que nos ajudaram a construir esta obra. Pessoas que confiaram nesse projeto e, por isso, também escrevem seus nomes nessa rica e envolvente história e memória de Fortaleza. Aqui registramos nosso reconhecimento, pelas valiosas contribuições, sem as quais esse trabalho não seria possível. Nossa gratidão.

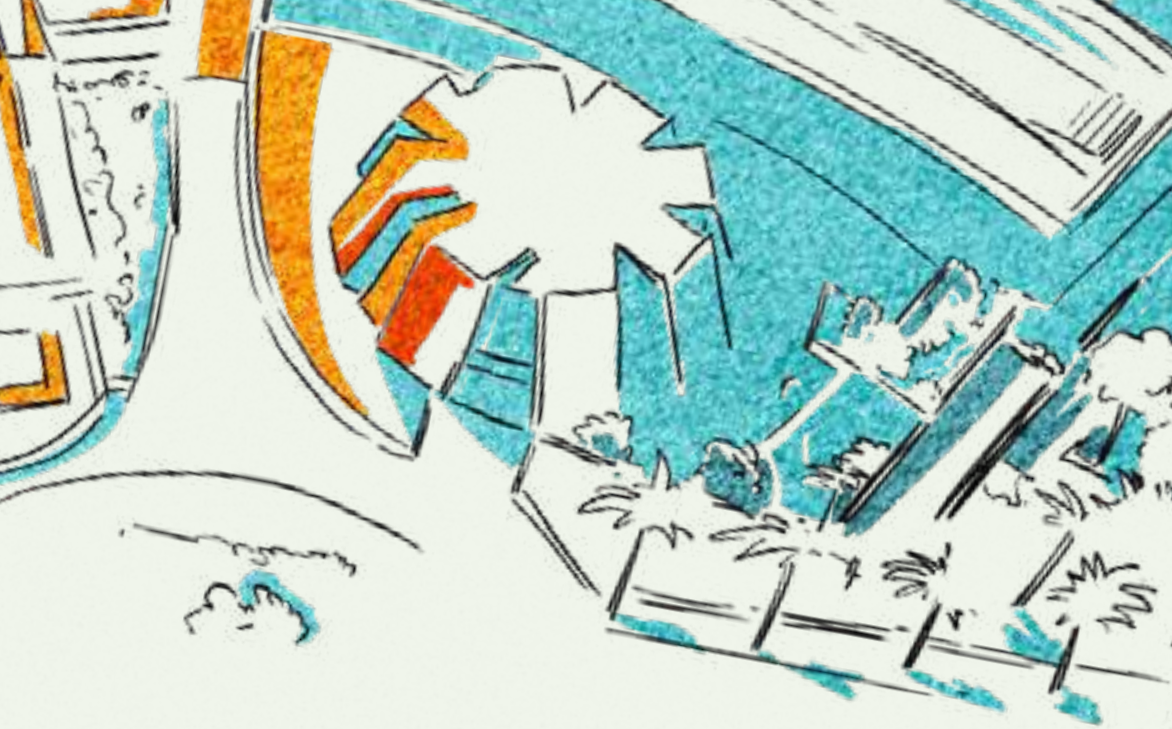
Albanisa Lúcia Dummar Pontes
Anderson Lopes de Menezes
Andrea Fontenele de Almeida
Antonino Fontenele de Carvalho
Carolina Tavares de Araújo Bonfim Ribeiro
Eliane Tavares de Araújo Ribeiro
Francisco Antônio de Paula Barros (Tom Barros)
Helenira Leite Limaverde
João Antônio Bonfim Ribeiro
João Bosco Mourão de Freitas
João Milton Cunha de Miranda
Luciana Mesquita de Abreu
Luis Ernandes dos Santos do Carmo
Mídiان Barroso Loureto Castro
Napoleão Torquato Maia
Sonia Maria Castelo Branco Monte
Tânia Santos Ramos Krepsky
Valdemice Costa de Sousa (Valdo)
Valdério da Costa
Veridiana Silva



Palavra do Presidente

Um dos processos democráticos mais significativos criados pela humanidade é a comunicação. Além da necessidade humana de compor meios e mensagens, comunicar é uma obrigação dos entes públicos. Não foi à toa que nossa gestão à frente da Alece trabalhou com afincamento para conquistar o Selo Diamante de Transparência Pública. A certificação máxima do Programa Nacional de Transparência, atribuído pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), mostra o respeito com que tratamos os dados e as informações relativas ao povo. Em consequência, o respeito que temos pelas pessoas.

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp) vem, desde 1989, contribuindo com a percepção de que no Ceará comunicar é algo muito sério. E, com isso, estimulamos uma engrenagem capaz de mover todo um corpo funcional que ajuda a população a se apropriar das políticas públicas.



Foi assim que a educação cearense encantou o Brasil. Elaborada e continuada por uma sequência de governadores, e uma governadora, responsáveis, comunicar processos, resultados, críticas, avanços, possibilidade, estatísticas, transparentemente, dividiu com os cearenses o ato de fiscalizar para desenvolver.

O exemplo da educação é um aspecto de muitos estudos que você encontrará nessas publicações. Acompanhe para contribuir com o crescimento do nosso Ceará.

Com respeito,

Deputado Estadual Romeu Aldigueri

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



Palavra do Inesp

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o Edições Inesp e o Edições Inesp Digital, cujos objetivos são editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O Edições Inesp Digital obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de design gráfico.



O Edições Inesp Digital já se consolidou. A demanda por suas publicações alcançou uma marca de 5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

Os *Fortaleza, 300 anos de História e Memória Crônicas sobre a Terra do Sol* é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações da Edições Inesp Digital, que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor-Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp)

Sumário



- 14** **Apresentação**
- 29** **Mucuripe, onde o sol se deita devagar**
Aída Medeiros Santos
- 39** **Te quero Fortaleza**
Anna Aírtes Martins
Bezerra de Sousa Brasil
- 47** **A cidade oculta**
Ana Karla Dubiela
- 57** **Feliz Aniversário, Fortaleza**
Antônio Airton Machado
Monte (in memoriam)
- 63** **Fortaleza, um caso de amor**
Artur José Vieira Bruno
- 69** **Fortaleza antiga antes do asfalto**
Cid Sabóia de Carvalho
- 77** **Para sempre Bezerra de Menezes**
Dante Mendes Almeida
- 89** **Fortaleza, Adélia Prado e Czeslaw Milosz**
Demetri Túlio Silva Araújo
- 97** **Mara Hope**
Eduardo Tavares de Araújo
- 105** **A Fortaleza que mora em mim**
Francisco Antônio
Laprovitera Teixeira
(Totonho Laprovitera)
- 119** **Sol posto na Fortaleza dos anos 1970**
Francisco Ari de Andrade
- 131** **Soares e Beck**
O encontro
Gledson Ribeiro de Oliveira
- 141** **De tantas andanças, uma saudade imensa**
Jairo Bonfim Ribeiro
- 155** **Fortalezamada**
José Batista de Lima
- 163** **Das bodegas e das brigas, dos doidos e das brincadeiras**
José Tarcísio Vale Matos
- 173** **Os causos do Wilton**
José Wilton Bezerra
- 187** **Seria gente o Bode Ioiô?**
Juarez Fernandes Leitão
- 203** **Fortaleza à Beira-Mar: Quatro joias que encantam e revelam a cidade**
Leila Nobre Maciel

- 215** **Antônia, uma rua com nome de mulher**
Lídia Valesca Bomfim Pimentel
- 223** **Fortaleza e o futuro**
Lúcio Gonçalo de Alcântara
- 233** **Intersecção**
Márcia Barroso Loureto
- 247** **Em busca de Iracema**
Maria Adísia Barros de Sá e Cleto Brasileiro Pontes (in memoriam)
- 281** **Aurélia na Capital Cearense**
Maria Aurélia Silva
- 291** **Fortaleza, terra do sol, terra de Iracema**
Maria Ednilza Oliveira Moreira
- 301** **A Engrenagem Oculta do “E”**
Maria Erotildes Moreira e Silva / Maria Leonila Euclides Jorge
- 311** **Mulheres Guerreiras - Fortaleza e Emancipação**
Maria Luíza Menezes Fontenele
- 323** **Com amores não se brinca; discos e Dnocs, amores para sempre**
Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)
- 335** **Abrigo Central**
Narcelio Sobreira Limaverde (in memoriam)
- 343** **O dia em que a cidade se vestiu de luto**
Raimundo Gomes Ribeiro Júnior
- 359** **Feticharia (O sex-shop em Fortaleza)**
Raimundo Netto
- 367** **Meu Disparate**
Renata Rosa da Silva
- 373** **Mário Gomes, o poeta vira-lata**
Ricardo Kelmer
- 381** **A praça dos leões: história e patrimônio**
Sebastião Rogério de Barros da Ponte
- 389** **Indo e voltando no 627 - Lagoa Redonda/Papicu**
Valdemice Costa de Sousa [Valdo]
- 399** **Era uma vez um bar chamado Gais Bar**
Wagner José Silva de Castro
- 406** **Hino do Município de Fortaleza**



Apresentação

Longo tem sido o caminho que marcou esses trezentos anos da Fortaleza amada. Da primeira planta de Manoel Francês em 1726, passando por Silva Paulet que mapeou a vila, até Adolfo Herbster da primeira planta, muitas águas rolaram pelo Maranguapinho, desembocaram no Ceará e caíram nos braços da Barra do Ceará.

Cada história aqui narrada guarda seus segredos, revela uma maneira em que cada cronista enxerga e dialoga com a cidade. Por isso, essa pluralidade é, sem dúvida, bastante rica. Nesse sentido, as narrativas revelam sentimentos, mostram-nos um tanto de epopeias, comédias e outro tanto de tragédias, afinal, a história se inebria com diferentes episódios; risos, espantos e também lágrimas, como nos lembra Hannah Arendt; toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história. Nesse itinerário, envereda o professor Ribeiro Júnior quando nos fala sobre a Fortaleza enlutada por ocasião da epidemia de varíola na segunda metade do século XIX. Algo muito forte, mas é o que a cidade viveu e o luto prevaleceu.

Inúmeras passagens desta obra revelam como nossa aniversariante teve e ainda resistem alguns símbolos da arquitetura neoclássica presente nos seus casarões, em bairros como Jacarecanga, Benfica, Aldeota, entre outros. Há pouco citamos que

nossos cronistas dialogam com a cidade. E se fosse possível esse diálogo direto com o passado, que diálogo teria nosso arquiteto e cronista Totonho Laprovítera? Certamente, muitos! De garoto que revirava o centro da cidade quando de visita ao consultório do pai, até os cinemas, futebol no P.V., os clubes e as praias da beira mar de ontem, bucólica e de cadeiras nas calçadas até seu emparedamento. Totonho Laprovítera, como urbanista, não deixa escapar essa visão que, aos poucos, transforma a cidade. Como bem diz, Fortaleza ganhou visibilidade nacional, mas também aumentaram as desigualdades e os desafios de uma metrópole em busca de se achar no século XXI. Portanto, valendo-me da sua aguçada percepção, permito-me dizer que dialogar com a cidade é acolhê-la, decifrá-la, sem, no entanto, esquecer que mesmo sendo bela, tem contrastes e também possibilidades.

Por outro lado, e enveredando por um viés mais jocoso, fala o professor e acadêmico Juarez Leitão, quando relata com riqueza de detalhes, típico de quem milita há anos com a historiografia, as peripécias do bode Ioiô, ícone do folclore da praça do Ferreira. De acordo com o professor, o bode fugia ao comportamento de seus semelhantes, preferindo se juntar ao comportamento humano, sobretudo aos homens livres e aos boêmios. O bode trocista virou ícone na cidade nos anos 20. E aí cabe bem o encaminhamento do próprio cronista, se de tantas andanças e aprontações, seria mesmo ele gente?

As diversas paisagens e abordagens da cidade nos permitem um diálogo múltiplo e poético. Assim como várias são as visões

apresentadas, a visão que a Anna Martins teve da nossa cidade, a partir das andanças de ônibus onde ela descobriu que basta não ser centro para ser periferia, é a de que nossa Fortaleza tem glórias, glamour e contradições; lixo e luxo. No mesmo itinerário, desta vez no 627 Lagoa Redonda/ Papicu I, embarca o nosso cronista Valdo Costa, para mostrar o cotidiano do nosso povo nas breves e, ao mesmo tempo, ricas viagens diárias entre os bairros e os terminais. Tão ricas que dão pra gargalhar e passar para o papel breves histórias, que só o olhar atento do escritor é capaz de construir. É Valdo, se não fosse o rapazinho que erguera o troféu, você teria que dar um jeito na tua escrita para deixar a nobre senhora com os dentes no lugar certo, babado ou não. É meu caro, são os desafios de quem escreve. E como os territórios e recantos marcam profundamente nossa adolescência, a Márcia Loureto também faz uma incursão pelo bairro Henrique Jorge, antigo, Casas Populares. E quando seus olhos pousam na antiga banca de revista, das árvores, da igreja e da praça, aliás, ponto de encontro, como diz nossa cronista; o passado não dorme. Nessas interseções, Márcia costura páginas do passado e suas lembranças, numa história em que o enredo-chave é sua própria família, e que de tão próxima e sincera narrativa, sentimos-nos como se dela também fôssemos personagens.

E como não concordar com as quatro joias da Leila Nobre? Também concordo Leila, Meireles, Mucuripe, Praia de Iracema e Praia do Futuro são joias que nos ensinam a apreciar a vida e a amar o mar. E por falar em Mucuripe, esconde ele segredos que o mar devolve em forma de gente. Com a palavra, nossa cronista

Aída Medeiros. Segundo Aída, a cada pôr do sol esses segredos podem ser devolvidos. Quanta força tem esse mar de Fortaleza, pois é nessa faixa de joias e também de encantos que o Eduardo Tavares resolveu ir ao encontro do Mara Hope, que acabou virando símbolo daquela orla, a repousar das tantas andanças nos verdes mares e a despertar as mais incríveis histórias da cidade conforme o cronista. Histórias... quantas vividas e cantadas pelas letras e acordes dos nossos músicos, posso dizer que o Wagner Castro conhece de perto, pois quem frequentou o Cais Bar pode dizer que viveu uma outra página da Fortaleza alencarina. A Fortaleza das noites de Iracema que acabaram por deixar seus amantes tomados por diferentes sentimentos, ambiguidades que o Wagner sabe muito bem cantar.

Essa é a nossa aniversariante, tão gaiata e moleca que não nos deixa esquecer a vida tão intensa e pitoresca por entre seus bairros como nos conta Dante Mendes, morador do Parque Araxá, e que sempre teve na nossa querida avenida Bezerra de Menezes uma referência na região. Dos tempos idos dos anos 70 e 80, restam memórias, lamentações e agradecimentos a fazer a ela, que não permite que as lembranças se apaguem. E, já que estamos falando em Parque Araxá, não podemos deixar de nos lembrar das bodegas e das brigas, dos doidos e das brincadeiras desse bairro. Histórias tão bem contadas pelo Tarcísio Matos que nos remete ao passado de um bairro que, com absoluta segurança, deixou muita saudade a quem lá morou, que o diga o Ribeiro Júnior que também foi contemporâneo de parte dessas narrativas do Tarcísio.

Também grande memorialista de um dos bairros mais antigos de Fortaleza, fez percurso de episódios engraçados o Jairo Bonfim, quando recorda passagens na velha Barra do Ceará e seus atrativos recreativos “moteleiros”. Nesse trabalho, além da Barra do Ceará, Jairo se lembra das várias andanças para assistir, como se diz no Ceará, “na garapa”, as aulas de cursinho nos pré-vestibulares da cidade e depois, com as economias, fazer a revisão das matérias nas casas de luz vermelha.

E já que o momento pede causos engraçados, vamos de caranguejos mutilados, trena ou revólver, geladas penduradas e outros causos interessantes e engraçados do Wilton Bezerra. A narrativa do cronista esportivo nos remete a gaiatice do povo de Fortaleza, e ele, como ninguém, conta com detalhes, como se esses causos tivesse presenciado.

Essa nossa Fortaleza, tão bela, ainda guarda retalhos e lembranças de casarões, praças e logradouros remanescentes do processo de remodelação urbana que passou a capital entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Uma Bela Época pelo olhar atento do historiador Tião Ponte. Um tempo que, da cidade, consegue-se extrair poesia nos casarões e praças, mas não ficaram ocultos seus problemas sociais. Nessa coletânea, o cronista vai ao encontro de um dos símbolos da cidade: a Praça dos Leões.

E, de lembranças em lembranças, vamos tecendo tranças que nos levam às várias andanças dos nossos cronistas, que o diga o também acadêmico e professor Batista de Lima, que recorda ter

sido Fortaleza a cidade que lhe vestiu pela primeira vez uma calça Lee e levou o jovem a gostar de poesia. Interessante, pois quando se urbanizou e a bela cidade lhes tirou os calos das mãos sertanejas, mostrou a ele algo diferente, nunca antes visto, algo inusitado: cinemas, festas nos clubes suburbanos, em especial as do Regatas, o clube dos poetas cearenses e a torcida do Ferroviário, como diz o professor e poeta, acontecimentos que só uma Fortaleza amada poderia ter feito com um rapaz latino americano, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior. Mal sabia ela, que assim como Belchior, trazia ele também a poesia na cabeça.

Dos espaços pequenos, já que pequena era quando recepcionou um descendente de Iracema e Martim, aos vários roteiros narrados na crônica, Adísia Sá e Cleto Pontes vão *Em Busca de Iracema*. Uma construção literária que só foi possível, graças ao conhecimento da cidade, a sua história e aos olhares atentos dos dois professores e jornalistas. Eles foram capazes de recriar o impossível no possível. Ora, mas se nada é impossível para a escrita literária, concorda, Karla Dubiella? O professor Gledson Ribeiro se vale disso e assim como fez Cleto Pontes e Adísia Sá que construíram belissimamente o impossível no possível, o professor promove um encontro maravilhoso entre Soares e Beck, trazendo um importante debate historiográfico entre Beckistas e Morenistas sobre a História da nossa homenageada. E não para por aí, A professora Ednilza Oliveira, também seguindo os caminhos de Iracema, numa homenagem à terra de Alencar, convida-nos para um passeio pelas várias fontes de culturas materiais que comprovam a riqueza historiográfica de Fortaleza. Uma variedade

de detalhes e profundo conhecimento daquela que simboliza não apenas uma importante personagem dos escritos de Alencar, mas, como a própria cronista se vale de Filgueiras Lima, trata-se de uma deusa. Portanto, são caminhos que suas tradições ensejam em um encontro não somente com ícones e personagens para um roteiro cultural ou turístico mas, sobretudo, para um encontro identitário.

Nostálgica, bela e atraente, mas que não pode se perder no agora, visto que 300 anos se passaram e convém olhar para frente, pois a experiência de quem já administrou essa cidade e a conhece como ninguém, fizeram de suas crônicas radiografias de Fortaleza. Visões e lutas no chão da cidade que, embora com temas e abordagens diferentes, transmitem experiência e declaram abertamente o afeto por Fortaleza. Assim escreveram o médico, escritor e ex-prefeito Lúcio Alcântara e a professora, socióloga e ex-prefeita, Maria Luíza Fontenele, que enfrentaram muitos desafios e reconhecem que o futuro é já e a emancipação se faz no presente, diariamente. E por falar nas lutas das mulheres guerreiras, caminha por essas veredas de resistências a também professora e socióloga Lídia Valesca, com ela as lutas dessas guerreiras dão nome às ruas, pois alicerçaram com suas histórias a força e o exemplo, por isso ganharam um dom e, como diz o poeta, acabaram incorporando uma estranha mania de ter fé na vida.

Grandes reflexões, quando encara a cidade sem dela perder o afeto, surgem da Ana Karla Dubiela. A nossa cronista aponta para algumas visões muito interessantes em *A Cidade Oculta*. Penso também, Karla, que a nossa aniversariante não vai completamente

ao encontro dos nossos sonhos, e se a escolha difere da dicotomia do Ítalo Galvino, entreguemos ao futuro as nossas expectativas, talvez, com boa dose de esperança, tenhamos uma Fortaleza que desejamos e, obviamente, seguindo uma reflexão sua, a de que a valentia e a vontade de fazer do nosso povo, com ou sem auxílio oficial, dão orgulho e elevam o nome Fortaleza, é o que conta. Afinal, o espelho da urbe, como você reitera, está em quem ficou e permanece lutando por novas possibilidades de centros urbanos.

E como diz o Demitri Túlio, ela te observa e te ama, elevar nosso pensamento para celebrar seus 300 anos nos faz percebê-la imensa de mundos mesquinhos e também de afetos pulantes. Podemos todos embarcar com Adélia e Czeslaw Milosz nessa ideia, para unidos despir essa tricentenária. Será que outros também não seguiram esse curso e acabaram aportando à beira dos seus encantos? O fato é que bem sabemos da maneira escrota como essa senhora foi construída, conforme tão bem colocou no início da sua crônica o Demitri Túlio. Mas também gostamos de cheirar suas virilhas e o odor dos mangues, tudo professado em uma língua invasora. É, Demitre, parece difícil recusar o amor recíproco dessa linda senhora de trezentos anos.

Da mesma forma que Ana Karla e Demitri Túlio, Airton Monte o fez em sua crônica *Feliz aniversário, Fortaleza*, intencionalmente elaborada para a festa da cidade em abril de 2001, quando revela traços marcantes de Fortaleza. Apesar de passados vários anos, sua crônica continua atualíssima, pois mistura afeto, celebra as belezas da cidade, sua identidade, a modernidade mas,

não esquece, tampouco oculta, seus problemas e desafios. Assim deriva da crítica afiada do médico, escritor e cronista, um apelo ao sagrado: “Nossa Senhora da Assunção, doce padroeira, estendei vosso manto de promessas sobre essa cidade envilecida”. Assim seja!

“Ah... eu daria tudo que tivesse, para voltar os dias de criança, eu não sei para que a gente cresce, se não sai da gente essa lembrança...”. Com essa canção de Ataulfo Alves, aliás, citada pelo nosso cronista Cid Carvalho, falar de Fortaleza antiga é falar em saudade, quando tínhamos crianças brincando nas calçadas, quando a cidade era tranquila e se podia até contar os carros que pelas ruas transitavam, é reconhecer a Fortaleza antes do asfalto. Ler a crônica do professor nos faz perceber uma cidade diferente, diz Cid Carvalho que a cidade parece ter perdido um pouco de poesia. É, quem viveu a Fortaleza antiga parece ter esse mesmo sentimento, que o diga o jornalista e radialista Narcélio Limaverde, que nos levou ao abrigo central, construído em 1948 na administração de Acrízio Moreira da Rocha. Espaço situado no coração da cidade, nele se podia encontrar uma variedade de serviços, engraxates, o Café Havaí, uma garapeira, a famosa bananada do Pedão, o Café do Teteu, entre outras “atrações”. Nesse rumo de prosa, quem nos passa também muitas informações é o memorialista e cronista Miguel Ângelo, o Nirez. Aliás, como ele mesmo diz, com amores não se brinca. Discos; o DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas); suas coleções e o conjunto fonográfico que, com absoluta certeza, fizeram as transmissões de grandes páginas musicais: Hora da Saudade, do José Limaverde; A Parada dos Maiores, do Wilson Machado; Noturno Pajeú apresentado por

João Ramos; Varandão da Fazenda, do Guajará Gialdine e tantos outros. O cronista revela como teve início sua paixão pelos discos e também do presente de um som até sua vasta coleção.

É de bom tamanho escrever as entrelinhas de uma cidade feito Fortaleza e não esquecer seus tipos e figuras emblemáticas. E se o coração pulsa da praça do Ferreira para os lados, em movimentos sistólicos e diastólicos, servindo, portanto, de epicentro da cidade, muitos transeuntes importantes pisaram próximo à Coluna da Hora e, por vezes, repousaram nos bancos da praça. Esse sonho aqui posto foi possível graças ao Ricardo Kelmer que nos remete às lembranças do poeta andarilho Mário Gomes, que por não ter pouso fixo, vivia com um bolso cheio de precisão e outro de liberdade. E como enseja o grande cronista Ricardo Kelmer, o poeta vivia em fuga, pois não abdicava da liberdade. E se é pelas ruas que a vida livre escorre em poesia, bebamos de sua sagrada putaria. Então batizou-se boêmio e vagabundo, e aqui também me batizo mizifio.

Os cronistas Artur Bruno e Maria Aurélia parecem olhar na mesma direção. O primeiro com um forte argumento do passado histórico da cidade, revelando os problemas da dominação no litoral e, ao mesmo tempo, a despeito das belezas, que nos convida a um brinde ao calor e ao sopro dos ventos nessa região, não o impede de revelar historicamente o descaso com a bela cidade. Mesmo que seu senso de justiça reconheça as várias tentativas de rever lições obrigatórias com esse passado. Por outro lado, vem nossa cronista Maria Aurélia colocando, diante de todos, a luta de

uma mulher engajada nos movimentos populares, em busca de melhorias para os territórios do grande Bom Jardim. Crônicas que revelam na prática como, além de viver na cidade, precisamos viver a cidade, colocar diante de nossas vidas a cidade que precisamos. Os dois apontam para uma cidade em construção, que precisa de intervenções, quer seja na luta por melhorias via organização de entidades populares representativas, quer nas intervenções e pautas oficiais como nos planos diretores. Só assim descenderemos as dunas brancas do Ednardo, para deitar os olhos cansados em paz com a cidade.

Em *Disparate*, a autora, Renata Rosa, diz: “minha cidade continuava a me dizer mais do outro do que de mim mesma. O que seria um disparate?” Perguntas que suas incursões pela cidade iam lhe trazendo respostas. A nossa Fortaleza também se fez revelar à cronista Renata Rosa em um turbilhão de sentimentos à medida que desvendava seus segredos. Tratou-se de uma presentificação, uma forma onde nossa cronista vivenciou acompanhada momentos únicos, vividos em diferentes visitas feitas pelas ruas, praças e mar. Isso também faz lembrar as sensações vivenciadas pela Ana Martins quando tem seus vários encontros com a cidade, parece cair bem a leitura na cadeira da frente no ônibus: “abraçe sua criança interior e ame sua história”. Talvez assim possamos entender melhor os diversos espaços que nos acolhe e, no futuro, com mais tempo, decifrar melhor a cidade que tanto amamos.

Um mergulho aguçado pelas entranhas de uma mulher loira que se deixou sequestrar pelo sol faz o professor e pesquisador Ari

Andrade. Lembra que de provinciana, anterior às décadas de 60, e, em seguida, sua metropolização, ou emparedamento, como lembra Totonho Laprovítera, a cidade se multiplicou, embelezou-se, porém os problemas também se multiplicaram como menciona o professor Ari. Muito interessante o passeio feito pelo cronista, pois o coração da cidade salta em detalhes por sua memória quando ainda não havia, para ele, uma completa tradução da Fortaleza, completamente conhecida hoje pelo pesquisador. Nominalmente, como se em uma sala de aula estivesse, chama uma a uma as ruas do Centro e seus edifícios. Do coração da praça do Ferreira para as várias direções. O emaranhado daquelas paisagens trazem para o cronista um turbilhão de sons e cheiros, gritos, algazarras, buzinas, ambulantes, engraxates e fumaça de óleo diesel. Como um bom crítico, lembra Ari Andrade que, dos porões da Fortaleza, emergiam figuras marcadas pela exclusão: pedintes, cegos e paraplégicos. Essas lembranças de uma tarde vivida ainda dão conta de raios crepusculares por entre os paredões dos edifícios ao entardecer na cidade. Esse cenário todo marcou profundamente o cronista, e diz ele: “quando os relógios apontavam para as 18 horas, levavam-nos a um *Gran Finale*, diante do acotovelamento nos ônibus em partida e da guerra por um lugar no cambão. Vez por outra, soava da algazarra e do empurra-empurra uma sonora voz, Queima raparigal!!!!!!”

A engrenagem oculta do “E”, (in)completo pelas mãos das professoras Maria Erotildes e Maria Leonila, traduz um importante capítulo da história e memória da educação em nossa cidade. Um verdadeiro trabalho arqueológico. Continuaria parecendo antes,

no coração do Outeiro, um mero detalhe arquitetônico, se ali pelos olhos atentos das cronistas não se desocultassem a finalidade e o enredo final daquela instituição de ensino. A preparação de jovens, e por isso mesmo, vidas incompletas, moldadas para a ordem e para a guerra. Chamava-se A Casa de Educandos. Instituição com a finalidade de preparar jovens. Educação que, na citação do jornal O Cearense: “custava em verdade muito cara a educação de um desvalido em nossa terra!”. Com a permissão das nossas cronistas, podemos transformar, a guisa de resposta, que a trajetória de tantos jovens revelaria uma face crua do poder disciplinar naquela época. Grande incursão por uma instituição, que assim como muitas, permanecem invisíveis, e aqui lembro ao professor e pesquisador Ari Andrade, diante da crônica *A engrenagem Oculta do “E”*, de que estamos diante de um grande motivo para pesquisa, estou certo?

E um grande cronista não perde o mote, consegue ver histórias onde, para muitos, não existe, e o melhor nas mais inusitadas situações. Para Raymundo Netto, a simples compra de uma venda para os olhos, item para uma dinâmica com um grupo de trabalho, acabou colocando o jornalista e editor em uma viagem ao mundo secreto of sexual fantasies. Na feticharia - o sex shop em Fortaleza, o que parecia a simples compra de um objeto levou o cronista a uma viagem inesperada. Assim, enquanto esperava para pagar o objeto, embarcou no que ele vai chamar de “turismo sexual”. Ali assistindo a tudo que rolava na loja, frequentadores em busca de novas experiências, prazer, autoconhecimento, quebra de tabus e fantasias, o cronista ia reunindo elementos para uma ótima crônica.

Finalmente, depois desse rápido passeio com nossos grandes cronistas, convidamos a todas e todos para a leitura desse envolvente recorte alusivo aos trezentos anos da nossa querida Fortaleza. Aqui podemos rir, chorar, rememorar e sentir como essa jovem tricentenária marcou muitas gerações. Com suas belezas, riquezas e também problemas, afinal, tudo permanece como sempre esteve, em movimento, em constante redemoinho. É essa condição, em que a realidade encontra-se em constante processo de transformação, de mudanças, que enxergamos nossa Fortaleza. Portanto, os problemas não são eternos e, por isso mesmo, serão cedo ou tarde superados.

Cada escrita e cada leitura constituem uma importante assinatura na história de nossa Fortaleza. Somos gratos a essa cidade que nos acolhe, somos também sabedores do nosso compromisso com ela. Assim, fazemos aqui um convite para essa leitura gostosa e rica, fundamentada e construída sob múltiplos olhares.

Ribeiro Júnior e Eliane Tavares





Mucuripe, onde o sol se deita devagar

Aída Medeiros Santos

“As velas do Mucuripe vão sair para pescar, vou levar as minhas mágoas pras águas fundas do mar...”(Belchior)



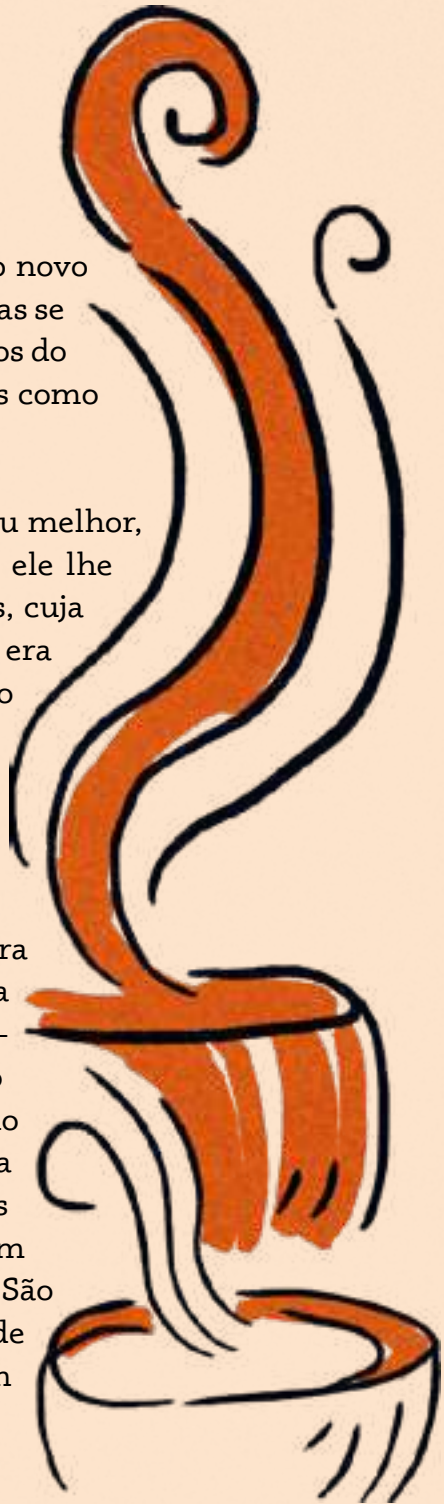
bairro Mucuripe nasceu como uma vila de pescadores e mantém, até os dias atuais, tradições como o Mercado dos Peixes e a presença poética de barcos de pescaria e canoas no mar. Na década de 1940, o bairro, devido a sua geografia privilegiada, recebeu o Porto do Mucuripe. Nos anos que se seguiram, o bairro cresceu e deixou de ser uma vila de pescadores para tornar-se um dos bairros mais culturais e, principalmente, musicais de Fortaleza. É sobre a magia desse espaço que preserva a sua autenticidade, mesmo convivendo em paralelo à modernidade, de que a nossa narrativa trata.

O Mercado dos Peixes no Mucuripe é um daqueles ambientes que têm cheiro de mar, de madeira molhada, de memórias de longas viagens, de paixões avassaladoras, de amores perdidos e de conversas intermináveis entre velhos ou jovens amigos. Não se trata apenas de um local onde se comercializam peixes e frutos do mar, há certa magia nos encontros, nos reencontros e até nos desencontros em que ele é o palco. Pessoas chegam, advindas dos arredores ou de além-mar, pessoas retornam para seus lares ou para seus compromissos. É um espaço onde se corre o risco de encontrar nacionalidades do mundo inteiro. Vozes e sabores se confundem, entre um preçõ e um prato, entrelaçam-se na alegria da narrativa que

**NÃO SE TRATA
APENAS DE UM
LOCAL ONDE SE
COMERCIALIZAM
PEIXES E FRUTOS
DO MAR**

se repete, com os acréscimos devidos do novo narrador, ou na risada da piada que apenas se faz entendida pelos que sabem os segredos do mar. Ali a vida reflete seus altos e baixos como as marés que são influenciadas pela lua.

Lígia acostumara-se àquele lugar, ou melhor, guardava forte apego às memórias que ele lhe trazia. Mulher de movimentos discretos, cuja segurança afastava os incautos, por isso era costume dos que frequentavam o espaço vê-la sozinha. Poucos se atreveriam a perturbar o seu momento. Detentora de uma alma leve, lavada pelas ondas do mar com quem aprendera que tudo tem o seu tempo e que, sempre depois da tempestade, vem a calmaria. Já passara dos cinquenta, mas o seu olhar guardava a juventude de quem continuava a acreditar na vida. Costumava chegar pouco antes de a cor laranja tonalizar a linha do horizonte. Sempre sabia o lugar exato para melhor apreciar o pôr do sol. O que poucos sabiam era que ela já havia seduzido um pescador, dançando ciranda na festa de São Pedro dos Pescadores, e, com seu canto de sereia, um marinheiro, em alto-mar, com quem cruzara o Atlântico.





Uma única companhia era agradável para ela, naquele momento, a de Francisco, um homem mais jovem que, entre estudos, projetos e sonhos, desejava desbravar o mundo em um barco de pesca. Francisco e Lígia tornaram-se amigos ao pôr do sol de dois verões passados. A amizade foi construída primeiro em cima de silêncios, de almas que se reconhecem. A companhia foi se tornando frequente, depois vieram as confidências, a troca de vivências e as risadas surgiram espontaneamente, consequência de pequenas bobagens observadas ou de pequenos comentários acerca da vida. Uma amizade nova que não sofreu o desencontro do

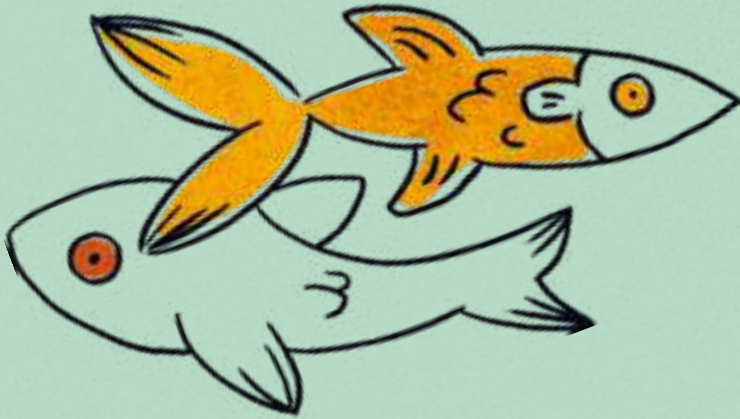
tempo. Quando o astro-rei se retirava, o trânsito de pessoas acalmava, a conversa nas mesas era inspirada e saboreada pelas fritadas de mariscos e pelos longos goles de cerveja gelada, Francisco recorria às memórias de Lígia, para que ela lhe contasse sobre suas experiências as quais sempre se reportavam ao

mar, aos barcos, aos peixes, aos amores e às lendas que os envolviam. Francisco sempre pedia permissão para escrever sobre ela e suas histórias.

— E quem ia querer ler? — perguntava Lígia.

— Um monte de gente que precisa conhecer a magia de suas histórias — respondia-lhe Francisco.

Duas semanas haviam se passado, quando o reencontro ocorreu e, mais uma vez, o silêncio da contemplação, a espera



do momento certo para reiniciar a conversa que nem parecia ter sido adiada, confirmando uma rara cumplicidade entre os dois. No Mucuripe, o tempo seguia diferente dos ponteiros do cotidiano, e ambos pareciam nunca terem se afastado. Rostos novos e conhecidos se misturavam como a foz de um rio, ao deixar-se ser abraçada pela água salgada do mar.

De repente, uma voz se sobressaiu em meio ao burburinho:

– Lígia! É você, Lígia?

A voz vinha de uma mulher que usava um vestido azul florido. Os olhos dela fitavam Lígia, como se não acreditasse no que via!

– Luíza, do Pescador de Ilusões? É você? – perguntou Lígia, também incrédula.

A mulher correspondeu com um sorriso de quem consente e, em seguida, o abraço se consolidou, revelando a saudade de quem silenciosamente retorna de um exílio forçado.

O abraço, o aconchego, o choro e a felicidade do reencontro, tudo acontecendo ali, entre frutos do mar e recordações, algumas

ainda muito vivas, outras um pouco nubladas, e foi então que o encanto se reinstalou e a conversa foi retomada entre as amigas, como se tivesse sido interrompida no dia anterior e não houvesse se passado um quarto de século.

Francisco observara aquela cena, como se assistisse a um espetáculo cujas temáticas fossem a verdade e o valor da amizade. E a conversa e as risadas fluíram. E, de repente, não eram mais duas senhoras, mas, sim, duas jovens garotas embaladas pela nostalgia e pelas memórias traduzidas no afeto e na gratidão do reencontro.

Quando finalmente o dia se fez noite, e as primeiras estrelas começaram a brilhar na escuridão do céu, Lígia virou-se para o jovem amigo, com um sorriso no olhar, e lhe disse:

— Meu amigo, o amor mora na amizade verdadeira e se consolida nos reencontros, na partilha das experiências vividas, nas confidências e na cumplicidade estabelecida entre os amigos.

E ali, na simplicidade daquele mercado, diante da paz dos barcos atracados, entre vozes que se alternavam, peixes sendo fritos, mesas sendo servidas e novas narrativas sendo produzidas, foi-se construindo uma nova memória que provavelmente jamais seria esquecida pelos três novos amigos.

O Mucuripe esconde segredos que, às vezes, o mar devolve em forma de gente. E, a cada pôr do sol, segredos surpreendentes podem ser devolvidos...



SOBRE A AUTORA



AÍDA MEDEIROS SANTOS é cearense da cidade do Barro, professora de Língua Portuguesa e Literatura, revisora de textos literários e científicos. Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (Urca), especialista em Administração Escolar pela Universidade Estadual do Ceara e mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Atuou como professora em escolas públicas e particulares na região do Cariri e em Fortaleza. Atualmente, é professora da rede pública estadual de educação e faz parte da gestão da E.E.M. Governador Aduino Bezerra em Fortaleza.



ESCANEE O QR-CODE

MUCURIPE, ONDE O SOL SE DEITA DEVAGAR

Aída Medeiros Santos



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Te quero Fortaleza

**Anna Aírtes Martins
Bezerra de Sousa Brasil**



empre morei longe do trabalho e da escola, fiz faculdade do outro lado da cidade. Precisava acordar, pelo menos, uma hora mais cedo e nem era por vaidade.

E por isso eu fazia muita reclamação, mas hoje eu sinto tanta gratidão.

Ah, se eu soubesse antes o que eu sei agora, teria usufruído do tempo e da paisagem. Aqueles quase sessenta minutos dentro do transporte coletivo me fizeram mais rica, e eu nem imaginava.

Transitar pela cidade, ouvir histórias, olhar para as calçadas, buscando uma distração para aqueles intermináveis momentos de estresse, ativaram minha perspectiva. Por que o Marco zero tem esse nome? Quem estava lá quando tudo começou? De fato, meu trajeto começava lá. Vila do Mar, Leste-Oeste e todo dia eu me despedia da Barra do Ceará. Ouvi muitos sabidos explicando sobre o começo da cidade.

Quando eu avistava a Biblioteca Pública, a Praia de Iracema e o Dragão do Mar, subia-me uma sensação de amor pela cidade que até hoje eu não sei explicar. Cresci acompanhando o avanço e o retrocesso da Monsenhor Tabosa. Depois de cruzar a Antônio Augusto, dava-me a impressão de uma nova cidade. Prédios altos, brilhosos, dava até para ver o mar por mais tempo, entre um e outro cruzamento.

No meio de buzinas, conversas, e músicas que, naquele tempo, tocavam nos ônibus, um senhor sabido lembrava como a cidade era antes. O glamour das festas no centro da cidade. A Praça do Ferreira, palco de tantos encontros que formaram gerações que uniram tantos sobrenomes tradicionais. A praça dos Leões, o Prédio da Sefaz, a Catedral da Sé, o artesanato, o comércio, o mercado e a sempre alimentada fé.

Aprendi numa dessas conversas soltas, que basta não ser centro para ser periferia. Um conceito que a gente condiciona à falta de “riqueza”. Quanta ironia.

Seguimos por mais bairros de luxo, que também são periferia, Aldeota, Meireles, Cocó tão verde, até chegar à Washington Soares. Minha rotina de estudos formal estava por começar. Eu não tinha noção por que diziam que aula prática era sempre mais produtiva.

**“ABRACE A
SUA CRIANÇA
INTERIOR E
AME SUA
HISTÓRIA”**



Eu ficava tanto tempo dentro do ônibus, graças a Deus. Quanta oportunidade me teria sido tirada, se eu morasse perto, se eu não precisasse perder uma hora de sono, se eu tivesse os “luxos” que outrora queria. Obrigada, mãe; obrigada, pai. A gente só entende depois.





Hoje eu sei, hoje eu entendo e digo muitos “obrigados”, que passeio barato. Uma passagem de ônibus, eu ainda pagava meia, e tantos aprendizados.

Fortaleza de glórias, glamour e contradições. Aqui as desigualdades se encontram. Lixo e luxo ainda disputam os mesmos portões.

Uma vez, li uma frase escrita na cadeira da frente que dizia: “abraçe a sua criança interior e ame sua história”.

Eu mentalizei, abraçando Fortaleza com seus dias quentes e abafados. O Centro sempre apertado, os dias chuvosos e alagados. Tantos locais históricos ainda não devidamente amados. A juventude que não demonstra tanto amor pela cidade, dona da segunda maior orla do Brasil. Quem diz que todo mar é igual, não conhece a nossa terra.

Terna Fortaleza eterna. Estamos de passagem, a cidade é eterna.

Quantas gerações nasceram aqui. Quantas famílias se reproduziram, cresceram, amadureceram e partiram. Fortaleza continua bela, plena e generosa. É lar de humanos e desumanos. Sagrados e profanos. Fortaleza, tu és eterna, e eu não. Mas, se eu puder nascer de novo e escolher, com certeza, quero de novo nascer e crescer na minha amada terra.

SOBRE A AUTORA



ANNA AÍRTES MARTINS BEZERRA DE SOUSA BRASIL nasceu em Fortaleza. É jornalista, escritora e poetisa. Graduada em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza e mestranda em Educação Especial pela UCP. Coordena projetos institucionais na TV Ceará e, atualmente, apresenta o programa *Desenvolvendo com Afeto*, transmitido para todo o Brasil pelo canal Educação, da TV Brasil. Anna Aírtes tem cinco livros publicados e participação em coletânea poética, quatro edições de literatura infantil e um romance que concorreu ao Prêmio Kindle de literatura.



ESCANEE O QR-CODE

TE QUE FORTALEZA

*Anna Aírtes Martins Bezerra
de Sousa Brasil*



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

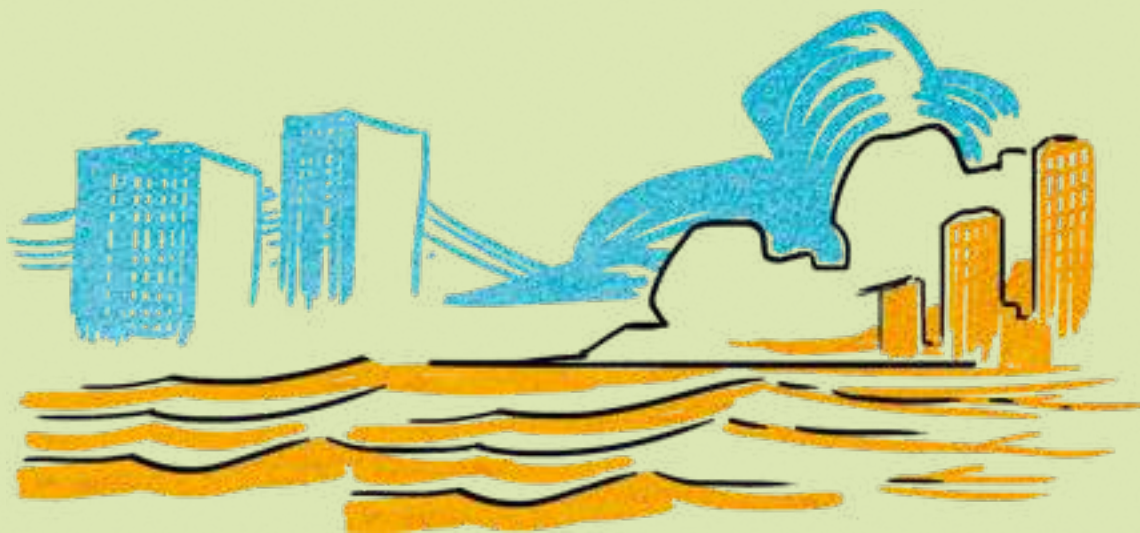






A cidade oculta

Ana Karla Dubiela

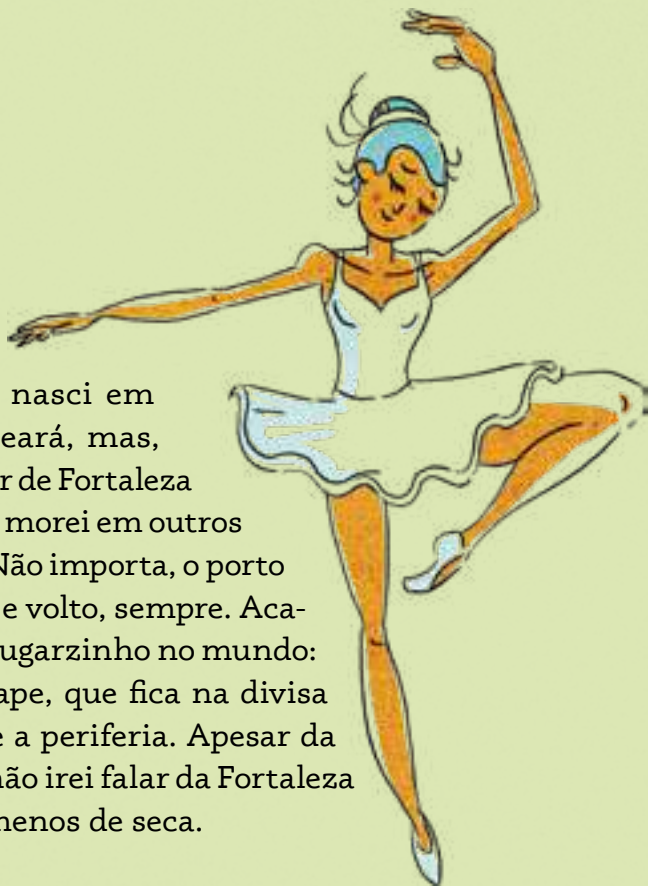


m pêndulo incessante nos faz oscilar entre amar e odiar uma cidade. Há momentos em que tenho a certeza de que Fortaleza é A cidade feia do mestre da crônica, o velho Rubem Braga, ao se referir ao Rio de Janeiro, onde morava; no instante seguinte, Fortaleza assume ares de Paris é uma festa, do grande Hemingway, e me pego suspirando por ela.

Em três séculos de vida, porém, nossa metrópole se firma como o ser vivo e pulsante que é, com suas mazelas e encantos, generosidade e mesquinhez, luz e sombra.

Por isso - e apesar disso - é fascinante. Sua luz solar deslumbrou o cineasta Orson Wells e seduz milhares de turistas; à noite, a penumbra deve ter sido romântica e economicamente viável, no tempo do cronista Milton Dias, em suas Relembrações. Hoje, a má iluminação que estimulava paixões ao pé do muro extinguiu o hábito que tínhamos de flunar pelas ruas. Para ter fim, a sensação de insegurança precisa de luz.

A minha história com essa cidade nasceu bem cedo. O fato é que nasci em Iguatu, Centro-Sul do Ceará, mas, ainda bebê, comecei a fazer de Fortaleza a minha terra. Casei cedo, morei em outros estados do Sul e Sudeste. Não importa, o porto seguro me atrai feito ímã e volto, sempre. Acabei me apegando ao meu lugarzinho no mundo: o bairro São João do Tauape, que fica na divisa entre a cidade abastada e a periferia. Apesar da proximidade geográfica, não irei falar da Fortaleza de cartão-postal, muito menos de seca.



Uma das lembranças mais antigas é a ressaca do mar, entre o antigo Hotel Esplanada e o Clube dos Diários. Sempre nos primeiros dias do ano, meus pais me levavam para ver a mureta que ficava em frente e tentava aplacar a fúria das ondas gigantes. Estrondosa, a maré alta quebrava sobre o muro e molhava os curiosos. Eu amava aquele gosto salgado e a roupa encharcada ao final do passeio.

Gosto de acreditar que foi ali que percebi a potência do cearense. O humor é apenas um jeito nosso de dizer que nenhuma catástrofe irá nos derrubar. Dar risada do que nos atormenta é a nossa força e o nosso disfarce diante da dor. Muito tempo depois, soube da história de um Dragão do Mar que cuspiu fogo ao liderar o movimento contra o tráfico de escravos, em 1884. O hino de

Fortaleza, escrito por Gustavo Barroso e oficializado em 1958, registra a importância do fato: “Jangadeiros, caboclos valentes/ Dos escravos partindo os grilhões...”

Adulta, virei jornalista e escritora, acabei saindo algumas vezes da “bolha” da aldeia-aldeota e das notícias “oficiais”. Conheci cenários que pertencem a uma outra Fortaleza, entrevistando pessoas ou desenvolvendo projetos de ONGs e fundações. A princípio, conheci essa cidade escondida (ao menos, para mim) com olhos de turista. Depois, enxerguei a Fortaleza encantada, quase submersa, que raramente aparece na mídia. E também “irmã do sol e do mar”.

Estive no Jangurussu poucas vezes, no tempo do “lixão” e depois dele. Aquelas crianças correndo e catando sobras de comida e de tudo que se possa imaginar acabaram virando tema de uma reportagem de TV que ganhou o Prêmio Nacional Herbert de Souza, o Betinho. Outra vez, escrevi o roteiro de um longa-metragem sobre o preconceito contra os moradores do bairro. Há pouco tempo, voltei lá e encontrei uma comunidade organizada, que produz e distribui diariamente centenas de quentinhas, salvando da fome os que estão sem trabalho.



O Pirambu é outro celeiro importante, de artes e de saúde comunitária. Que o diga o compositor João Pirambu e sua esposa Gracinha, que nunca saíram de lá e lutam pela preservação da história do lugar, que vai muito, muito além das manchetes policiais. O Projeto Quatro Varas, idealizado pelo psiquiatra Adalberto Barreto, trata de uma das maiores chagas da sociedade atual: os transtornos mentais, stress, burnout, estafa, depressão. Na verdade, essas terapias deveriam estar presentes em cada esquina das cidades e do mundo.



Pertinho dali, no Grande Pirambu, há um lar modesto denominado de Casa das Negas. É ali que a comunidade é acolhida e suas tradições são preservadas. Atualmente, sem nenhum apoio, a Casa das Negas se tornou um espaço de fruição, formação cultural e assistência para a população negra, mulheres e LGBTQIA+.

Desenvolve a formação de novos brincantes da cultura praieira, como o Coco Rainha do Mar, o bumba-meu-boi Ganarinho e o coletivo Yabás, voltado para a criação cênica, dança e performance. O casal Liana Costa e seu companheiro Hesse Santana são os fundadores e mantenedores da casa.

Uma das vezes que voltei para nossa capital, fiquei atordoada com o aumento dos casos de violência no bairro Bom Jardim. Anos depois, volto e encontro o oásis chamado Centro Cultural Bom Jardim. Um rapaz chamado



Marcos Levi Nunes, um dos tesouros periféricos sobre os quais tenho falado, é o responsável pelo lugar. O Centro Cultural tem quase tudo que sonhamos para nós e nossos filhos: projetos de formação artística e profissional, dança, canto, teatro, aula de violão.

E ainda há o Movimento de Saúde Mental do Bom Jardim, sempre aberto para acolher os que precisam.

É comum ouvir que o Ceará e sua capital não têm memória. Que não têm o devido cuidado com seu patrimônio histórico e cultural. A transitoriedade de projetos essenciais é marca registrada da nossa metrópole, refém de ideias mirabolantes das diferentes gestões. Entretanto, a Fortaleza que nos impulsiona está na origem do seu nome: força, vigor, robustez, energia, potência, fortaleza. Acredito firmemente que essa memória continuará viva em muitos dos que cresceram na (e da) ação social. Na Edisca, na Casa de Vovó Dedé, no Escritório Frei Tito de Alencar, no Festival For Rainbow e em tantas outras iniciativas igualmente multiplicadoras.

Felizmente, durante 39 anos de profissão, encontrei dezenas de exemplos como esses. Em todos eles, estão a valentia e a vontade de fazer do nosso povo, com ou sem auxílio oficial. É evidente que tenho orgulho dos talentos que estão nos livros de história ou fizeram carreira nacional e internacionalmente. Um sem número de artistas, escritores, humoristas, autoridades disso ou daquilo, que nos dão orgulho e elevam o nome de Fortaleza. O espelho da urbe, porém, está em quem ficou e permanece lutando por novas possibilidades de centros urbanos.

No balanço da rede do meu quintal, olho para o céu e penso no motivo que me fez escrever sobre a cidade oculta. Relendo As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino, deparo-me com uma possível justificativa:

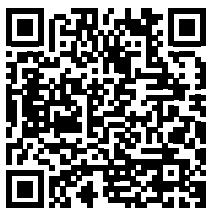
“EXISTEM DUAS MANEIRAS DE NÃO SOFRER. A PRIMEIRA É FÁCIL PARA A MAIORIA DAS PESSOAS: ACEITAR O INFERNO E TORNAR-SE PARTE DELE, ATÉ O PONTO DE DEIXAR DE PERCEBÊ-LO. A SEGUNDA É ARRISCADA E EXIGE ATENÇÃO E APRENDIZAGEM CONTÍNUAS: TENTAR SABER RECONHECER QUEM E O QUE, NO MEIO DO INFERNO, NÃO É INFERNO, E PRESERVÁ-LO, E ABRIR ESPAÇO”.

Encaro novamente o céu e vejo brilharem as estrelas, centenas delas. Reconheço e agradeço aos astros luminosos que cruzaram meu caminho e que seguem construindo a Fortaleza dos meus sonhos.

SOBRE A AUTORA



ANA KARLA DUBIELA é jornalista, professora, escritora e palestrante. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tem especialização e mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem inúmeras participações em feiras e eventos literários. Prepara textos, edita e organiza livros. Integrou a comissão da Secult-CE para avaliação de obras literárias para bibliotecas públicas do Estado. É autora de diversos livros e estudiosa da obra do grande escritor Rubem Braga. Já publicou diversos artigos sobre literatura em periódicos e revistas especializadas. É editora de livros e faz pesquisa e preparação de texto, além de revisão e adaptação de teses e dissertações para formato de livros.



ESCANEIE O QR-CODE

A CIDADE OCULTA

Ana Karla Dubiela



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Feliz Aniversário, Fortaleza

Antônio Airton Machado Monte
(in memoriam)

Este trabalho foi escrito em 13 de abril de 2001 e transcrito do arquivo pessoal de D. Sonia Maria Castelo Branco Monte, esposa do autor, e gentilmente autorizado para publicação nesta obra.



om dia, velha senhora e tua benção. Hoje, amanheceste um pouco mais velha e mais cruel, embora linda, o sol nos teus cabelos. Desculpa meu atrevimento, essa ousadia, essa malcriação de filho. Afinal, é teu aniversário, que bem poderia ser menos triste, mais feliz.

No entanto, ainda tão difícil, tão sofrido viver, sobreviver entre teus braços a cada dia, nossa mãe e madrasta. Há tamanha dor e iniquidade à nossa volta que me dá aflição tentar suportá-las sem rancor.

Enquanto 25 mil desabrigados pela chuva padecem ao relento, autoridades pomposamente distribuem bolo, circo e cinismo em praça pública, numa imoralíssima festança.

Ah, Fortaleza do meu agoniado coração, eu que me sinto órfão de ti, Medéia equatorial, senhora dona de nossos penares, de nossos sofreres, desamparos. Em cima dos picadeiros, num bolorento clima de farsa e cenário de arena romana, ainda há quem te cante as louças belezas, te louve o lírico solar.



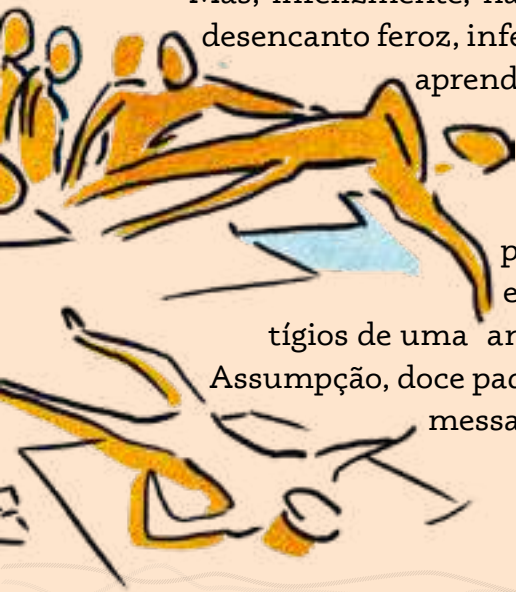
Não eu, Velha Senhora, não eu, que não chega a tanto minha filial desfaçatez. De ti não posso fugir, exilar-me, abandonar-te em busca de outro porto mais ameno, mais feliz, outra cidade em que o mar seja mais claro e mais azul.

Não posso ir, não posso. Meu umbigo em ti enterrado até o talo é minha âncora, que a ti me prende e subjuga. Nossa Senhora da Assumpção, estendei vosso manto celeste sobre esta cidade ensandecida e dai-nos um pouco da paz que carecemos, de tão envilecidos.

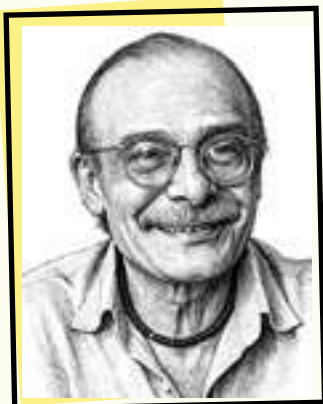
Nossa Senhora da Assumpção, doce padroeira, diz-me vós por que esta cidade abandonaste à própria sorte, entregue às mãos dos fariseus que fazem nossa miséria sua vil felicidade? Quisera eu acreditar em milagres, proteções celestiais, nos deuses que me ensinaram a temer na infância amedrontada pelas divindades.

Mas, infelizmente, não creio e reina em minha alma um desencanto feroz, infernal. A Fortaleza que era minha, que aprendi a ser minha, perdeu-se, virou miragem, um simulacro de si mesma.

A Fortaleza em que ora vivo não passa de um deserto de humanidade, em que somente sobram rápidos vestígios de uma antiga civilização. Nossa Senhora da Assumpção, doce padroeira, estendei vosso manto de promessas sobre esta cidade envilecida.



SOBRE O AUTOR



ANTÔNIO AIRTON MACHADO MONTE nasceu em Fortaleza, foi médico e escritor. Ingressou na Universidade Federal do Ceará em 1970 para cursar Farmácia e, depois, Medicina. Dedicou-se aos estudos de psicanálise e especializou-se em Psiquiatria, sempre se dedicando às atividades de extensão da UFC. Cedo Airton Monte despertou para a literatura, tendo participado de revistas literárias, coletâneas e publicado diversas obras nos gêneros crônicas, contos e poesias. Também foi letrista em diversas composições. Ajudou a fundar o Grupo Siriará de Literatura e a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Foi cronista do Jornal *O Povo*, comentarista de rádio e redator de televisão.



ESCANEE O QR-CODE

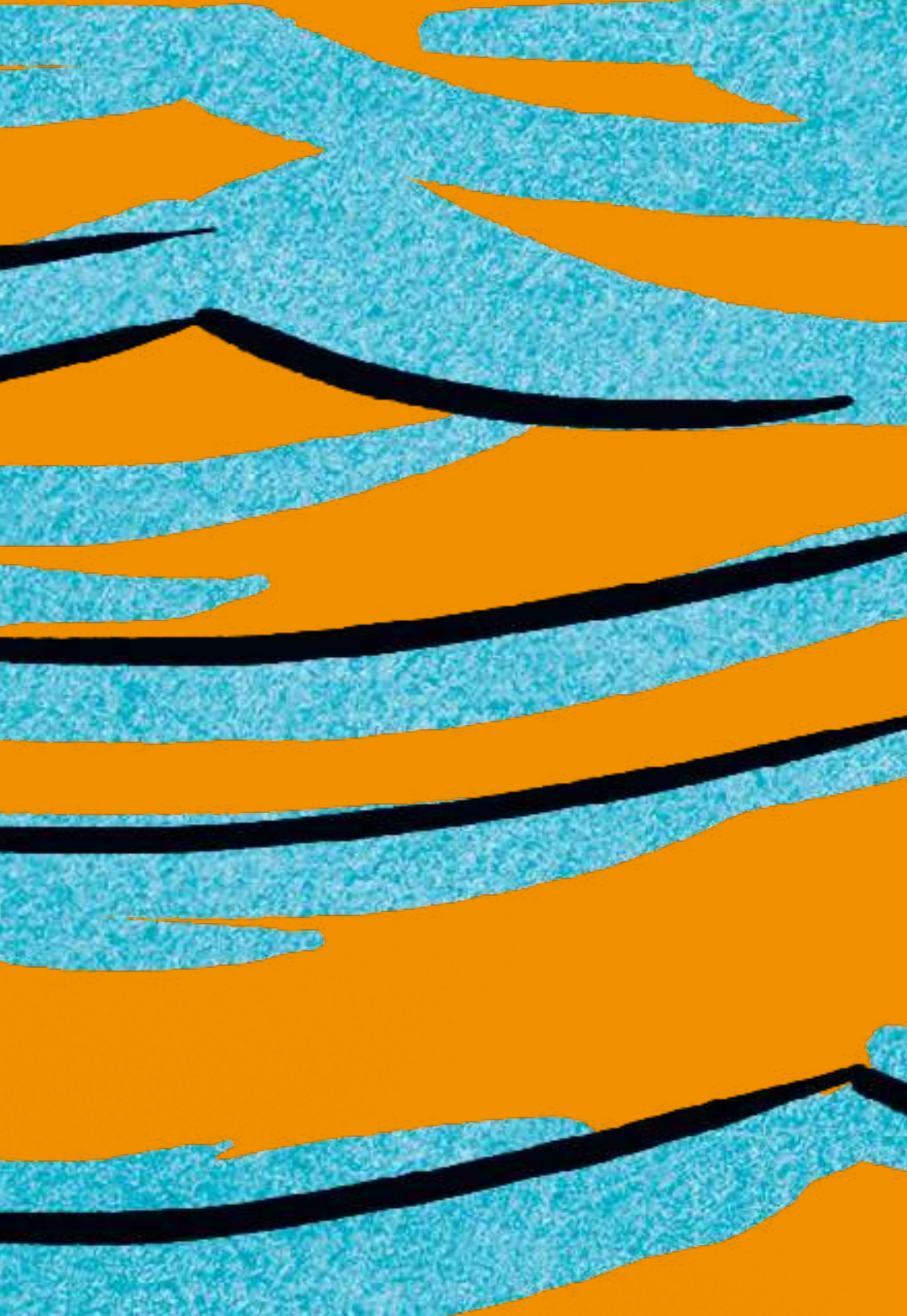
FELIZ ANIVERSÁRIO, FORTALEZA

Antônio Airton Machado Monte



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Fortaleza, um caso de amor

Artur José Vieira Bruno



Ednardo, Amelinha e Belchior nos brindaram com a poesia de Terral: “eu venho das dunas brancas de onde eu queria ficar”. A nossa natureza, brindada com o calor equatorial, temperado com ventos fortes e constantes, é um convite para usufruir nossas belas praias.

Fortaleza, cidade jovem, nascida a partir de um forte na luta pelo domínio do litoral nordestino, sempre padeceu de um descaso patrimonial. Nossa história, desvalorizada pela elite política e econômica, foi traduzida pelo nosso poeta Ednardo na música Longarinas: “era uma vez meu castelo entre mangueiras e jasmims florados”. Necessário ressaltar as boas iniciativas dos últimos governos para valorização dos prédios históricos, tais como Farol Velho, Museu do Ceará, Estação João Felipe, dentre outros.

O tricentenário é uma oportunidade de divulgar aos fortalezenses a nossa relevante história, nosso patrimônio material e imaterial, além de colocar na ordem do dia a necessidade de redução de nossas gritantes desigualdades, o combate ao desmatamento e os precários serviços públicos para os que mais precisam. A cidade, apartada entre um padrão europeu em bairros da área leste e sudeste, contrastando com os da zona oeste e sul, com péssima infraestrutura

**SONHO COM O
RETORNO DAS
JANDAIAS, DAS
CARNAÚBAS,
DAS LAGOAS,
RIOS E RIACHOS
LÍMPIDOS, DAS
CADEIRAS NAS
CALÇADAS...**



e carência de equipamentos públicos, envergonha a nossa cidadania. Reflexão, mais do que comemoração, é o de que precisamos.

A nossa expectativa é que o novo Plano Diretor estabeleça diretrizes para induzir o nosso desenvolvimento na direção de uma cidade sustentável, resiliente, que preserve e acentue as áreas verdes, valorize o patrimônio cultural e, sobretudo, estimule políticas públicas que incluam as populações historicamente excluídas. Sonho com o retorno das jandaias, das carnaúbas, das lagoas, rios e riachos límpidos, das cadeiras nas calçadas, de um povo orgulhoso e feliz com a sua polis. É necessária, portanto, a construção de um espaço justo, próspero, em que as oportunidades sejam estabelecidas para todos os setores sociais. De pouco importa que tenhamos o município mais rico do Nordeste e continuemos com desigualdades gritantes que nos envergonham.

SOBRE O AUTOR



ARTUR JOSÉ VIEIRA BRUNO é professor de História e Geografia. Graduado em Pedagogia, sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Membro da Academia Fortalezense de Letras e autor de 12 livros. Foi assessor especial para assuntos municipais do Governo do Estado do Ceará, também foi secretário de Meio Ambiente e secretário do Trabalho e Desenvolvimento Social em nosso estado. Exerceu um mandato como deputado federal, foi por quatro mandatos deputado estadual e por dois mandatos vereador de Fortaleza. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e ex-presidente do Conselho Estadual do Meio Ambiente. Atualmente, Artur Bruno é o presidente do Ipplan (Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza).



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA, UM CASO DE AMOR

Artur José Vieira Bruno



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





Fortaleza antiga antes do asfalto

Cid Sabóia de Carvalho

*Transcrição feita a partir de um relato
do autor, com a devida autorização.*





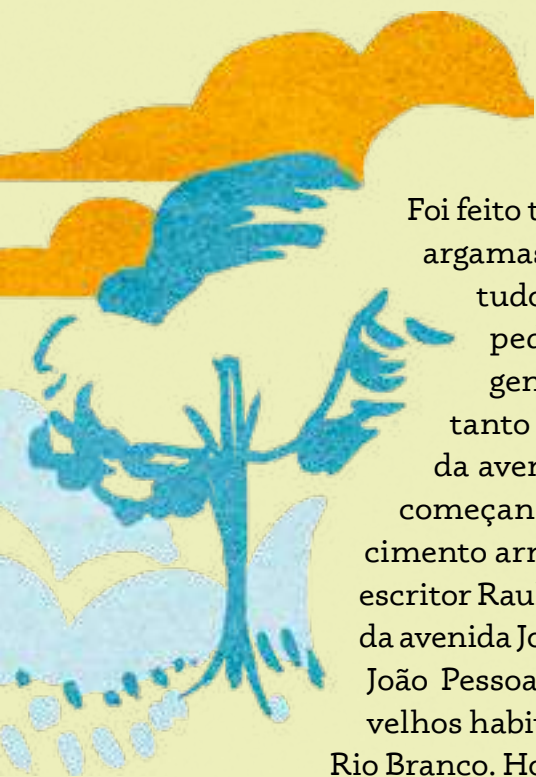
Estou me lembrando da Fortaleza, antes da era do asfalto. Vocês se lembram onde foram os primeiros asfaltos? Um trecho que leva da 24 de Maio para a General Sampaio, passando em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, que é a rua Meton de Alencar. Aquele quarteirão entre 24 de Maio e General Sampaio, hoje Av. da Universidade.

Por experiência, asfaltaram ali um quarteirão, mas, primeiramente, apareceu asfalto levando da Av. João Pessoa até o Campus do Pici, porque esse campus se transformou em um ponto importante da cidade durante a Segunda Grande Guerra Mundial, ali era a base norte-americana. Havia uma estação de rádio, discos enormes, grandões, grandalhões. Discos imensos e que tocavam do selo para o lado de fora do disco e não do lado de fora para o selo; eram enormes, discos de 78 rpm.

Então havia o asfaltamento, ao lado do asilo, aquele hospital de doenças mentais, ali começou o asfalto em Fortaleza e também levando para a estação, não para o campo do Cocorote, o aeroporto do Cocorote, onde baixavam notadamente aviões militares nessa época de que estamos falando.

Fortaleza não tinha asfaltos, as ruas eram de pedras toscas, aquele calçamento comum, aquela primeira maneira de revestir uma rua de um piso mais sólido, aquela pedra comum que facilmente esburacava, ou de paralelepípedo, que era uma pedrinha

mais recortada. Por exemplo, a rua Liberato Barroso era em paralelepípedo. E, havia o concreto, avenida João Pessoa, antes do asfalto, era toda de concreto. Nem pedra tosca, nem a pedra comum de calçamento, nem aquela pedra bem traçadinha, bem cortada que ornamentava mais o centro da cidade e as ruas de maior movimentação.



Ali, na avenida João Pessoa, eu nem alcancei essas obras, foram feitas quando eu era menino talvez, ou antes do meu nascimento.

Foi feito tudo com cimento, com pedrita, com argamassa especial e aquilo tudo era socado,

tudo era batido e dividido em pequenos pedaços, para não haver rachaduras genéricas. Era a avenida João Pessoa, tanto que a gente chamava de concreto da avenida João Pessoa, era quando estava começando mais o uso do então chamado cimento armado. Aliás, eu quero lembrar que o escritor Raul Ribeiro, em livro, trata exatamente da avenida João Pessoa, dos habitantes da avenida João Pessoa. Dizem que existe um livro sobre velhos habitantes que ocuparam a rua Barão do

Rio Branco. Hoje dificilmente haverá uma residên-

cia na rua Barão do Rio Branco. Mas, antigamente, ela era toda residencial, inteiramente residencial. Ainda alcancei algumas residências na Barão do Rio Branco, na Senador Pompeu, na

General Sampaio e 24 de maio, nem se fala. Alcancei residências na Floriano Peixoto, onde hoje está erguido o prédio do Banco do Nordeste do Brasil. A praça Coração de Jesus era circundada por residências, como também a praça do Carmo, afinal de contas, muitos residiam no Centro até alguns anos atrás.

Fortaleza era um tanto quanto rústica. Rústica era a praça da Bandeira, que hoje se chama praça Clóvis Beviláqua. Ali foi um horror, construíram uma caixa d'água enorme, subterrânea e, ao que tudo indica, nem funciona, e a praça rústica, com árvores nativas, nossas árvores daqui. Aquela praça, para onde nós íamos levando bicudos, curios, aquela praça acabou, hoje é uma praça de cimento, circundada por um jardim muito tênue, muito humilhado e muito humilhante, muito resguardado. Deviam acabar com isso e restaurar a praça da Bandeira, a velha praça da Bandeira, hoje chamada em homenagem ao grande jurista de praça Clóvis Beviláqua.

Fortaleza tinha poucos carros, não havia a indústria nacional e você ainda via passar a Fobica, a caminhonetazinha Chevrolet do Dr. Ocelo Pinheiro, o carro Ford de bigode, aquelas caminhonetas com uma carroceria rústica, o motor muito feio, muito barulhento, você via velhos caminhões, o Chevrolet gigante... qual é o melhor, é o Chevrolet? É o Ford? O V8 é bom? O Ford é bom? Não, o melhor é o Chevrolet! Havia uma torcida da meninada da minha rua pelo carro Chevrolet, que era o caminhão do seu Rafael, que teve uma morte trágica e que abalou muito a nossa infância ali pelos anos 40, 46, 47, 48... que ano terá sido?

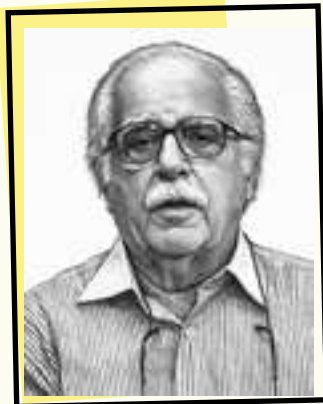


Estou me lembrando da Fortaleza antes do asfalto. Era uma Fortaleza mais encantadora e havia paz nas ruas. Hoje estamos sabendo de sequestros relâmpagos, de assalto a todo instante e a toda hora, e eu fico me lembrando de que a vida da família era muito nas calçadas, os meninos jogando futebol, os dois pés de árvores servindo de traves, árvores que não existem mais na rua Agapito dos Santos, foram decepadas, como milhares e milhares de outras árvores que igualmente não existem mais.

Jogava-se nas calçadas, soltava-se peão, havia brincadeiras de correr, pular corda, as garotas pulavam corda na calçada, havia tudo nas calçadas. Eu estou me lembrando daquela bela canção “jogo de botão pelas calçadas... que saudade da professorinha que me ensinou o bê-a-bá”. A música de Ataulfo Alves, Meus tempos de criança.

As crianças de hoje não têm direito a essa poesia, está tudo inteiramente esgotado em matéria de segurança, e a Fortaleza antiga antes do asfalto era cheia de poesia.

SOBRE O AUTOR



CID SABÓIA DE CARVALHO nasceu em Fortaleza. É advogado, professor, jornalista, radialista e político cearense. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará e, mais tarde, tornou-se professor dessa instituição. Jornalista desde a juventude, tendo colaborado com vários jornais, rádios e televisão na cidade de Fortaleza. Possui trabalhos publicados em revistas especializadas em Direito e Comunicação e vários volumes de discursos parlamentares. É sócio efetivo do Instituto do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de Retórica, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Associação Brasileira de Bibliófilos e da Academia Fortalezense de Letras. Cid Carvalho também dedica-se à produção de trabalhos literários nos gêneros poesia e crônica. Advogado, exerceu o cargo de procurador junto ao Conselho de Contas do Município e foi senador da República.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA ANTIGA ANTES DO ASFALTO

Cid Sabóia de Carvalho



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Para sempre Bezerra de Menezes

Dante Mendes Almeida



entado em um destes bancos de centro de pátio de um shopping de Fortaleza, enquanto aguardava minha esposa efetuar a compra de um presente, acho que para uma amiga, se bem me lembro, recebi a companhia de dois jovens, que debatiam sobre um filme, destes que abordam, entre outras temáticas, a do multiverso ou realidades alternativas. Em certo ponto do debate, um deles fez as seguintes indagações: “Que aspectos deste mundo você gostaria de mudar se tivesse poderes, Fulano? Em que outra realidade você gostaria de estar presente?” Confesso não ter a lembrança da eventual resposta de seu interlocutor, posto que, naquele instante, um estalo fez, de repente, transportar-me a um tempo, a um ponto, na verdade, em que eu me achava na plenitude de minha felicidade. Cursava, à época, o segundo ano científico do extinto Colégio Redentorista, localizado na rua Delmiro de Farias, defronte à Igreja de São Raimundo, no bairro Rodolfo Teófilo. Ali, eu e mais três colegas (Bergson, Cláudio “Tripa” e Valterene) passamos a formar um grupo, que recebeu a adesão de mais dois membros: Jairo e Hudson. Nascia, pois, um sexteto que, por alguns anos, reunia-se para embarcar em algumas aventuras memoráveis, explorando e curtindo, nas noites de sábado, na maioria das vezes, uma das mais icônicas avenidas de Fortaleza: a Bezerra de Menezes.

Construída ao longo de pouco mais de três quilômetros de extensão, inicia-se na altura do Mercado São Sebastião, estendendo-se até o Colégio Santa Isabel, no bairro São Gerardo, ligando

o Centro de Fortaleza a Caucaia. Muitas lembranças vieram-me à cabeça, como pequenos fragmentos de memórias compreendidas em várias tipificações: imagética, gustativa, olfativa e até auditiva. Muitos estímulos passaram a mover meus pensamentos naquele instante.

Meu mergulho nessas lembranças reporta ao final dos anos 1980; precisamente ao ano de 1989. Éramos jovens, prestes a ingressar na vida adulta, cheios de sonhos, de dúvidas, de questionamentos, descobrindo novas sensações, novas aventuras e experiências e tendo como laboratório nossa estimada avenida. O primeiro ponto de encontro foi o bar do Valdir, ou “Valdir Drinks”, na esquina da Bezerra com a rua Conselheiro Vieira da Silva, coincidentemente a rua onde eu residia. Era um ponto bem movimentado e conhecido pela qualidade do seu feijão verde e da sua cerveja “estupidamente” gelada, de “trincar os dentes”.

Nessa primeira experimentação, éramos em quatro: eu (Dante), Bergson, Hudson e Jairo. Não demorou muito, a nós juntaram-se Cláudio e Valterene. Este último, à época, servia na Polícia do Exército, lotado no antigo quartel do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), onde hoje abriga o Centro Integrado de

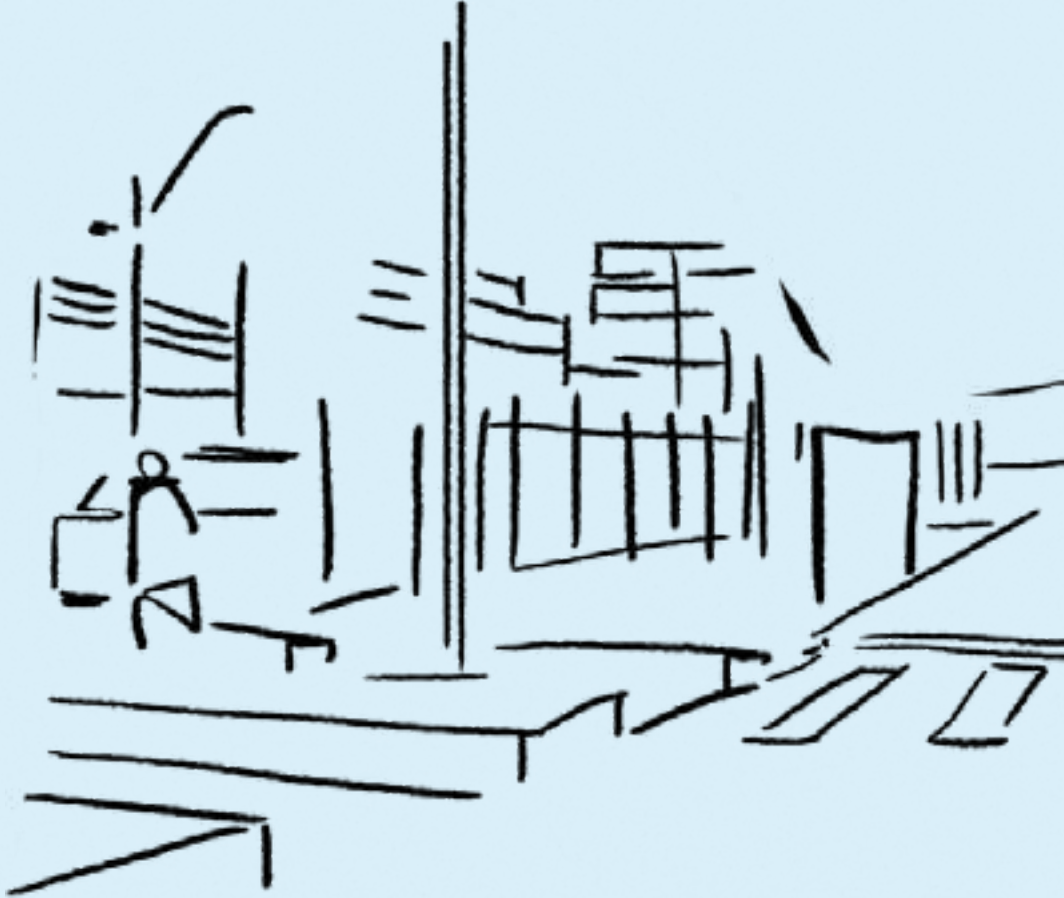


Operações de Segurança Pública (CIOPS), curiosamente localizado na própria avenida Bezerra de Menezes. Certo dia, confessou-nos que chegou a ficar detido no quartel, por ter pulado o muro para fazer uma visita à sua namorada, Cínthia, que morava próximo ao local. Valterene era o mais velho do grupo. Apresentando os demais, começo comigo mesmo, Dante, considerado pelos meus companheiros o mais calmo e observador da trupe; dificilmente tomava a iniciativa de propor algum desafio, mas não arregava quando desafiado, assim falavam. Bergson, parceiro de uma vida inteira. Nossas mães eram amigas desde a adolescência e engravidaram praticamente no mesmo período, dada a nossa diferença ínfima de duas semanas de idade, em favor dele. Hudson, o meu melhor amigo na época. Era leal e companheiro, nas horas boas e ruins e também o único que não estudou conosco no Redentorista. Jairo, que, de 1984 a 1988, fora nosso colega redentorista, passou a nos deixar naquele ano de 1989, para ingressar seus estudos no também saudoso Colégio Anglo Vestibulares. Era o mais beberrão e afoito do grupo. Não abria para ninguém numa briga. Por último, o neófito e caçula do sexteto, o sempre alegre, gozador e cheio de ideias Cláudio “Tripa”, assim alcunhado, em razão de seu biotipo ectomorfo, também conhecido como ‘Magro de ruim’. Esse era o sexteto, que escolheu a Bezerra de Menezes, seja pela proximidade de nossos lares, seja pela variedade de opções de entretenimento noturno, para curtir as noites de sábado, em busca de bares e de novos amores.

Não demorou muito para descobrirmos em nossas andanças pela avenida novos “points”, como o bar do Zé Pinto; sim, ele

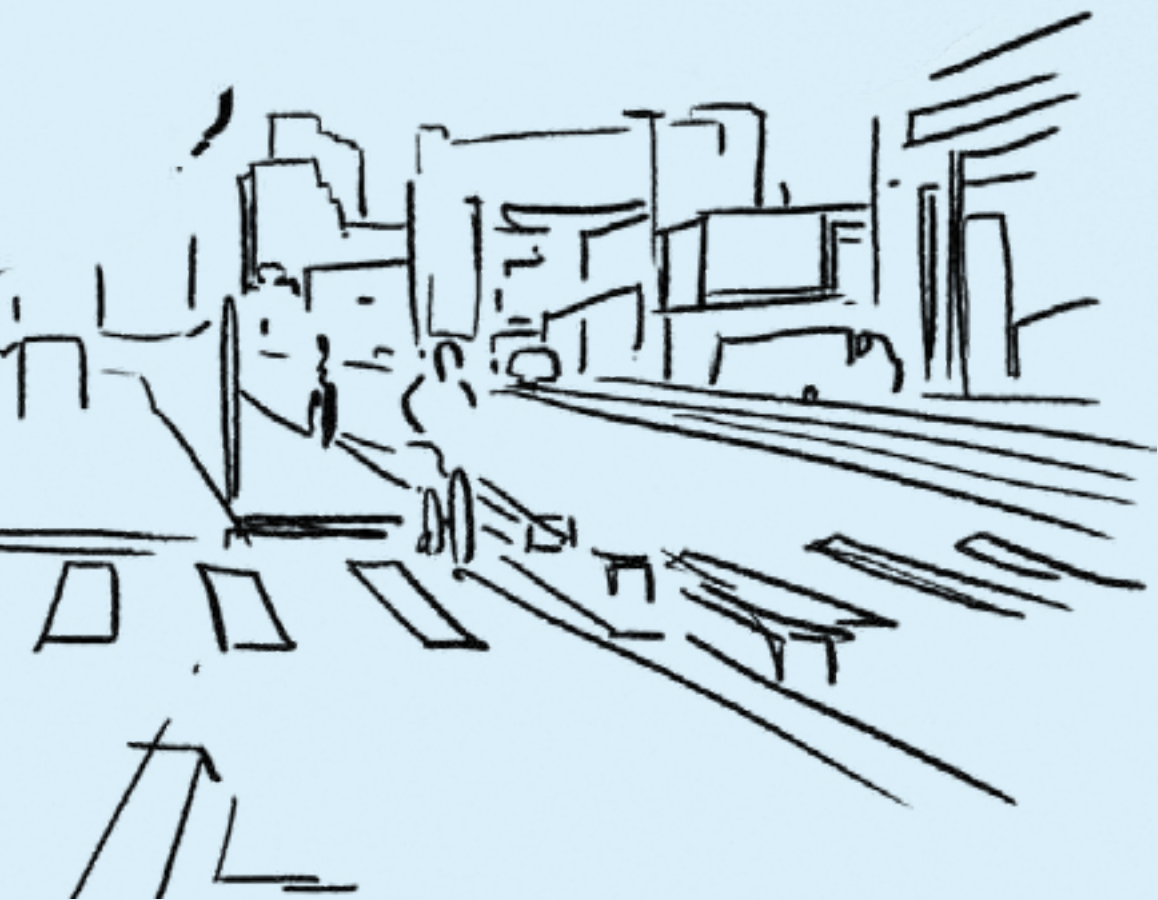
mesmo, o artista plástico, notoriamente conhecido por transformar sucatas em verdadeiras obras esculturais que, por anos, ornamentaram alguns trechos do canteiro central da Bezerra. Salvo engano, a administração do bar cabia a um familiar; não ao próprio, mas foi onde tudo começou para o grupo em sua formação completa. A sugestão do lugar coube ao “Tripa”, que morava a poucos metros de distância dali; precisamente na esquina da avenida com a rua Raimundo Arruda. Bravamente, o prédio ainda está por lá, resistindo ao tempo e às mudanças.

Daí, não paramos mais de desbravar esse “oásis boêmio” e, mesmo sem automóvel, o incansável sexteto prosseguia, privilegiando a direção leste da avenida, onde acabamos por achar outro ponto de parada, denominado “Batuque Bar”. Ali, aprendemos a passar mais o tempo, entre papos, risos e viradas de copo, jogando “porrinha”, até que chegasse o momento da grande atração. Ao som de um teclado eletrônico, com aquele sintetizador de bateria, entoava-se uma das canções que mais marcaram a minha memória auditiva: era ela “Ai que saudade d’ocê”, de Vital Farias. Nossa! Era como um hino, que nos transportava, quase hipnoticamente, para o outro lado da pista, atravessando o canteiro central e cantando ainda quantos trocados nos restavam para o fim da noite (pois a cerveja lá era mais cara). Tratava-se do bar e restaurante “SteakHouse”, cujo nome, passamos a vida toda pronunciando como “stick” em vez de “stêik”. Na verdade, isso nunca importou; o que valia, afinal, era a jornada e o nosso aprendizado na busca de novas conquistas (paqueras), das quais viéssemos a nos gabar depois, fosse ao final da noite ou nos próximos encontros.



Aos domingos, passamos a ter também (não com tanta frequência) outro motivo de reencontro, com o tão badalado ‘Discoburguer’, localizado a poucos metros do SteakHouse, no mesmo calçadão da avenida. O grupo, nestes dias, nem sempre estava completo, mas recebia algumas adesões fortuitas. Era uma pegada diferente, mais descolada. Um ponto de encontro de jovens, muitos dos quais saíam da missa celebrada na Igreja São Gerardo, rumando em agrupamentos destacados, como se anunciassem alguma atração bastante aguardada para um fim de noite dominical.

Ah, como eram boas as noites de Fortaleza, em um ponto circunscrito a uma pequena faixa da cidade, que não foi por nós totalmente explorada! Eram conversas aleatórias, nada ou pouco



planejadas. Falávamos sobre política (havíamos há pouco tempo, afinal, passado pelas eleições presidenciais diretas, a primeira do período pós-ditatorial de 1964-1985), também sobre as paqueiras e as conquistas (quase sempre com números superestimados) e, claro, sobre futebol e muito pouco sobre o futuro. Vivíamos intensamente o presente.

Durou pouco, talvez uns três anos, pois, mesmo concluindo o colegial e já ingressando na faculdade, os encontros resistiram por um tempo. Andamos, perambulamos, curtimos e frequentamos muitos espaços, aproveitando ao máximo o que selecionamos



daquilo que nos ofertava a badalada avenida. Até uma casa de forró chegou a existir por lá! Éramos jovens, com sonhos, expectativas e tantas alegrias compartilhadas, sem percebermos quanto efêmero era aquilo tudo.

O SteakHouse hoje é uma empresa de informática, de onde eu não escuto mais a música de Vital Farias. Discoburger agora é um galpão dessa mesma empresa, chamada 'R7 Informática'. Do outro lado da avenida, o Batuque Bar, nada mais é do que uma loja de variedades. Forrozão da Bezerra, a tal casa de forró, citada há pouco, abriga um salão de beleza. Nada do que ficou em seus lugares guardou qualquer semelhança com seus propósitos de outrora. É uma quase morte, onde somente aquelas memórias, anteriormente mencionadas, não me permitem solapar de vez tais lembranças. No canteiro central, não temos mais as exposições a céu aberto das obras de Zé Pinto, com seus Carlitos, cangaceiros, vaqueiros, mulatas e animais, que já nos ensinavam, há tempos, que reciclar também pode ser arte. Triste constatação! O que agora temos?! Uma estação rodoviária, entre outras tantas que, em nosso presente, compõem o "corredor de ônibus", símbolo que expressa agora o que se tornou nossa icônica avenida: uma exigência da modernidade, que a transformou em modelo de mobilidade urbana, em detrimento do desenvolvimento do comércio

e de alguns serviços que, por tantos anos, movimentaram esse espaço, desde as cordas de caranguejo, expostas por quase toda a sua extensão, às pizzarias, a exemplo da movimentadíssima “Casa d’Itália” que, só para não fugir à regra, passou a ser uma instituição de ensino (o Colégio 21 de Abril); passando ainda por restaurantes, bares e sorveterias dos quais contam-se nos dedos os que ainda resistem às intempéries do novo milênio. Destaco o Liny Lanches, onde ainda podemos nos servir com aquele caldo de peixe, ao fim da madrugada, e a Sorveteria 50 Sabores, na minha opinião, a melhor franquia do ramo na cidade.

São tantas memórias, tantas lamentações, tantos agradecimentos, que me arrisco a dizer, voltando à conversa dos dois amigos no banco de um pátio do shopping, que, se a mim fosse dirigida a indagação que o jovem fez ao colega; vale relembrar: “... em que outra realidade gostaria de estar presente?”, em qualquer universo que fosse, eu lhe responderia: “Qualquer uma; desde que nela houvesse um sexteto que, sem remorso ou culpa, gozasse a vida, entre papos e copos, contando vantagens em uma certa avenida e ela se chamaria Avenida Bezerra de Menezes”.

SOBRE O AUTOR



DANTE MENDES ALMEIDA nasceu em Fortaleza, é professor de História. Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), especialista em História da África com pesquisa desenvolvida sobre o tráfico interprovincial de escravizados. Atualmente, é servidor público vinculado à Secretaria Estadual de Educação e à Secretaria Municipal de Educação, atuando como professor em escolas de Fortaleza.



ESCANEE O QR-CODE

PARA SEMPRE BEZERRA DE MENEZES

Dante Mendes Almeida



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Fortaleza, Adélia Prado e Czesław Miłosz

Demitri Túlio Silva Araújo

Fm sua essência, Fortaleza é uma cidade horrível. Nasceu das invasões, das caravelas violentas, do bodejado diferente, dos estupros, da escravização e da engabelação dos que aqui estavam e não conheciam a outra banda do mundo velho.

Trouxeram até satanáas nos barcos medonhos que os indígenas não sabiam dizer. Não conhecíamos o cão dos mormaços e o cristianismo construiu o horror de fazer o povo primeiro daqui comungar, ajoelhar-se, jejuar e temer ao Deus branco, loiro e de olhos claros.

Fortaleza nasce de nós uma coisa que não sabíamos que está dentro de nós e piscamos os olhos, como se atrás de nós tivesse saltado um tigre e tivesse parado no sol, batendo a cauda sobre os quadris.



Transcrevo, literalmente, Adélia Prado possuída por Czeslaw Milosz, um poeta migrante polonês, que eu nem sabia que apreciava tanto.

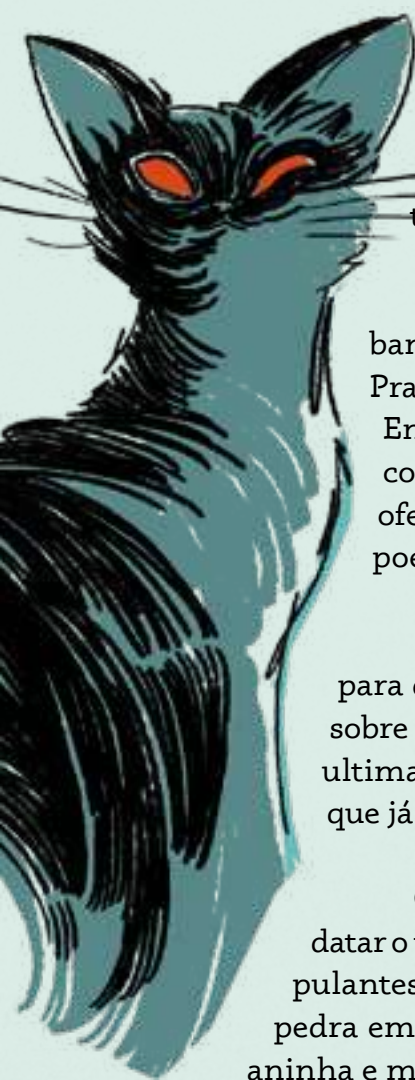
Essa terrível e diversa imagem de Fortaleza nos suspende e nos obriga, de modo gozoso e novo, a uma rendição ao maravilhoso fenômeno da poesia, mesmo por uma cidade em desassossego.

Ela não é enredo, não é tema, não é comentário, não tem gênero, fraterna, solidária, contraditória, racista, machista, bonita, fedorenta, solar, cheia de mar. Qualquer coisa é a casa da poesia viver e morrer Fortaleza.

Ela alimenta. É besta. Faminta. Água e sal. Tem pássaros ainda insistentes, gatos vadios e uma burguesia que, se eu fosse ela, iria morar noutras terras. Mas aqui a exploração ainda enrica, feito no tempo das invasões luso-católicas. Mora onde lhe apraz acumular e concentrar à beira do mar.

É uma experiência religiosa, porque fomos invadidos – o impacto da leitura de um texto sagrado, um olhar amoroso sobre você ou olhar formigas trabalhando dia a dia sempre operárias. O transe poético é o experimento de uma realidade anterior a você. Ela te observa e te ama. Isso é o sagrado. Isto, talvez, seja amar Fortaleza.

É Deus cristão, católico e protestante principalmente. Excludente de quem bate tambor e reza diferente. Fortaleza é seu



próprio olhar pondo nas coisas uma clareza inefável. A única via para a realidade que chama tudo e todos a um antropocentrismo divino. É excomunhão.

Mais uma vez, confesso, este texto é uma banguela de caminhão na delicadeza de Adélia Prado e no corpo da narrativa de Czeslaw Milosz. Entrei em comunhão, congregados pela poesia, com eles. Assim, quero encerrar minha escrita oferecendo a vocês o que tenho de melhor: um poema sobre Fortaleza. E, talvez, não.

Olha o Czeslaw Milosz e eu me aproveitando para despir Fortaleza! O que se escreve de súbito sobre a Cidade parece ridículo, mas amor. É que, ultimamente, estou quase incapaz de exprimir o que já amei, imensamente, dela nela e em mim.

Olho para a cidade aos 299/300 anos, vou datar o texto, imensa de mundos mesquinhos e afetos pulantes. Os cotovelos apoiados em um corrimão de pedra em um prédio pequeno, sem elevador, que me aninha e me ausenta atualmente.

Rios corriam, velas rasgavam nuvens, poentes desmaiavam. Todos os belos sonhos, todos os seres que desejei se ergueram no céu como grandes luas. Olhar fixo nesses estranhos lumes moventes,

contando seus arcos astrológicos, sussurrei: mundo, cessa, piedade, eu me afogo final por aqui na cidadezinha do bem-querer. O parágrafo é de Czeslaw e eu, intrometido.

Vai outro verso de Czeslaw e que me derrete por Fortaleza, mesmo incômoda. Palavra nenhuma basta para a beleza. Eu enxergava, dentro de mim, extensas planícies e podia, o passo alado e brônzeo, lançar-me acima delas em muletas de ar. Mas isso se foi, noite sem memória.

Talvez, os arqueólogos e os envelhecidos de Fortaleza (quem não morre antes de se tornar antigo) – o meu pescoço começou a enrugar e meus cabelos abrem clareiras no corpo semiárido – servem para criar memória sobre a Cidade. Sempre um tempo atrás, idealizam, era melhor a província.

Era não. Ou era para quem romance. Nem foi nas invasões, nem na escravização, nem na imposição do português, essa língua invasora, bonita e bruta flor dos poderes.

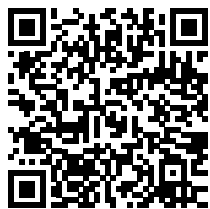
Fortaleza, ainda adoro cheirar suas virilhas, odores de mangue e salobra. É como a redesenho, há 58 anos, para continuar seu amante.

Nasci em uma Fortaleza de 1966. Daí tantas memórias sobre a Cidade que é e já não é. Vivo a olhá-la, ruínas e construções.

SOBRE O AUTOR



DEMITRI TÚLIO SILVA ARAÚJO nasceu em Fortaleza. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, é especialista em História da Cultura e também tem formação em Arte Dramática pela UFC. Atualmente, é editor-adjunto do Núcleo Audiovisual do Grupo de Comunicação O Povo, onde também atua como repórter especial e cronista. Atuou como professor do curso de Comunicação no ensino superior e, mais recentemente, como roteirista e participante de formações no Laboratório Cena 15 de Roteiro para Cinema da Escola Porto Iracema das Artes. Com larga experiência no jornalismo e na produção de textos literários, Demitri Túlio acumula mais de quarenta prêmios de jornalismo, como o Prêmio Esso e o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo. Além dessas premiações, o autor também tem reconhecimento no campo literário, tendo conquistado vários prêmios. O autor tem diversas obras literárias publicadas.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA, ADÉLIA PRADO E CZESLAW MILOSZ

Demitri Túlio Silva Araújo



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





ROSLANA



Mara Hope

Eduardo Tavares de Araújo



Um navio tem como destino conhecer os mares e não ficar encalhado na costa de uma cidade, para vê-la se fazer grande ao longo dos anos. Até mesmo a dignidade de um estaleiro lhe fora furtada e o que foi feito para navegar deixou de abrir caminhos. Teve de ver o mar de Fortaleza todos os dias e todas as noites, mas sem poder se deslocar, olhando para a areia com o mesmo desejo dos trabalhadores que passavam pela avenida rumo às obrigações. Ele merecia ser jangada, ir ao Mucuripe e sair para pescar. Ou então um veleiro, para transportar turistas em passeios animados pela orla da capital. Quem sabe dirigir-se da Sabiaguaba à Barra do Ceará para descobrir as belezas e as injustiças da cidade.

O maior contemplador da Fortaleza em movimento, nas sístoles e diástoles urbanas, desejava ser contemplado. Inimaginável. Os primeiros a perceberem que o navio começou a se movimentar foram os meninos que pulavam para o mar da ponte velha no Poço da Draga, no dia 13 de junho. “Está se mexendo”, um deles falou, e se não houvessem filmado com o celular, ninguém acreditaria.





Quando o vídeo se espalhou, o espanto da cidade exigiu que as autoridades buscassem explicações. Aproximaram-se da embarcação, fizeram estudos, consultaram especialistas, mediram os espaços, realizaram audiência pública, deram entrevistas e, ao final, recomendaram que o melhor era deixar que o barco seguisse o rumo desejado, tomando cuidado para que não se chocasse com os espigões da Praia de Iracema.

Como se estivesse sendo guiado por algum experiente timoneiro, o Mara Hope resolveu cumprir sua sina de navio e derivou pela orla da capital com a desenvoltura de um catamarã. Não poderia ser, mas era; e o impossível tornou-se a novidade que veio dar à praia aquilo de que ela tanto gostava: assunto.

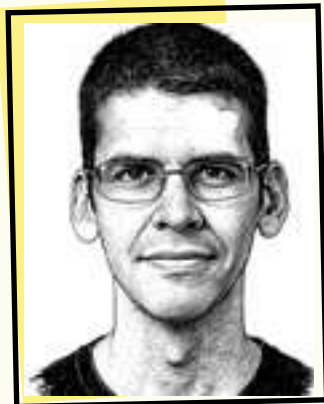
Não tardou para que alguns amigos decidissem acompanhar o caminho do navio. A eles foram se somando outros observadores e o grupo de curiosos foi batizado como “Os Seguimaras”. Logo chegaram os vendedores de churrasquinho, de pipoca, de doces e de salgados, de água e de água de côco, de suco, de cerveja e de caipirinha. Com as barraquinhas de café, cuscuz e tapioca e as mesinhas de plástico dos vendedores de pratinho, tornou-se possível passar manhã, tarde, noite e madrugada à espreita da movimentação do navio.

Então, na praia, de frente para a embarcação em seu lento deslocamento, jovens se confraternizavam sob caixinhas de som, tocando o último sucesso, uma canção que conclamava o amado a sair do lugar, como o Mara Hope deixava seu porto seguro rumo a uma nova aventura.

Os homens de fé não tardaram a aparecer, com suas interpretações fatalistas, seus convites ao arrependimento pré-apocalíptico. O barco está se deslocando em busca da salvação, salve-se você também!

Se era uma questão de fé, os apostadores passaram a tentar adivinhar onde pararia o barco, por quanto tempo ainda se deslocaria e quem estaria por trás daquele mistério. Surgiu um site, o “Praça do Ferreira ponto bet”, catalisando as apostas sobre o navio e sobre os jogos do final de semana, com o Ferroviário sempre pagando mais que o Ceará e o Fortaleza.

SOBRE O AUTOR



EDUARDO TAVARES DE ARAÚJO nasceu em São Paulo. De volta para o Ceará, concluiu o Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio na cidade de Juazeiro do Norte. É Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará, pós-graduado em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. É servidor público do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região desde 2006.



ESCANEE O QR-CODE

MARA HOPE

Eduardo Tavares de Araújo



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







A Fortaleza que mora em mim

Francisco Antônio Laprovitera Teixeira
(Totonho Laprovítera)



a cidade grande, com pressa, o olho corre na velocidade do pensamento.

Eu queria saber falar com palavras o quanto digo com desenhos e pinturas. Escrever sobre os 300 anos de Fortaleza é um desafio do tamanho de um bonde. Enquanto essa cidade me emociona, minha voz escrita embarga. Então, ladrilho os caminhos que me levam “ao longe, em brancas praias, embalada pelas ondas azuis dos verdes mares, a Fortaleza, a loura desposada do sol”, como poetizou Paula Ney.

Há quem diga que Fortaleza não tem história - ledor engano! História ela tem de sobra. O que lhe falta, muitas vezes, é o devido cuidado com a própria memória.

Para começo de conversa, compartilho aqui apenas alguns pedaços do que venho vivendo nessa cidade, nascida do Forte de Nossa Senhora da Assunção, erguido pelos portugueses em 1726, que celebra seu aniversário todo 13 de abril.

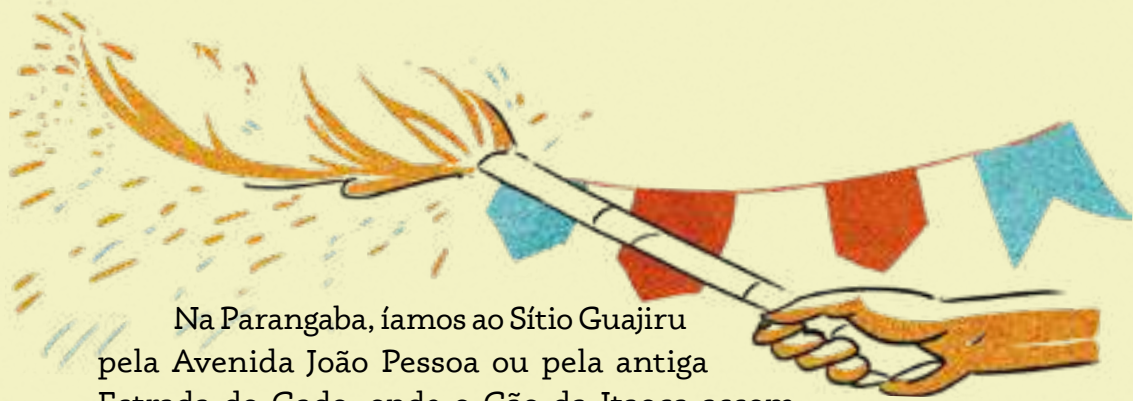
Nasci em Fortaleza, em 1957, quando a cidade, com cerca de 400 mil habitantes, ainda se espreguiçava rumo à modernidade, e a Aldeota era um bairro distante, de quintais amplos e ruas descalças.



Na minha infância, Fortaleza era uma cidade pequena e tímida. No Centro, o comércio e os serviços ganhavam força. Lembro-me bem do consultório odontológico do meu pai, no Edifício Dr. César Cals – imponente aos meus olhos, com seus corredores largos e o som inconfundível da porta pantográfica do elevador.

Dali eu ganhava as ruas: Loja de Variedades, Lobrás, Abrigo Central. Na Praça do Ferreira, acertava o relógio na Coluna da Hora e parava na banca do Bodinho, onde cabia o mundo nas folhas impressas. O cheiro do pão da Lisbonense atraía os fregueses. Às vezes, merendava na Leão do Sul ou na Miscelânea e me pesava na Farmácia Oswaldo Cruz. Cortava o cabelo com “Seu” Chicó, na Galeria Branca, ou no Salão Rex, ao lado do Café Iracema, do meu avô, na Praça dos Voluntários. Aos sábados, visitava o armazém de um tio, na versátil rua Governador Sampaio.

Na casa dos meus avós, na Rua Visconde de Saboya, um falante rádio valvulado reinava entre duas cadeiras de balanço. A cada badalada do sino da Igreja do Pequeno Grande, eu lhes pedia a bênção. Do rádio, vinham notícias e músicas. Com a chegada da TV Ceará, Canal 2, em 1960, os costumes mudaram.



Na Parangaba, íamos ao Sítio Guajiru pela Avenida João Pessoa ou pela antiga Estrada do Gado, onde o Cão da Itaoca assombrava o povo. O sítio cheirava a terra molhada, entre peladas de futebol, banhos de açude, bichos soltos e o silêncio cortado pelo voo dos aviões de carreira. Nas férias de julho, eu, meu irmão e um primo passeávamos no ônibus elétrico da linha Parangaba-Praça do Carmo.

A cidade crescia sem perder o encanto da simplicidade. Casas modernistas expressavam o orgulho urbano. Poucos prédios residenciais altos se destacavam: Pimentel, São Pedro, o imponente Lord Hotel, Jalcly Avenida, Fortaleza e Jaqueline. Entre os baixos, o Santos Dumont e os da família Jereissati, próximos ao Ideal Clube.

Lembro-me do parque de diversões Shangai, animando a Cidade da Criança, e do grandioso Circo Garcia. Recordo-me, ainda, do Burra Preta, figura folclórica do Centro – corpo graúdo, andar afoito e rebolado afetado – que, entre risos, coíós e vaias, seguia impassível, como se mangasse da própria saliência.

Nos anos 1960, eu ia ao Estádio Presidente Vargas torcer pelo Fortaleza, o “Tricolor de Aço”, o “Clube da Garotada”. As torcidas se misturavam sem problema, num tempo em que se vivia o futebol com respeito e as desigualdades eram menos evidentes.

Assistia a jogos de basquete nos clubes e na quadra do CEU e às corridas de carro na improvisada pista do Pici, que, no fim da

década, passaram a ser no Autódromo Virgílio Távora, no Eusébio. De vez em quando, chegava o Simca Show, com as manobras ousadas da equipe de Euclides Pinheiro. Pura emoção!

Nas décadas de 1960 e 1970, os clubes de Fortaleza foram refúgio e cenário das minhas descobertas infantojuvenis. Neles, decidíamos os rumos dos fins de semana: banho de piscina, esportes, tertúlias, paqueras ou o prazer de não fazer nada.

Nos Dias de Reis, as manifestações profano-religiosas tomavam as ruas com as visitas entoadas: “Aqui estamos em vossa casa em figura de raposa, em figura de raposa, nós queremos qualquer coisa...”.





Nos carnavais, o curso na Avenida Duque de Caxias e, depois na Dom Manuel, espalhava a irreverência da cultura do Ceará Moleque, com mela-mela e liberdade. Nos desfiles, o ritmo dolente dos maracatus balançava entre o passado e o futuro, destacando-se entre as apresentações das escolas, blocos e cordões.

As Festas Juninas aconteciam em diversos bairros, por forte influência religiosa e espírito comunitário. Destaque para os festejos de São João e Santo Antônio, com fogueiras nas calçadas, fogos de artifício e, como ponto alto, as animadas quadrilhas.

Nos anos 1970, a verticalização e a especulação imobiliária chegaram à Aldeota. Aí, vi o bairro se transformar, com saudade, mas também com esperança de que a modernidade não apagasse sua essência. Naqueles tempos, a cidade fervilhava com a Gincana da TV Verdes Mares, brincadeira televisiva realizada pelo Canal 10.

E o Tobogã instalado ao lado do Clube dos Diários? A moçada pagava, pegava a fila, subia a escada, sentava-se no saco encerado e descia ligeiro pelas ondas metálicas.

Nas noites de domingo, jovens viviam um ritual coletivo. A missa na Paróquia da Paz era ponto de partida para desfiles de afetos e encontros – do lado de fora, claro. A Rua Visconde de Mauá virava paqueródromo, com os muros baixos servindo de arquibancada para o vaivém dos passantes. Era uma quermesse urbana. Dali seguia-se o roteiro clássico: cinemas como São Luiz, Diogo, Fortaleza, Art, Old Metrópole, Ventura, Gazeta e, para fechar, as lanchonetes da moda, como Bembom e Top’s.

Na Avenida Beira Mar, no trailer do Gaúcho, os notívagos matavam sua fome. Clássicos do cardápio: o “meat com”, o “meat sem” e o famoso “passaporte de galinha”. Tudo regado a um molho especial, cuja receita era guardada a sete chaves.

Naquele tempo, eu gostava da praia do “Oi da Pedra”, berço do surf cearense, defronte do Náutico. Lá, as meninas desfilavam maiôs, engana-mamães, biquínis – até os de crochê. Aos poucos, os trajes foram encolhendo: veio a tanga, depois a asa-delta, mãe do fio-dental. Duas moças – uma loura, outra morena – encantavam pela beleza e graça, provocando suspiros, invejas e fantasias. Ao lado das cocotas, ficaram na memória de uma geração fascinada por uma sensualidade ainda inocente.

Em 1974, foi inaugurado o Center Um, primeiro shopping center de Fortaleza. Em 1978, com o prolongamento da Avenida Santos Dumont, a Praia do Futuro se consolidou como um dos principais pontos de lazer da cidade, atraindo moradores e turistas com suas águas convidativas, barracas e atividades ao ar livre.

Nas décadas seguintes, Fortaleza se alargou. Ruas asfaltadas, avenidas abertas, edifícios se multiplicaram, e os bairros se entrelaçaram no tecido urbano. A cidade se adensou, expandiu e se diversificou. Aos poucos, a Beira Mar se emparedou, e as mesinhas desapareceram, cedendo lugar a calçadas.

Nos anos 1980, a redemocratização despertou um fervor cultural. Artistas de várias linguagens surgiram, e espaços como o Anísio, o Estoril e o Cais Bar se firmaram como polos de sonho e criação em tempos de transformação. Nessa década, um pequeno terremoto sacudiu Fortaleza e mais cinco municípios do Ceará.

Exatamente em 1980, um acontecimento histórico marcou Fortaleza: a visita do Papa João Paulo II, durante o 10º Congresso Eucarístico Nacional. Em 1982, vi a cidade se fechar no cinza do tempo, tomada pela tristeza da perda de tantos filhos no acidente da Vasp. Em luto, Fortaleza se nublou e choveram lágrimas.

Formado em Arquitetura e Urbanismo pela UFC em 1983, desde então passei a ler a cidade com olhar atento e comprometido, guiado também pela minha arte.

A requalificação da Praia de Iracema – xodó dos fortalezenses – trouxe de volta o convívio nas calçadas, a arte e a alegria de um povo que resiste no tablado da vida.

A partir dos anos 1990, Fortaleza ganhou visibilidade nacional, com crescimento do turismo, novos shoppings, centros

comerciais, equipamentos culturais, grandes eventos, espetáculos artísticos e voos internacionais. Mas também aumentaram as desigualdades e os desafios de uma metrópole em busca de se achar no século XXI.

Assim como a insonhável visita do Papa em 1980, Fortaleza recebeu seis jogos da Copa do Mundo de 2014, mostrando ao mundo seu jeito constante de se reinventar.

Com a expansão imobiliária e da malha viária, a cidade mudou: surgiram arranha-céus, viadutos, corredores de ônibus e VLTs. O ritmo acelerou. Mas, a Fortaleza que mora em mim – feita de afetos, vizinhanças e histórias – continua viva.

Se me perguntarem qual é o meu desejo para Fortaleza nos próximos anos, direi: que continue sendo terra de encontros e celebrações – e que, juntos, construamos uma cidade mais justa, humana e poética. Será essa a Fortaleza do metaverso?

Fortaleza é onde afino meu olhar e reencontro minha essência. Celebrar seus 300 anos é honrar sua história e desenhar, com palavras, um retrato da sua alma em constante transformação.

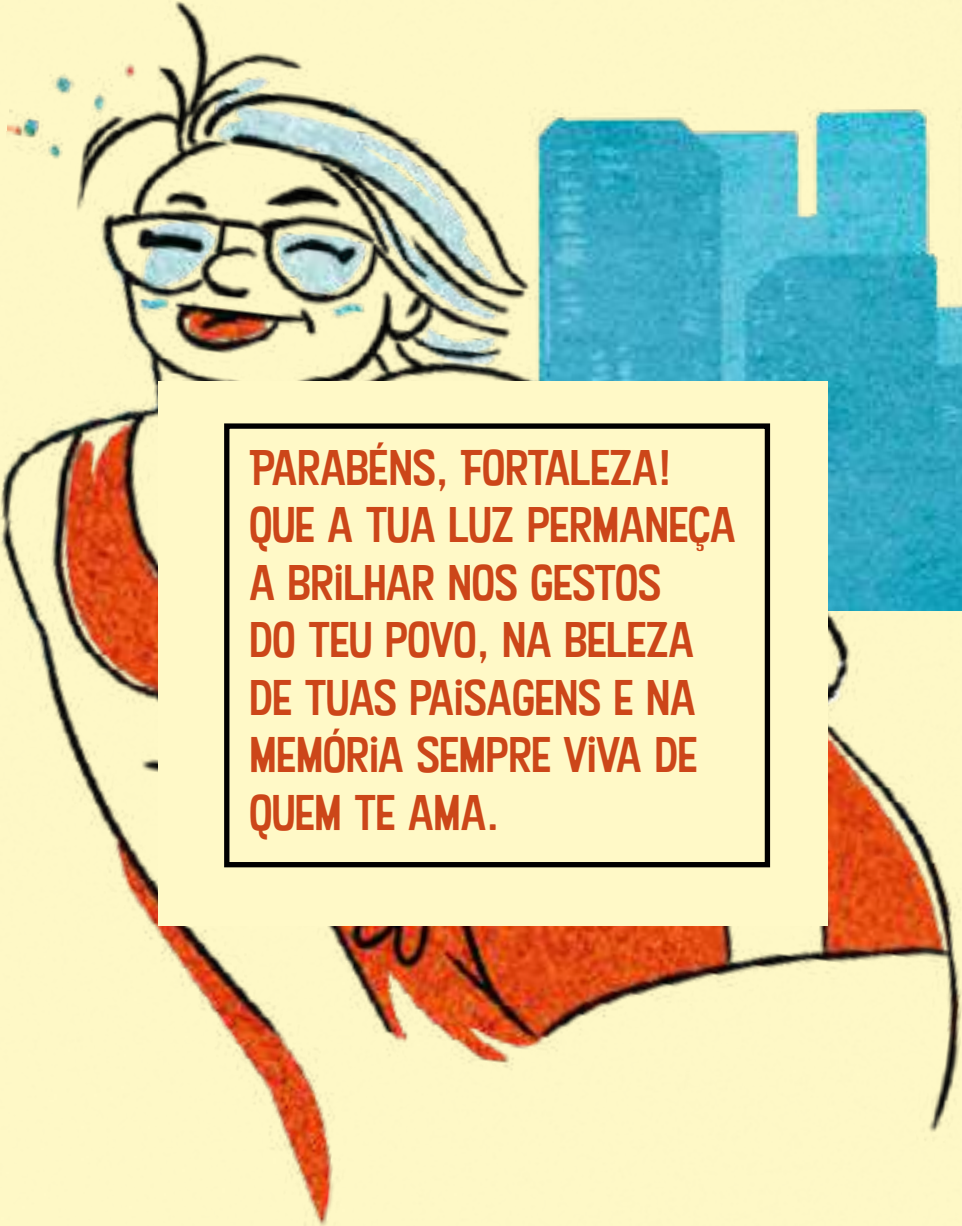
Em seu tricentenário, Fortaleza se mostra uma senhora cidade, cheia de contrastes e possibilidades. Sua força está em acolher o novo sem esquecer o passado. Contar tudo o que vivi aqui desafia a memória – tantas coisas boas ficaram por dizer! Por isso, ser fortalezense me enche de alegria e orgulho, pela criatividade

de sua gente, leveza, bom humor e coragem de levar a vida com juízo e compromisso de ser feliz.

Enfim, ser fortalezense é uma condição afetiva e um estado de espírito. Logo, digo:

FORTALEZA, AMANTE

As ruas descalças contam mil histórias
da menina, mulher, dourada de sonhos.
Da pureza da calma de um grande amor
à natureza da alma de um pescador.
Traçadas as praias pela beira do mar,
em desenho pintado pelo verde das águas,
são beijos de língua com gosto de sal,
pecados, vontades, razões de viver.
Sopra a brisa com cheiro do amar,
embalando os corpos a navegar.
Tem fochos de sol o calor dos desejos
dos namorados banhados de luar.
O brilho no olhar da luz das estrelas
é clarão de farol que guia a certeza
e norteia a beleza da delicadeza,
para amante ser minha - a Fortaleza!



**PARABÉNS, FORTALEZA!
QUE A TUA LUZ PERMANEÇA
A BRILHAR NOS GESTOS
DO TEU POVO, NA BELEZA
DE TUAS PAISAGENS E NA
MEMÓRIA SEMPRE VIVA DE
QUEM TE AMA.**

SOBRE O AUTOR



FRANCISCO ANTÔNIO LAPROVITERA TEIXEIRA (TOTONHO LAPROVÍTERA)

nasceu em Fortaleza. É arquiteto, urbanista e artista múltiplo, desenvolvendo trabalho em pintura, desenhos, esculturas e criação de joias a partir de uma linguagem intuitiva que busca combinar heranças italiana e brasileira. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará com mais de cinco décadas de atuação na área, sempre focando seu trabalho como meio de realizar, ao mesmo tempo, sonhos e promoção de qualidade de vida. O autor é reconhecido em diversas áreas culturais, é autor de livros, escreve e publica frequentemente crônicas em jornais e revistas. Atua também na música, teatro, cinema e televisão. Totonho Laprovítera é membro da Academia Cearense de Artes e da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo com valiosa contribuição para a cultura cearense.



ESCANEE O QR-CODE

A FORTALEZA QUE MORA EM MIM

*Francisco Antônio Laprovitera Teixeira
(Totonho Laprovítera)*



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





A stylized illustration of a sunset over the ocean. The sky is a mix of orange and light blue. A large orange sun is setting behind a body of water. In the foreground, there is a tall, grey clock tower with a clock face at the top. To the right of the tower, there are palm trees and other tropical foliage. The overall style is graphic and modern.

Sol posto na Fortaleza dos anos 1970

Francisco Ari de Andrade



o evocar o aforismo de Santo Agostinho, mergulho no palácio das minhas memórias para trazer à luz algumas imagens de experiências vividas e testemunhadas nesta cidade que me viu crescer junto com ela, ao longo das últimas seis décadas.

Fortaleza, tão cantada e decantada por seus poetas e cronistas como uma mulher loira que o sol sequestrou para si, banhando-a com seus raios dourados durante todo o ano, recebe aqui esta homenagem em múltiplos olhares.

Dos anos 1960 para cá, Fortaleza foi, aceleradamente, rompendo seu comportamento provinciano de pequena cidade pacata, onde as últimas portas se fechavam quando as famílias, após longas conversas nas calçadas, recolhiam-se ao soar da derradeira badalada do sino da Sé Catedral, já embaladas pelo sopro do progresso.

A cidade cresceu. Tornou-se metrópole. Verticalizou-se e expandiu-se para os lados leste, sul e oeste, pois, ao norte, o mar verde de esmeralda a corteja com suas vagas, lançando espumas brancas que beijam suas praias durante todo o ano. Hoje, quase não dorme. À semelhança de outras grandes cidades, mantém serviços ativos vinte e quatro horas: destacam-se os shopping centers, supermercados, farmácias, restaurantes e similares, redes de fast food, hotéis e casas de entretenimento.

Atualmente, a capital se apresenta como se fossem várias cidades em uma só, dividida pelo poder público em secretarias regionais compostas por um conjunto de bairros, cada qual com suas peculiaridades e contradições, características de uma cidade que cresceu sem se preparar, por meio de políticas públicas de inclusão, para a chegada do futuro. Seus habitantes convivem com problemas que vão da mobilidade urbana ao saneamento básico; de áreas bem urbanizadas a outras ainda carentes da infraestrutura essencial para condições habitacionais dignas.



Feito esse preâmbulo, trago à baila minhas memórias da Fortaleza dos anos 1970. Naqueles idos, quase tudo se resolvia no Centro da cidade: do simples pagamento de uma conta de luz à compra de um eletrodoméstico, era preciso deslocar-se até lá, sempre pelo transporte coletivo que ligava os bairros ao coração urbano. Táxi era artigo de luxo. A maioria da população se valia mesmo dos ônibus que circulavam pelas ruas, conduzindo gente e histórias. Motoristas e cobradores eram figuras conhecidas, alguns mais simpáticos, outros nem tanto.

Além dos postos de trabalho, públicos ou privados, fosse na rede comercial e bancária ou nas repartições estatais, a massa trabalhadora do setor de serviços se concentrava no perímetro central da cidade. Ali também se atendiam as demandas corriqueiras de uma população urbana, graças aos diversos equipamentos que compunham a rede de serviços locais. Já as indústrias, em sua maioria têxteis, de beneficiamento da castanha de caju e da oiticica, de produção de óleo e sabão, localizavam-se mais afastadas, sobretudo no corredor da avenida Francisco Sá, em direção ao oeste.

Naquele tempo, quase tudo ainda se resolvia no Centro da cidade. O bairro da Aldeota, por exemplo, não possuía o estatuto comercial que ganharia décadas mais tarde, com a expansão da avenida Santos Dumont em direção ao leste. A inauguração do Center Um, primeiro shopping da capital, foi o prenúncio da transformação que faria daquela área um polo comercial de peso.



A secular Praça do Ferreira era o epicentro do frenesi comercial e, ao mesmo tempo, um espaço social e simbólico de convivência entre seus frequentadores. Conectava-se à Praça José de Alencar, principal terminal de ônibus da cidade, de onde se irradiava um intenso fluxo de transeuntes. Esse movimento se distribuía no eixo leste-oeste pelas ruas Liberato Barroso e Guilherme Rocha, reservadas ao trânsito de pedestres, e no eixo praia-sertão, norte-sul, pelas tradicionais vias Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio e 24 de Maio, cujo tráfego de veículos era disciplinado entre as mãos que

subiam e desciam. Cotidianamente, pulsava ali uma multidão apressada: uns seguiam em direção à Praça do Ferreira, outros desciam rumo aos pontos de ônibus da Praça José de Alencar.

Podiam-se contar nos dedos os edifícios do Centro da cidade. Neles funcionavam alguns departamentos de secretarias do serviço público, escritórios de contabilidade, advocacia e representação comercial, além de consultórios médicos, clínicas odontológicas e outras atividades de serviços e comércios.

Entre os mais conhecidos, destacavam-se: o São Luiz, lado oeste da Praça do Ferreira, onde funcionava o luxuoso cinema de mesmo nome; o Sulamérica, no lado norte da Praça do Ferreira; o Triunfo, na rua Liberato Barroso; o Jalcy, na rua Guilherme Rocha com Barão do Rio Branco; o Lóbrás, na rua Barão do Rio Branco, entre Liberato Barroso e Guilherme Rocha; o Diogo, também na rua Barão do Rio Branco, que abrigava o cinema homônimo; o General Tibúrcio, no final da rua São Paulo com rua Conde D'Eu; o Jangada, sede da Previdência Social, na rua Major Facundo esquina com Senador Alencar; o Lopes, na rua Floriano Peixoto, entre as ruas Senador Alencar e Castro e Silva; o dos Correios e Telégrafos, na rua Floriano Peixoto; o CRolim e o Palácio Progresso, ambos na rua Pedro Borges esquina com Sena Madureira; o da Associação Cearense de Imprensa - ACI, conhecido como Casa do Jornalista, na rua Floriano Peixoto, quase esquina com Liberato Barroso; o Butano, na rua Major Facundo, no quarteirão entre as ruas Pedro Pereira e D. Pedro I; o Santa Lúcia, na rua Pedro Pereira com Barão do Rio Branco; os edifícios popularmente conhecidos como IAPC

(rua Pedro Pereira com Barão do Rio Branco, lado direito) e IAPB (lado norte da Praça José de Alencar), ambos pertencentes ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS); o do Banco do Brasil, na avenida Duque de Caxias com rua Barão do Rio Branco; o da Secretaria de Segurança Pública, na Praça dos Voluntários da Pátria; o Alvorada, na rua Perboyre Silva; e o Pajeú, na rua Sena Madureira com rua Pero Coelho, nas proximidades do Parque da Criança, além de outros de menor porte arquitetônico.

O setor hoteleiro também se concentrava no Centro. Naquele tempo, a especulação imobiliária na orla leste ainda engatinhava. Assim, era no quadrilátero central que a rede hoteleira atendia desde visitantes ligados ao turismo, então incipiente, até comerciantes, companhias de teatro e artistas que vinham para espetáculos e shows.

De frente para a Praça do Ferreira, ou em seu entorno, localizava-se o Hotel Savannah (na Travessa Pará). De quatro estrelas, era considerado o mais elegante da cidade. Os demais hotéis eram classificados com três estrelas, distribuídos geograficamente assim: no final da rua Guilherme Rocha, esquina com Major Facundo, erguia-se o Excelsior Hotel, instalado no maior edifício de alvenaria do mundo à época; na rua Barão do Rio Branco com rua São Paulo ficava o Premier Hotel, de propriedade de uma família sírio-libanesa; na rua Castro e Silva, entre Major Facundo e Floriano Peixoto, funcionava o Hotel San Pedro. Já na Praça José de Alencar, na esquina da rua 24 de Maio com Liberato Barroso, encontrava-se o Lord Hotel, de menor porte, classificado com duas estrelas.

A Praça José de Alencar, por sua vez, era um palco da vida cotidiana, um verdadeiro microcosmo cultural. Para ali convergiam os transportes públicos que integravam o Centro da cidade com os bairros das zonas oeste e sul. Por ali circulavam pessoas de todos os matizes sociais, trazendo consigo os sotaques, os gestos e as rotinas da Fortaleza dos anos 1970.

A paisagem sentimental daquele logradouro traz às minhas lembranças um emaranhado de sons e cheiros: os gritos e algazarras de vozes vindas de todas as direções, misturados às buzinas e ao odor da fumaça do óleo diesel queimado, refletidos no multicolorido das latarias dos ônibus a circular pela praça em direção ao seu ponto de embarque.

Debaixo das frondosas árvores de benjamins, os velhos engraxates, em suas cadeiras de ferro, lustravam sapatos enquanto se misturavam aos vendedores ambulantes que ofereciam, nos pontos de ônibus, um cardápio variado de guloseimas a preços acessíveis: do picolé, que derretia no calor, ao bolinho; da broa de goma de mandioca e da pipoca aos bombons (afinal, o cearense não “chupa bala”, mas “bombom”); sem esquecer a venda miúda de cigarros em unidades.

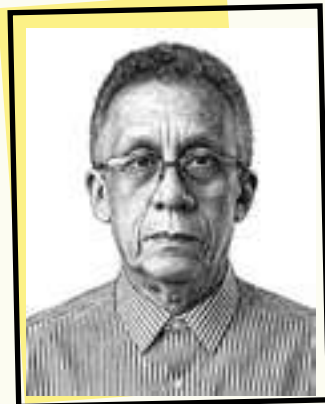
Do porão da cidade, emergiam figuras marcadas pela exclusão: pedintes, cegos, velhos doentes e paraplégicos que disputavam entre si a miséria de uma moeda lançada por alguma alma caridosa. Entre as preocupações de quem circulava pelo Centro, estava o medo dos “batedores de carteira”, sobretudo na confusão da

subida ou descida dos ônibus. Outra inquietação vinha dos bandos de crianças abandonadas, entregues ao vício da cola de sapateiro e a pequenos furtos, apelidadas de “mirins” pela troça popular.

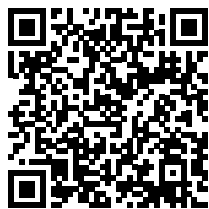
Com o Sol posto, o Centro de Fortaleza ia se recolhendo lentamente. As ruas, antes pulsantes, começavam a se esvaizar. O dia se despedia, mas a cidade ainda respirava os últimos ecos de sua rotina.

Antes desse silêncio, porém, havia a hora do desafio. Por volta das 18 horas, quando o expediente se encerrava e o comércio baixava suas portas, surgia a prova de resistência na disputa por um lugar sentado no ônibus. A lotação era certa. Filas eram esquecidas e a multidão se acotovelava na lei do mais forte. O empurra-empurra se somava às discussões com o trocador, ao giro incessante da roleta e ao tilintar das moedas na gaveta. Quando o troco não batia com a conferência do passageiro, a fila engasgava. O calor e a pressa de voltar para casa após um dia de trabalho misturavam-se aos gritos da multidão. Era também o momento da molecagem, com a famosa vaia cearense, no instante coletivo em que ecoava o célebre grito: “Queima, raparigal!”.

SOBRE O AUTOR



FRANCISCO ARI DE ANDRADE nasceu em Fortaleza, é professor e escritor. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, mestre e doutor em Educação com concentração em História e Memória da Educação pela Universidade Federal do Ceará. Tem pós-doutorado em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), pós-doutorado em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, o autor é professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Ceará, pesquisador e líder do grupo de pesquisa em História da Educação no Ceará (GEPHEC), certificado pelo CNPq. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Linha História e Memória da Educação da Universidade Federal do Ceará. Ari de Andrade tem inúmeros trabalhos publicados individualmente e em coletâneas, além de vários artigos científicos em obras e meios especializados.



ESCANEE O QR-CODE

SOL POSTO NA FORTALEZA DOS ANOS 1970

Francisco Ari de Andrade



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Soares e Beck O encontro

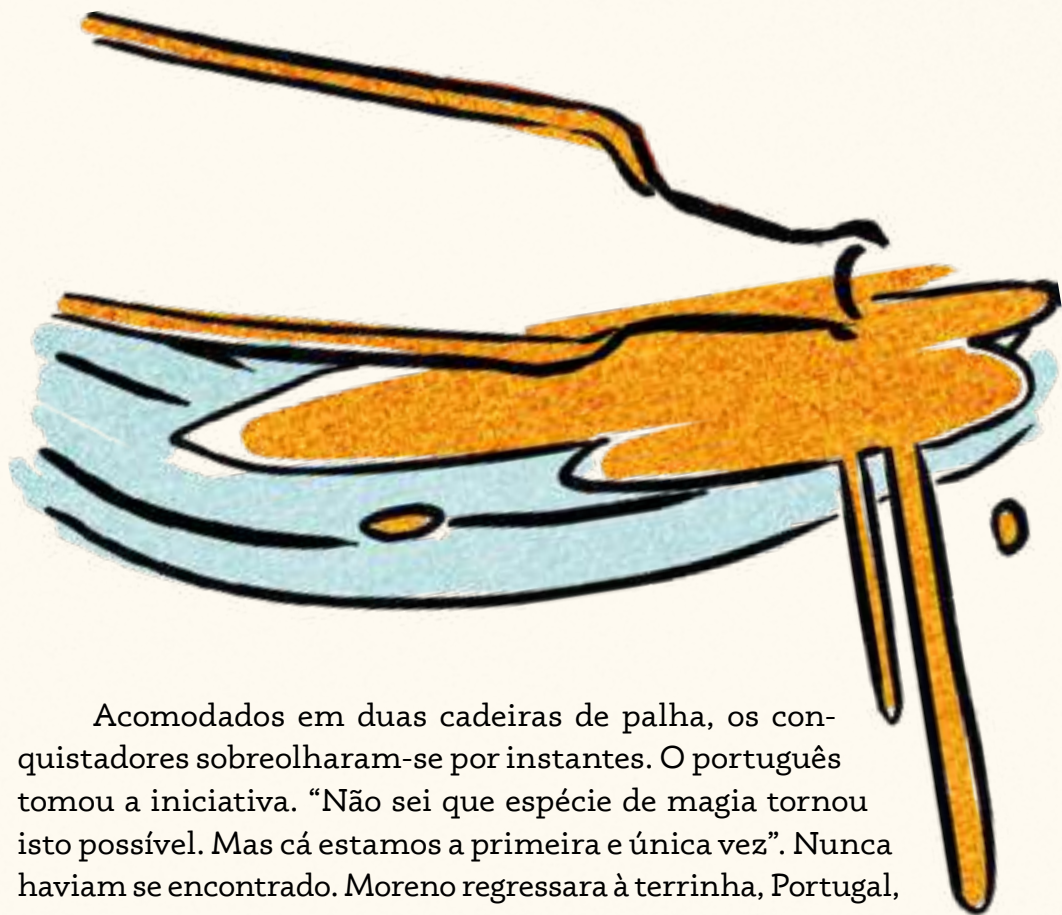
Gledson Ribeiro de Oliveira



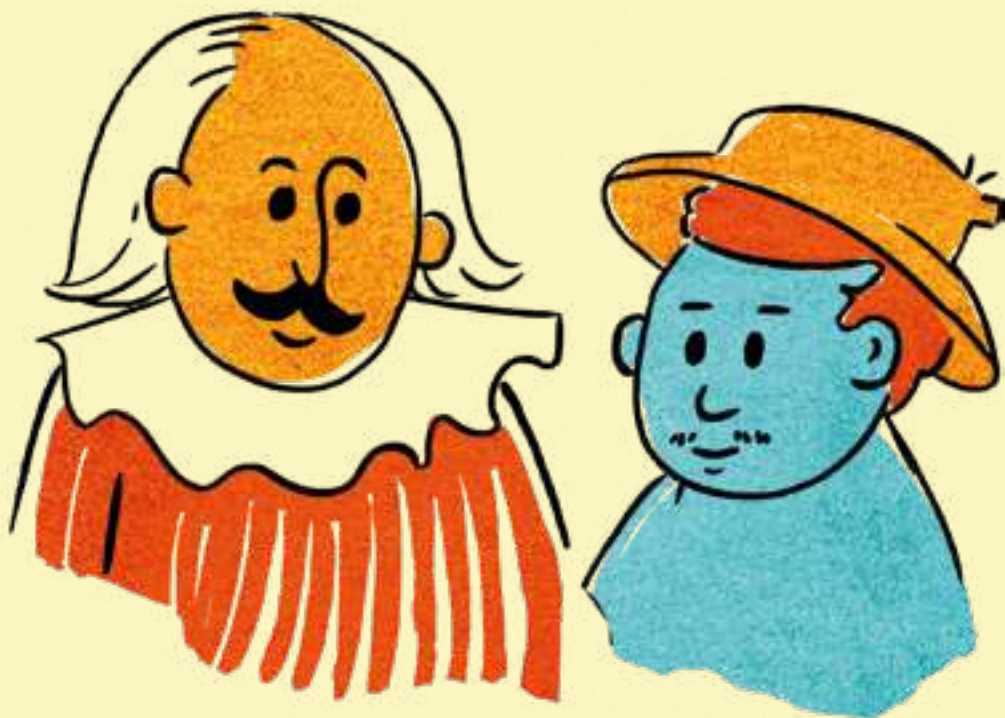
esmo as nuvens armando chuva, no dia e hora marcados, chegaram-se os primeiros curiosos. Vindo aos montes do Centro, reuniram-se ao redor da tenda montada especialmente para a porfia. O disse-me-disse da semana carreara toda espécie de magote à Praia Formosa, meio do caminho entre a enseada do Mucuripe e a Barra do Ceará. Bem próximo ao Curral das Éguas¹ se resolveria o impasse histórico do nascimento da cidade de Fortaleza. Na audiência, sem se envolverem, viam-se memorialistas, historiadores e políticos a espiar o movimento.

Gritos na multidão. “Lá vem eles!”. Da costa oeste, enxergava-se o estandarte esquartelado com quatro torres do séquito morenista. Martins Soares Moreno figurava entre rostos e lanças. De bigode e cavanhaque, trazia na mão não mutilada o arcabuz. Vestia-se a caráter. Chapéu de abas largas, gibão apertado na cintura, calção até abaixo do joelho e coberto por botas. O Capitão-Mor aproximava-se da tenda com seis soldados e um padre nauseabundo. Da costa leste, despontavam os beckistas. Matias à frente, exibindo bigode, barbicha e a característica gola de renda. Do porto de Recife, Matias Beck embarcara 298 pessoas, aí incluídos 68 indígenas dos quais conquistara confiança, mais dez escravizados; prática de abominável memória.

1 Nos anos 1920, a ladeira da rua Gal. Sampaio ficava no viaduto que dá acesso à Avenida Leste-Oeste, era caminho para o Curral das Éguas, na Praia Formosa, onde funciona hoje o hotel com marina.



Acomodados em duas cadeiras de palha, os conquistadores sobreolharam-se por instantes. O português tomou a iniciativa. “Não sei que espécie de magia tornou isto possível. Mas cá estamos a primeira e única vez”. Nunca haviam se encontrado. Moreno regressara à terrinha, Portugal, um ano antes de Beck atracar na enseada do Mucuripe. “Vossa mercê traz consigo muitos flibusteiros e sectários”. Bebericando o copo com vinho do Porto, o holandês, muito repousado, sorriu, perguntando-lhe pelo moderador da testilha. “Notórios cidadãos propuseram-se a mediar esta conversa. Todavia a condução será nossa, com o povo por testemunha. Diga-me, vossa mercê acha necessária esta prosa?”. Apontou na direção poente. “Não é por óbvio que obtive sucesso onde meu compadre Pero Coelho e seu povoado Nova Lisboa fracassaram? Que construí nova fortificação em 1611 que assentou a Vila Velha na origem de Fortaleza?”.



Por pouco Beck não se entalou com o bolinho de bacalhau. “Aqueles fortins batizados São Tiago e São Sebastião? De fato, proezas só possíveis pelo socorro dos índios de Jacaúna. Mas não reconheço as empreitadas”. Moreno fitou-o. “Teu conterrâneo, o pirata Janis Garstman, tomou nosso forte e lá ficou até ser morto pelos nativos que explorava nas salinas. Tu preferiste a duna do Pajeú, por qual razão? Levaste as cinco artilharias e até as telhas do forte da Barra para lá”.

Vagos pingos de chuva caíam enquanto Beck urdia seu enredo. Tinha certeza de que o melhor lugar para a fortificação era o Morro das Palmeiras, à esquerda do Riacho Pajeú, cujos nomes em tupi eram Marajaitiba e Marajaik. “Escuta-me. Como tu sabes, aportei em abril de 1649 na *Baijvan Mucuriba...*”. De imediato um pescador

protestou, exigindo-lhe que falasse na língua de gente. “Pois bem, da *Baía do Mucuripe* seguimos em direção oeste e, chegando à Barra do Ceará, não me agradei”. A água do mar salinizava a água da foz e seria estultice pousar naquele sítio, tendo o belo rio de água doce perto do Marajaitiba. O calado do Rio Ceará também dificultava a navegação. “Se já não me bastasse estar aqui ao invés de no Recife, a Veneza tropical, ainda ficaria preso, enalhado nos bancos de areia”.

De pé, Soares Moreno acusou-lhe: “És calvinista, amigo da prata e do ouro! Estás a serviço da Companhia das Índias Ocidentais. Por isso, foste à Taquara, em Maranguape, no rastro da mina de prata que descobri”. Um sonoro “Ieeeeei” se fez ouvir da multidão, seguido de burburinhos e chacotas ao neerlandês. Ele inclinou a cabeça para baixo e falou com boca miúda para não ser ouvido. “Que maçada! De novo, essa história de católicos e protestantes”. Olhando de soslaio a multidão, levantou a voz. “Não se agitem. O roto fala do rasgado. Nem Adão nem Eva deixaram testamento ao Papa, muito menos aos salteadores portugueses. Decerto, cultuamos o mesmo Deus do céu e do dinheiro, não é mesmo? Vossa mercê, a Javé e ao real; eu, a Javé e ao florim”². Vaias amiúdes. Novamente, o pescador interveio pedindo silêncio para ouvir a conclusão. “Ouçam-me. Da barra não se via os barcos chegando à enseada do Mucuripe. Estaríamos sujeitos a ataques. Por isso, o forte Schoonenborch no riacho Pajeú”.

2 Moedas do século XVII em Portugal (real, plural, réis) e nos Países Baixos (florim).



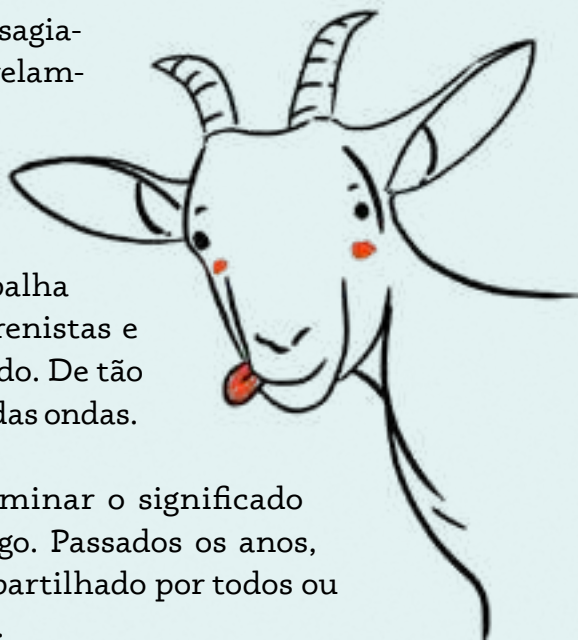
“Tomastes sol nos miolos?”, gracejou o açoriano, anediando a barba desgrenhada. “Chamaste forte um curral paliçado? E que sobrenome medonho. Expulsamos-vos em 1654 e, quatro anos depois, rebatizamo-no Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção”. Beck sobressaltou-se na cadeira. “Perdemos a batalha, mas ganhamos na origem da cidade. O povoado que germinou ao redor do Schoonenborch se tornou Vila de Fortaleza em 1726 por ordem de Sua Majestade! Vila Velha não logrou êxito, por isso ficaram em nossa fortaleza!”.

O sangue fervia em Moreno. “Pirata! Nunca tivestes intenção de fundar uma cidade! Inexistiu qualquer vestígio do forte pentagonal sob os alicerces da Fortaleza de N. S. da Assunção. É a Barra do Ceará o local do primeiro forte, da primeira igreja, a Nossa Senhora do Amparo, da primeira Casa de Câmara, das primitivas moradas de palha. Lá confraternizamos a primeira vez com os nativos!”. Ambos romperam em personalidades. Taças voavam de

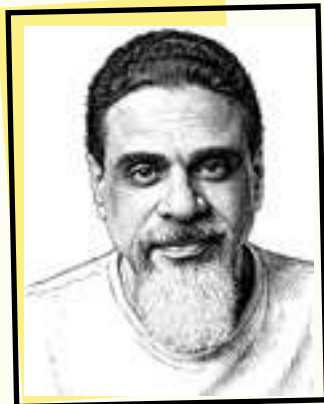
um lado a outro, enquanto a multidão os intrigava com a habitual molecagem. Entrementes, o ilustre bode Ioiô, que chegara atrasado a contenda, mamava a garrafa de vinho caída da mesa.

Desde cedo, as nuvens pressagiavam o toró. Desabou aguaceiro e relampejou como não se via há muito tempo. De tão assustadora, a trovoada fez todos se curvarem aos gritos. Recompondo-se, viram as duas cadeiras de palha ociosas. Os acompanhantes morenistas e beckistas também haviam sumido. De tão hostil, o silêncio calou o rebrantar das ondas.

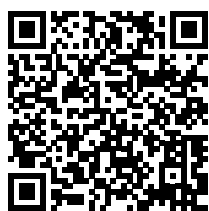
O pescador continua a ruminar o significado daquela manhãzinha de domingo. Passados os anos, ainda não sabe se foi um sonho partilhado por todos ou se esteve lá, no mágico encontro.



SOBRE O AUTOR



GLEDSON RIBEIRO DE OLIVEIRA nasceu em Fortaleza. É professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Pesquisador associado da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). É mestre em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e pós-doutor pela Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). O autor foi o primeiro coordenador do curso de Licenciatura em Sociologia da Unilab, é membro do grupo de pesquisa Filosofia e Linguagens Artísticas Modernas e Contemporâneas. Atualmente, desenvolve pesquisas em Religião e Sociedade, Religião e Política, Artes visuais (fotografia, quadrinhos e cinema de animação). Tem diversos trabalhos publicados, frutos de suas pesquisas e de outras áreas em que atua.



ESCANEE O QR-CODE

SOARES E BECK O ENCONTRO

Gledson Ribeiro de Oliveira



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







De tantas andanças, uma saudade imensa

Jairo Bonfim Ribeiro

CINE



s anos 1980 e 1990, em Fortaleza, posso dizer que foi a era de ouro dos cursinhos de pré-vestibular. Eram tantos e de diversas qualidades que chegava a ter um de frente ao outro. Naquela época, existiam mais cursinhos pré-vestibulares do que hotéis ou casas de entretenimento adulto. Só perdia para o número de motéis na Barra do Ceará.

Aliás, os nomes dos motéis da Barra do Ceará variavam do exótico ao convidativo: Ka Samba, Remanso, Vamu's, Cê que Sabe.

Sobre o Ka Samba, cabe um registro à parte. Nos anos 1980, o Rio Ceará teve uma ressaca jamais vista na História de Fortaleza, a água subiu além do calçadão da Av. Radialista José Lima Verde e chegou até o outro lado. Resultado, o térreo do Ka Samba foi literalmente inundado. Nesse fatídico dia, teve um casal que se encontrava no interior do motel, mas só se deu conta do tsunami, quando percebeu a presença inusitada de um siri que havia subido na cama. Quando coincidia de um casal ser flagrado adentrando no motel, no mesmo momento em que a turma da praia passava, o grito da negada era uníssono:

– Encalca, Catinha! Era uma alusão ao bordão futebolístico do radialista Gomes Farias.

Do Remanso, um episódio inusitado narrado por um dos meus colegas da época merece também um registro nesta crônica.

Este levou uma garota para o dito restô/motel, muito mais pelo preço do que pelas acomodações. Inicialmente, levou-a para fazer uma média ao fundo do estabelecimento do prazer onde havia uma sacada alta que dava para o Rio Ceará. Para dar uma de estribado, pediu logo um pargo frito, com batata frita e uma cerveja. Colocou uma ficha na máquina de música, escolhendo o vinil “Muito Estranho” do Dalton: “Hum... Deixa essa água no corpo / lembrar nosso banho...” E logo tirou a musa para dançar essa música lenta. Ao terminar a canção e o mata na cocota, o casal voltou a sentar-se à mesa para degustar o pargo, mas, para espanto de ambos, o pescado, como num passe de mágica, havia sumido da travessa. Eis que ainda viram um gato correndo com o peixe na boca, descendo rumo ao mangue.

A Barra do Ceará nos anos 1980, mais precisamente o Polo de Lazer da Barra, era um misto de lazer, prazer, comer e beber. A sensualidade à flor da pele era a tônica da época. As mulheres transitavam nas garupas das motos vestidas com micro

tangas. As barracas, as mais variadas possíveis, ofereciam bebidas; o tradicional baião de dois com peixe; o “burrin”, que era cachaça Ypióca ou Sapupara servida dentro de um casco vazio de refrigerante com a higienização bastante duvidosa, acompanhado de limão e refrigerante sabor limão. Mas, em especial, havia uma degustação que ninguém escapava



de comer: as piabas assadas e enfileiradas no palito da palha de coqueiro, acompanhadas do baião, farofa e tomate em prato descartável de papelão, ofertadas pelos ambulantes.

— Diabeisso, macho, o baião é de ontem, e a piaba é de ternontonte!

— Bora!! Fica aí butando boneco, viçando, baitola, fulerage.

— Fela da gaita, e tu pega é com essa mão cheia de ceroto.

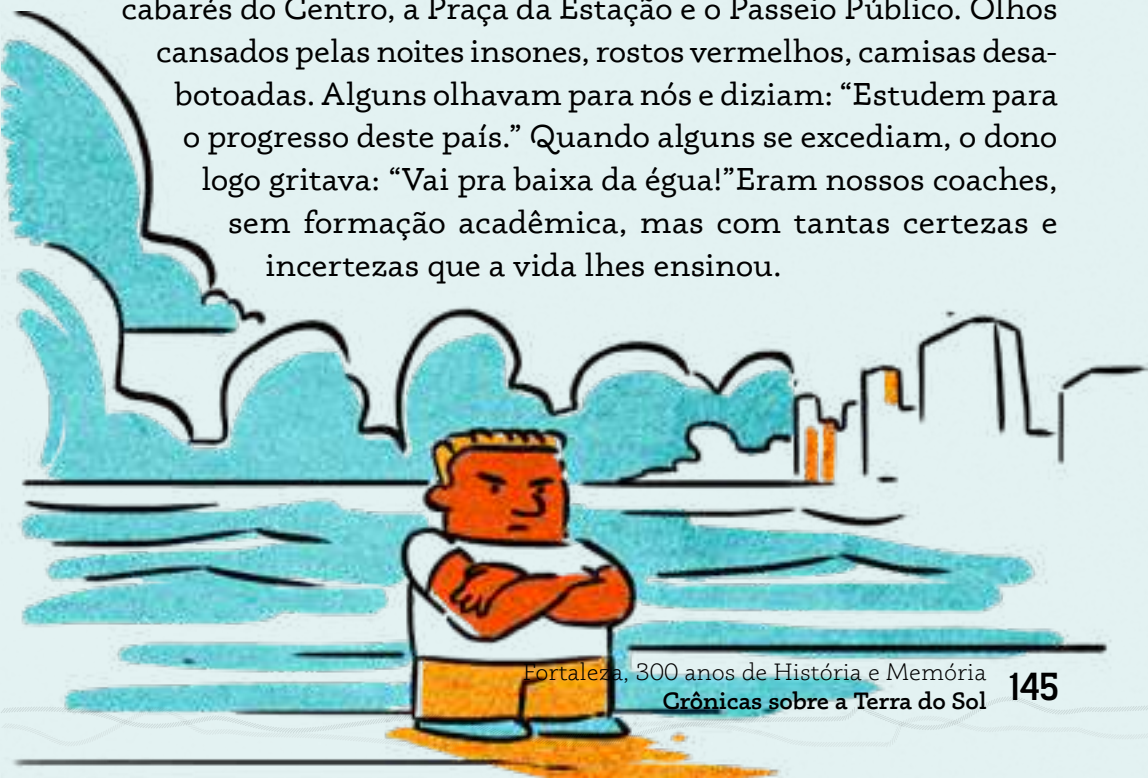
— É pra dá o gosto. Bora logo! Se não quer, tem quem quer!

Ao fim da tarde, após o teor alcoólico ir às alturas, a pedida era o Forró do Povo. Corpos seminus se entregavam ao frenesi da música do Pim, da Eliane, do Beto Barbosa e de outros forrós da época.

Quando estávamos cansados do banho de mar da Barra do Ceará, aventurávamo-nos a ir à piscina do Clube de Regatas. Todo fim de ano, havia as tradicionais festas das escolas nesse clube, cujos ingressos eram disputados a tapa, além do paletó obrigatório para a entrada que um ia passando para o outro pelo muro.

Tudo se foi pelo tempo, mas o pôr do sol da Barra continua o mais belo de Fortaleza.

Cabe aqui, nesta crônica, um registro em relação aos cursinhos dos anos 1980 de Fortaleza, eu e alguns abnegados colegas já fizemos a proeza de assistir a aulas de oito da manhã até as dez da noite em dez cursinhos diferentes. Começávamos pelo Rui Barbosa, depois JK, Tony, passando pelo Farias Brito, Gregório Mendel, SP Universitário, Equipe, Sistema, Skema, e terminávamos no Colégio Capital na Heráclito Graça. Tudo isso a pé, ou melhor, correndo de um para o outro. Mas, antes dessa peregrinação, o ponto de encontro era às sete da manhã na Pastelaria Tupã na Praça da Estação, entre Castro e Silva e General Sampaio. Chegávamos para degustar o tradicional pastel de queijo ou carne moída com caldo de cana, às vezes acompanhado de abelha. Lá encontrávamos boêmios, contadores de história, mas a grande maioria eram os papudins, que viravam a noite por ali, entre os cabarés do Centro, a Praça da Estação e o Passeio Público. Olhos cansados pelas noites insones, rostos vermelhos, camisas desabotoadas. Alguns olhavam para nós e diziam: “Estudem para o progresso deste país.” Quando alguns se excediam, o dono logo gritava: “Vai pra baixa da égua!” Eram nossos coaches, sem formação acadêmica, mas com tantas certezas e incertezas que a vida lhes ensinou.



Cada colega de cursinho tinha uma característica marcante. Um era o cientista; outro, o socialista (este nos contava que virava a noite pichando os muros de Fortaleza); havia um cuja obstinação pelos bizus das aulas de Biologia do Prof. Hamilton Júnior era quase doentia. Sempre nos lembrava: “o álcool age sobre o cerebelo, que é o órgão responsável pelo equilíbrio do corpo”. Mas era o mais biriteiro dentre nós. Tinha também um colega, cujo apelido era Pornôzin, que sabia onde estavam passando os melhores filmes do gênero, as atrizes do momento, conhecia os porteiros e os lanterninhas dos cines especializados. Certo dia, ele nos disse que, mesmo a gente sendo “de menor”, ia nos colocar para dentro do Cine Art, entre Barão do Rio Branco e Antônio Pompeu, para assistir ao filme Luz Del Fuego, estrelado por Lucélia Santos.

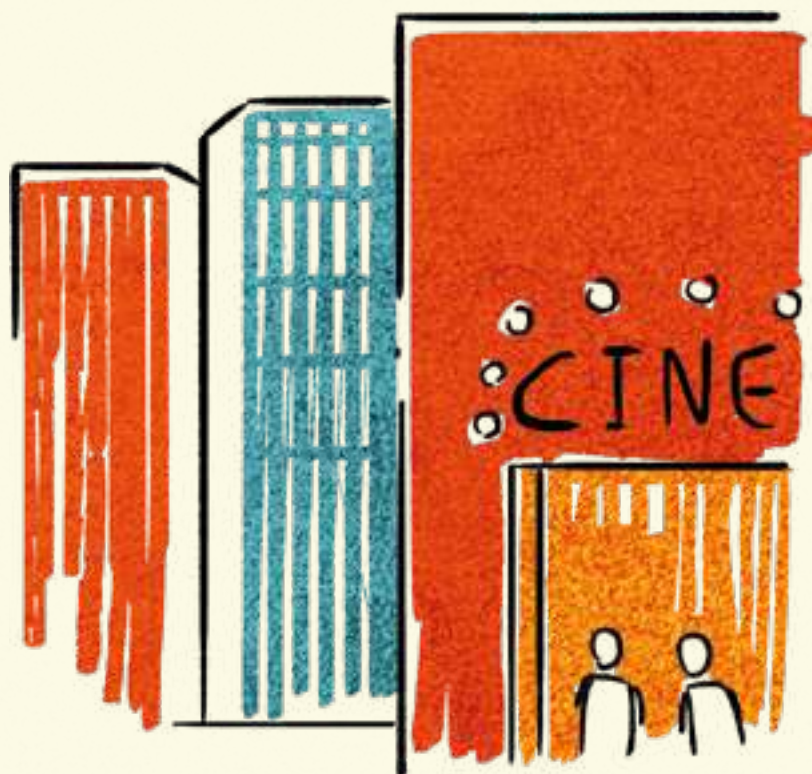
— Subornei o porteiro, disse-nos.

— Disse a ele que o dinheiro, que nós íamos lhe oferecer, dava para ele comprar dois retrovisores, duas braceletas com rabicho e uma buzina bilu teteia para a bicicleta.

— Pornôzin, como é que tu sabe a sinopse dessas películas adultas?

Dentre nós, havia um colega, cujo apelido era Baixin, que era louco para ser soldado da PM, mas ficara reprovado devido à altura mínima.

— Porra!! Por causa de dois centímetros, dizia ele.



Era mais invocado do que o Babá, ponta direita do Ferrin (Tubarão da Barra). O Socialista, desde que nos conhecemos, vivia com o livro *A Ilha*, do Fernando Morais, debaixo do braço. Era parte indissociável do seu corpo, coexistiam. Contava-nos que, após a aula noturna, ia com a turma da UMES, UNE e DCEs pichar muros em Fortaleza durante a madrugada: Abaixo a Ditadura! Sonhos, acredite neles! Mas seu maior desejo era pichar o muro do 23 BC com a foice e o martelo. Mas conseguimos demovê-lo dessa ideia. Ele nos convocou a estarmos por volta de meio-dia, em frente ao Cine São Luiz, para nos juntarmos a outros estudantes num abraço simbólico em volta do cine a fim de que não fosse vendido à Universal. Foi lá que fomos apresentados a Rosa da Fonseca, que nos deu uma breve aula sobre socialismo, comunismo

e movimento estudantil. O abraço simbólico surtiu efeito. O cine fora adquirido pelo Governo do Estado do Ceará e virou mais um espaço cultural cearense.

O Falsificador, colega de cursinho, merece um destaque à parte, falsificava da assinatura das mães dos secundaristas no boletim à entrada nos cursinhos. Vejam bem, ele ganhava pelas falsificações: em dinheiro ou lanche. Ele conseguiu a proeza de falsificar para um colega do grupo o adesivo da carteirinha de entrada do Geo Stúdio, o famoso Charlie Chaplin, usando papel laminado da carteira de cigarro. Segundo ele, a quantia desviada da mensalidade era revertida em uma causa nobre: ida ao 90, uma boate de entretenimento adulto, localizada praticamente ao lado da concorrente, 80, na Av. Tristão Gonçalves.

Naquela época de cursinho, os professores eram uma atração à parte. Juarez Leitão dizia que Napoleão Bonaparte ligou para o Rei Dom João VI, afirmando que ia invadir Portugal. O Rei deu no pé para o Brasil, para não dizer se picou de Portugal. O Franzé, de Biologia, desenhava os artrópodes, crustáceos, flores, aracnídeos no quadro e sempre repetindo que o certo era “estrambótico” e não “estrabólico”. O Sabry, com seu famosíssimo livro de OSPB. O Coelhinho e o Hamilton Andrade com as aulas de Química orgânica e inorgânica. O saudoso Itamar Figueiras e suas memoráveis aulas de sintaxe. O Pádua e as histórias de sua criação por vó. Os professores Tony e Cláudio Gomes com suas equações e inequações matemáticas. O professor Carlos Augusto e suas tiradas literárias. O Costinha de Português que bebia cerveja no próprio sapato.

Ao terminar a aula da noite no Skema da Duque de Caxias, vínhamos pegar os nossos respectivos cambões na Praça da Estação. Saíamos em cortejo pelo centro da cidade. O centro à noite em nada se assemelhava àquela balbúrdia, quando de dia. Nada de buzina, gritos dos camelôs e de vendedores das lojas, que quase nos pegavam pelas bitacas para dentro dos estabelecimentos, ou da multidão se acotovelando nas calçadas estreitas. Fora os mirins que, vira e mexe, roubavam as carteiras e as bolsas dos transeuntes displicentes. O silêncio era o que imperava. Mas, de vez em quando, ouvia-se um grito de algum notívago rompendo o sossego da noite. Íamos perambulando pelas ruas desertas do centro até chegarmos à Praça da Estação.

Pelo menos em uma sexta-feira do mês, fazíamos alusão à Escola Barroca, tão enfatizada pelo saudoso professor Orion: “O homem barroco torna-se dual, entre o sagrado e o profano”. O nosso lado profano emergia na sexta. Gazear a última aula para tomar umas, rachar a conta; aliás, esse gesto tão antigo quanto o tostão era o tom da camaradagem (preceito máximo do comunismo: dividir com os quem têm para pagar pelos que não têm).

Com certa frequência, íamos ao paraíso dos comerciários, o Calçadão C. Rolim. Na sexta-feira, juntava aquele magote de gente, disposto a biritar e bilar as comerciárias e os comerciários. As mulheres vestidas com as fardas das respectivas lojas onde trabalhavam davam o tom do local: Romcy, C. Rolim, Mesbla, Ocapana, Lobrás, Sapataria Belém, Pernambucanas, Casa Pio, Samasa, Ótica Boris (dos óculos Cacá, que nos lembrava o Irapuan Lima).

Mas, ocorria um problema, as comerciárias mais belas botavam banca, só davam bola para os gerentes. Era a Pirâmide de Maslow acontecendo ali aos nossos olhos. A gente meio que fica ali de mutuca, doidos para matar o verme.

Ninguém, na qualidade de estudantes da noite de pré-vestibular, merecia ser flagrado na fila do Cine Jangada ou do Cine Diogo pelas senhoras vizinhas enredeiras que iam fazer compras pelo centro da cidade. Fora as mãos bobas e os ataques dos baitolas quando se tentava ir ao banheiro.

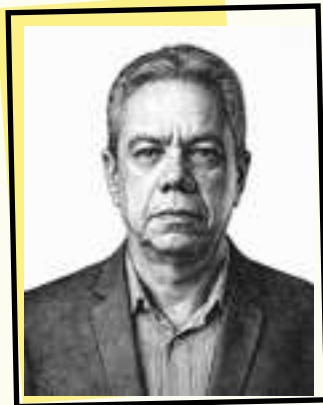


Por isso, antes de cada um pegar seu ônibus, íamos, como que levados por uma força atrativa da Física do Prof. Dourado, ao 90, localizado na Av. Tristão Gonçalves. Quando a turma adentrava no recinto, sempre alguma das damas gritava: “Chegaram os merendinhas!!!” Mesmo diante de um golpe iminente, arriscávamos a ir ao 90. O golpe se dava da seguinte forma: as damas nos inebriavam de carinho e atenção, enquanto combinavam com o garçom para substituir Campari por Ki-Suco de morango. Saíamos de lá miados, lisos, engabelados, quase sempre sem pegar ninguém, mas os afagos e a sentada no colo eram impagáveis. Golpe maior foi quando fomos ao Ladeira, na Leste-Oeste. Um das damas sentaram à mesa conosco e tome pidação, envolvendo-nos com promessas de uma noite de amor inesquecível. Lá pelas tantas, levantaram-se com a desculpa de ir ao banheiro. Deram checho em nós e ainda quase nos fizeram perder o corujão.

No outro dia, os comentários eram típicos de jornalistas que descrevem com detalhes os acontecimentos: “Cara, foi demais. Ela quase me matou.” Enquanto outro colega indignado: “caramba, não peguei ninguém e ainda esqueci o caderno lá.”

Enfim, após tempos juntos na Fortaleza dos anos 80, que ainda não ostentava ser essa metrópole de hoje, cada um de nós tomou seu rumo. Mas a saudade da Terra da Luz e de todos com os quais compartilhei momentos de alegria e de tristeza é como as ondas que teimam em bater nas pedras da Praia de Iracema, algumas vezes mais suave; outras vezes, mais forte.

SOBRE O AUTOR



JAIRO BONFIM RIBEIRO nasceu em Independência, Ceará. É licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará e Universidade do Tocantins (Unitins) e pós-graduado em Língua Portuguesa. Sua produção literária inclui 1º lugar no prêmio Sesi (TO) de poesia e diversos trabalhos no gênero contos literários, além de obras de redação para concursos e Enem e livro infantil. É servidor público da Justiça Federal no Tocantins e também instrutor do curso de Língua Portuguesa e Redação Oficial do TRF 1.



ESCANEE O QR-CODE

DE TANTAS ANDANÇAS, UMA SAUDADE IMENSA

Jairo Bonfim Ribeiro



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





A stylized illustration of a city skyline with several skyscrapers of varying heights and widths. The buildings are rendered in a light blue color with black outlines. In the background, a large, bright sun or moon is depicted with a textured, grainy surface. The sky is a solid blue color. The overall style is graphic and modern.

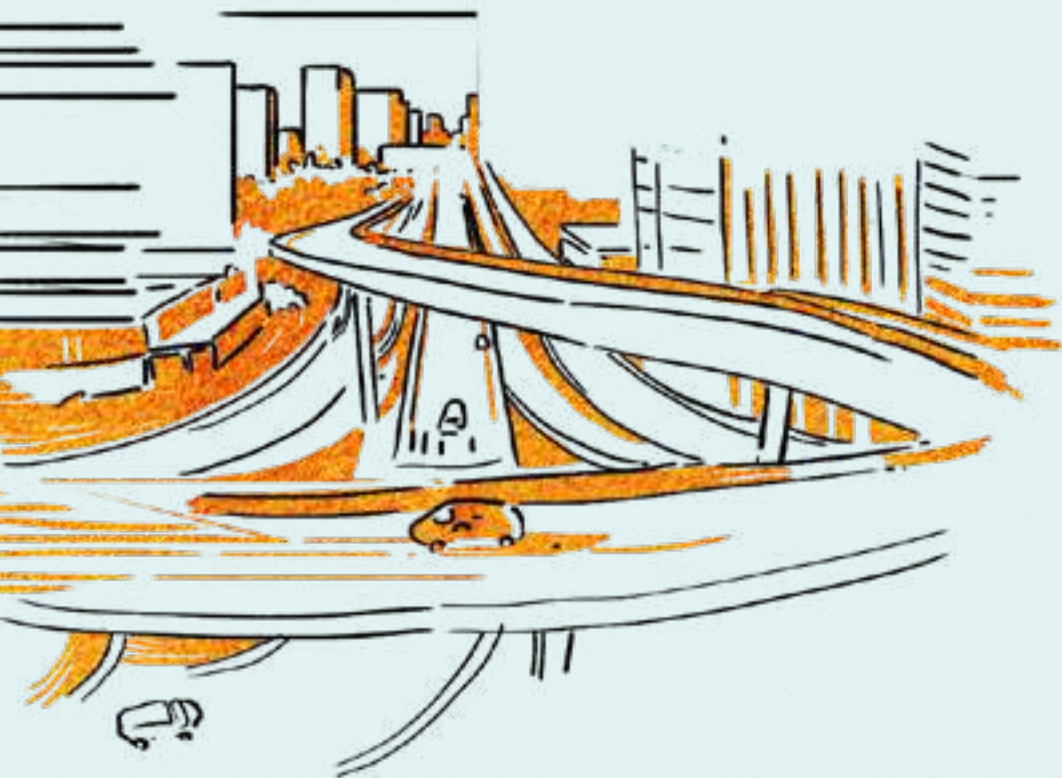
Fortalezamada

José Batista de Lima



M

eu amor por Fortaleza começou aos quatro anos quando, com meus pais, fiz minha primeira viagem de trem à capital cearense. Tenho retrato da ocasião e uma lembrança de visita ao Porto do Mucuripe, em que fomos conhecer um navio e tomamos sorvete. Havia uma mangueira transferindo água para um tanque e me foi recomendado não pisar nela. Não teve jeito, pisei e levei um beliscão de minha mãe. Depois, adolescente, voltei para estudar, mas fazendo exame de admissão para o LICEU, não passei. Voltei e me puseram no Seminário.



Depois de cinco anos no Seminário Sagrada Família, no Crato, fui chamado para morar em Fortaleza e iniciar trabalho de professor primário. Deu certo. Ingressei no magistério e comecei a namorar uma Fortaleza de tertúlias aos sábados e praias aos domingos. Adolecemos juntos, eu e a jovem “loura desposada do sol”. Jovem cidade que me pôs calça Lee e me levou a gostar de poesia como forma de gostar da urbe. Urbanizei-me, perdi os calos das mãos sertanejas e adquiri alguns bichos de pé, espinhas no rosto, mas gostei da loura que o Sol esposou.

Estudei no Liceu, ingressei no Clube dos Poetas e fui fazer Letras. Fortaleza era minha professora. Abria suas portas e me deixava ingressar na sua vida ainda com provincianismos. Tertúlias com luz negra, clubes suburbanos, festas do Regatas e torcida pelo Ferroviário eram acontecimentos se sucedendo. Ingressei no magistério como quem entra numa dança sem prever a música, mas deu certo. Foram cinquenta e quatro anos de sala de aula: titular na Unifor, adjunto na UECE e colaborador da UFC. Toda essa trajetória observada pela minha antiga “loura”.

Hoje Fortaleza me aparece como uma senhora de rugas, que tenta ludibriar minhas saudades me convidando ao shopping. Ela não consegue me trazer de volta o cinema de arte do Cine Diogo nem os festivais do São Luiz. Não me traz o Clube dos Poetas Cearenses nem o Grupo Siriará, dos quais participei. Muita coisa mudou na cidade e em mim. Estamos meio afastados um do outro. Fortaleza cresceu demais, anda depressa e não consigo mais acompanhá-la. Ela cresce em busca do céu e me esquece na minha casa aqui na terra. Ela é toda cheia de elevadores, viadutos, subúrbios e alamedas. E eu perco meus braços.

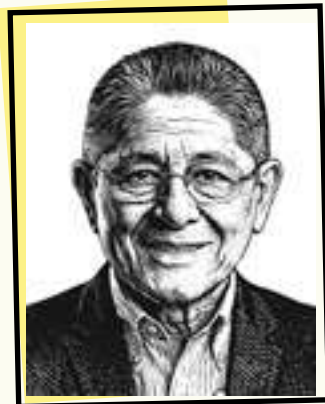
Não tenho ido mais ao Estoril, ao Quina Azul nem ao Cais Bar. Alguns amigos viajaram para não mais retornarem: Rogaciano, Carlos Emílio, Oswald Barroso, Natalício, Airton Monte, Nilto Maciel. Os que aqui ainda estão, ficaram cada vez mais longe: Adriano, Rosenberg, Márcio Catunda, Roberto Pontes. Minha geração partiu ou partiu-se e eu fico aqui entre livros e sonhos esgarçados, preocupado com o ovo de Páscoa da neta. Acontece

que uma das preocupações é conseguir as palavras certas para dizer o quanto amei e ainda amo esta Fortaleza amada.

Interessante é que passei a descobrir certas reentrâncias desta cidade, que me cativam. Não tenho ido à praia, mas vou ao estádio. Não vou mais aos shows, mas ouço muito música em casa e no carro. Vou pouco às bibliotecas, mas tenho muitos livros na estante. Não vou ao cinema, mas vejo muitos filmes em casa. Parece que as coisas apenas mudaram de lugar e de feição, mas não deixaram de existir. Por isso é que tanto amo esta cidade. Certas horas, ela é minha demência; noutras, ela é minha assistência. Por isso que a amo como se fosse minha irmã e conselheira.

Hoje tenho certeza de que Fortaleza evoluiu mais do que eu. Ela está madura, independente e cada vez mais distante de mim. Cresceu em várias direções e levou as praças para ambientes fechados em que pagamos para sair. O mar continua o mesmo, mas a praia encurtou. As pessoas têm mais pressa e conversam menos. Ainda é possível bater um papo nos subúrbios em que algumas tradições são mantidas. Acontece que minha Fortaleza, mesmo mudada, fortalece minha saudade. Continuo amando esta cidade não tão mais louca e cada vez mais distante do sol.

SOBRE O AUTOR



JOSÉ BATISTA DE LIMA nasceu em Lavras da Mangabeira, Ceará. É professor, poeta e escritor. Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). É especialista em Teoria da Linguagem pela Universidade de Fortaleza (Unifor), mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará. O autor é professor aposentado da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade de Fortaleza. Tem uma vasta produção acadêmica e literária que inclui obras nos gêneros de poesia, crônica, conto e ensaio. É reconhecido por seu talento como escritor e por suas análises críticas da literatura cearense. Além de sua produção individual, Batista de Lima também contribuiu com diversas antologias e publicações da Academia Cearense de Letras, da qual é membro. Sua jornada na literatura produziu uma infinidade de obras publicadas em diversos gêneros, fato que lhe valeu reconhecimento e várias premiações.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZAMADA


José Batista de Lima



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





A cartoon illustration on a light green background. In the center, a police officer with a red beard and a white cap with 'PM' on it is shown from the chest up, wearing a white uniform. He is holding a large, thick, orange-brown cigar. To his left, a dog with orange fur and a blue collar is shown from the side, looking towards the officer. The background features a blue rectangular shape and some black outlines of clouds or smoke.

Das bodegas e das brigas, dos doidos e das brincadeiras

José Tarcísio Vale Matos



ntre meados dos anos 1960 e 1970, no bairro de São Gerardo - Regional I - presenciamos cenas marcantes, vivemos dias inesquecíveis, aproveitamos bem a vida. Para meninos do nosso tope (12 anos, por aí), seriam coisas que moldariam nosso modo de ser - moleque, especialmente. Arrumações originadas em bodegas, que frequentávamos diariamente, obedecendo a mandados dos mais velhos - pais e avós, sobremodo. Cédulas enroladas em papel de caderno, onde se escrevia o produto a ser comprado, e a gente no mundo; quando não, fazíamos um velho fiado, anotando-se a compra na “cardeneta” para pagamento no final do mês, com certeza.

Na bodega de seu Zé Carioca (esquina da Rua Dom Lino com a Azevedo Bolão), por exemplo, eram os pães (de ontem) que íamos pegar cedinho; estabelecimento escuro, a luz ambiente era a réstia que adentrava por um buraco no telhado; do balcão, víamos as bisnagas cobertas por pano de prato, deitadas em mesa de médio porte. Na Rua Moraes Correia, a bodega de seu Djalma, marido de dona Eugênia (pais de um jovem esquisito alcunhado “Babau”), tinha maria maluca, tijolim de batata doce, coxão de moça, broa, rosca, martinho da vila. Na dona Isabel, a canja de galinha famosa pra quem vinha das tertúlias depois das 23 horas; Rael, marido dela, vez ou outra, aparecia no pedaço; Isabel era tia do Bento, médico e ex-goleiro do Fortaleza.



Famosa era dona Heloísa, morena, magra e braba feito o cão, esposa de seu Fransquim, motorista de táxi, de fala gaguejada; no local, onde mais tarde funcionou a famosa churrascaria “O Luxo” (hoje “A Prima”, antigo “O Primo”), o forte da casa era a cachaça em copo inglês e o bombom (píper e azedinha) à vontade;

estabelecimento pequeno, na telha crua, mas muito bem frequentado. Na mesma Azevedo Bolão, esquina com a Conselheiro Álvaro de Oliveira, ficava a sortidíssima mercearia de seu Zé Pereira, que tinha de tudo em quanto: corda de cacimbão, fumo em rolo, querosene marca Jacaré, toicim e pirarucu salgado, fubá, ratoeira, mel, prateleiras entupidas de garrafas de cachaça, colher de pedreiro, cigarro BB, caderno Avante, lápis e borracha. Seu Zé Pereira, avô do Olavo e do Flávio, com quem fiz Comunicação na UFC, vendeu o comércio para seu Oscar, que faliu.

Na bodega do Toinho e do Jaime, na General Piragibe (Vila dos Industriários), era mais a bebida - cana, conhaque, Dreher, Cinzano, cerveja. Quase defronte, o Barnabé, especialista em Brahma “meio gelada”, ganhava o cliente pela boa prosa. Ainda na Piragibe, próximo ao Colégio Júlia Jorge, a bodega do seu Clodomir, pai do Neném, futuro médico - orgulho da família. Celso, irmão do Zé Maria, na Cruz Saldanha, tinha seus encantos comerciais - a verdura, o peixe, o frango depenado. Mais pro Amadeu Furtado, seu Ivan era dono de loja igualmente potente.

Inesquecível a bodega do Donda, na Av. Bezerra de Menezes, totalmente às escuras, onde mamãe pedia que fôssemos pegar prego caibral, sapólio, creolina e as lixas números 1 e 2; atendia só de calção, bucho por acolá, sempre com cara de poucos amigos, parecendo prestar favor ao cliente, que o via desaparecer entre teias de aranha bodega adentro. Donda ficava pertinho da padaria Inca - Indústria Cearense de Alimentos, do pão semolina mais apreciado no bairro de São Gerardo e adjacências (Antônio Bezerra,

Monte Castelo, Álvaro Weyne, Campo do Pio, Parque Araxá).

A bodega do Matuto, na Dom Rego de Medeiros (hoje Dom Manuel de Medeiros) com a Conselheiro Vieira da Silva, era lugar de muitas brigas - de tabefe, no cacetena faca; recordo que ali o Zé Sungão deu uns bofetes no Mazim - ambos bêbados - e era um domingo. No campo do Pio, a propósito, a mercearia do seu Clóvis (Padre Guerra com a Raimundo de Arruda) vendia alfenim, bolacha no retalho e pão embebido no leite de coco com canela, nossa merenda predileta quando havia dinheiro disponível, troco recebido. Seu Expedito, nascido no Icó, vendia bem na Padre Guerra, na quina da antiga CTC dos ônibus elétricos.



Das figuras de meio de rua

Maria Popopô, mãe de Maria ‘Pipipiu’ e de ‘Oxarlá’, companheira de Beбето, “canoeiro” conhecido no bairro, era a sensação. Toda semana, a polícia dava ali uma batida para apartar brigas e levar gente presa. Em frente ao casebre da Popopô, morava um sujeito conhecido por Monha; casa de taipa a dele, com o pai sempre, sempre se metendo em confusão por conta de bebida. Régis Arnauld, de família cheia de doutores, gente boa, perambulava simpático por São Gerardo; vez ou outra, em crise, perdia o juízo

e brigava com tudo e com todos. Uma vez, quis surrar o Zé Maria Lamparina, outro maluquinho, com um queijo coalho de dois quilos. Lamparina, torcedor do Ferrim, ficou conhecido por dizer que “a mulher é um gênero humano”.

A esses aí, de juízo curto, some-se o Marcondes, que do nada “falava em línguas” desconhecidas, montava uma bicicleta Caloi surrada e, simpático, era demais prestativo. O Chaparral, como posso esquecer? Cara de mau, carregando sempre uma lata seca de leite Ninho na mão, vivia a pedir comida a quem passasse por perto. O ‘Pêxe Pôde’, não, esse era bissexto – aparecia mês sim, mês não. Tinha também a Barroada (Penha) e sua irmã Pepita (Chica Doida), amigas de minha mãe Terezinha. Mais tarde, surgiu o Scânia, que acabou atropelado e morto na Bezerra. Sem contar os manos pinguços Mafaldo e Zé Luzia, vizinhos de Antônio C. Branco.

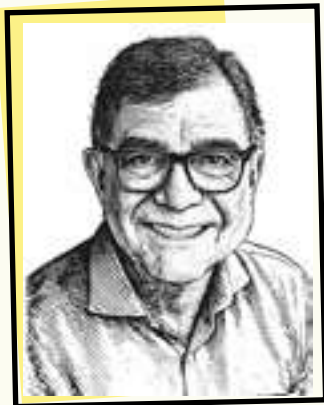
Parênteses para falarmos de dois muitíssimos especiais. Claudionor, que dizem ter endoidado quando ainda estava na Marinha, metia medo em todos, tipo que dava carreira em com quem ele cismasse da tampa; os irmãos Magão e Maguim, meninos fuleiros, frescavam que só com o próprio mano em plena crise lunática. Armado com um prato de alumínio amassado, barba rala, camisa aberta, descalço, caladão, olhar esgazeado, Claudionor uivava. Daqui a pouco, saracoteava, cantava música desconhecida e, aos poucos, ia se acalmando, até dormir na calçada de casa. Mais tarde, duas irmãs chegavam mansinhas e o levavam para casa, ‘padiolado’.

E se é verdade que para um doido só outro (doido) na porta, o outro de que falo é ninguém menos que seu Chiquim (Chico Pinto), irmão de Zé Pinto e de dona Paquinha; era o único a peitar Claudionor no auge da doideira – briga verbal somente. Não raro, seu Chiquim torrava cará, pescado na Lagoa do Bessa, dava quinhão a Claudionor e os dois faziam as pazes; cará com farinha e, acreditem, pitomba no cacho. Era assim: seu Chiquim e Claudionor se alternavam nas crises: num mês, o doido do bairro era um; no outro, o outro... entendeu?

As brincadeiras de menino do buchão

Fortaleza “intera” 300 anos em 2026 e, quando penso que seis décadas atrás a gente sequer via televisão, fico a pensar nessa meninada de hoje, que não bate nem o centro em matéria de criatividade, liberdade, fuleragem, resistência. Do carrinho rola-bosta que fazíamos com rolo de linha de madeira e talo de bambu, sabão e liga de câmara de ar à brincadeira de pega-pega e gol a gol, tudo era felicidade em meio a uma liseira resignada que nos impunha a manufatura dos próprios brinquedos. Arraia, bila, triângulo, mão no bolso, pega-pega, campeonato de chulipa, bandeirantes, cangapé em açude, esconde-esconde, três-três-passarás, cabra-cega, macaca, carimba, guisado, passar o anel, jogar pedra (xibiu), pular elástico, espremer limão e o outro não babar, olhar pro sol até se lascas... E a gente era feliz, mais feliz que agora, eu tenho pra mim. Na minha mente, sim.

SOBRE O AUTOR



JOSÉ TARCÍSIO VALE MATOS nasceu em Fortaleza. É jornalista, escritor, compositor, roteirista e pesquisador da cultura popular cearense, com mais de 40 anos de atuação nas áreas de comunicação, música e humor. Desafiado pelo pai, Tarcísio entrou no curso de Medicina na Universidade Federal do Ceará, no entanto, nunca se sentiu à vontade, foi então que entrou para o curso de Comunicação Social também na UFC, no início dos anos 80. Foi nas andanças pelo interior, porém, que o autor descobriu sua

verdadeira vocação: o universo da linguagem e o jeito festivo e autêntico de ser do povo cearense. Esse perfil cultural levou o nosso autor a fazer apontamentos da linguagem, dos costumes e, como ele próprio diz, da munganguice e da fuleragem que encontrou nos quatro cantos do nosso estado. Como um antropólogo, Tarcísio passou a fazer estudo e manteve profundo interesse por esse comportamento. A despeito do jeito descontraído resgatado por ele, não se vê como um humorista. A rigor, é na fala, nos gestos e nas tiradas do povo que constrói sua narrativa que, em si, é engraçada. Essa compreensão cultural, aliada ao seu talento musical, impulsionou uma carreira profícua de grandes composições. Escritor, compositor e letrista, Tarcísio Matos, além de sua paixão pelo rádio e pelo jornalismo, passou também a produzir textos que, mais tarde, transformaram-se em livros e roteiros para artistas, como Falcão, Tom Cavalcante, Mução, Edmilson Filho e Bené Barbosa, sem contar a valiosa colaboração em shows e podcasts. Atualmente, o autor é cronista do jornal O Povo, além de roteirista para diversos programas de rádio e televisão.



The background of the cover is a vibrant yellow. In the upper left, there are musical notes and a red crab. The central focus is a cartoon boy with a surprised expression, wearing a red and yellow striped tank top. To his right, a blue speech bubble contains the author's name. In the upper right, there is a blue rectangular box containing the title. The background also features faint outlines of a building and a person's head in the bottom right corner.

Os causos do Wilton

José Wilton Bezerra

A GUERRA DOS CARANGUEJOS



Às vezes, tento e não consigo uma iluminação para minha memória.

Este causo me foi contado ou o presenciei em uma barraca da Praia do Futuro.

Um irreverente amigo, “não lembro o nome”, traçava uns caranguejos quando percebeu que alguns crustáceos estavam sem as pernas.

Reclamou e o garçom explicou assim: “Nessa fase de lua cheia, os caranguejos fazem guerra entre eles. Se canibalizam”.

O amigo, então, sugeriu: “Pois, da próxima vez, traga os caranguejos que venceram a guerra. Até aqui, você só trouxe os que perderam”.





A TRENA, EU EMPRESTO

O poeta Mundim do Vale adquiriu, em 1984, um apartamento na Maraponga, onde mora até hoje. Quando chegou, procurou o síndico, o porteiro e um vigia do local para se inteirar das coisas.

O vigia foi logo se antecipando: “Esse lugar é cheio de malandros e o pior é que eu trabalho desarmado. Mas, se o senhor me emprestar um revólver, adianto-lhe que encaro qualquer vagabundo com oito metros de distância”.

Mundim respondeu: “Pois vamos fazer o seguinte: o revólver, você consegue com outro condômino. A trena, eu lhe empresto”.

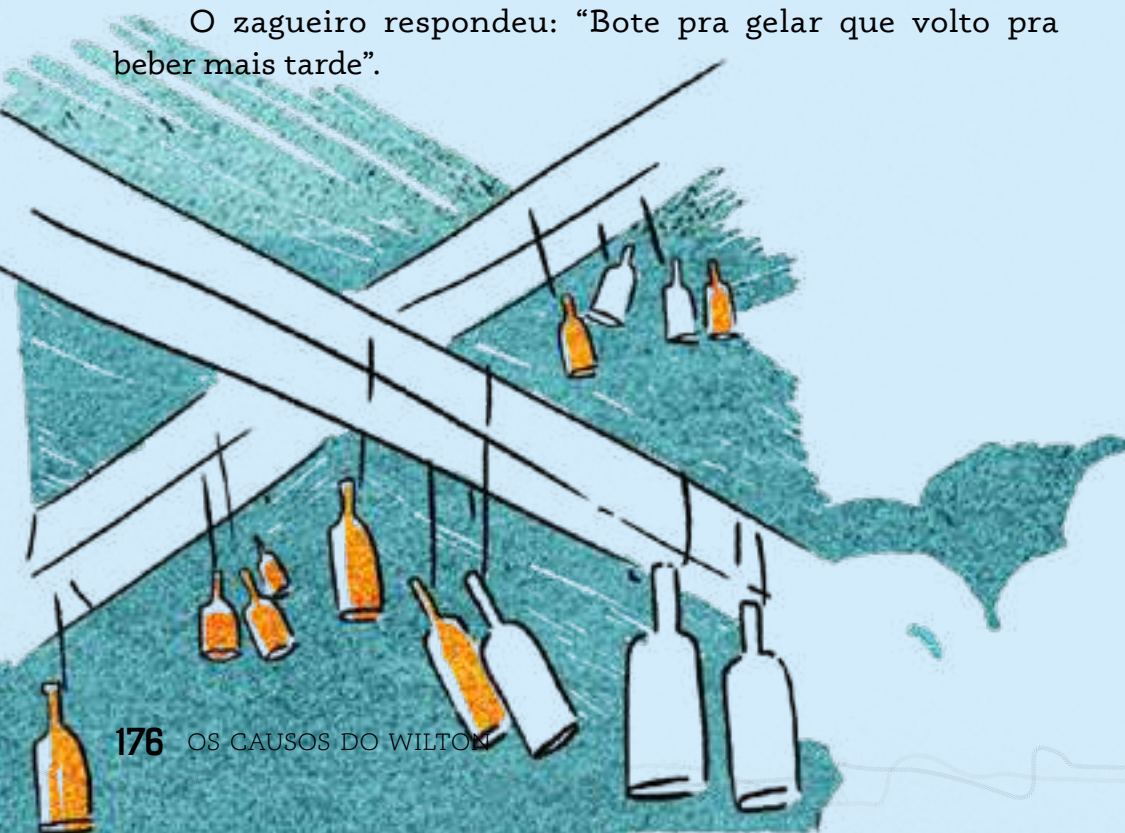
GELADAS PENDURADAS

Quando encerrou a carreira, o zagueirão Artur, o “Pai d’Égua”, passou a curtir a vida na Barra do Ceará, tomando uma cervejinha e traçando um cangulo cozido.

E para não perder a forma por completo, fazia umas corridas na areia, próximo das barracas que frequentava.

Ao passar correndo por uma delas, ouviu a proprietária gritar: “Artur, você deixou três cervejas “penduradas” (no vale) ontem à noite”.

O zagueiro respondeu: “Bote pra gelar que volto pra beber mais tarde”.



A MORTE DE JOÃO XXIII

Em uma cantoria dos irmãos Batista - Lourival e Otacílio - o tema foi a morte do Papa João XXIII.

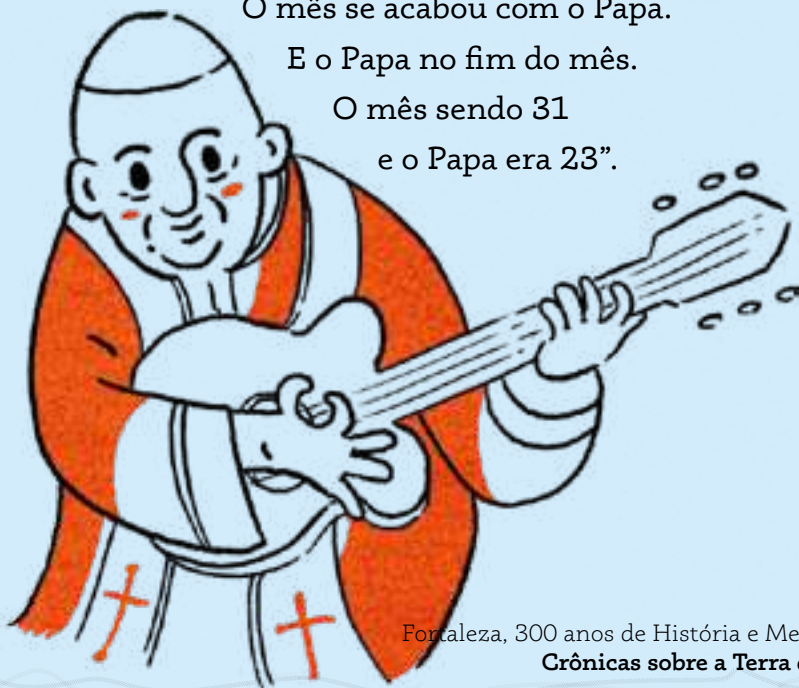
A morte aconteceu no último dia de um mês de 31 dias.

Lourival:

“O mês já chegou ao fim.
O Papa não mais existe”.

Otacílio:

“ Em tudo isso, o mais triste,
morreram os dois de uma vez.
O mês se acabou com o Papa.
E o Papa no fim do mês.
O mês sendo 31
e o Papa era 23”.



SAPENHA E O ESPANADOR

Sapenha foi zagueiro do Fortaleza nas décadas de 1950 e 1960. Em torno dele, os causos mais engraçados do futebol cearense, dentre eles, o caso do espanador.

Quando o Fortaleza se exibiu em um amistoso de verdade do interior (talvez Quixeramobim), em uma época de seca, a dona do hotel onde o tricolor se hospedou foi logo dizendo na chegada da delegação: “O poço secou. A água que tem na caixa só dá para tirar a poeira”.

Sapenha pegou de primeira e respondeu:

— Então me dê um espanador.



TROCANDO DE POSIÇÃO

Sapenha jogava de zagueiro central e também pelas laterais quando havia necessidade.

O treinador Durval Cunha foi escolhido para dirigir um combinado cearense para enfrentar o Botafogo de Garrincha em amistoso.



Chamou Sapenha para lhe comunicar tarefa importante nesse jogo: marcar o Garrincha.

A reação do cearense foi imediata:

— Seu Durval, o senhor não está sabendo?

Durval disse:

— Sabendo o quê?

Sapenha disse:

— Faz tempo que estou jogando de meia-direita no Fortaleza.

CASA NA ALDEOTA

Chuva grossa no bairro em que Sapenha morava.

Sua mulher, de tão assustada com aquele dilúvio, gritou para o marido que tirava um ronco:

– Acorda, Sapenha, a água está levando a casa!

Sapenha tranquilizou a situação:

– Deixa, mulher, talvez ela vá bater na Aldeota.

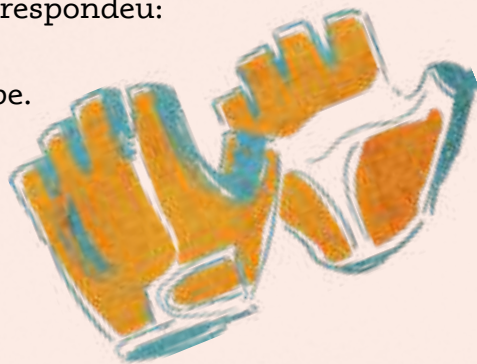
BICICLETA DE LUVAS

Entrevistado no programa Na Boca do Túnel, na TV Educativa, hoje TVC, Sapenha falou sobre a pior fase que passou no Fortaleza.

Disse ele que, na renovação de contrato, pediu uma bicicleta de luvas e o presidente, à época, respondeu:

– Assim você quebra o clube.

Que fase!





PROTEGENDO OS CASADOS

Como zagueiro, Sapenha quase sempre formava a barreira nas cobranças de falta contra o Fortaleza.

Esperto, procurava escapar dos chutes fortes que estouravam em seu corpo.

A orientação que ele passou a dar para formação da barreira era a seguinte: os solteiros, na barreira; os casados, marcando.

Não tinha nada de besta.

SEM CONHECER JULINHO

Em um dos jogos decisivos da Taça Brasil de 1960, contra o Palmeiras, em São Paulo, o Fortaleza foi goleado por 8x2.

Antes do jogo, um repórter de rádio paulista perguntou a Ninoso sobre a preocupação de marcar Julinho, um dos maiores ponteiros-direitos do futebol brasileiro.

Ninoso afirmou que não conhecia Julinho e teria emendado, dizendo que sabia quem era Garrincha.

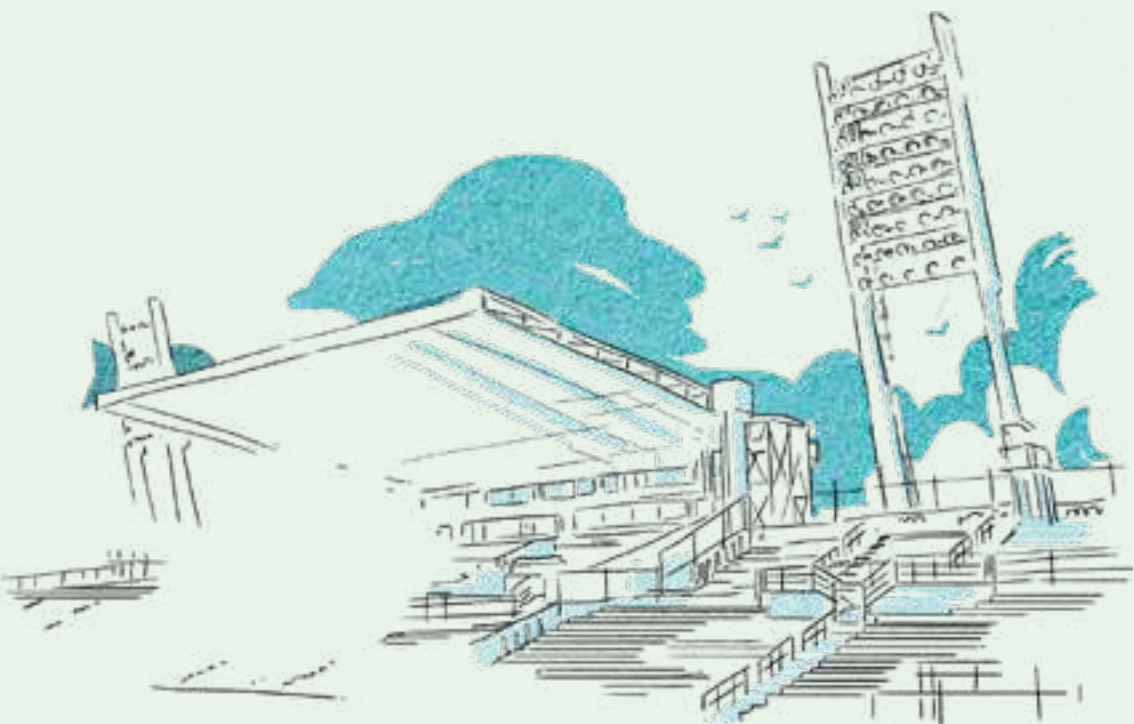
Justamente pelo lado de Ninoso, Julinho arrasou com seu marcador e o Fortaleza na goleada imposta.

Já exausto de levar tantos dribles, Ninoso pediu ajuda a Sapenha para parar o ponteiro do Palmeiras.

Sapenha saiu-se com essa:

— Te vira, compadre, foi você que mexeu com o homi.





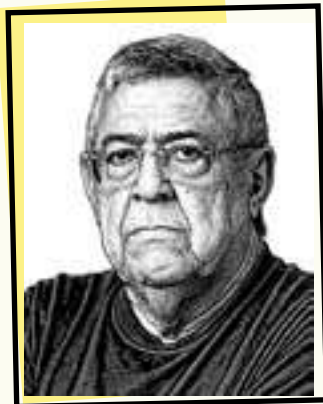
CRÍTICAS DE FARIAS BRITO

Depois de maus resultados do Icasa (ou Guarani?), em Fortaleza, Praxedes Ferreira fez uma das suas preleções “esculacho” antes de um jogo no PV.

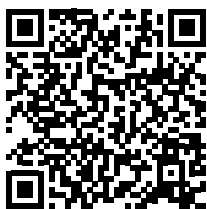
Após descarregar seu vocabulário costumeiro, o técnico arre-matou: “Quando ganhamos, a família da gente fica feliz. Quando a gente perde, chega em casa com a cara de rapariga. E ainda tem que aguentar esse Farias Brito falando mal do time”.

Praxedes se referia ao narrador Gomes Farias.

SOBRE O AUTOR



JOSÉ WILTON BEZERRA nasceu em Cedro, Ceará. É jornalista, cronista e comentarista esportivo no Sistema Verdes Mares. Iniciou sua carreira profissional nas rádios Educativa, Araripe do Crato e Progresso de Juazeiro. Em 1979, foi contratado pela rádio Uirapuru de Fortaleza, passou também pelas rádios Assunção e Cidade. Por sua dedicação, conhecimento e desempenho profissional, foi designado para fazer a cobertura nas Copas do Mundo em 1986, no México, e depois, em 1990, na Itália. O jornalista está em atividade como comentarista esportivo há 59 anos. Nessa caminhada, publicou três livros de crônicas e causos sobre o universo esportivo.



ESCANEE O QR-CODE

OS CAUSOS DO WILTON

José Wilton Bezerra



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Seria gente o Bode loiô?

Juarez Fernandes Leitão



mais curiosa peça do Museu do Ceará é um bode empalhado. Em porte altivo, sobre um estrado de madeira, o garboso caprino, um mestiço com fortes acentos da raça parda alpina, atrai a atenção dos visitantes e provoca indagações sobre a razão de figurar no acervo histórico do Ceará. O que um bode, aparentemente contemporâneo, está fazendo entre as peças de um museu histórico-antropológico?

O bode se chama Ioiô e é um dos mais interessantes personagens da história boêmia de Fortaleza. Objeto de muitas reportagens, crônicas e referências em obras de historiadores do porte de Raimundo Menezes, Abelardo Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo e da dissertação de mestrado do professor Sebastião Ponte, está prestes a se transformar em argumento de filme pelas mãos de Cartaxo Filho.

Do Bode Ioiô, já se disse quase tudo. Era um animal que fugia ao comportamento de seus semelhantes, preferindo imitar os humanos, sobretudo os homens livres e independentes, os boêmios que ancoravam na Praça do Ferreira nos anos vinte do século passado.

Está registrado que o especialíssimo bode fumava charuto, bebia cachaça, cerveja e uísque, sentava-se num tamborete e parecia escutar as conversas dos poetas e políticos frequentadores dos quiosques do centro da cidade. Que comandava passeatas

democráticas e comia a fita das inaugurações quando os discursos se tornavam prolongados e cansativos. Que assistia espetáculos no teatro José de Alencar e dormia, ostensivamente, diante das representações enfadonhas ou de conversas desinteressantes na roda boêmia. Que tinha convulsões epiléticas e grandes estremecimentos diante de determinadas músicas. Que arremetia os chifres contra os desafetos de seus amigos e se fingia de morto quando era solicitado por pessoas de inteligência desprezível. Enfim, um sem número de exageros que compõem alentada mitologia e que só o espírito galhofeiro do cearense pode explicar. Ultimamente, inventaram que teria sido votado e eleito para vereador, afirmação que este cronista pesquisou e não comprovou a veracidade nos jornais e relatos antigos.

Quando pensava que já tivesse lido e escutado tudo sobre as peripécias desse rico elemento de nosso folclore, ouvi do nonagenário José Teixeira Lima, morador da rua Carlos Câmara, no bairro do Jardim América, a mais mirabolante e surreal de todas as versões: o Bode Ioiô seria a reencarnação do engenheiro Paulo de Castro Laranjeira, falecido em 1897.

Mas de onde teriam arrancado tão estranha ligação?

Paulo de Castro Laranjeira era um engenheiro fiscal das obras do estado no final do século 19. Morava na Rua do Trilho (denominação antiga da rua Tristão Gonçalves) e tinha vinte e nove anos de idade. Boêmio e seresteiro, fazia versos, cantava e tocava piano. Nas noites enluaradas, saía com sua patota de

amigos, todos bons de copo e de voz, para as serenatas à porta dos sobrados da Rua do Imperador e da Rua Formosa. Usavam violões, banjos, bandolins e, algumas vezes, até um piano alemão, que era transportado por quatro homens numa espécie de padiola com muita dificuldade.

Naquele ano de 1897, o seresteiro estava apaixonado. Uma figura esbelta, mãos finas e palidez romântica, abundantes madeixas e verdes olhos de mar, passara diante dele acompanhada da criada e, a partir dali, nunca mais fora o mesmo. A mulher entrara-lhe de alma a dentro e se apossara de seus sentimentos, não lhe dando trégua para pensar noutra coisa que não fosse o desejo avassalador de namorá-la, de casar com ela.

Coitado do doutor Paulo! Aquilo era um amor unilateral. A moça não lhe daria a menor atenção. A família não permitiria o romance nem em sonhos e a própria desejada tinha restrições intransponíveis à sua delirante pretensão. A fama de boêmio inveterado que o Paulo tinha construído com tanta devoção seria a causa da repulsa. Nenhuma moça casadoira, mesmo naquele tempo, sendo bela, rica e detentora de um bom dote, aceitaria se casar com um dissoluto cujas noites eram preenchidas com violões, patuscadas e bebedeiras, sobrando para a esposa, apenas, a irremediável solidão. Decididamente, ele não tinha chance.

O poeta não se deu por vencido. Noite após noite, lá estava ele embaixo do sobrado da moça, gemendo a sua paixão, numa obstinação que só os amigos, por fidelidade canina, compreendiam.



O amor desvairado passou a comprometer o trabalho. Já não rendia o mesmo em suas tarefas. Tornou-se um homem triste, macambúzio, amargo.

Um dia, chegou para o seu amigo e parente Raimundo Nonato e disse que tinha uns versos para ele musicar. A canção deveria se chamar TEU DESPREZO:

“Eu te consagro, ó mulher, os meus afetos
Meu viver só consiste em te adorar.
Para que foges, assim, de quem te ama?
Eu fui um louco, ó mulher, em te amar.

Estribilho

Teu desprezo me arrasta lentamente.
Para a campa solitária vou partir
e a morte será minha vingança.
Para que serve, ó mulher, eu existir?



São tantos males que torturam minha vida
o meu pranto não cessa um só instante
sofro tudo por ti, mulher querida,
mas, por Deus, eu te juro ser constante.

Quando ouvires os dobres de um sino
são sinais por um pobre que morreu
deita ao menos uma lágrima em lembrança
por aquele que por ti tanto sofreu.

Quando fores um dia ao cemitério
uma campa bem triste lá verás.
Não perturbes, ó mulher, por piedade
o sono mortuário de um rapaz.

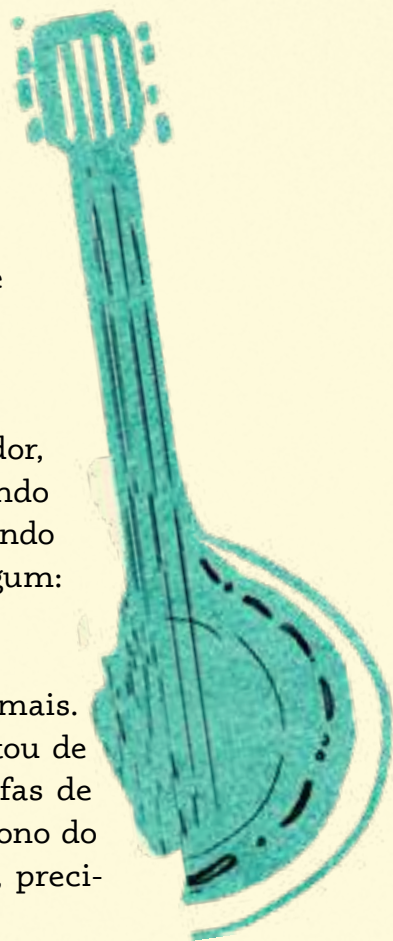


Se fitares meu sepulcro esquecido
ó tu, a quem tanto idolatrei,
deita sobre meu túmulo uma saudade
em troca do amor que te jurei.”

Depois dos devidos ensaios, eis o trovador,
na noite seguinte, à porta da amada, desfiando
esse rosário adocicado de lamúrias e o repetindo
duas ou três vezes, embora sem sucesso algum:
a donzela não abriu a janela do sobrado.

Laranjeira foi-se abatendo cada vez mais.
Certa tarde, chegou ao Café Java e solicitou de
Mané Côco que lhe preparasse 12 garrafas de
champanhe para aquela noite. Alegou o dono do
quiosque que, para tão avultada compra, preci-
sava de um prazo.

Dias depois, a bebida pronta, enterrada na serragem com areia
molhada para quebrar a morrinha, foi entregue no local combi-
nado que não era outro senão a calçada da casa da inspiradora de
Paulo Laranjeira. Os violões entraram em ação e o poeta cantou
mais uma vez o TEU DESPREZO que, como das outras vezes, não
teve nenhuma resposta. Então ele serviu o champanhe e abraçou
emocionado os amigos com efusivas despedidas para, de súbito,
ante a estupefação de todos, puxar o revólver e detonar um tiro
no ouvido. Eram onze e meia da noite de 14 de fevereiro de 1897.





No dia seguinte, com grande acompanhamento, Paulo Laranjeira era sepultado no São João Batista e o jornal “A República” fazia extenso necrológico do boêmio, trazendo também uma crônica de saudade de Alves da Fonseca, sugerindo, inclusive, a construção de um memorial.

A família do pranteado engenheiro, alguns dias depois, através do jornalista Benedito Sidou, procurou tornar menos patético seu ato suicida, afirmando que ocorrera em sua própria residência e “não no meio da rua, como andam dizendo.” O povo, entretanto, preferiu a versão mais dramática.

Os companheiros de boêmia de Paulo Laranjeira passaram a comemorar o seu aniversário, 08 de junho, todos os anos, ocasião em

que cantavam, repetidas vezes, a tristíssima canção do malfadado seresteiro. Começavam a beber na Praça do Ferreira, por volta das quatro da tarde e, lá pelas nove, saíam em serenata, fosse ou não noite de lua.

Decorreram dezoito anos. Muitos já tinham emigrado para o Rio de Janeiro ou morrido, mas um fiel grupo de devotados continuava a cultuar a memória do amigo.

Certa tarde, em plena seca do quinze, um grupo de flagelados entra na praça conduzindo um bode. Queriam vendê-lo para comprar feijão, farinha e rapadura. Apesar do rígido tempo de estiagem, o caprino era vistoso, de pelo muito bonito. O gerente da empresa inglesa Rossbach Brazil Company mostrou-se interessado e, de fato, comprou-o.

A estampa do bode tinha alguma coisa de especial. À beleza plástica aliava-se uma elegância natural e um olhar que parecia querer ir além da mudez da irracionalidade, como se tentasse dizer alguma coisa. O bode, diziam os boêmios, parecia gente.

Foi essa aparência, digamos peculiar, que salvou Ioiô da imolação e conseqüente extração da pele que, se bem curtida, daria uma boa vaqueta. Seus proprietários resolveram deixá-lo solto e ele, sem cerimônia, pôs-se a perambular pela cidade, indo e vindo da Praia de Iracema, onde ficava a Rossbach Company, para a Praça do Ferreira, coração fervilhante da cidade. Aliás, desse vaivém nasceu-lhe o nome.

O bode Ioiô era como se fosse um cidadão na singela Fortaleza do começo do século. Não propriamente um pacato cidadão. Tinha uma queda para a bebida, preferindo, especialmente, a cerveja. Gostava da conversa descompromissada dos intelectuais, das piadas do Quintino Cunha, dos bêbados declamadores; além de ser um tremendo tabagista, pois fumava bons charutos caribenhos. Solteirão, preferia o convívio das pessoas ao das cabras, talvez forçado pelas circunstâncias que o faziam um ser distinto da sua espécie, já que exercia a elevada posição de mascote predileto da cidade.

Um dia, terminou, porém, identificado. Festejava-se, mais uma vez, o aniversário do Paulo Laranjeira, in memoriam. À determinada altura, o seresteiro Roberto Xavier de Castro, conhecido como Fetinga, começou a cantar a valsa TEU DESPREZO. O que aconteceu, a partir dali, deixaria a todos impressionados. O Bode Ioiô deu um salto violento e caiu esparramado no chão, entrando em convulsão. Parecia apoplético, as patas abertas, a língua mordida na diagonal, o olho vesgo. Uma gosma descia-lhe da boca e ele resfolegava nos estertores.

Assustados, os boêmios e transeuntes da praça esperavam apenas o último suspiro do estimado caprino, quando, de repente, ele começou a melhorar. Logo depois, para alívio geral, estava completamente restabelecido, embora persistisse certa tristeza em seu olhar.

Fetinga, Jaime Vasconcelos, Amadeu Xavier, Hidelbrando Pompeu e outros seresteiros presentes desconfiaram que a reação de Ioiô tinha sido provocada pela canção do suicida. Então fizeram o teste e não deu outra: tão logo começaram a cantar TEU DESPREZO, o bode empinou-se todo e desabou no chão novamente, como um epilético.

“É o Laranjeira”, gritaram eufóricos. “O Bode Ioiô é o nosso amigo Paulo Laranjeira!”. Olhavam o bode com ternura e diziam, convictos : “Paulo, você voltou!!!”

Nascia uma lenda.

Segundo Zé Teixeira, no outro dia, o Padre Quinderé apareceu na Praça do Ferreira “fumando numa quenga”(sic) e censurando severamente os boêmios que, por beberem demais, estavam agora inventando histórias absurdas que, além de serem mentirosas, intentavam contra os princípios da Igreja Católica. Não bastava a manifestação de zoolatria que grassava no Juazeiro com o tal do Boi Santo do beato Zé Lourenço? Queriam agora inventar em Fortaleza um Bode Poeta?

E Dom Manuel, o arcebispo, proibiu qualquer comentário na imprensa sobre o estranho episódio.

Indiferente à querela, o Bode Ioiô continuou sua vidinha de folgado, comendo, bebendo, fumando e participando ativamente dos movimentos cívicos. Em 1930, já velho, ainda teve forças para,

comandando os vitoriosos aliancistas, invadir o Palácio da Luz para depor o governador Matos Peixoto, desferindo democráticas marradas nos guardas palacianos e em todos os carcamanos da República Velha que encontrou pela frente.

Ioiô morreria de velhice em 1931, mas está perpetuado em sua aparência original, altivo e garboso como sempre foi. Do seu estrado, exibindo sua condição de peça mais curiosa e visitada do Museu do Ceará, parece rir dos que quiseram destruir a sua memória ou negar-lhe o singularíssimo desempenho vital.





SOBRE O AUTOR



Juarez Fernandes Leitão nasceu em Novo Oriente, no oeste do Ceará, em 1948. Bacharel em História e Filosofia. Exerceu o mestrado em Fortaleza por mais de quarenta anos. Ensaísta, historiador, poeta, orador e conferencista, pertence à Academia Cearense de Letras e ao Instituto do Ceará, as duas instituições culturais mais antigas do Ceará. Nos últimos vinte e cinco anos, tem se dedicado a escrever biografias de figuras notáveis da História do Ceará e do Nordeste. Foi membro do conselho de cultura de seu estado, vereador de Fortaleza e suplente de senador da República. Publicou mais de 50 obras de biografia, história, poesia e crônica de costumes, tendo recebido o apoio da crítica especializada e dos leitores. Seu conceito como poeta e historiador fez com que fosse incluído em antologias e coletâneas literárias. Figura como verbete de dicionários e histórias da literatura cearense e brasileira.



ESCANEE O QR-CODE

SERIA GENTE O BODE IOIÔ?

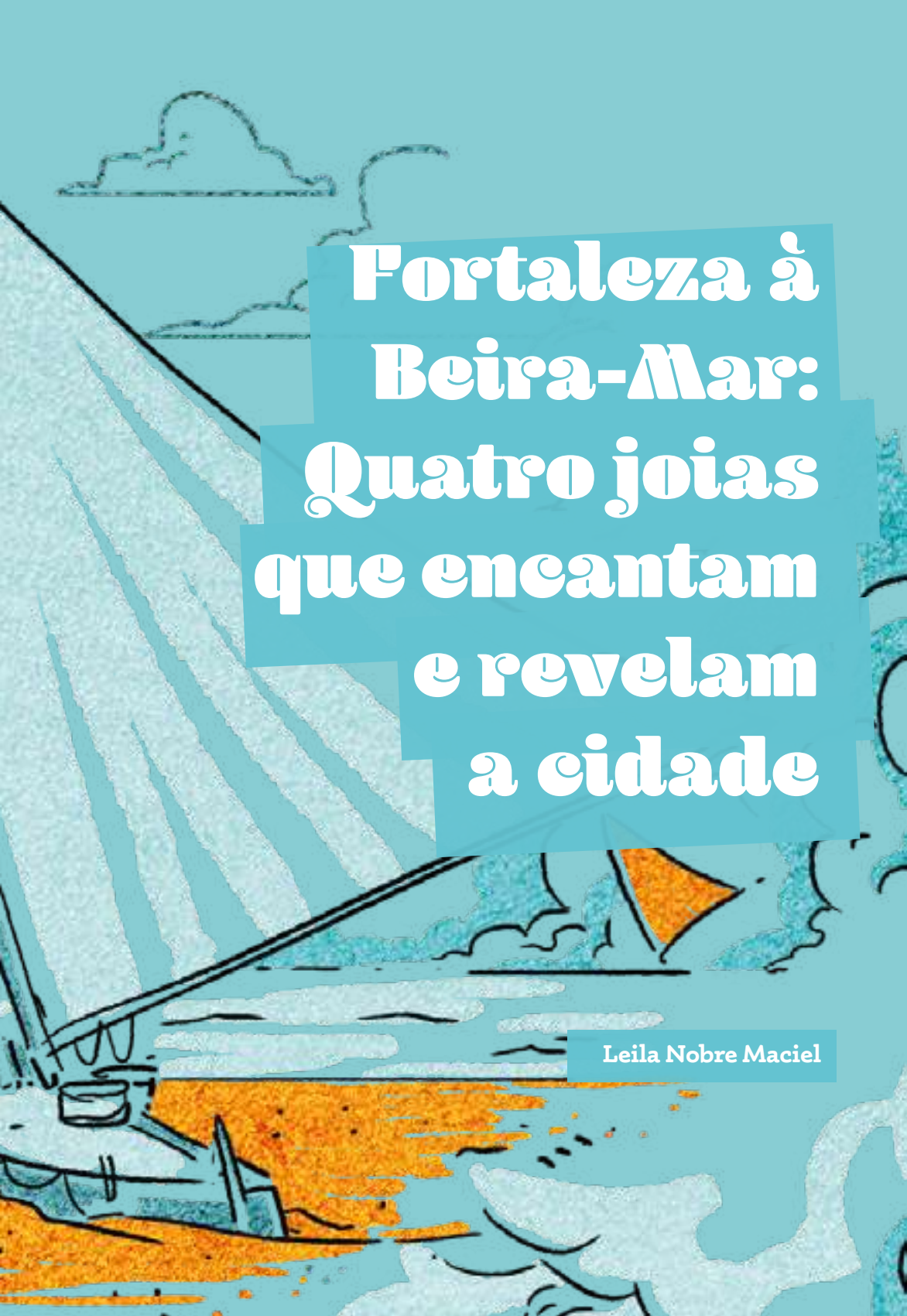
Juarez Fernandes Leitão



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

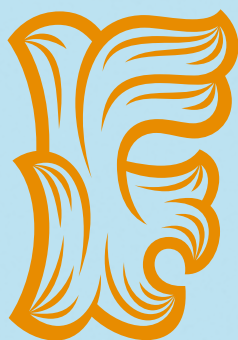




A stylized illustration of a coastal scene. On the left, a large mountain with diagonal hatching rises. In the foreground, a boat is partially visible on a sandy beach. In the background, a sailboat with an orange sail is on the water. The sky is light blue with simple line-drawn clouds. The overall style is graphic and modern.

Fortaleza à Beira-Mar: Quatro joias que encantam e revelam a cidade

Leila Nobre Maciel



Fortaleza, a alma vibrante do Ceará, é um convite suave ao coração. Cada esquina da cidade murmura promessas de beleza e cultura, como um abraço acolhedor que se estende a todos que chegam. Suas praias, adornos do litoral, são como joias raras, cada uma com seu brilho único, como se o mar tivesse desenhado à mão suas características e particularidades. Cada uma delas guarda um segredo, um tom de tranquilidade, um ritmo pulsante, uma dança entre o urbano e o natural que só essa cidade pode oferecer.

Vamos caminhar juntos por quatro dessas maravilhas? Meireles, Mucuripe, Praia de Iracema e Praia do Futuro, cada uma com seu charme, cada uma com uma história a contar, e todas prontas para encantar quem se atreve a mergulhar em sua magia.

A praia do Meireles é conhecida por sua tranquilidade e charme acolhedor. Já foi carinhosamente apelidada de Praia do Coração e Praia da Sereia. Meireles não acorda — ela espreguiça. Antes mesmo do sol nascer, a orla já respira movimento. O calçadão, com seus passos ritmados, carrega o frescor da brisa que traz consigo o cheiro do mar. O som das ondas chega suavemente, como uma música que embala as primeiras caminhadas. Os primeiros raios de sol iluminam a areia dourada, enquanto as barracas, ainda sonolentas, abrem suas janelas para o oceano, oferecendo o cheiro do café recém-passado, criando uma atmosfera acolhedora para quem começa o dia.



Uma das coisas que mais me encantam por aqui são os golfinhos, que vivem surgindo como se soubessem o quanto me fascinam. Fico ali, completamente entregue ao momento, observando cada salto sobre o verde tranquilo do mar — é como se eles dançassem, num espetáculo íntimo que sempre me rouba o fôlego.

Ali, entre os coqueiros que balançam suavemente e o vento que parece sussurrar, Fortaleza se revela de uma forma diferente. A cidade se mistura à praia de maneira harmônica, com seus edifícios imponentes ao fundo e o som das buzinas que chegam de longe, mas o mar segue seu ritmo calmo e constante. As ondas vêm e vão com uma cadência que lembra o fluxo da vida, mas sem pressa, sem pressões. Esse equilíbrio entre o urbano e o natural cria uma atmosfera única, onde o tempo parece desacelerar. É como cruzar uma linha tênue entre o cotidiano e o encantamento.

À medida que o sol se inclina para o oeste, o cenário se transforma, a praia ganha um ar de espetáculo. Quando o sol começa sua despedida, o céu se tingue de nuances de pêssego e lavanda,

enquanto a feirinha de artesanato fica iluminada, como se quisesse convidar todos a um último passeio. O cheiro de tapioca se mistura ao da maresia, criando uma sensação de aconchego. Meireles, com sua paisagem serena e cativante, revela-se como o refúgio perfeito para a contemplação e o descanso. É uma praia que acolhe suavemente quem chega, convidando todos a se perderem no ritmo tranquilo do presente. Nesse pedaço de litoral, há uma poesia discreta, uma beleza singela que se faz extraordinária.

Famílias e amigos se encontram, compartilhando o frescor da brisa e se entregando ao espetáculo silencioso de um pôr do sol deslumbrante. A praia não precisa gritar. Ela cochicha. E quem aprende a escutar, nunca mais passa por ali sem sentir que está voltando para casa — ainda que seja a primeira vez.

Rumo ao Mucuripe, ouço a voz do mar. Uma voz forte, mas suave, como uma declamação murmurada. Cada onda que toca o cais traz consigo histórias, amores efêmeros de verão e manhãs que começam antes mesmo do sol se despertar no horizonte.

A praia do Mucuripe é um dos cantos mais tradicionais e emblemáticos de Fortaleza. O mar, com sua presença imponente e perene, parece pulsar com as histórias de pescadores e jangadeiros, cujas vidas se entrelaçam com suas águas, contando uma saga que atravessa gerações. Ao longo da orla, as jangadas



repousam à beira-mar, quietas como animais marinhos de madeira, com as redes estendidas ao sol, como se fossem sonhos adormecidos, aguardando o momento certo para se tornar realidade. Mucuripe tem cheiro de peixe fresco e promessa de poesia. Suas ondas criam uma atmosfera única, onde a natureza e a história se encontram de maneira profunda e intimista.

Mucuripe é um refúgio que desafia a pressa. Nesse lugar, o tempo segue um compasso próprio, mais lento e mais em sintonia com a natureza. A beleza que emana daqui é pura, sem artifícios, como se a simplicidade fosse sua maior riqueza. Não é necessário recorrer a filtros para capturar a essência desse lugar, pois sua beleza é genuína e autêntica, daquelas que não precisam de artifícios para brilhar. As cenas cotidianas, como o pescador que limpa o peixe antes de vendê-lo e o sol que desponta suavemente no horizonte, tecem uma narrativa visual que toca a alma. O mar brilha, o barco parte e depois retorna, como um coração que bate no vaivém da maré.

O Mucuripe é também um lugar de memória. As histórias de quem viveu e ainda vive ali estão presentes em cada pedaço de areia e em cada onda que chega. A beleza da vida como ela é, com cheiro de sal, vozes ao longe e a certeza de que o mundo pode ser simples, se a gente souber olhar com calma.

O mar, como uma memória que nunca se apaga, vem e vai, como uma respiração silenciosa que insiste em se renovar a cada onda, reescrevendo a história sem cessar. Mucuripe não

é só praia. É memória viva. É o poema que o mar ainda escreve, linha por linha, cada vez que toca a areia. Ao caminhar por essa praia, é possível sentir que, embora o tempo avance, o passado nunca é esquecido.

Sigo em direção à Praia de Iracema, onde pulsa o coração cultural de Fortaleza. Iracema é a praia onde o passado e o presente se encontram em perfeita harmonia. Suas ruas são um reflexo da diversidade cultural da cidade, com grafites vibrantes que decoram os muros e prédios que guardam as memórias de tempos passados, como o Estoril, que já foi ícone da boemia alencarina. As icônicas Pontes dos Ingleses e Metálica, verdadeiros cartões-postais de Fortaleza, unem o passado ao mar, tornando-se um refúgio onde o antigo encontra o presente e onde turistas e moradores se encontram sob o mesmo céu.

Iracema se transforma ao cair da noite, quando as calçadas se preenchem de poesia e o eco dos violões ressoa entre as paredes antigas, por onde já passaram figuras como os cantores Fagner, Belchior e Ednardo, que sempre viram no vento de Iracema uma musa inspiradora. Durante o dia, a praia é tranquila, mas à noite se transforma em um vibrante centro cultural, com bares e restaurantes oferecendo pratos típicos da culinária cearense e música ao vivo, de forró a rock — ecoa nas noites quentes, criando uma atmosfera única que faz com que cada visita seja inesquecível. A área ao redor da praia se enche de vida, com eventos culturais, festivais e apresentações artísticas que celebram a diversidade de Fortaleza.



Os murais de grafite espalhados pela cidade são mais do que simples obras de arte: eles são manifestações culturais que falam sobre a luta, a identidade e as tradições do povo cearense. Caminhar pela orla de Iracema é como percorrer uma galeria a céu aberto, onde cada mural, cada cor, desvenda histórias da cidade e do seu povo, convidando-nos a ouvir seus segredos. Essa é uma praia que pulsa cultura, arte e diversidade, transformando-se em um espaço de encontro, onde as pessoas, de todos os tipos, se sentem abraçadas, sem distinção, acolhidas pela energia única do lugar.

Depois de 10 km, deixamos Iracema para trás e chegamos à Praia do Futuro, o último cenário desse percurso. Com sua vasta extensão de areia e barracas que se tornam pontos de encontro, a Praia do Futuro é o palco de um espetáculo de risadas, gargalhadas e histórias que se entrelaçam ao sabor da água morna e da



música que nunca parece silenciar. Logo cedo, a brisa chega sem pedir licença, balançando as palhas das barracas e despertando os primeiros corajosos, que, com um sorriso no rosto, lançam-se ao mar com a alegria de quem sabe que a melhor parte do dia começa ali. Com suas barracas animadas e quiosques à beira-mar, é o lugar perfeito para quem quer aproveitar o melhor do sol e do mar. A praia pulsa com uma energia quase tangível. O calor do sol na pele, o som das conversas animadas, o cheiro de peixe recém-grelhado, tudo conspira para um clima de celebração. Aqui, a alegria parece estar em todos os cantos: crianças brincando nas piscininhas, surfistas em busca da onda perfeita e famílias aproveitando as barracas de praia para relaxar.

As barracas, verdadeiros clubes à beira-mar, contam com estruturas completas e acolhedoras e oferecem uma deliciosa variedade de pratos típicos que celebram os sabores do litoral cearense — como camarões suculentos, peixes frescos e caranguejadas memoráveis, acompanhados por bebidas refrescantes ou água de coco bem geladinha. O som das ondas e o ritmo da música ao vivo se misturam em uma harmonia perfeita, criando uma trilha sonora que embala os momentos de lazer e diversão. Ao longo do dia, a praia se transforma em um refúgio de energia contagiante, onde todos parecem esquecer as preocupações e se render, por inteiro, ao prazer de simplesmente estar ali, no agora.

À medida que o sol começa a se pôr, a Praia do Futuro oferece um espetáculo visual, com o céu se pintando de cores vibrantes e as águas refletindo os últimos raios de sol. É um momento mágico em que todos parecem estar em sintonia com a natureza, aproveitando ao máximo a beleza e a energia do lugar. A Praia do Futuro é, sem dúvida, o lugar onde a vida acontece com mais intensidade.

A Praia, que tem nome de amanhã, vive mesmo é no presente. E que presente! Um mar que não aceita monotonia, sempre em movimento, sempre cheio de fôlego — como se soubesse que ali é lugar de vida pulsando forte.

Como vimos, Fortaleza é uma cidade de contrastes e de encantos múltiplos, onde cada praia oferece uma experiência única. A praia de Meireles é o local perfeito para quem busca tranquilidade e relaxamento, Mucuripe nos convida a mergulhar na memória viva da cidade, Iracema é um centro cultural vibrante e a Praia do Futuro é o lugar ideal para quem deseja diversão e descontração. Cada uma dessas praias contribui para a formação de um mosaico perfeito que reflete a essência de Fortaleza — uma cidade que não só encanta seus visitantes, mas também os convida a descobrir, aprender e se conectar com a cultura local.

Ao caminhar pelas areias douradas de Fortaleza, somos lembrados de que a cidade é mais do que um simples destino turístico. É um lar cheio de histórias para contar e memórias para criar, um lugar que nos ensina a apreciar a vida e a amar o mar.

SOBRE A AUTORA



LEILA NOBRE MACIEL é graduada em História e Pedagogia e pós-graduada em Coordenação Pedagógica e em Gestão Estratégica Educacional. Desenvolve pesquisa sobre a história de Fortaleza e guarda a memória de nossa cidade no site Fortaleza Nobre, criado com o propósito de difundir a história de nossa cidade nos aspectos culturais, sociais e afetivos. Desenvolve trabalho como memorialista com o propósito de aproximar as novas gerações ao patrimônio histórico de Fortaleza, fortalecendo assim vínculos e valorizando identidades.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA À BEIRA-MAR: QUATRO JOIAS QUE ENCANTAM E REVELAM A CIDADE

Leila Nobre Maciel



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Antônia, uma rua com nome de mulher

Lídia Valesca Bomfim Pimentel



Desde que ficou sem ter onde morar, Antônia garantia a dormida na casa de uma conhecida, mas não tinha onde se recostar durante o dia. Todos os dias, batia em retirada às seis da manhã, caminhava a esmo pelas ruas e a cidade se abria para ela como possibilidade de encontros e desencontros. De poucos sorrisos, minguadas palavras, a mulher carregava no próprio corpo tudo que já viveu desde que saiu do sertão ainda criança para morar nas casas de família de Fortaleza.

Sua vida toda depurada nos passos de cada dia, como quem macera a memória, vivida aos pedaços. Nas andanças de Antônia, os desconhecidos iam e vinham entre trocas de afetos, pão repartido, rodas lúcidas e outras entorpecidas. Também, portas fechadas, rabissacas, silêncios e olhares de sentinela. Com o passar dos anos, aprendeu a sobreviver aos dias desertos da metrópole, a andar perto de quem lhe quer algum bem.

Foi em um encontro desses, à sombra de uma marquise, que Antônia me contou uma história, em sussurro, como quem reza. Eu, atenta a tudo, sentei no chão com ela e lhe dei ouvidos. Disse tomando o fôlego depois de andar sabe-se lá quantos quilômetros, já quase na hora do almoço, a fome fazendo a barriga doer, parou na praça, sentou-se no colo da mãe Ferreira, diante do vaivém dos passantes, meio fora do ar. Com os olhos entreabertos, teve uma visão, andando por Fortaleza, guiada pelas placas de ruas com nomes de mulher.

Viu-se na altura do número vinte e um, no bairro Serrinha, na Rua Anita Garibaldi, a heroína dos dois mundos. A moça apareceu com mochila nas costas e os olhos na altura do horizonte, o punho cerrado, a voz firme, abrindo as portas da história para Antônia passar. Viu, como numa tela, as lutas que Anita travou em vários países. Seu corpo cansado se sentiu revigorado com a força da mulher das revoluções.



Saiu ziguezagueando com a Anita Garibaldi até chegar à Rua Bárbara de Alencar, a inimiga do rei, destemida, perseguida política, mulher que vem de onde a mata é branca e a palma espinhosa enfeita os jardins. Nesse encontro, com o corpo fechado para a morte, Antônia abriu as trancas da prisão e libertou a Matriarca do Crato. Num instante, viu o sertão e a capital se encontrarem, ligados pela estrada de ferro, como uma ponte que liga dois mundos. Da estação, os sertanejos, lavradores sem-terra, esfomeados na estação de Fortaleza, saíam pelos portões, espalhando-se pela cidade. Ela se viu menina, de mãos dadas com sua mãe, esmolando alguma providência para continuar viva pelas bandas do curral. Soltou a mão de sua mãe, que a levaria para a casa de uma família e correu para os braços de Bárbara. A voz de Antônia nesse

momento saía solta, insurgente. Falou do desejo de despertar a cidade de norte a sul, com os anseios de igualdade, de liberdade de ser quem é, de justiça e de amor.

Revirando os olhos, disse-me que traçou os planos com Anita e Bárbara nas esquinas da Avenida do Imperador. Lá, diversas vezes escu-

tou as ordens para os bedéis varrerem seu corpo negro, como se fosse lixo. “Não, senhor imperador, sou mulher liberta”, gritou. No delírio de Antônia, ela cantava uma canção africana com um coro de mulheres com vestes vermelhas, costuradas com fios dourados, espalhando-se por toda Fortaleza, da Ponte Metálica ao Bom Jardim, abrindo as trancas da opressão.



Do centro da cidade, saiu andando até parar na Avenida Jovita Feitosa. Quando viu Jovita, mesmo de perto, não soube dizer se era mulher ou homem aquela figura baixinha, com farda militar, em posição de comando, que lhe olhava fixamente nos olhos, contando a dor de perder a mãe, de ser rejeitada pela família, de sempre encompridar os caminhos nas pelejas de andarilha, para lutar por seu país.

Antônia sentiu-se atordoada, como se campainhas tocassem em seu coração e as luzes de toda a Fortaleza ofuscassem os seus olhos. Ouviu um hino de morte do pelotão de Jovita. Ali mesmo, a sargento desfaleceu em seus braços. Ela viu o seu corpo desaparecer,

esvaecendo em luzes coloridas, como as de um arco-íris. Ela me contou isso com olhos arregalados e lacrimosos. Por tantos lugares por onde andou na Cidade Luz, nunca tinha visto nada parecido com o espaço transpassado pelo encantamento que levou Jovita.

Ainda em êxtase pelo encontro com Jovita Feitosa, Antônia andou, não sabe por quanto tempo, até alcançar a Rua Francisca Clotilde. De longe, viu a escritora, jornalista, professora já idosa, ensinando meninas a ler e a escrever. Antônia, que mal sabia desenhar o próprio nome, viu-se na roda com aquelas crianças e rabiscou o seu poema, pensando nas andanças. “Fortaleza, tuas ruas se abrem para mim...” era o começo, que saía em palavras soltas.

Eu, que amo Fortaleza e caminho por suas ruas por uma espécie de inversão, uma exploração de desertos, um exílio e um desenraizamento, ganhei naquela tarde o presente dessa história, em um devir poético sempre inacabado na cartografia incompleta dos que caminham descalços. Despedi-me de Antônia com um longo abraço e passei minhas mãos em seus olhos, enxugando as suas lágrimas, misturadas em risos.

Voltei para minha casa, olhando para as placas que ainda estampam seus nomes nas esquinas das ruas. Decidi seguir pela Rua Ana Bilhar, Rua Nadir Lacerda, Rua Iracema, Rua Maria Tomásia, Rua Nise da Silveira, Rua Maria Sólida, Rua Esperança, Rua Benvinda, em vários bairros de Fortaleza, cidade mulher, como Antônia, de pés descalços e esperança nos olhos para viver mais trezentos anos.

SOBRE A AUTORA



LÍDIA VALESCA BOMFIM PIMENTEL

nasceu em Fortaleza, é professora e pesquisadora. Graduada em Ciências Sociais, fez mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Amante das caminhadas e com um olhar atento à cidade, pesquisa sobre praças, personagens anônimos do Centro de Fortaleza, população em situação de rua, percursos e descaminhos. É ativista de direitos humanos, coordena projeto com população em situação de rua

desde 1995. Os estudos sobre percursos de vida levaram-na para a literatura em 2018. Especializou-se em escrita literária e vem escrevendo crônicas, contos e poesia que tem a cidade como cenário e personagem. Escreveu sobre o Bairro Passaré, na coleção Pajeú, participou das coletâneas Todos os Tempos do Universo pela Editora Farias Brito, Flor de Resistência volumes I e II pela Editora Radiadora e Memórias da Quarentena, publicada pela ADUFC, em 2020. Atua na docência no ensino superior desde 1999, atualmente, vinculada como professora colaboradora no Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (Uece). É membro do observatório da violência contra a mulher e vem realizando pesquisa sobre políticas públicas na Secretaria das Mulheres.



ESCANEE O QR-CODE

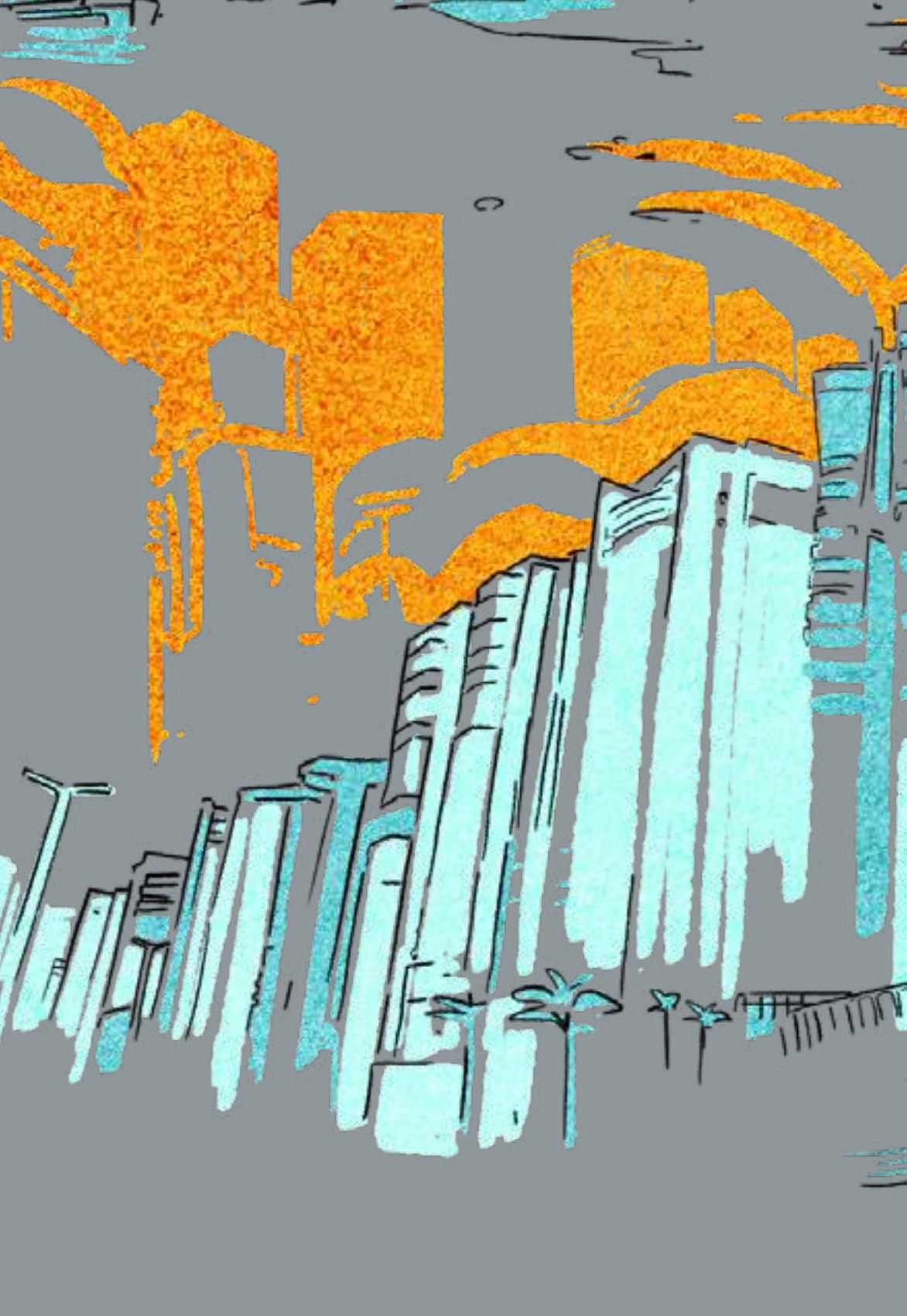
ANTÔNIA, UMA RUA COM NOME DE MULHER

Lídia Valesca Bomfim Pimentel



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Fortaleza e o futuro

Lúcio Gonçalo de Alcântara



futuro das sociedades humanas tem sido projetado tomando como referência certos marcos cronológicos que constituem fontes de preocupação e de temor para nossa sobrevivência como tal. 1984 confirmou em parte a previsão orwelliana, mas o homem não pereceu de todo diante da tecnologia manipulada pelo Estado opressor. 2000 marca o início do século, pressagia grandes progressos materiais e nos inquieta diante da perspectiva de vivermos uma odisséia, não no espaço, como quer a ficção científica, mas na terra onde moramos e trabalhamos. O homem não para de perscrutar o futuro. É impedido a isso pelo fascínio que sente em decifrar o desconhecido. A futurologia não cabe apenas nas fórmulas matemáticas dos sábios. A ânsia do homem em conhecer o seu destino é perceptível na crença que empresta a videntes e adivinhos. O que distingue o homem dos outros animais é a consciência da morte. O que o inferioriza é a ignorância do momento em que irá encontrá-la. A



angústia para descobrir o futuro deixou de ser fenômeno individual para transformar-se em preocupação coletiva. A sociedade humana projeta o futuro na esperança de torná-lo mais ameno e favorável ao homem. Nenhum de nós tem se preocupado em confrontar com a realidade as previsões dos astrólogos de fim de ano ou dos futurólogos do Hudson Institute, que trocaram com o mesmo sucesso o turbante e a bola de cristal da quiromancia pelos instrumentos da moderna cibernética. A confrontação seria certamente decepcionante. Mesmo assim, insistimos em antecipar o futuro. Há até quem tenha cunhado a frase, parodiando aspirações da moda, “futuro já”. Isto é, se queremos construir um determinado futuro, comecemos logo.

A modernização da economia brasileira processou-se nos últimos anos, acarretando, entre outras transformações, a urbanização do país. Grandes investimentos foram feitos em infraestrutura, visando à integração nacional e ao desenvolvimento industrial. Consolidaram-se ou formaram-se grandes centros urbanos. Jaime Lerner disse que a cidade é o cenário do encontro. Ali cruzam-se



pessoas e esperanças, comunidades e sonhos. Realizam-se projetos e frustram-se aspirações. Ela atrai e retém. A volta ao campo é sortida de fim de semana ou plano para depois de aposentadoria que nunca chega. A ufania nacional, embalada pela ideologia do crescimento, fazia a apologia da grande cidade. Os fortalezenses orgulhavam-se de ver sua cidade entre os centros mais populosos do Brasil, e os paulistas criavam para sua capital uma nova divisa: “São Paulo não pode parar!” Era o grito que ecoava país afora como uma convocação geral ao crescimento. A falta de uma política de desenvolvimento urbano aplicada ao conjunto de cidades, e a cada uma por si, a escassez de investimentos em serviços públicos e o crescimento populacional imoderado em decorrência do êxodo rural foram os elementos negativos da urbanização brasileira. A recessão econômica e o conseqüente aumento do nível de desemprego, aliados a uma política agrícola que expulsa o rurícola em direção à cidade, fizeram o resto. Fortaleza, situada na região “mais nordestina” do Nordeste, sofreu muito mais. Epicentro de uma economia paupérrima, imã irresistível, porque única esperança de salvação para populações flageladas pela seca que abandonavam o interior, entumescceu de gente e de problemas.

Os que visitam Fortaleza elogiam-na e se dizem cativados por ela. Falam com sinceridade que está além da simples cortesia de turista educado. Temos um povo acolhedor e generoso, uma geografia que define nossa vocação turística. A dimensão da cidade favorece as coisas. No entanto, parecemos condenados a um crescimento sem fim que nos retira vantagens indiscutíveis. Se olharmos para trás, vamos constatar que Fortaleza, assim como o

resto das demais cidades brasileiras, foi, até o término da Segunda Guerra Mundial, um núcleo urbano relativamente homogêneo. Não havia a disparidade de hoje. Os serviços urbanos e a moradia estavam razoavelmente disponíveis para todos. A organização espacial era mais harmônica, e os deslocamentos para o trabalho não se constituíam no suplício de hoje. A explosão populacional e a falta de uma política urbana adequada levaram à deterioração da vida nas grandes cidades. Em Fortaleza, há várias cidades. Há áreas onde os serviços funcionam razoavelmente, as ruas são pavimentadas e os residentes sentem a presença do poder público. Existem regiões, onde a maior parcela da população, sem água potável e energia elétrica, mora em favelas miseráveis, desempregada e faminta. É uma franja desumana, pendurada com sua tragédia na periferia da cidade grande. Há, por assim dizer, uma cidade formal, governada, atendida em suas necessidades básicas, e uma outra muito ampla, esquecida, entregue a sua própria sorte, regida por códigos e valores próprios, autônoma em sua miséria. Preocupa saber que essa tendência tem se acentuado nos últimos anos e se não for revertida, poderá inviabilizar Fortaleza como cidade agradável para nela se morar e trabalhar.

Olhar para trás não significa querer restaurar hoje a Fortaleza bucólica de décadas passadas. Mas a inspiração do passado deve nos ajudar a não perder de vista a escala humana das cidades. Pequenas ou grandes, destinam-se ao homem, e nelas sua voz deve ressoar como um apelo à solidariedade e à vida em comum. A crença de que tudo se resume a uma corrida entre demanda e oferta, isto é, entre aporte de recursos e solução de problemas, não

encontra apoio na realidade. Quer dizer, injetar mais dinheiro nas cidades não significa necessariamente fazer a felicidade de seus habitantes. Autopistas e viadutos multiplicaram-se país a fora, alterando o aspecto físico das cidades em detrimento de pequenas soluções locais, reclamadas pela imensa maioria de seus habitantes e ignoradas pelos que detinham o poder decisório. A vida do homem urbano gira em torno do bairro onde mora. O quarteirão onde está sua casa, a pracinha que costuma frequentar, o botequim da esquina onde encontra os amigos são, entre outros, elementos cotidianos muito fortes desconsiderados por planejadores afeitos às soluções grandiosas.

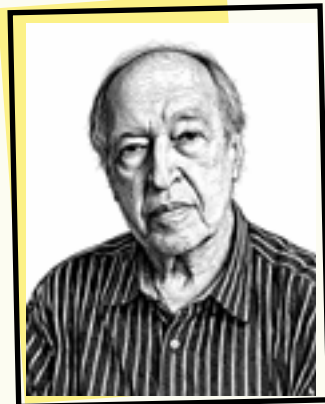
A dependência financeira em que temos vivido nos últimos anos, decorrente da centralização da economia e das finanças nas mãos da União, tirou muito de nossa capacidade de iniciativa, que precisa ser retomada imediatamente. Temos que voltar a decidir sem esperar que as soluções venham de fora.

A Nova República, que começamos a viver, apoia-se em duas palavras-chave: descentralização e participação. Esperamos que sejam mais que um slogan, que permitam mais autonomia local, maior disponibilidade de recursos e uma visão nova do futuro para as cidades brasileiras. A criação do Ministério do Desenvolvimento Urbano é um indício dessas intenções. O futuro há de confirmá-las ou não. Sem pessimismo, mas com senso prático, começamos agora a construir a Fortaleza do ano 2000. Futuro já é a palavra de ordem.

Fortaleza, 1986.



SOBRE O AUTOR



LÚCIO GONÇALO DE ALCÂNTARA nasceu em Fortaleza, é médico, político e escritor. Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará e especialista em Medicina Tropical. Dedicou-se desde cedo à vida pública. Foi por três vezes secretário de saúde do estado do Ceará, prefeito de Fortaleza, duas vezes deputado federal, senador da República, vice-governador e governador do estado do Ceará. O autor sempre teve forte ligação com a leitura e a escrita literária, por conta dessa cultura, tem vários livros publi-

cados, participou e organizou várias obras, sendo ainda editor através do selo Labirinto da Revista Scriptorium e da Fundação Waldemar Alcântara, onde é seu fundador e mantenedor. Lúcio Alcântara, por sua dedicação à literatura, tem vínculo com várias instituições públicas, governamentais e de cunho associativo, como primeiro presidente do conselho editorial do Senado Federal, do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras; sócio honorário da Academia Cearense de Medicina; membro da Academia Cearense de Médicos Escritores, da Academia Quixadaense de Letras, da Associação Brasileira de Bibliófilos e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Atualmente, está à frente, como presidente emérito, do Instituto do Câncer do Ceará, referência no país na área de oncologia.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA E O FUTURO

Lúcio Gonçalo de Alcântara



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

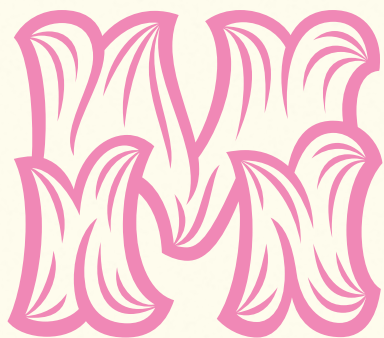




Intersecção

Márcia Barroso Loureto





orávamos em Natal, no Rio Grande do Norte. À medida que se aproximava o tempo de sua reserva como militar, meu pai pediu transferência para encerrar a carreira em Fortaleza, sua cidade natal. A escolha não foi ao acaso. Ao retornar, decidiu fixar morada no bairro Henrique Jorge — território íntimo, onde repousavam as raízes de suas lembranças mais antigas. Viver novamente naquela rua, cenário de sua juventude, foi talvez sua forma delicada de costurar passado e presente, de dar forma ao tempo com a matéria da memória.

Ainda guardo na memória a imagem da casa de minha avó, na primeira vez em que fui a Fortaleza, durante as férias escolares. Era a casa da rua Professor Miramar da Ponte, com portas e janelas em arco e a fachada pintada de um amarelo pálido.

Na frente, um jardim exalava o perfume doce dos jasmims. Nos fundos, o quintal abrigava a sombra generosa das folhagens de um velho eucalipto, onde pássaros se aninhavam e desafiavam o sol com seus cantos repicados, como se nos chamassem à vida pelos ouvidos. O sol, por sua vez, deslizava sereno sobre o telhado, aquecendo e iluminando aquele pequeno mundo.

Era ali que morava minha avó, Maria Loureto, junto das irmãs mais novas de meu pai. A casa, um presente que ele lhe deu com os



primeiros ganhos da
Marinha – como havia
prometido desde sempre. Às
vezes, penso que essa lembrança é
uma espécie de melancolia doce, uma
saudades que não se desfaz, subjetivada pelo
desejo de viver o presente sem nunca me des-
prender do ninho tecido pelo amor simples de quem
me pôs no mundo.



Na trilha dessa busca, a memória me conduz de volta aos anos 80, quando já havia ingressado na faculdade de Pedagogia. É como se atravessasse um portal do tempo, revisitando cenas do meu passado em família e me percebendo a caminhar pelas ruas do Henrique Jorge — ruas então cobertas por pedras pontiagudas e irregulares. Ainda não havia paralelepípedos, tampouco asfalto.

Permito-me tocar novamente aquele chão, como quem refaz os passos de outrora — passos leves, despreziosos, guiados apenas pelos desejos, esperanças e alegrias inabaláveis da juventude, revivo um tempo em que a sociedade ainda se via livre das tecnologias que hoje nos isolam sob a luz fria das telas. Um tempo em que a vida não corria entre cliques e algoritmos, e as relações não se diluíam na pressa líquida do mundo contemporâneo.

Busco, nessas lembranças, eternizar aquele tempo em que a felicidade tinha seu próprio compasso — sereno, quase imperceptível — escondida nas entrelinhas mais simples do viver. Volto-me, mais uma vez, para a rua Professor Miramar da Ponte. Desta vez, fixo o olhar no início da rua — onde ficava a casa de meus pais, a “nossa casa”, como eu e meus irmãos ainda a chamamos. Foi ali que vivemos tempos marcados pela presença inesquecível de meu pai, o “seu Loureto”, como era conhecido no bairro. Homem imponente, de personalidade forte, determinado, destemido e pragmático. Muitas vezes, no entanto, era também temido — sua intransigência o tornava um guardião vigilante, sempre atento, movido pelo desejo profundo de proteger os filhos das inevitáveis intempéries da vida.

Na parada de ônibus Henrique Jorge, meus olhos pousam na antiga banca de revistas. Um espaço de encantamento, onde crianças, adolescentes e adultos mergulhavam em mundos diversos: gibis, revistas Playboy, fotonovelas, palavras cruzadas, álbuns de figurinhas, papéis de carta... Era um ponto de encontro de gerações, de curiosidades, de descobertas. Almanques e cartões-postais faziam daquele lugar um centro pulsante de letramentos diversos — uma tecnologia de encantamento e imaginação, moldando a relação entre tempo e espaço.

Atravesso a praça.

No calendário da memória, é domingo outra vez. Estou diante da casa de muro amarelo, onde floresce um imenso pé

de jambo — árvore antiga que cresce entre o muro e o jardim, como um guardião do tempo. Ao cruzar o portão de entrada, sou transportada para outra dimensão: ali, o passado não dorme. As vozes — apressadas, alegres — misturam-se num só eco. Preparávamo-nos para a missa das 19 horas.

Saíamos em grupo: eu e meus cinco irmãos — três mulheres, dois homens — todos com idades tão próximas. Gaminhávamos juntos até a Paróquia Imaculado Coração de Maria, logo ali na rua, a poucas quadras de casa.

Para chegar à igreja, cruzávamos a praça — espaço que, mais do que passagem, era ponto de encontro e de encantamento. Uma espécie de praça de alimentação improvisada, como as dos shoppings, mas sem pressa, sem vitrines: apenas carrinhos de pipoca, bombons, sorvetes, algodão-doce, maçã do amor, batatinhas fritas. Sabores simples, exalando felicidade e a ternura que hoje é ausência.

Era tempo de céu limpo. O parque de diversões instalava seus brinquedos nas mediações da praça da paróquia. Os bancos, os calçamentos, tudo era tomado por cheiros e luzes. A infância e a juventude vibravam ali, em festa.

O carrossel girava como o tempo. O espalha-brasas, os carrinhos elétricos, o trezinho da alegria, a roda-gigante — todos compunham um mosaico vivo, que vibrava em cores, risos, gritos de espanto e felicidade.

E enquanto a roda-gigante erguia aos céus casais enamorados e seus sonhos de eternidade, a inevitável descida os devolvia ao chão — onde o real os aguardava, aturdidos, entre os risos das crianças e os passos apressados dos jovens que seguiam brincando.

Como era comum nos parques de diversões daquele tempo, ouvíamos poesias disfarçadas de notas musicais, espalhadas pelo som que escapava dos alto-falantes. Declarações amorosas eram anunciadas por uma voz mansa, suave o bastante para tocar fundo o coração de quem as recebia:

“Essa mensagem vai para o rapaz de blusa azul, que conversa com um amigo, perto do espalha-brasas...”

“Para você, moça dos cabelos cacheados, vai esta maçã do amor – como um beijo que há de tocar seus lábios...”

Esses momentos românticos acendiam a atenção de quem paquerava e de quem era paquerado.

Ao final da missa, permanecíamos um pouco na praça, como de costume. Nosso pai, perspicaz, já antecipava que nos demoraríamos por lá, ainda que fosse indispensável voltarmos todos juntos – como saímos. Para nós, filhos, a ida à missa representava mais do que um compromisso religioso: era a chance rara de liberdade, tão ansiada por adolescentes criados sob os moldes de uma família tradicional. Era o tempo do encontro sem amarras, do beijo sem vigilância, do atrevimento sutil.



Espalhávamo-nos pelos arredores da igreja. Escolhi sentar-me com meu namorado num banco de cimento, sob a copa das árvores. Entre beijos e carícias, falávamos dos nossos sonhos - conquistas futuras, a esperança da independência, acreditando que a felicidade se escondia em outros tempos, noutros lugares.

Meus irmãos também se dispersavam: uns com seus pares discretos, outros em novas paqueras ou simplesmente em conversas soltas com amigos reencontrados ali. Mas havia algo que não esquecíamos: era preciso voltar juntos para casa e no máximo às 22h. Combinamos então de nos encontrar na ponta da praça, que dava acesso à rua onde morávamos.

Mas nem todo combinado se cumpre ao pé da letra. Naquela noite, contrariando a rotina habitual, algo inusitado aconteceu. Passava das 21h. A paróquia já havia fechado suas portas. O parque, mesmo com seus encantos, começava a esvaziar-se lentamente.

Foi quando um rapaz se aproximou de mim e disse:

— Teu irmão pediu pra te avisar: é para encontrá-lo na frente do mercantil. Os outros já estão indo para lá. O seu Loureto está rondando a praça à procura de vocês!

Naquele tempo, ainda não existiam os telefones celulares. O orelhão era o único meio de comunicação — e, naquela ocasião, de nada adiantaria. Foi então que o velho e confiável “telefone sem fio”, aliado à solidariedade dos amigos, tornou-se nossa única saída. Já prevenidos sobre essa possibilidade, nossos amigos sempre mostraram disposição em colaborar conosco.

Naquele dia, assim como meus irmãos, fui tomada de surpresa: meu pai não dera qualquer sinal de que sairia à nossa procura. Como de costume, ele havia ido à missa das 17h e, depois, permanecera em casa assistindo ao Fantástico, enquanto minha mãe, com a ajuda das filhas mais novas, preparava os bolos para os lanches da semana.

Nunca soubemos ao certo o que o fez sair naquele dia. Porém, isso já não importava. O essencial era seguir até o ponto combinado, conforme a mensagem trazida pelo emissário enviado por um de nossos irmãos. Despedi-me apressadamente do namorado e corri, sem hesitar, rumo ao destino anunciado.

A frente do mercantil era escura, sem qualquer iluminação, o que nos deixava quase invisíveis a quem observasse de longe.

Em poucos minutos, estávamos todos reunidos — exceto por uma única irmã. Com o coração acelerado, imaginei o desespero que seria chegar em casa sem ela. O temor do descontentamento que pairaria sobre nós, somado à tensão e à raiva pelo desencontro, tornou a espera um suplício. Cada minuto parecia um século.

Para nosso desespero, de onde estávamos era possível ver meu pai caminhando pela praça, parecendo vir em nossa direção. Contudo, quando tudo parecia perdido, Deus — com Sua benignidade—mostrou-nos que milagres ainda acontecem. Um de nossos amigos surgiu, atravessando à frente dele e, como por providência, iniciou uma conversa que prendeu sua atenção de imediato.

Embora não ouvíssemos o conteúdo da conversa, os gestos calmos e explicativos nos permitiam supor que falavam sobre um de seus temas favoritos. Meu pai sempre gostou de incentivar nossos amigos aos estudos, como fazia conosco. E, naquele instante, isso era tudo o de que precisávamos: que ele se entretivesse tempo suficiente até a chegada da irmã que ainda não aparecera. E deu certo — para nosso alívio, ela chegou antes que a conversa terminasse.

Esforçando-nos para não ceder à raiva que sua demora provocara, saímos quase correndo para casa. Tudo acabou bem. Quando meu pai retornou, já estávamos lá, tranquilos, como entorpecidos pelas emoções que marcaram mais um domingo — um daqueles domingos que, à época, nossa imaturidade impedia de reconhecer como felizes.

Nas minhas interseções com o tempo, vejo-me num presente de raízes rasas. Sem a fortaleza rude de meu pai, tudo parece frágil. Nas dobras do tempo, habita um passado empoeirado, adormecido. Um presente esvaziado por relações suplantadas pela força silenciosa de uma modernidade tecnológica, que nos consome enquanto humanos, nutrindo-nos com seus inventos fugazes.

É um presente que aponta para um futuro padronizado — em espaços, em pessoas, em vínculos. Um futuro onde encontros se forjam com pressa, desencontros se repetem com frieza e desencantos se tornam rotina.



SOBRE A AUTORA



MÁRCIA BARROSO LOURETO nasceu no Rio de Janeiro. É professora e pesquisadora. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), especialista em História da Educação Brasileira pela mesma universidade. É especialista em Alfabetização e em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Acre (Ufac). É mestre e doutora pela Universidade Federal do Acre em Linguagem e Identidade. Atuou como assessora e formadora na equipe de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Rio Branco e, atualmente, é assessora técnica pedagógica da Udime/Acre e articuladora estadual da Rede Nacional de Articulação e Gestão, Formação e Mobilização (Renalfa-MEC), além de membro do Conselho Municipal de Educação, representando a Organização Mundial pela Educação Pré-escolar Acre (ONEP /Acre).



ESCANEE O QR-CODE

INTERSECÇÃO

Márcia Barroso Loureto



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





The background is a stylized illustration in shades of blue and white. It depicts a coastal town with several buildings, some with red roofs, and a pier extending into the water. In the foreground, a vintage car is shown from a side profile, facing right. The overall style is reminiscent of a graphic novel or a modern illustration.

Em busca de Iracema

**Maria Adísia Barros de Sá e
Cleto Brasileiro Pontes (in memoriam)**

*Adaptação do romance Em Busca
de Iracema. Gentilmente autorizado pelas
representantes dos autores e pela Editora
Armazém da Cultura para esta obra.*



ano mais triste da minha vida: morre Iracema, nos meus braços, no momento em que me entrega o nosso filho. Suas últimas palavras ainda ecoam em meus ouvidos: Moacir...Moacir.

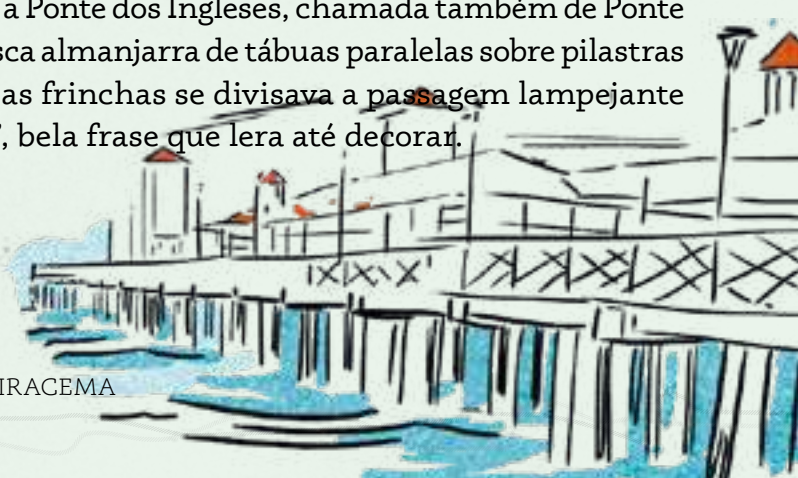
É esse o nome que dou ao nosso filho.

Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.

Faço a sua vontade. Poti, a meu lado, ampara-me na grande dor.

A bordo do Itajubá, à medida que o navio se aproximava de Fortaleza, Moacir mal continha suas emoções. Ansioso por pisar nas terras de seus antepassados maternos, contava o tempo como se acorrentado estivesse ao tridente de Netuno, nas profundezas dos mares.

Dali avistava a Ponte dos Ingleses, chamada também de Ponte Metálica, uma “tosca almanjarra de tábuas paralelas sobre pilastras de ferro, entre cujas frinchas se divisava a passagem lampejante das ondas verdes”, bela frase que lera até decorar.



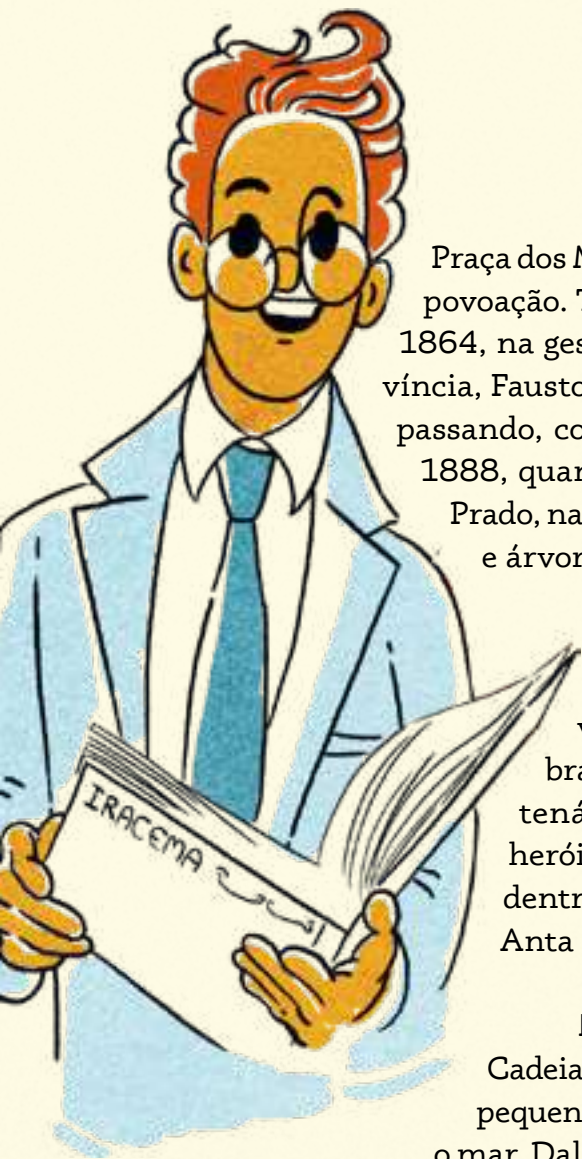
No cais, Moacir foi assediado por motoristas que lhe ofereciam seus carros. Um português de largos bigodes, sorrindo, adiantou-se e lhe tomou a bagagem, conduzindo-o ao seu automóvel. Moacir deixou-se levar, sem protesto. Curioso, emocionado, olhava para todos os lados.

Subeu, pelo seu condutor, que estava no bairro Praia de Iracema. Renque de casarios à beira do mar, coqueirais, areias alvas.

— Praia de Iracema: então foi aqui que viveram meus antepassados maternos. Foi aqui que nasceu o primeiro Moacir, filho da índia com o branco, simbolizando o nascimento do povo brasileiro. Por que teria Alencar escolhido o nome Moacir, que significa, segundo o romancista, filho do sofrimento? Também fora um filho do amor, o prenúncio de um novo mundo. O amor e seus correlatos...

O motorista levou-o para o Palace Hotel, um belo prédio de três andares, com largas janelas voltadas para o Passeio Público. A recepção ficava logo à entrada, onde três empregados atendiam os hóspedes. Após se despedir do motorista, Moacir acertou para o dia seguinte um passeio pela cidade.

Cuidou de abrir as malas, tomar banho e, após o jantar, sentou-se, como vários hóspedes, numa cadeira de balanço e ficou observando o movimento daquela praça que reconheceu, era o Passeio Público, outrora chamado “Campo da Pólvora” e, posteriormente,



Praça dos Mártires. Fora a primeira praça da povoação. Teve sua construção iniciada em 1864, na gestão do então presidente da província, Fausto Aguiar. Foi concluída em 1879, passando, contudo, por várias alterações até 1888, quando construíram a avenida Caio Prado, na verdade, uma alameda de bancos e árvores, onde não passavam carros.

No centro do Passeio, um baobá chamava a atenção de visitantes e passantes. À sombra daquela árvore africana e centenária, tinham sido fuzilados os heróis da Confederação do Equador, dentre outros, o padre Mororó, Pessoa Anta e Carapinima.

Na mesma rua, estava situada a Cadeia Pública, um enorme casarão, com pequenas janelas gradeadas que olhavam o mar. Dali, outrora os prisioneiros jogavam latinhas amarradas por barbante, para que os passantes depositassem moedas, cigarros, o que fosse. Os retirantes foram a mão de obra que ergueu o prédio. Eram homens famélicos, esfarrapados, que haviam chegado a Fortaleza, fugindo da seca de 1877.

Moacir fechou o diário e abriu Iracema, de José de Alencar, onde a história dos seus antepassados era contada em forma de lenda, um texto poético, que ele sabia quase de cor, mas lia sempre com novo encantamento. Mais tarde, retornou à leitura do diário de Martim.

Ainda não deram nove horas e já estava na portaria o senhor Joaquim, o motorista, aguardando Moacir, que tomava café. Dormira mal à noite. Afinal, vivia momentos muito significativos de sua vida e isso o excitava, tentando compreender tudo o que se passava em sua mente e seus sentimentos. A noite fora barulhenta: nas quintas-feiras, as praças eram tomadas por bandas de música, alegrando a cidade, arrastando centenas de pessoas às suas passarelas e calçadas.

No carro, seu Joaquim contou que portugueses, árabes, espanhóis, italianos, franceses foram as principais nacionalidades a se aninhar nas terras alencarinas, construindo, assim, a ideia de “segunda pátria”. Os portugueses foram os que mais migraram para o Ceará. A segunda maior comunidade de imigrantes em Fortaleza era formada por sírio-libaneses, noventa por cento deles, cristãos.

Moacir, ao mesmo tempo em que ouvia Joaquim, olhava atentamente para os lados, tudo observando.

— Fortaleza ainda tem bondes? – perguntou.

— Não – respondeu Joaquim. – Não temos mais bondes em

Fortaleza. Bondes que eram, de início, puxados a burros. Tínhamos várias linhas, uma, inclusive, que chegava até aqui. Hoje são os ônibus que cortam a cidade. Muita coisa mudou, até mesmo os nomes das ruas. O Palace Hotel, onde estás hospedado, era chamado de “Hotel França”.

O motorista mostrava ser conhecedor da história da cidade com seus habitantes.

– Em 1894, os trilhos iam até Porangaba; em 1896, chegaram ao Outeiro. Em 1913, foram substituídos pelos bondes elétricos e, em 1947, circulou o último bonde. Uma pena, doutor, os bondes são marcas de um tempo de ingenuidade, romantismo, de lentidão, calma. No ano seguinte, começaram a retirada dos trilhos. A iluminação pública, que era alimentada a azeite de peixe, passou a existir desde 1848; e, em 1866, passou a ser a gás. A elétrica é de 1935. E assim se vão mudando as cidades, perdendo seus encantos e tomando outros.

– O senhor tem uma bela memória! – exclamou Moacir. – O que mais podemos visitar?

– Doutor, vamos dar um pulinho na praça José de Alencar?

– Veja, ali está o Theatro José de Alencar, cuja construção, de 1908, foi confiada ao capitão-engenheiro Bernardo José de Mello. Foi idealizado como um teatro-jardim, mas o jardim está até hoje a esperar suas mudas, quem sabe um dia se tomem os

brios de ajardinar o jardim. A inauguração do teatro aconteceu no dia 17 de junho de 1910, pelo então presidente do estado, o comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly, o famoso Accioly, metido em tantas encrencas. Accioly era chamado pelos opositores de “O Babaquara” e gostava de escrever seu sobrenome com y, mas era da família Accioli, com i, filho e neto de portugueses, meus patrícios. Considerado um homem honrado, no entanto, frustrou as esperanças do povo. No seu primeiro governo, sua oligarquia ficou indiferente aos sofrimentos da seca, a uma terrível fome e a uma epidemia de varíola. No segundo governo, o povo, insatisfeito, temendo a crueldade dos acciolistas, fez uma passeata de crianças, doutor, uns seiscentos anjinhos vestidos de branco e com lacinhos verde-amarelos no pescoço, onde penduraram medalhas com a face do opositor de Accioly, que era Franco Rabelo. As crianças desfilaram pelas ruas, a cantar, no meio de uma multidão de assistentes. A polícia do estado não teve escrúpulos, atirou, matando muita gente, mesmo crianças, mesmo anjinhos, doutor. A revolta popular foi imensa, homens se armaram, cercaram o Palácio da Luz, exigiram que o Accioly renunciasse e tomasse o primeiro navio para o sul. Ele e a família embarcaram num navio de cabotagem, onde um bandido de nome Clementino, pago pelos rabelistas, invadiu o convés e tentou matar o Accioly, mas acertou em seu filho, que faleceu no atentado. Histórias de violência e ódio não faltam na lembrança desta linda cidade. A pensar bem, de todas as cidades, ora, pois, pois. Mas também a civilidade, a galanteria, o luxo, como o deste teatro. Imagine, o senhor, o glamour daquele tempo: mulheres de chapéus e luvas, homens de fraque, bengala... A parte de ferro foi

importada de Glasgow, na Escócia. Uma beleza, doutor, uma lindeza! Pena que esteja fechado, valeria a pena uma visita. O prédio possui uma estrutura metálica, cuja preciosidade arquitetônica o tornou patrimônio artístico nacional. Sua estrutura interna possui escadarias, camarotes e frisos de ferro fundido.

— E aquela igreja, senhor Joaquim?

— A igreja do outro lado da praça, que estás a ver, é a de Nossa Senhora do Patrocínio, cuja fundação data de 2 de fevereiro de 1849. Foi erguida a mando do alferes Luís de França Carvalho, após receber uma graça.

Moacir e Joaquim fizeram uma parada para tomar café no Abrigo, onde grande era a agitação: pessoas entrando e saindo, som alto vindo de uma casa de discos, pedintes em busca de um trocado.

— Ali fica o Excelsior Hotel, construído em 1930 pelo homem mais rico do Ceará, o comerciante Plácido de Carvalho, que levantou também o cine Magestic em 1917. O povo diz que em uma de suas viagens à Europa, no ano de 1912, o comerciante conheceu na Itália uma jovem chamada Pierina, por quem se apaixonou loucamente. Pediu-a em casamento. A italiana aceitou, mas, para vir morar no Ceará, impôs uma condição: que o noivo construísse para ela um palácio, exatamente como o que havia em seu país. O Plácido aceitou a condição e cumpriu-a à risca, pois trouxe o desenho do palácio. Naquele tempo, era costume fazer réplicas de casarios europeus, os ricos viajavam, encantavam-se com as belas fachadas e compravam os desenhos. Importavam até o

material de construção, os mármore, as torneiras, as cantarias, as colunas... Se o doutor quiser, nós passamos agora pelo palácio, na Aldeota, fica na avenida Santos Dumont.

Moacir pediu para passar pelo palácio noutra oportunidade, agora queria conhecer outros bairros.

— Pois vamos conhecer um mais afastado...

Moacir viu então uma placa, “Soares Moreno”, e perguntou se Joaquim sabia o porquê daquele nome. Joaquim não soube explicar, talvez fosse o nome de um descendente do primeiro colonizador do Ceará, Martim Soares Moreno, talvez o nome de um morador ilustre, descendente daquele colono, mas disse que aquele era um bairro muito populoso e de gente simples, honesta. Corria o bairro sobre a rua Castro e Silva, terminando diante do portão do cemitério de São João Batista.

— Aqui praticamente todos se conhecem pelos nomes e, à tardinha, as famílias trazem suas cadeiras para as calçadas e ficam conversando, olhando o movimento, refrescando-se com as brisas e levando uma vida mais social e agradável, até as nove da noite, quando se recolhem.

— Soares Moreno... o nome soava bem para Moacir, lembrando seu remoto antepassado. Quase quatro séculos separavam os dois, ou aproximadamente dezesseis gerações. Martim Soares Moreno, o pai do primeiro Moacir...

– Estou entre os meus. Aqui é o meu lugar – pensou Moacir.

No centro, Moacir olhava atentamente para um lado e outro da rua e ia vendo as placas que anunciavam as sedes dos jornais cearenses: O Povo... Correio do Ceará... Unitário... O Estado... Gazeta de Notícias... Dali partiam os gazeteiros gritando as manchetes do dia, caminhando para os lados da praça do Ferreira.

– Mas os fuxicos passam de boca a ouvidos muito mais rápido que as notícias dos jornais – brincou o chofer.

– O que são aquelas placas?

– Anunciam as pequenas pensões, Sobral, Napoleão, Fortaleza Hotel, onde os proprietários moram com suas famílias e hospedam principalmente pessoas que vêm do interior para visitar os filhos que estudam nos colégios Cearense, Imaculada, Doroteias. Mas também comerciantes, homens de negócios, pessoas que vêm visitar parentes em Fortaleza.

Num caderninho, Moacir ia anotando as informações que o interessavam mais, para guardá-las melhor em sua lembrança. Talvez fossem úteis de alguma maneira, no futuro.

Quando chegaram à praça do Ferreira, desceram do carro e foram caminhar por entre os passantes, ao longo dos bancos ocupados por pessoas que faziam hora, conversando, sob um sol escaldante. Moacir tirou o paletó, suado, mas Joaquim o mantinha vestido, como se acostumado ao calor.

— A praça do Ferreira está cercada de bancos, não é? Pois bem, estes bancos eram frequentados por alguns dos homens mais interessantes de então: inteligentes, descontraídos, irreverentes. Professores, advogados, jornalistas, homens de negócios ali se encontravam religiosamente, para conversas sobre tudo, principalmente política e mulheres.

— Bons assuntos.

— Estás a ver aquele banco ali? Ainda hoje é o mais famoso da praça, até mesmo da cidade. Era conhecido como o “banco da opinião pública”.

— Alguns nomes, você saberia citar?

— Pois, pois, como não! Demócrito Rocha, jornalista fundador e diretor do jornal O Povo; Wicar de Paula Pessoa; José Rodrigues Ribeiro; Ernesto Drenner e Afonso Medeiros. Demócrito Rocha era o cabeça do grupo. Esse jornalista era atuante e independente. Antes de ter seu próprio jornal, escreveu noutros, como O Geará.

Joaquim contava esses fatos com emoção, como se tivesse testemunhado aqueles momentos.

— Vou dizer-te mais alguma coisa. Escreveram, nesse jornal, figuras as mais expressivas da vida política e intelectual de então, como Rachel de Queiroz, Paulo Sarasate, - que se casaria com a filha mais velha de Demócrito Rocha, senhora dona Albanisa. Paulo Sarasate chegou a governador, de 1955 a 1958 - anterior

ao doutor Parsifal Barroso, atual governador. Quanto ao terceiro amigo - eram três inseparáveis companheiros quando acadêmicos de Direito, Paulo Sarasate, Parsifal Barroso e Plácido Castelo, penso que o doutor Plácido Castelo, como os outros dois, também chegará ao governo, acredita? Ora, pois, pois. São homens sérios, respeitáveis e políticos da melhor qualidade.

— Quer dizer que dois dos três grandes amigos chegaram ao governo do estado? Que interessante! Mas me responda: o mandato não era de 1955 a 1959? Por que essa interrupção, e quem ficou no lugar de Paulo Sarasate de 1958 a 1959?

— Doutor, és muito atento ao que digo. De 1958 a 1959, período que antecede ao mandato do doutor Parsifal - então ministro do trabalho, da presidência de Juscelino -, quem ficou à frente do governo foi o professor Flávio Marcílio, vice de Sarasate. Este esteve várias vezes fora do governo, por motivo de saúde; em julho de 58, Sarasate renunciou para disputar uma cadeira na Câmara Federal, assumindo, então, em seu lugar, aquele Flávio Marcílio, piauiense de Picos, político que fez carreira aqui no Ceará com o apoio de Carlos Jereissati. Este Jereissati era homem de muito dinheiro e prestígio no estado.

— Entendi, senhor Joaquim. Quer dizer que hoje quem governa é o doutor Parsifal Barroso?

— Sim, ele foi eleito no ano passado. Fico pensando: a sorte escolhe os seus, não é?

– Como assim?

– Primeiro foi o doutor Paulo Sarasate, agora é o doutor Parsifal Barroso, eleito no ano passado. Curiosamente, na mesma eleição do doutor Parsifal, foram eleitos deputados federais o Paulo Sarasate e o Flávio Marcílio.

– Curioso...

– Mas, doutor, há um fato interessante que se passou nesta praça, graças ao espírito brincalhão, irreverente e moleque do cearense. Conta-se que, por volta dos anos de 1940, o sol foi vaiado. Todos sabem que o povo daqui adora chuva, pois é coisa muito rara. Vendo que o céu se nublava, o povo se reuniu nesta praça a festejar aquele prenúncio de um janeiro chuvoso. As pessoas já se preparavam para correr e se abrigar da chuva, abriam sombrinhas, mas eis que aparece o sol, ardente e impetuoso, expulsando as nuvens e frustrando a espera daquela gente. Todos gritaram vaias ao sol. Saiu até no jornal O Povo, numa manchete espetacular. Coisa de cearenses.

Riam-se os dois.

– O nome da praça do Ferreira veio em homenagem ao boticário Antonio Rodrigues Ferreira, que derrubou becos para a construção da praça, inaugurada em 1950. Em 1902, foi quebrada e remodelada, na gestão do intendente Guilherme Rocha. Nova roupagem sofreu a praça em 1920, na gestão do prefeito

Godofredo Maciel, que tirou os quiosques que a circundavam e construiu jardins. Naquele local, foi erguido um coreto, onde as bandas tocavam, destruído na gestão do professor Raimundo Girão que, no local, construiu a “Coluna da Hora”, é esta aí, modificada ao longo dos anos. Todo prefeito mexe na praça.

— E a população aceita.

— O cearense é muito inovador, não cultiva a tradição como nós portugueses. Estamos aqui no coração da cidade. Ali está a loja 4400, onde ficamos conhecendo a escada rolante. Uma farra, havia fila para subir e descer. E as construções tinham só um andar, quando veio o Hotel Savannah, aquele ali, com muitos andares.

Após o longo passeio, Moacir despediu-se do motorista, marcando mais andanças pela cidade para o dia seguinte, frisando bem que, no final de semana, viajariam para o interior, seguindo o roteiro que traçara.

Ao entrar no hotel, Moacir foi abordado pelo gerente:

— Há umas pessoas esperando pelo senhor ali no salão de recepção.

— Esperando por mim? Não conheço ninguém em Fortaleza!

Moacir olhou para um lado e outro, à procura de um rosto conhecido. Ninguém. De repente, viu-se cercado por alguns jovens que, sorrindo, apresentaram-se.

– Somos jornalistas. Que tal uma palavrinha conosco?

Dirigiram-se a um amplo salão cercado de espelhos, ornado por jarros e flores e tomado por poltronas. Moacir soube, então, que Joaquim dissera a alguns colegas que no hotel estava hospedado um jovem carioca que viera ao Ceará em busca de suas raízes.

– É verdade que o senhor é descendente de cearenses?

Antes que Moacir falasse alguma coisa, os jornalistas foram se apresentando.

– Chico Alves, Tribuna do Ceará.

– Arabá Matos, Gazeta de Notícias.

– Epitácio Cruz, Diários Associados.

– Faria Guilherme, O Nordeste.

– Fenelon Almeida, O Povo.

– Ari Cunha, O Estado.

Fotógrafos, microfones, cinegrafistas...

A entrevista transcorria naturalmente, com perguntas e respostas, sorrisos.

Um garçom aproximou-se trazendo uma bandeja com jarras de suco, água, salgadinhos, café.

Moacir respondeu a todas as perguntas, afirmando que viera, sim, em busca de suas raízes e que, no final de semana, iria tentar fazer o mesmo trajeto que, pelo que lera em José de Alencar, teria sido o caminhar de Iracema e Martim. Moacir disse que descendia desse casal.

Nesse momento, as vozes silenciaram, e os jornalistas se olharam, entre incrédulos e pândegos.

No dia seguinte, os jornais chegaram cedo ao apartamento. Moacir foi olhando um a um.

“Descendente de Iracema visita o Ceará”.

“Advogado carioca busca suas raízes cearenses”.

Sua foto estava nas primeiras páginas.

Moacir passou a ser figura de atração e curiosidade, não apenas para os hóspedes do hotel.

— Ah, Joaquim, você me paga! — disse Moacir, mostrando-lhe os jornais, ao tomar o carro para novos passeios por Fortaleza.

O tom era, na verdade, de satisfação e os dois sorriam.

— Fortaleza tem muitos jornais, não é Joaquim?

— Sim, mas no passado o número era bem maior do que hoje. Imagine o senhor que o primeiro jornal se chamava Diário do Governo do Ceará, do padre Mororó, um revolucionário que foi fuzilado ali em frente ao hotel. O Correio do Povo, em 1872, era dedicado exclusivamente ao mundo feminino.

— Então Fortaleza teve um jornal feminista?!

— Ora, pois, pois, o Ceará é um verdadeiro matriarcado, o doutor vai logo perceber. E tivemos outros periódicos, inclusive da maçonaria, que era o Fraternidade. A política aqui sempre contou com jornais próprios, como os liberais radicais e o seu O Futuro. Até no interior existiam jornais. A cidade de Ipu, que o senhor vai conhecer, teve o seu.

De longe avistaram o gracioso prédio da estação.

— Aqui, doutor, há um século era um campo para treinamento das milícias provincianas e das tropas imperiais. O espaço aberto também era usado pelo povo da cidade para seus esportes, como cavalhadas ou torneios hípicas com argolinhas, que eram os esportes habituais na época. O local chama-se “Campo da Amélia”. Em 2 de agosto de 1829, dom Pedro I, o imperador do Brasil, que tinha uns trinta anos de idade, casou-se com a princesa Amélia de Leuchtenberg, menina de apenas 17 anos. Puseram o nome de “Campo da Amélia” em homenagem à nova imperatriz lourinha.

As lourinhas fazem aqui muito sucesso, doutor.

O passeio transcorria devagar para que Moacir não perdesse nada de vista. Depois da Escola Normal e do Colégio da Imaculada Conceição, passaram em frente ao Colégio Militar e à praça da Bandeira, onde, em dias de semana, havia toque da banda da escola. Ao lado, estava a igreja do Cristo Rei, dos padres jesuítas.

— Quando o Papa Pio XI publicou a Encíclica de Cristo Rei, com sua festa, o povo de Fortaleza foi desesperado por seu sentimento religioso e desejou que o templo, prestes a ser construído em homenagem a São Luís Gonzaga, fosse dedicado ao Cristo Rei. Em 17 de maio de 1928, lançaram a pedra fundamental, numa concorrida missa campal. O povo cearense é muito religioso, doutor, estás a ver que reza de joelhos.

— Vamos conhecer as praias – pediu Moacir, nostálgico.

Tomaram a rua dos Tabajaras, que findava ao lado de uma graciosa igrejinha consagrada a São Pedro. Estavam no bairro da Praia de Iracema, diante daquele mar poético, os verdes mares bravios, cantados por Alencar.

Moacir simplesmente sorriu. Entraram no carro e continuaram o passeio.

— O senhor está vendo aquele bangalô, que tanto se destaca? Foi construído para ser a residência da família Magalhães Porto

pelos idos de 1925, depois disso, passou por diversas mãos. Após a guerra, a família Porto não quis mais retornar à antiga moradia e alugou o prédio a comerciantes portugueses, meus patrícios, pois, pois, que ali abriram um restaurante, o famoso Estoril, um postal da cidade, por sua arquitetura espetacular. Intelectuais, boêmios, professores, jornalistas, músicos, poetas eram seus maiores frequentadores. Também os Rogaciano Leite - primeiro o pai, depois o filho -, Sandra Gentil, uma das mulheres mais bonitas que as terras cearenses já viram, e tantos outros fortalezenses famosos daquela época.

Moacir ouvia atentamente.

— Ali, doutor, ficaram os americanos, no tempo da Segunda Guerra Mundial. Esses soldados estavam aquartelados nas bases do Pici e do Cocorote. Na Vila Morena, hoje Estoril, eles fizeram o clube socioesportivo para os militares. As nossas jovens que frequentavam esse clube passaram a ser chamadas de “coca-colas”. Dizem que foram os rapazes cearenses que inventaram esse apelido depreciativo, despeitados pela atração que os americanos exerciam sobre as moças daqui. Uma dessas coca-colas era a mais bela mulher desta cidade, os homens acompanhavam seu olhar ondulante, boquiabertos, tremendo de paixão.

Ambos riram soltos.

— Ali - prosseguia Joaquim - é a ponte Metálica, outrora porto de Fortaleza, cujas obras foram iniciadas em 1902 e concluídas

em 1923, para servir de viaduto de desembarque. Foi desativada em 1940, passando, até os nossos dias, a reduto da boemia. Esta praia de Iracema, que antigamente se chamava praia dos Peixes, era o porto das jangadas, os pescadores ali deixavam suas embarcações. Dizem as lendas, e os mais antigos repetem, que aqui foi enterrada Iracema, bisavó da vossa bisavó.

Moacir foi perpassado por um leve tremor, sentindo sob seus pés as areias que cobriam as lembranças de Iracema.

De longe percebia-se uma movimentação fora do comum: homens e mulheres apressados – era o início de um novo turno numa das fábricas do industrial Pedro Philomeno, que ali também construía uma das mais belas residências de Fortaleza. Estavam em Jacarecanga, bairro de casas luxuosas.

-Várias personalidades moram aqui, como o doutor Acrísio Moreira da Rocha, o general Cordeiro Neto, o médico Jurandir Picanço... Esses homens quase todos estudaram no Liceu do Ceará, colégio símbolo da educação pública de nosso estado. Esta praça, que se chama na verdade Gustavo Barroso, é conhecida como “pracinha do Liceu”. O doutor há de conhecer Gustavo Barroso, era escritor.

— Sim, li seus livros, não posso dizer todos, pois publicou mais de cem volumes, sobre história, política, folclore, memórias, crítica, arqueologia, museologia, economia, biografias e até ficção. Barroso dirigia a revista Fon-Fon, e era homem das academias,

desde a Brasileira de Letras, onde fez estudos do folclore com o poeta Manuel Bandeira, até as portuguesas de Ciências, de Belas Artes, de Arqueologia, de História, todas em Lisboa e Coimbra, de Numismática na Bélgica, de Literatura em Londres, de Geografia em Lisboa, Rio e Lima. Um homem cosmopolita, que representava o Brasil em missões diplomáticas.

— Ah, não me vou esquecer de dizer que aqui mora, também, o grande historiador Thomaz Pompeu Sobrinho, vive naquele palacete que o doutor está a ver, em estilo art nouveau, de número 1801.

No momento em que o carro atravessava a praça, passou um grupo de liceístas, em grande alarido, gritando palavras contra os bombeiros:

— Pega fogo! Pega fogo!

— O bom na pracinha do Liceu é ver as meninas sentadas nos bancos, a tagarelar, e o vento a levantar suas saias, quando caminham entre os pombinhos que estão a comer as migalhas que caem no chão. O Liceu é o terceiro mais antigo colégio do Brasil, o primeiro é um no Rio Grande do Norte, agora não me recordo o nome, e o segundo é o famoso Pedro II, no Rio de Janeiro, tua cidade, doutor, que deve ser mesmo inspiradora, pois o Liceu inspirou-se no Colégio Pedro II para elaborar o currículo.

De Jacarecanga, Joaquim seguiu para o Benfica, onde estava instalada a universidade, tendo por centro um magnífico casarão,

que servia como reitoria, e fora a casa de um inesquecível morador de Fortaleza, José Gentil.

— A chácara foi adquirida pela família Gentil, que, em 1918, demoliu a casa existente e construiu um palacete. Faz poucos anos, em 1956, o lugar foi comprado pela universidade, por iniciativa do seu primeiro reitor, o responsável Martins Filho, que decidiu demolir o palacete, erguendo outro, mais amplo, com a mesma arquitetura desenhada pelo mesmo arquiteto da casa anterior. E aí está a beleza.

— E quem foi esse José Gentil, senhor Joaquim?

— Gentil foi um banqueiro muito rico, doutor - continuou Joaquim, com sua fascinante memória -, que investiu na edificação de um novo bairro chamado Gentilândia, a cidade dos Gentil. Grande família, soberana, como uma família real, repleta de lindas mulheres, elegantíssimas.

— Senhor Joaquim, voltemos ao hotel. Ainda quero dar uma volta, antes que escureça.

Chegando ao hotel, preparava-se para subir ao apartamento, quando foi informado de que havia visitas, esperando-o.

— De novo os jornalistas?

Depois que a imprensa noticiara a sua presença, sempre havia

alguém procurando-o para conversar, perguntar sobre o Rio de Janeiro, e querendo detalhes de sua estada no Ceará.

– Boa noite, somos advogados, como o senhor – falou um homem forte, quase gordo, dirigindo-se a ele.

Abraços, cumprimentos amigáveis, apresentações.

– Sou Perboyre e Silva, professor da faculdade de Direito e presidente da Associação Cearense de Imprensa. Este é Madaleno Girão Barroso, professor da faculdade de Direito; este é Eduardo Campos, superintendente dos Diários Associados. Estamos aqui para convidá-lo a almoçar conosco amanhã, sábado, no Clube dos Advogados, na rua Guilherme Rocha.

Depois de cumprir seu ritual na praia e de passar na frente do bangalô, Moacir preparou-se para o encontro com os advogados.

Um pouco antes da hora combinada, o carro parou em frente ao edifício Granito, onde ficava a sede do Clube do Advogado.

No clube, foi recebido com simpatia e cumprimentos pelas entrevistas dadas



aos jornais. O clima era de franca camaradagem, com rodas de gente e pequenas mesas tomadas de garrafas vazias de cerveja, copos cheios, pratos com tira-gosto. Enfim, ambiente de profissionais em dia de folga.

Eduardo Campos veio ao seu encontro e saiu apresentando-o:

— Governador, este é Moacir, o descendente de Iracema.

O governador, Parsifal Barroso, professor e intelectual, logo entrou em animada palestra com Moacir.

Segundo minhas contas, o senhor é da décima sexta geração de Martim Soares Moreno e Iracema. E vai percorrer o mesmo roteiro que Martim teria feito com Iracema, como consta no romance de Alencar? – indagou Parsifal.

Nesse instante, aproximou-se uma senhora de riso fácil, pele clara e forte presença. O governador apresentou-a, era sua esposa, dona Olga, que entrou imediatamente na conversa, bastante interessada e bem informada sobre o caminho de Iracema. Perguntou-lhe como pretendia realizar a viagem.

— Vou contratar um carro de praça, senhora, com um chofer que conheça bem as estradas, e, quem sabe, a história das cidades que ficam ao longo do caminho.

— Como é que é, Parsifal, você vai deixar que um descendente de Iracema faça essa viagem em carro de praça?

Imediatamente, o governador ofereceu um automóvel para a viagem de Moacir. Sabendo que o jovem advogado carioca estava programando a saída no dia seguinte, domingo, o governador acrescentou:

– Amanhã cedo o meu carro particular estará à porta do hotel e, olhe, estou telefonando para minha casa em Sobral, onde o senhor ficará o tempo que quiser, refazendo energia para sua grande jornada. Volto a insistir: o senhor vai seguir o mesmo caminho de Martim Soares Moreno e Iracema, seguindo o roteiro de José de Alencar? Como um peregrino a caminho de Compostela!

– Sim, senhor. E para isso levo comigo também o diário de Martim.

– O diário de Martim? – interessou-se o governador.

– Sim, o original do diário está com minha família desde o século 19, quando foi encontrado por um historiador. O meu pai herdou-o de seu avô. Este tirou uma edição fac-similar, que trago comigo. Foram apenas dez cópias para serem distribuídas entre familiares.

O interesse do governador era indisfarçável. Disse que gostaria de conhecer tal preciosidade.

– Governador, eu trouxe dois exemplares. Faça questão de oferecer um à cidade. Se me permite, vou apanhá-lo agora, no hotel.



Imediatamente, o governador retrucou:

— Não controlo minha ansiedade: eu mesmo irei em sua companhia.

E lá foram, não só os dois, mas dona Olga, Perboyre e mais dois advogados.

Moacir foi ao apartamento, apanhou um exemplar do diário de Martim Soares Moreno e entregou-o ao governador.

— O senhor fique certo, doutor Moacir, de que tão logo termine a leitura, entregarei esta preciosidade ao Instituto Histórico do Ceará. Vai enriquecer o nosso acervo.

— Governador, pela primeira vez, este diário sai da guarda de minha família. Agrade-me entregá-lo nas mãos de um professor de história, um intelectual.

Palmas, abraços. Emocionado, Parsifal retirou-se e com ele os que o acompanhavam e testemunharam aquele momento. Todos retornaram ao Clube do Advogado, onde foram recebidos com

uma jovialidade quase esfuziante, uma informalidade que Moacir raramente vira nos encontros de advogados do Rio. Os cearenses eram mesmo o que se dizia deles: hospitaleiros, meigos e afetuosos.

Conversaram sobre política. Os tempos da ditadura de Getúlio Vargas e seu suicídio ainda ecoavam naquele templo de leis. Eles se revezavam, contando sobre o período de Vargas.

— O país está começando a respirar, depois da época da ditadura. O Brasil elegeu livremente seu presidente, o marechal Gaspar Dutra, homem pacato, da paz. Comenta-se que ele é silencioso e só diz uma frase em sua casa: “Sim, senhora!”.

Os advogados gargalharam.

— E no Ceará, o que aconteceu depois da queda de Getúlio?
— perguntou Moacir, interessado. Era o tipo da conversa que costumava manter com seu pai e com seus colegas advogados, no Rio.

— Os cearenses elegeram o desembargador Faustino de Albuquerque, então presidente do Tribunal Regional Eleitoral, seu primeiro governador depois da ditadura de Getúlio. Mas não foi fácil seu governo.

— Primeiro, a campanha eleitoral, arrastando multidões para os comícios, quase sempre puxadas à banda de música e a foguetes, enfim, uma festa. A campanha para governadores coincidia com a para presidente da República.

— Para presidente, eram três candidatos: dois militares - o brigadeiro Eduardo Campos, da UDN, e o marechal Eurico Gaspar Dutra, do PSD - e o civil Yedo Fiúza, do PCB. No Ceará, o mais votado foi o brigadeiro, mas quem levou a presidência foi o marechal. Na oportunidade, também foram eleitos os deputados federais.

— Nesse mesmo ano de 1947, foram eleitos os vereadores da Câmara Municipal de Fortaleza e o prefeito da capital, Acrísio Moreira da Rocha. A posse dos vereadores, no dia 1º de janeiro de 1948, foi no Theatro José de Alencar, em meio a uma festa de arromba. A posse do prefeito realizou-se no dia 6 do mesmo mês, perante a Câmara Municipal.

— E Faustino fez um bom governo? - perguntou Moacir.

— Ótimo governo! - exclamou um advogado.

— Data vênia, péssimo! disse outro.

— O que se diz é que foi um abridor de estradas, seguindo a regra do ex-presidente, Washington Luiz, de que “governar é abrir estradas”. Faustino construiu açudes, escolas rurais, mas o ponto alto de seu período de governo foi a criação e instalação da faculdade de Medicina - completou uma advogada de cabelos ruivos.

— E o povo apoiava o governador?

— Que nada, doutor Moacir! Teve até passeata de estudantes contra ele! E sabe quem estava à frente dessas manifestações? Os estudantes da faculdade de Direito e do Liceu do Ceará, que ele havia criado com tanto empenho. São ironias da vida.

— Onde eu posso colher mais informações sobre a história política do Ceará? Por exemplo, quais os partidos mais fortes de então?

— O senhor pode comprar o livro do também doutor, nosso colega, o advogado Aroldo Mota.

— Invente dedo, dedo, invente dedo. Lá vai: PSD, Partido Social Democrático, PSP, Partido Social Progressista, UDN, União Democrática Nacional, PTB, Partido Trabalhista Brasileiro...

— De repente, um violão, uma bonita voz... Era o que faltava àquele ambiente de franca cordialidade.

— Às 15h, Moacir despediu-se de todos. Ainda penalizado com a negativa de Joaquim, aceitou e agradeceu o oferecimento do governador: seu motorista particular e a hospedagem em sua casa no interior.

À frente do edifício, Joaquim aguardava a saída de Moacir.

— Gostei de ver como o doutor foi tratado pelos colegas cearenses, e até pelo governador. Não imaginava que o doutor fosse assim, tão importante!

Moacir sorriu ante a acurada observação do motorista.

— Estávamos conversando sobre ditaduras.

— As ditaduras são uma peste.

— O que você sabe de ditadura, Joaquim?

— O doutor se esquece de que Portugal já vivia sob o tacão de Salazar quando nasci? Ou pensas que vim para o Brasil por não amar o meu país? Meus pais queriam uma vida melhor para mim e me mandaram em companhia de um casal amigo que vinha para cá. Posso dizer que me fiz homem nesta terra, doutor, mas não esqueço meu povo, nem sua história.

Joaquim ficou um longo instante em silêncio, parecia comovido com a despedida ou com lembranças de sua partida da terra natal.

Estava uma noite abafada, talvez prenunciando chuva, mas logo Moacir se lembrou de que era período de verão, quando nunca chovia. Tentou ligar um velho ventilador que havia no quarto do hotel, mas as pesadas pás de madeira pararam logo depois de alguns giros. Suado, sem camisa, Moacir pôs a cadeira em frente à janela e ficou a ler. Sentia uma angústia que não podia exatamente

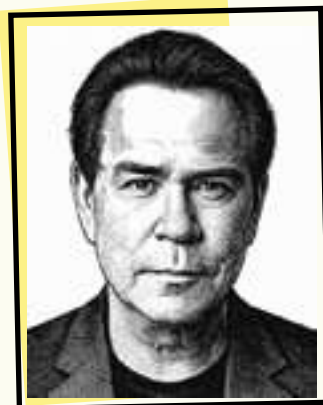
explicar, mas sabia que se relacionava àquele momento de passagem, quando estava prestes a começar a viagem que tanto planejara realizar. E, talvez ainda mais, à melancólica despedida do amigo. A vida era repleta de perdas. E de esquecimentos.

Ao clarão de um magnífico luar, ficou à janela, olhando a rua, as casas, os telhados prateados, as raras pessoas que passavam. Sentiu o quanto se apaixonara pela cidade, como se convertido a uma crença de belezas. O que sentira Martim, ao pisar ali pela primeira vez, diante daquela natureza tão esplendorosa? Lembrou-se do exemplar do diário que doara à cidade, talvez um pouco enciumado. Pegou seu exemplar e mergulhou na leitura.

SOBRE OS AUTORES



MARIA ADÍSIA BARROS DE SÁ nasceu em Cariré, Ceará. É professora, jornalista, redatora, radialista e escritora. Graduiu-se em Filosofia pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. Tornou-se professora da Universidade de Fortaleza e, posteriormente, professora da Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará. Lecionou nos cursos de Filosofia e Jornalismo, tendo participado da fundação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Trabalhou em diversos jornais e foi comentarista de política. É autora de várias obras sobre história do jornalismo, comunicação, metafísica e ficção. Ocupou vários cargos de direção em entidades ligadas ao jornalismo.



GLETO BRASILEIRO PONTES nasceu em Fortaleza, Ceará. Foi médico psiquiatra, professor da Universidade Federal do Ceará. Graduado em Medicina pela UFC em 1976. Foi pesquisador e concluiu mestrado em Medicina pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e doutorado também em Medicina pela Université Lumière Lyon 2, ambas na França. Também atuou como articulista do jornal O Povo em Fortaleza. O autor foi também fundador da Associação de Psiquiatria do Estado do Ceará (Apec), coordenador do Centro de Estudos Vandick Ponte, membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, tendo publicado inúmeros trabalhos acadêmicos e no campo literário, além de grande especialista na área de saúde coletiva, com ênfase em saúde pública.



ESCANEE O QR-CODE

EM BUSCA DE IRACEMA

*Maria Adísia Barros de Sá e
Cleto Brasileiro Pontes*



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

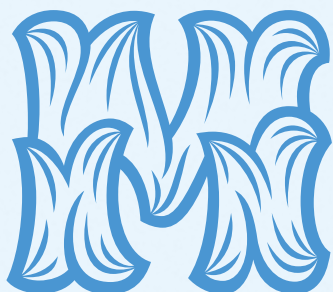
Fortaleza, 300 anos de História e Memória
Crônicas sobre a Terra do Sol



A stylized illustration on a yellow background. In the foreground, a large, textured blue shape, possibly a hand or a large leaf, is partially visible on the left. In the middle ground, a family of three is walking away from the viewer: a man on the left, a child in the center, and a woman on the right. They are rendered in a textured blue color. The background features a building with windows, some potted plants, and a blue door. The overall style is graphic and modern.

Aurélia na Capital Cearense

Maria Aurélia Silva



eados do mês de dezembro de 1991, Maria Aurélia Silva, igatuense, auxiliar de enfermagem recém-formada, foi morar na cidade de Fortaleza para cuidar da sua irmã que estava fazendo tratamento de CA (câncer). Aurélia, enquanto cuidava da sua irmã, fez o concurso da Secretaria da Saúde da cidade de Fortaleza e foi aprovada com a classificação 77. Infelizmente, naquele momento, não pôde assumir o concurso, ficando para mais adiante devido a duas tragédias que aconteceram: a primeira, sua irmã faleceu e a segunda, seu irmão, que era desenhista do Estúdio Maurício de Souza, sofreu um acidente muito grave em São Paulo. Aurélia precisou viajar para São Paulo, só assumindo o seu concurso em outubro de 1992.

Voltando de São Paulo para assumir o concurso, Aurélia ficou morando na casa da sua tia Maria Barbosa, que tinha uma filha chamada Ana Paula, no bairro Maraponga. Quando assumiu o concurso, foi lotada no bairro Dias Macedo, no Posto de Saúde Eudásio Barroso. Após dois anos de trabalho nesse posto, todos os funcionários foram transferidos para o CIES João Hipólito de Azevedo e Sá, localizado no mesmo bairro.

Em agosto de 1993, Brígida Domingos, irmã da Aurélia, veio de São Paulo morar com ela. As duas irmãs foram morar de aluguel no bairro Vila Pery. No trabalho, Aurélia era muito atuante, foi membro do conselho local de saúde, participava de muitas conferências no segmento profissional de saúde.

Em abril de 1997, a cidade de Fortaleza foi dividida em seis regionais pela prefeitura municipal. O CIES onde Aurélia trabalhava ficou localizado na Regional VI. Em setembro do mesmo ano, Aurélia foi transferida para a sede da Regional IV no bairro Serrinha, lotada na Vigilância em Saúde, com cargo comissionado.

Nesse mesmo ano, Aurélia encontrou João Jorge, que mudaria a sua vida. Teve uma convivência de cinco anos que resultou em dois grandes tesouros da sua vida, os seus filhos: Jorge Luís e Lívia Maria. Em dezembro de 2001, Aurélia saiu do aluguel no bairro Serrinha e foi para sua casa própria no Residencial Sumaré IV no bairro Siqueira, periferia de Fortaleza, divisa com o município de Maracanaú. Foi sua grande conquista após cinco anos de aluguel.

Aurélia ficou tão feliz em sair do aluguel que nem percebeu que o bairro era contramão para o seu local de trabalho e também desprovido de equipamentos públicos, como escola, creche, posto de saúde; só havia uma rota de ônibus, ruas sem calçamento e pavimentação.

Em agosto de 2002, infelizmente, Aurélia ficou sozinha com seus filhos: Jorge Luís (três anos) e Lívia Maria (dois anos). Foi o final de uma convivência de cinco anos com o pai dos seus filhos. A situação de Aurélia ficou difícil. O que fazer e como fazer para viver num bairro sem condições nem qualidade de vida para ela e para os seus filhos, uma vez que tinham saído do aluguel para a casa própria?

Aurélia tentou várias vezes reivindicar melhorias para o bairro, foi quando conheceu uma pessoa influente politicamente na época, a qual aconselhou que ela fundasse uma associação de moradores, assim poderia facilitar essas conquistas.

Após várias reuniões com os moradores no Residencial Sumaré, em 2004, Aurélia e onze moradores dos residenciais fundaram a Amorsu - Associação dos Moradores do Residencial Sumaré IV e V da qual Aurélia foi a primeira presidente fundadora.

Um das primeiras conquistas para a comunidade, por meio da Amorsu, foram o carro do lixo ir até o final da rua Tebas e as placas para as quatro ruas dos Residenciais: Miguel Afonso, Maria Luíza, Rosita Silva Araújo, Valdemar Albuquerque, além da própria rua Tebas.

Em 2005, uma grande conquista chegou à comunidade do Loteamento Paraíso Verde onde, na época, moravam umas duzentas famílias que precisavam ir até os Correios da Parangaba para pegar suas correspondências. Após várias idas aos Correios da Avenida Oliveira Paiva, falou com um funcionário do setor de CEPs para liberar os mesmos para as ruas do Loteamento Paraíso Verde. O funcionário retrucou que não constava no seu computador o Loteamento como Aurélia dizia.

Ela solicitou a visita técnica ao funcionário dos Correios para constatar a existência do Loteamento Paraíso Verde no bairro Siqueira e foi acatado o seu pedido. Após trinta dias, Aurélia

recebeu das mãos do funcionário a lista das ruas com os CEPs do Loteamento, da rua A à rua I. Foi uma conquista da comunidade por meio da Amorsu, que lutou por direito à cidade.

Amorsu, representada por Aurélia, participou também da luta Pró-limite do bairro Siqueira com a cidade de Maracanaú. Em 2007, várias entidades do bairro Siqueira se uniram nessa luta: Associação Siqueira Sempre Unidos (presidente Pedro Uchôa in memoriam), Associação Parque Nazaré (presidente Ana Maria), Associação dos Moradores do Jardim Jatobá (presidente Jerônimo), Associação do Jardim Nazaré (presidente Francisco da Palmácia), Associação Delmiro de Gouveia (presidente Sabino), Movimento Articulação Popular (presidente Zequinha in memoriam).

Nessa luta, aconteceram muitas audiências públicas na Câmara Municipal de Fortaleza e na Assembleia Legislativa do Ceará. Os moradores do bairro Siqueira realizaram vários atos de protesto na Avenida Osório de Paiva em frente à Escola Joaquim Alves, na época pertencente a Fortaleza, e que, nos dias atuais, é uma instituição de Maracanaú, devido ao acordo que houve entre as cidades, resultado das lutas dos moradores por vários anos. Até que enfim, os problemas entre os municípios desapareceram, uma vitória para a população.

No ano de 2008, veio o Plano Diretor da cidade de Fortaleza, o plano anterior era de 1999 e, nesse Plano, o bairro Siqueira era uma Zona de Transição, ou seja, durante dez anos, o bairro não teria intervenções da Prefeitura de Fortaleza.

Na época, a cartografia que foi utilizada para a leitura comunitária era de 2002, os Residenciais Sumaré IV, V e o Loteamento Paraíso Verde não constavam no mapa. Os técnicos da prefeitura tiveram dificuldade de localizar no mapa as informações dos delegados do bairro Siqueira.

Durante a elaboração do Plano Diretor, Aurélia foi uma das delegadas do bairro Siqueira, participando de todas as etapas na construção do Plano Diretor de Fortaleza.

Houve uma audiência pública na Câmara de Vereadores de Fortaleza para apresentação das leituras comunitárias dos bairros da cidade. O bairro Siqueira, devido à desatualização cartográfica, foi apresentado como Zona Restrita, o que significava que, nos próximos dez anos do Plano Diretor, ficaria sem intervenções da Prefeitura de Fortaleza.

Na audiência, Aurélia, delegada representante do bairro Siqueira, apresentou ao vereador presidente a proposta de uma visita técnica ao bairro para verificar a existência dos Residenciais Sumaré IV, V, do Loteamento Paraíso Verde e do Pulmão Verde do Siqueira. A proposta foi apoiada pelos demais delegados presentes, a pressão foi tão significativa que o presidente a acatou.

Ao final do processo do Plano Diretor de Fortaleza, foi reconhecido que o bairro Siqueira estaria numa Zona de Requalificação Urbana 2, junto com os bairros Bom Jardim, Canindezinho e outros. Uma grande conquista para os moradores do bairro

Siqueira, que anos seguintes viram chegar as intervenções públicas e privadas, como dois postos de saúde, duas creches, duas escolas, cinco residenciais privados, os residenciais do Minha Casa Minha Vida, o Parque Arquitetônico do Pulmão Verde do Siqueira e a Lagoa da Viúva.

AMORSU, em 2009, com uma nova presidente, Aguida Santos, a vice Antonieta e Aurélia como assessora, juntas com seus filiados e a comunidade travaram uma luta para conseguir uma rota de ônibus para o bairro Siqueira.

Após três anos, em 2011, o bairro Siqueira ganha a linha de ônibus 383-Parque São João/Siqueira. Iniciou com um micro-ônibus e, meses depois, foi colocado o ônibus urbano. Foi uma conquista importantíssima para os moradores, pois beneficiou várias comunidades dentro do bairro, como Residenciais Sumaré I, II, III, Esplanada Sumaré, Parque São João, Jardim Jatobá.

Aurélia tem muito orgulho de ter saído do aluguel e de ter ido morar no bairro Siqueira, periferia de Fortaleza, para criar seus filhos. Oito anos é a idade da sua netinha Lara Pyetra que, desde que nasceu, usufrui dos direitos da cidade que sua mãe Lívia Maria e seu tio Jorge Luís não tiveram na idade que ela tem hoje: acesso ao posto de saúde, à creche, à escola pública, ao transporte, ao parque etc.

SOBRE A AUTORA



MARIA AURÉLIA SILVA nasceu em Iguatu, Ceará. Tem formação em auxiliar de enfermagem e graduação em Serviço Social pela Faculdade Terra Nordeste. Por concurso, tornou-se, em 1992, funcionária da Secretária de Saúde de Fortaleza. Durante esse tempo, Aurélia sempre dedicou sua vida à manutenção de sua família e, cedo, descobriu que só isso não bastava, era necessário algo mais. Foi aí que nossa autora passou a se dedicar aos movimentos sociais, em especial, à busca de resoluções para os graves problemas da

região em que era moradora, o grande Bom Jardim. Dividida entre o trabalho e os cuidados com a filha e o filho, passou a se dedicar também aos compromissos com a associação que fundara em 2004, a Amorsu - Associação dos Moradores dos Residenciais Sumaré IV e V. Nesse percurso, participou de diversas lutas com outras entidades: Pró-limite do Bairro Siqueira e Maracanaú, Orçamento Participativo, Plano Diretor, mobilidade urbana e tantos outros. Maria Aurélia está aposentada e, atualmente, reside em Iguatu, sua cidade natal.



ESCANEE O QR-CODE

AURÉLIA NA CAPITAL CEARENSE

Maria Aurélia Silva nasceu



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





The background of the cover is a teal color. In the top left corner, there is a large, textured orange circle representing the sun. Below it, there are stylized, light blue clouds. In the bottom left, a person wearing a cap and a backpack is riding a bicycle on a sandy beach. The water is depicted with horizontal blue and teal strokes. The title is written in white, bold, sans-serif font on a teal rectangular background.

Fortaleza, terra do sol, terra de iracema

Maria Ednilza Oliveira Moreira

Fortaleza, minha estimada Fortaleza!



ão tantos os recantos que me chegam à memória, quando penso em ti! Porém, nada mais me comove do que a visita aos espaços onde me pode ser trazida a presença da virgem dos lábios de mel. Sim, imagino cada passagem como se diante de mim houvesse uma câmera de vídeo em alta dimensão, projetando um cenário amplo e irresistível. Sinto-me inebriada com as esculturas, com os painéis e mesmo com os logradouros que nos levam a um passeio na companhia daquela que, pelo que nos sugere sua função na tribo e com o respaldo da fala de Filgueiras Lima, trata-se de “uma deusa”.

A começar pela praça José de Alencar, tem-se a impressão de que, ali, no centro dessa, a escultura do nosso mestre criador de Iracema, de autoria de Humberto Cozzo, está a vigiar a cidade. E mais: a lembrar que, na parte frontal do pedestal que faz sustentáculo do célebre monumento, encontra-se, em visível talha, a mãe lendária de nossa terra, trazendo nos braços o primeiro cearense/fortalezense. Como se não bastasse, ao lado, a uma curta distância, apresenta-se todo imponente o Teatro José de Alencar, projetado pelo engenheiro-capitão Bernardo José de Melo, convidando-nos a uma passagem por mais uma das imagens da índia sacerdotisa de Tupã, dentre as várias criações expostas nos camarotes, lembrando as obras do nosso famosíssimo escritor. Não é por acaso a denominação de capital alencarina!

Imagino-me saindo dessa área e chegando do outro lado da cidade, na 10ª Região Militar, onde se encontram as esculturas criadas pelo artista plástico Ten. Maurício Belcavello Macedo, quais sejam, de Martim Soares Moreno, marido de Iracema, bem como do temido guerreiro Jacaúna, irmão do guerreiro Poti da tribo dos Pitiguaras, que abraçou fielmente o guerreiro branco. Saliente-se, aqui, que os laços desse relacionamento estreitaram-se em tão alta proporção a ponto de privar Soares Moreno de uma convivência mais intensa com a amada, deixando subentender uma espécie de abandono. Isso se revela, sobretudo no momento pós-parto, quando Iracema, solitariamente, enfrentando fraqueza física, teve de amamentar o rebento sem que alguém lhe prestasse auxílio. O esposo, nessa ocasião e como fora mais comum, estava a colaborar com o companheiro de guerra até os últimos instantes da vida de sua senhora.

Apesar do infortúnio, Iracema continua viva na imaginação do povo de sua terra. Esse fato se patenteia no próprio percurso que estamos a descrever. Deslocando-nos do meio onde a presença mais marcante teria sido a de Martim, logo em frente, em uma das fachadas do Mercado Central, podemos projetar a descendência da índia tabajara através do grafite intitulado “Iracemas do Ceará”, inspirado nas mulheres fortalezenses. Aí se pode descortinar toda uma tradição de sobrevivência das mulheres da Terra do Sol, inférvel nessa criação artística de 30m de altura, feita por Tereza de Quinta e Robézio, cujo conceito está aliado à imagem de Iracema como uma mulher sábia e a base de toda família.

Na Praia de Iracema, lá se encontra a Estátua da “Iracema Guardiã”, de Zenón Barreto, a desfechar a índia Iracema em posição de defesa. Essa vem estilizada de tal modo que nos permite uma alusão ao início da lenda ou ao que ela representa para nossa capital. Ainda, nessa praia, consegue-se, em uma imagem nebulosa, trazer à tona o livro urbano da lenda da personagem Iracema, composto em totens à beira-mar, no espigão João Cordeiro.

Triste fim, lamentavelmente, teve esse bem ao ser poupado da leitura dos transeuntes, em decorrência da depredação sofrida, que ocasionou sua retirada sem explicações. Descaso?!!!

A Praia de Iracema, todavia, tem lá os seus mistérios e não deixa de surpreender com empreendimentos em torno da índia que é o ícone cultural de Fortaleza, amparado por lei municipal. Eis, então, que, como uma atitude de recompensa, surge majestosa a Iracema abraçando o filho, Moacir, em arte muralista, com 32m de altura, no Hotel Ibis, produzida por Almeida Luz, intitulada “A mulher que habita em nós”.

Não muito distante daí, deparamo-nos com a escultura de Corbiniano Lins, na enseada do Mucuripe, lugar em que Iracema aguardava sempre o retorno do esposo. Nesse ambiente, podemos visualizar o início e o final da história contada por Alencar. Mas o percurso não para por aí. Em um outro bairro, a distar um pouco mais, no bairro Edson Queiroz, está a exhibir-se mais uma escultura da filha de Araquém, de autoria de Zanzanan, nos jardins do antigo Palácio do Governo cearense. A índia, nesse caso, está em

uma posição de quem se presta a uma oferenda, que, aliás, representa o ponto crucial de sua história e que define o seu destino. Em Messejana, bairro que recebeu Alencar nesse mundo, encontra-se a estátua de projeção do escultor Alexandre Rodrigues, “Iracema no Banho”, na Lagoa que é uma referência na própria obra de origem, onde Iracema ficava, por vezes, a banhar-se.

Para fechar o circuito de nosso encontro com Iracema em passagens da terra do sol, agora o foco está no adentrar a Casa de José de Alencar, no bairro onde ele nasceu. Ali, a escadaria de uma das entradas é um convite para o acesso à “Sala de Iracema”, onde discretamente está exposta a narrativa da Lenda do Ceará. Essa história vem contada, nas paredes desse recinto, em contínuas pinturas do artista plástico e escultor Descartes Gadelha.



A exposição de todo esse trajeto aqui focalizado nos coloca diante de valores e atrativos da cultura fortalezense e constitui um passeio que se faz pela cidade e também pela obra de Iracema alencarina, que versa sobre o processo de miscigenação do povo cearense e tem Fortaleza como o berço de tal formação. No entanto, o que há também de pretensioso nessa experiência é que vivenciamos o que a Secretaria de Turismo de nossa capital lançou, em dois mil e onze, como Roteiro Turístico Caminhos de Iracema.

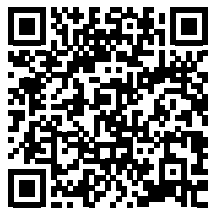
Com o privilégio de contar com um tempo ensolarado, total ou parcialmente nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, e com um vasto roteiro a ser percorrido nessas circunstâncias, não há como não reconhecer: Fortaleza, terra do sol, terra de Iracema.



SOBRE A AUTORA



MARIA EDNILZA OLIVEIRA MOREIRA é professora, graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e aposentada pelo Departamento de Letras Vernáculas do curso de Letras da UFC. Conta com experiência como docente na licenciatura e em programa de pós-graduação - ProfLetras/UFC, bem como na coordenação de vários projetos: Pró-leitura, área de língua portuguesa (Embaixada da França/MEC/UFC/Seduc-CE), Programa institucional de bolsas de iniciação à docência, Programa Residência Pedagógica/UFC. É idealizadora e coordenadora do Programa de Extensão Iracema, o retrato de Fortaleza/UFC. Participa como membro efetivo do grupo de pesquisa Gêneros Estudos Teóricos e Metodológicos Geteme/PPGLin/UFC, em que desenvolve pesquisa no âmbito da Linguística de Texto e dos Gêneros Textuais com publicações nessas áreas.



ESCANEE O QR-CODE

FORTALEZA, TERRA DO SOL, TERRA DE IRACEMA

Maria Ednilza Oliveira Moreira



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







A Engrenagem Oculta do “E”

Maria Erotildes Moreira e Silva
Maria Leonila Euclides Jorge

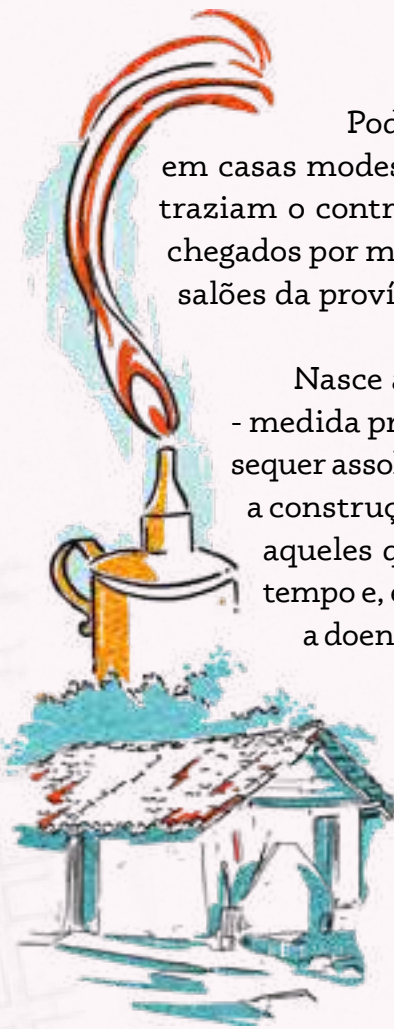


Fortaleza em meados do século XIX... lampiões a óleo riscavam a escuridão de ruas arenosas e um “E” incompleto despontava no Outeiro. Não era uma letra esquecida... Um “E” inacabado a espelhar a própria incompletude daquela Fortaleza em transformação.



FONTE: MEDEIROS, Manoel do Rego. Planta da Cidade de Fortaleza. CASTRO, José Liberal de. Uma planta fortalezense de 1850 reencontrada. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza: 2005. **Destacues e legenda:** Emv F. Maia Neto – 2012.

Fortaleza, moçoila acanhada,
com seus poucos sobrados
e muitas choupanas.
Ladeada pelo Boulevard da Conceição
hoje, Avenida Dom Manuel.
Lá, despontava o Outeiro...



Poderia ser uma abreugrafia de dez mil almas em casas modestas, fincadas em poucas ruas calçadas, que traziam o contraste gritante com padrões vindos da Corte, chegados por meio de viajantes e à boca pequena nos poucos salões da província.

Nasce ali a Antiga Enfermaria do Oiteiro em 1854 - medida preventiva contra uma epidemia de cólera que sequer assolou o Ceará. O local escolhido não era fortuito: a construção se erguia justamente na área habitada por aqueles que matavam leões por dia, quando tinham tempo e, em uma suspeita implícita na escolha do local, a doença rondaria aquela classe social, havendo certo afastamento do restante da cidade. A Enfermaria, também, poderia ter como localização as ribeiras do Pajeú, a esconder a pobreza e suas moradias. Optou-se, finalmente, pelo Outeiro: as fontes de água vitais lá estavam, onde se erguiam frágeis casas de palha e taipa.

Travessa do Poucinho
Travessa do Pajeú

Órfãos e degredados, quem sois vós?

Fontes de águas vitais são suficientes
para um “rogai por nós”?

Tempos longínquos? Míseras vinte e sete escolas primárias criadas em décadas, falta de mestres, desvalorização do ensino

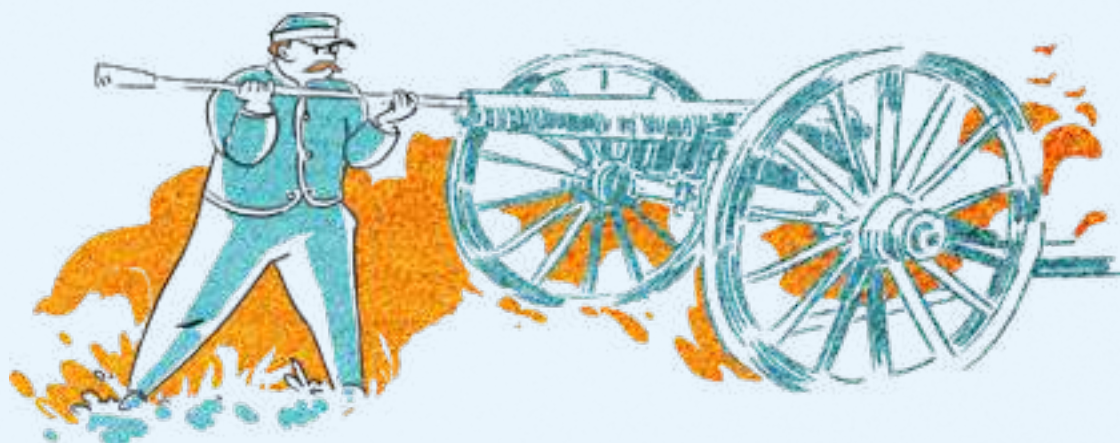
e, em um cenário de incertezas, sob os auspícios da Lei Provincial nº 759 de 5 de agosto de 1856, Francisco Xavier Paes Barreto acende uma faísca com a criação do Colégio dos Educandos, um vislumbre de atenção que se voltava, de maneira peculiar, para os mais desfavorecidos, aqueles que a crescente urbanização lançava às margens, ampliando a geografia da exclusão.

Não fora por bondade que a planta do Colégio dos Educandos Artífices fora incrustada ali. Aquele “E” incompleto, fincado no Outeiro, ganhava contornos sombrios, ao descortinar as sutilezas da disciplina, as engrenagens que moldavam corpos dóceis e úteis, como a confirmar Foucault. E é precisamente esta lente que nos permite enxergar, além da fachada de acolhimento, aquela instituição.

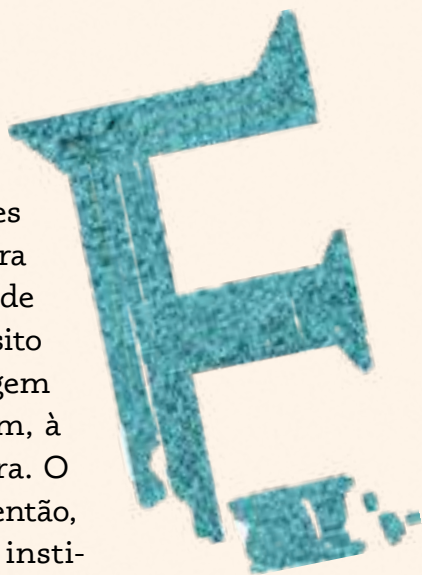
A criação do Colégio, marcada pela transição e pela busca por uma “civildade” aos moldes europeus, também traz ecos de uma política higienista da época: a crescente população pobre, foco de desordem e “vícios”, seria moldada a um ideal de ordem e trabalho. Um espaço educativo, em um palco onde os corpos eram vigiados, seus hábitos, corrigidos, e suas energias canalizadas para atividades consideradas produtivas, em oficinas de sapataria, carpintaria e alfaiataria, a preparar uma nova leva de trabalhadores para demandas que estavam por vir com o advento do progresso. Nessa engrenagem, formavam-se não apenas artífices, mas também trabalhadores submissos às necessidades do mercado emergente, naquele cenário pós-escravidão.

A banda de música - cereja do bolo - a inculcar ritmo, obediência e resistência física a jovens músicos. Sem o saber, talvez estivessem sendo preparados para uma disciplina militar, para seguir ordens sem questionar, um treinamento sutil para futuros serviços à província. A banda de música, primeiro passo nesse afã, os ofícios como treinamento para a utilidade e a subsequente transferência para o front de batalha pintam um quadro sombrio: além da banda marcial, por quem os sinos tocariam os três doubles, após as mortes na Guerra, conforme apregoa o salmo 150 - 5: “Louvai o Senhor com instrumentos sonoros e retumbantes”?

Artífices da vida
Em injusta corrida
Sonhos em ré
Postura e medida
Quo vadis?
Uma mera questão de fé?



O “E” incompleto na planta, que antes parecia um mero detalhe arquitetônico, agora se revela como um símbolo da incompletude de vidas moldadas para servir a um propósito que ia muito além da educação. Engrenagem oculta de um sistema que visava à ordem, à produção e, em última instância, à guerra. O Colégio dos Educandos Artífices revelaria, então, as sutilezas do poder, com a forma como instituições, aparentemente benevolentes, podem se tornar instrumentos de controle e como vidas jovens podem ser tragadas pelas necessidades de um Estado em construção.



A Casa de Educandos trilhou um breve caminho, consoante “O Cearense”, jornal que, à época, trazia constantes matérias acerca do *“Custo do ensino profissional, em 1860”*, quando *“(...) a despesa total do collegio de educandos era de 13:345\$000, o que dá por cada alumno 286\$900. Custa em verdade muito cara a educação de um desvalido em nossa terra!”*

Há diferentes perspectivas para o fechamento da instituição. Custos econômicos, exigências político-partidárias ou manutenção de outra escola: *“existe n’esta cidade a companhia de aprendizes marinheiros, onde aptidões, índole e costumes da classe que corria para o collegio de educandos, encontra meios mais fáceis de se poder desenvolver, e na Côrte a companhia de artífices dos arsenaes de marinha e da guerra, destinadas a educação dos meninos sem amparo (...)”*

A memória daqueles meninos, enviados da aparente proteção para a brutalidade do combate, ecoa como um espectro na história da Fortaleza oitocentista, um lembrete sombrio das faces ocultas de um projeto educativo. E a peça mais perturbadora desse quebra-cabeça surge com o fechamento do Colégio e o destino de seus internos: a transferência para a Escola de Aprendizes Marinheiros e, dali, para a brutalidade da Guerra do Paraguai.

Corpos em estado de civilidade
rimando com autoridade
sem pedido ou perdão.
Resquícios da escravidão
Pálidas reflexões
Ou lutas em vão?

Essa trajetória trágica revelaria uma face mais crua do poder disciplinar? Aqueles corpos jovens, moldados sob a égide da instrução e do trabalho, foram, em última instância, destinados a servir como bucha de canhão em um conflito distante e responde a teoria de que o Colégio poderia ter sido, desde o início, um centro de formação para suprir as forças da província? Eis a questão em uma História velada, em uma agenda oculta, que poucos conhecerão.

SOBRE AS AUTORAS



MARIA EROTILDES MOREIRA E SILVA (ERÓ)

é cariense de corpo e alma. Nascida em Juazeiro do Norte e amante dos causos e cantorias próprios da região. Tornou-se professora de Língua Portuguesa, em 1987, quando concluiu o curso de Letras na Universidade Estadual do Ceará. Após assumir o magistério no Instituto de Educação do Ceará, cursou Mestrado em Linguística na Universidade Federal do Ceará, quando pesquisou o processo de apropriação da escrita por adultos.

Aprofundou os estudos com a conclusão do Doutorado em Linguística Aplicada, com foco nas Políticas Linguísticas voltadas ao ensino de Português também pela UFC. Ao longo da trajetória, sempre dedicou-se à formação de professores. Atualmente, nossa autora é colaboradora no Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras (UFC) e atua na área de Política Linguística, com foco na elaboração de material didático, participando de ações em projetos voltados à formação de professores, tais como Projeto Magister e Projeto José Aparecido de Oliveira (Secitece/UFC). Atualmente, a cronista dedica-se ao desenvolvimento de pesquisas, à publicação de artigos e livros sobre gêneros textuais e cultura popular, além de participar de grupos de literatura e de aulas de campo junto a escolas em Fortaleza.



MARIA LEONILA EUCLIDES JORGE (LEO)

é professora e pesquisadora, graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e pós-graduada em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter. É mestranda em História no Programa de Pós-Graduação em História, culturas e Especialidades da Universidade Estadual do Ceará, onde atua na linha de pesquisa Espaços, Sociedade e Experiência. Atualmente, leciona História na Rede Pública Municipal de Fortaleza.



ESCANEE O QR-CODE

A ENGRENAGEM OCULTA DO “E”

Maria Erotildes Moreira e Silva
Maria Leonila Euclides Jorge



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





Mulheres Guerreiras - Fortaleza e Emancipação

Maria Luiza Menezes Fontenele



o chegar a Fortaleza, encantou-me a beleza do mar, seus bosques e o maracatu nas ruas a dançar - queria ser rainha do maracatu - e com um jovem da escola militar namorar. Mas, quando em 1958 aqui vim morar, as visões se clareando e então acordei para lutar por meias passagens para estudantes.

Ao entrar no Colégio Liceu do Ceará, os contatos com professores especiais e assistentes sociais levaram-me a uma luta maior contra as desigualdades sociais. Assim é que, em 1962, já estudante de Serviço Social e ao lado de companheiras e mulheres valentes, participamos da Marcha do Pirambu - “Vem ver, ó Fortaleza, o Pirambu marchar! Somos pessoas humanas, temos direitos que ninguém pode negar”. Percebemos que as desigualdades da cidade não impediam que vigor e beleza fossem transmitidos às mulheres. Fato evidenciado não só no papel das assistentes sociais, mas também naquelas que estavam na marcha ou nas que, no passado, lutaram contra a escravidão e a tirania, como mães cuidadosas que ocuparam praças contra a oligarquia dos Accioly.

Como estudante, por ocasião do golpe militar, com música, arte e teatro popular, enfrentamos a ditadura, e os protestos dessa cidade levaram para todo o Brasil o eco do Ceará. Nas nossas passeatas, que incendiavam as ruas de Fortaleza, integrando o CPC da UNE, protestávamos não só



contra a ditadura local e o imperialismo americano, mas também contra as barreiras das nossas universidades. “Enquanto o povo paga imposto todo dia, para os filhos não há vaga. Isto é democracia. Ai, ai que ironia!”. Apenas 2% dos estudantes secundaristas conseguiam entrar no curso superior. Morava na esquina da rua onde passava a moçada; em minha casa, guardávamos faixas e cartazes da manifestação. A nossa residência foi invadida pela

Polícia Militar e, após o acontecido, meu pai reclamou para minha mãe: “Preocupa-me, pois ela faz coisas que os filhos (homens) nunca fizeram”.

No final de 1965, casei com Agame-non Almeida, professor da Faculdade de Economia. Namoro que teve início quando ele era estudante e coordenava uma pesquisa para avaliar as condições de vida da população favelada de Fortaleza, ocasião em que eu e outras pesquisadoras nos deparamos com a cruel desigualdade da maioria dos moradores de nossa cidade.

A rica experiência estudantil levou-me a trabalhar na Fundação de Serviço Social em



atendimento àquela população excluída. Logo em seguida, Maria Laura e eu fomos convidadas a entrar na Universidade Federal do Ceará para colaborar com o curso de Ciências Sociais onde, na condição de professoras, tivemos uma importante experiência com uma turma de alunas e alunos destacados e questionadores contra o imperialismo e a visão do subdesenvolvimento da América Latina. Tal experiência levei quando fui fazer curso de pós-graduação nos EUA, servindo de base para os estudos e para a participação em protestos, como os relacionados à Guerra do Vietnã, à bomba atômica e ao Golpe do Chile.

Ao retornar ao Brasil, no final de 1973 (com a filha Andrea, que tinha nascido lá), fomos contatadas por Terezinha Zerbini para, aqui, organizarmos o Movimento Feminino pela Anistia. Rosa Fonseca saía da prisão, Célia Zanetti e Jorge Paiva aqui chegavam como clandestinos (vindos do último Congresso da UNE) e com outros atingidos políticos juntamo-nos contra o regime militar e toda forma de tortura. Fortaleza tinha o terceiro maior número de presos políticos do Brasil.

Além de familiares daqueles presos e de companheiros mortos e desaparecidos, como Dona Lourdes Albuquerque e Nildes Alencar, outras pessoas extraordinárias, a exemplo de Dra. Vanda Sidou, Irmã Imelda e representantes de vários movimentos e associações, conosco contribuíram para colocar a luta de Anistia Ampla, Geral e Irrestrita em um patamar tão elevado que passamos a ser chamadas Mulheres Guerreiras.



A decisão da nossa candidatura para deputada estadual se coloca na perspectiva de ampliação dessa luta e do enfrentamento da conciliação transada que se anunciava no país, além do compromisso com o combate às desigualdades sociais e com uma educação que contribuísse para elevar a consciência e ampliar as oportunidades para todos. Nosso mandato contou com o reforço do Comitê Democrático e Popular, da União das Mulheres Cearenses, criada com destaque nessa época, e da União das Comunidades da Grande Fortaleza e teve, também, como suporte, não só as Comunidades Eclesiais de Base, mas também lutas destacadas como as das/dos moradoras(es) da Favela José Bastos.

Diante dessa força e organização, colaboramos com a construção do Movimento pela Anistia em plano nacional e no acompanhamento de familiares de mortos e desaparecidos na Região do Araguaia. À época, nossa história ficou marcada pelo resgate dos restos mortais de Bergson Gurjão, atingido pela repressão militar, naquela região, bem como pelo traslado do corpo de Frei Tito de Alencar, da França para Fortaleza, após seu exílio e falecimento,

decorrente das cruéis torturas sofridas na prisão, no Brasil. Outro fato importante da nossa ação contra a ditadura em Fortaleza foi a transformação do prédio que era local de prisão e tortura em Secretaria de Cultura da Administração Popular, na década de 80.

A crise do sistema, que se abateu nesse período - considerado por economistas como a década perdida para a América Latina - e as secas cruéis, que expulsaram do interior para nossa cidade migrantes em número equivalente à população de Natal, tornaram-se alarmantes num período em que Fortaleza ocupava a 5ª posição como cidade mais mal servida de esgoto do mundo. Casas desabadas, povo desabrigado e problemas de saúde eram um grito de alerta à mensagem da Encíclica Papal - “Sobre toda propriedade privada grassa o interesse social”. Com um forte apoio daquelas que expressavam a Teologia da Libertação e de todas as companheiras guerreiras, decidimos pela eleição para Prefeitura de Fortaleza na perspectiva de construção de uma nova realidade.

Em que pese o ensinamento expresso no filme Giordano Bruno: “Que ingenuidade acreditar que quem está no poder vai transformar o poder”, aceitamos o desafio na certeza de que contaríamos com a participação da parcela mais sofrida da população. Mesmo com a tentativa de impeachment por parte de alguns vereadores, ainda no primeiro mês da gestão, organizamos uma iniciativa radical, o Grito das Capitais, para pressionar o Governo Federal a liberar recursos para o enfrentamento daquela situação emergencial. Mas foi com a determinação daquelas comunidades atingidas que conseguimos, com poucos recursos obtidos, construir

10 mil habitações, ao mesmo tempo em que regularizávamos 100 ocupações de terra. Além disso, agilizamos medidas importantes nas áreas da educação, da saúde e da questão ambiental, de forma a garantir que, nesse período difícil, não fosse registrada nenhuma morte em Fortaleza, época de epidemia que acometeu fortemente o país. Embora não aprovado pela Câmara de Vereadores de Fortaleza, o Projeto de Preservação do Cocó recebeu de fontes ministeriais a informação de que fora uma das melhores propostas, ali, apresentadas. É exemplo dessa época, também, os mutirões para o enfrentamento da questão do lixo - o início da coleta seletiva que levou a decisão popular: “Limpe a sua rua com o seu lixo”. Equivalia à venda do material selecionado e à compra de equipamentos para a coleta de dejetos nas ruas onde o caminhão não podia entrar.

A experiência do confronto com a ditadura militar manteve nossa coragem no enfrentamento dos podres poderes em Brasília e na campanha Fora Collor, quando afirmamos: “Nem Collor, nem Itamar! Democracia Direta já!” ou quando, com a criação de uma CPI, apuramos a vinculação desses poderes com a prostituição infantil, com o crime organizado e com tráfico de drogas em todo o Brasil. Em nossa ida a Pequim, em 1995, para a Marcha Mundial de Mulheres, diante da crise econômica e do asselvajamento do machismo, gritamos que não bastava só lutar contra a violência machista, mas com veemência: “Estamos aqui em defesa da humanidade e do planeta contra o patriarcalismo, o machismo e a sociedade produtora de mercadoria”. E cantamos: “Brasil, China, América Central, a luta das mulheres é transnacional”.



A queda do Muro de Berlim, o anúncio por cientistas sobre o colapso da modernização e o agravamento da devastação da humanidade e do planeta nos levaram, no presente século, a realizar seminário transnacional em Fortaleza, no sentido de aprofundar a compreensão teórica da crise do sistema e de avançar contra a devastação ambiental. Marcamos a vida da cidade com várias lutas em defesa do meio ambiente, com destaque para a preservação do Cocó contra o império do carro impedindo a construção de viaduto naquele manancial. Buscamos contatos não só em Fortaleza ou no Brasil, mas também com guerreiras no plano internacional, por meio de viagens à Venezuela, à França e aos Estados Unidos, especialmente após o agravamento da situação em 2008, que gestou o “Occupy Wall Street”. Na ocasião, de forma enfática, externamos a nossa preocupação: a luta não era só contra o 1% mais rico, mas contra um sistema que é um horror, pois destrói a vida, a natureza e o amor.



Portanto, não é estranho hoje, com firmeza, assumirmos não só a luta contra o terrível nível de violência do asselvajamento machista e do facismo imperante, mas também contra um sistema que nos submete a todos à sua lógica assassina e que, no seu colapso terminal, está destruindo a natureza e tornando as vidas humanas inviáveis. Mulheres guerreiras, reafirmamos com determinação que é urgente impulsionar o movimento para a construção da sociedade da emancipação. O que, com certeza, não faremos sozinhas, mas com a contribuição de companheiros sensíveis que tenham expressado, durante esses últimos anos, não só solidariedade, mas também outras formas de ação, baseadas no amor e na união.

SOBRE A AUTORA



MARIA LUÍZA MENEZES FONTENELE

nasceu na Serra dos Estevão em Quixadá, Ceará. É professora aposentada da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora e ativista brasileira. Graduada em Serviço Social pela Escola de Serviço Social vinculada à Universidade Federal do Ceará, cursou mestrado em Sociologia pela Universidade Vanderbilt (EUA). A militância política e profissional de Maria Luíza tem início ainda no movimento estudantil secundarista e universitário e

também na juventude católica. Essa trajetória fez da nossa autora uma referência nos movimentos em defesa da democracia e de resistência à ditadura civil-militar em nosso país. Sua eleição foi um marco na luta em defesa das mulheres em um período de redemocratização no Brasil. Maria Luíza foi por duas vezes deputada estadual em 1978 e 1982, prefeita de Fortaleza em 1985 e deputada federal em 1990. Suas pautas foram marcas da sua militância, como por exemplo, sua participação na Marcha Mundial de Mulheres em 1995, na China, quando a presença do grupo defendia a humanidade e o planeta contra o machismo, o patriarcalismo e a sociedade produtora de mercadorias. Assim, sua inserção na política foi sempre ligada ao que acredita e defende, como a democracia participativa, o maior poder e representatividade das comunidades e a luta em defesa das mulheres. Sendo a primeira prefeita de Fortaleza, Maria Luíza abriu caminho para outras mulheres na política, tornando-se um exemplo de força e representatividade. Fora da política partidária há mais de 20 anos, Maria Luíza fundou, com alguns amigos, em 2000, o grupo chamado Crítica Radical, inspirado nas ideias do filósofo alemão Robert Kurz. Atualmente, Maria Luíza mora com a filha Andrea em Fortaleza e ainda participa de encontros, debates e conferências, especialmente sobre a emancipação humana e ambiental, militância que tem valido medalhas e reconhecimento a nossa autora.



ESCANEE O QR-CODE


MULHERES GUERREIRAS - FORTALEZA E EMANCIPAÇÃO

Maria Luíza Menezes Fontenele



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





**Com amores não
se brinca; discos
e Dnocs, amores
para sempre**

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)



o dia 15 de maio de 1954, na comemoração do aniversário, eu que gostava muito de serenata... cantava..., um vizinho sabendo que eu gostava de música, deu-me de presente uma picape, um toca-discos.

Mas a picape não tem som e, para ouvir, você tem que amplificar no rádio.

Então, de posse desse toca-discos, pensei: “Vou cair no comércio para comprar disco”. Comecei, então, a comprar disco. Comprei seis, sete, oito discos, por aí. Mas descobri que não gostava dos discos da minha época, o que eu queria era ter aqueles discos que eu ouvia no gramofone, quando era criança. Foi, então, que comecei a perseguir nas lojas, e tinha reedições, não era o mesmo aspecto, mas era reedição, era gravação reeditada. Gastão Formenti, Albenzio Perrone, Carmem Miranda, Francisco Alves, Carlos Galhardo, Orlando Silva, Augusto Calheiros, Nuno Roland, Vicente Celestino... tudo que encontrei, comprei.

Quando procurei e não tinha mais onde comprar, um dos vendedores me aconselhou a procurar casas de família, pois tinha muita gente que, assim como eu, guardava em casa discos, pois muitos discos saíram de catálogo antes de eu começar a comprar.

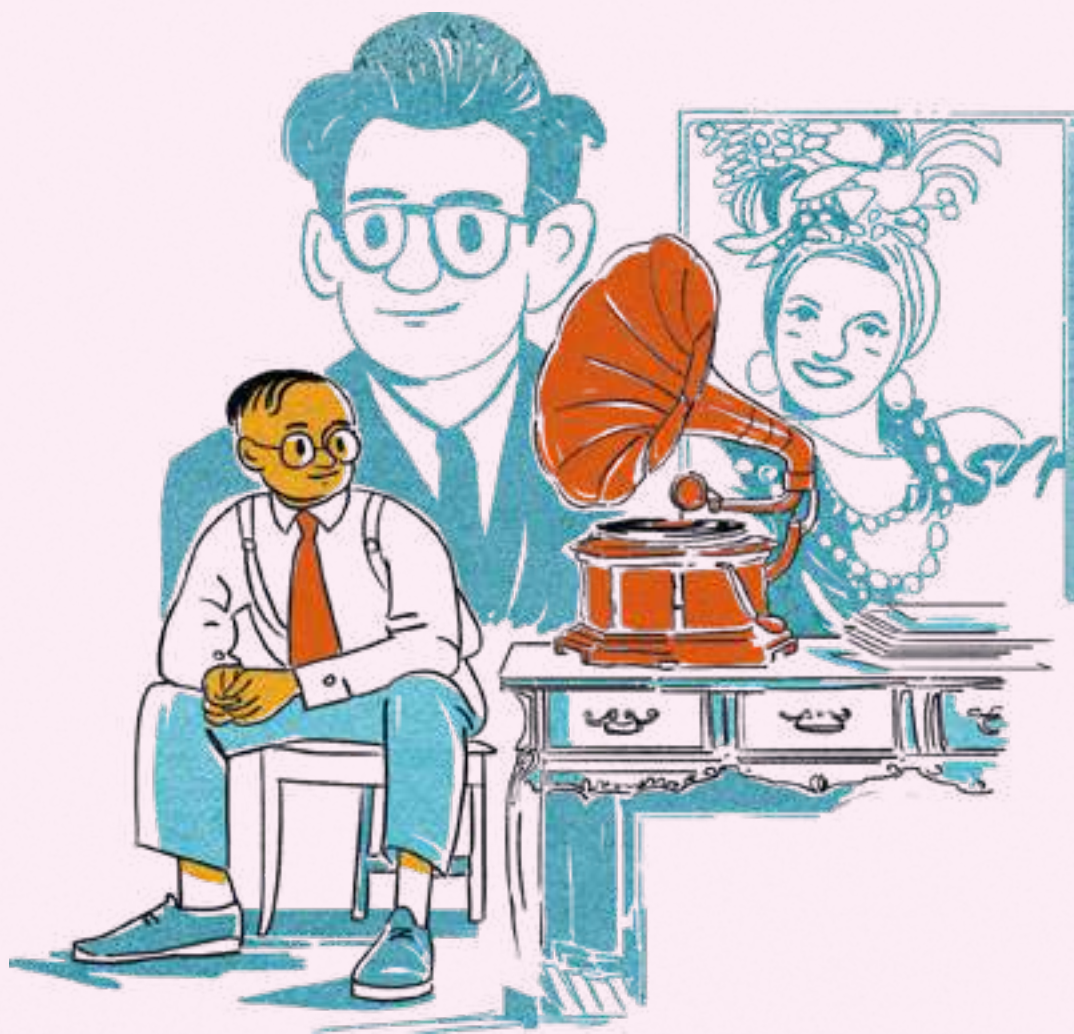
Quando chegou o LP (long play) de 12”, em 1958, começaram a reeditar as gravações originais, aí o que eu fazia: comprava quatro, cinco discos, botava debaixo do braço, chegava nas casas



de família, nessa época, todo mundo já tinha toca-discos pra LP, chegava e tomava o de 78rpm.

Eu tenho discos da casa Edson, Odeon de 1904, 1903, perfeitos, boto para tocar no gramofone e toca perfeito; hoje você pega um CD com 5 anos e ele não toca mais.

Quando comecei a comprar discos, só tinha uma casa, era a Carvalho Frota, ficava na rua Major Facundo, no primeiro quarteirão, ficava ali perto do Passeio Público. Carvalho Frota e Cia. Eu comprei alguns discos lá.



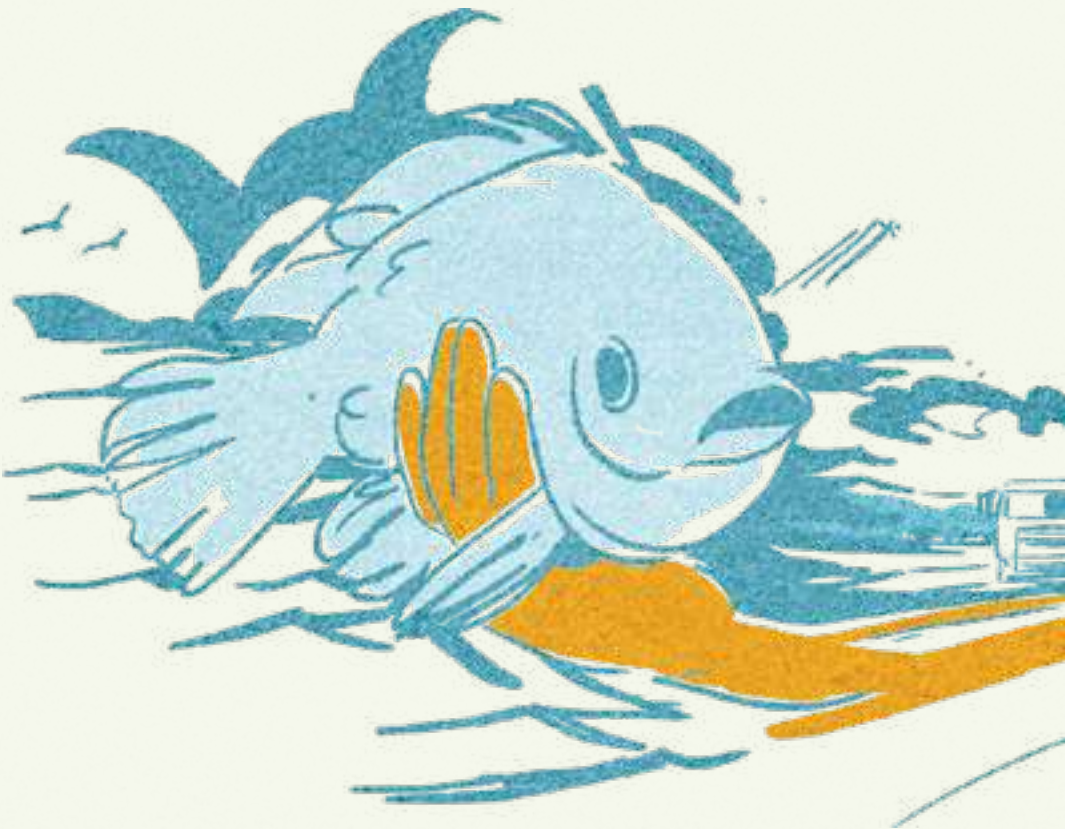
Depois abriu uma loja chamada O Rouxinol, aí a Carvalho Frota mudou-se para debaixo do prédio da ACI (Associação Cearense de Imprensa) em frente ao Walcan. Depois, o Walcan passou a vender disco na galeria Branca. Abriu uma casa de discos dentro da galeria Branca, mas só vendia LP, era a livraria Renascença, foi a segunda, ficava na Guilherme Rocha, debaixo do Excelsior Hotel. Em frente ao Excelsior Hotel, mais adiante, embaixo do edifício Parente, abriu a Nova Vox do Gerardo Barbosa, discotecário da Ceará Rádio Clube, ele abriu uma Nova Vox que só vendia LP.

Agora, eu comprei muitos discos importantes para minha coleção das mãos dos vendedores ambulantes. Lá na praça José de Alencar, na rua Guilherme Rocha, esquina com General Sampaio, tinha o bar americano, na porta do bar americano, tinha um cidadão que era da família do dono, Benício, que vendia coisas usadas e, entre elas, discos, então ele me avisava quando recebia discos. Junto com ele, trabalhava um menino que se chamava Raimundo, depois ele passou a comprar e a vender discos nas calçadas. Comprei muitos discos a ele na calçada do edifício Sul América, na Floriano Peixoto.

Depois aqui apareceu o Sobral, ele vendia disco na rua, depois alugou um quarto debaixo do edifício Palácio Progresso, depois alugou uma casa na Sena Madureira, onde hoje é um estacionamento, e mudou-se para a Heráclito Graça onde hoje é um anexo do Luís de França (hospital). Foi assim que iniciei meu acervo de discos.

Mudando o rumo da conversa, devo dizer que trabalhei com dificuldade, sem emprego, freelancer até 1962 quando ingressei no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), ocasião em que tinha assegurado um ordenado mensal.

Lá trabalhando, criei um amor pela repartição, mesmo porque ela era a alma do interior do Nordeste, o DNOCS cuidava dos



açudes desde sua construção até a povoação, bem como da pesca, da piscicultura, da cultura da água, de tudo.

Apesar de sua sede ficar no Rio de Janeiro e os trabalhos se estenderem pelo interior, a primeira diretoria e a segunda diretoria eram em Fortaleza, além do serviço agroindustrial e do serviço de piscicultura.

Foi em Fortaleza que surgiram os serviços que depois se espalharam pelo interior, foi aqui na Gentilândia que nasceu o Serviço de Piscicultura. Sempre trabalhei em Fortaleza, mas vi sempre a grande importância do DNOCS no sertão.

Quando nos anos 1960, a sede do DNOCS se fixou em Fortaleza, então a repartição se identificou melhor com nossa querida



cidade que passou a comandar todo Polígono das Secas formado por nove estados.

Era o DNOCS quem fazia as estradas do sertão, era quem cuidava da energia elétrica e da iluminação do sertão. Seus açudes tinham usinas hidrelétricas que trabalhavam dia e noite iluminando as cidades e lugarejos.

E as plantações? Através dos centros agrícolas, plantava e ensinava a plantar tudo, desde as árvores, para dar sombra, até as que davam frutos.

E quem cuidava das matas ciliares? Que seguravam as florestas e cuidavam dos rios e lagos?

Sim, as águas eram responsabilidade do DNOCS, com laboratórios, cuidados especiais etc.

Além disso, fazia casas e muitas pessoas tiveram suas casas feitas pelo DNOCS.

Existem cidades do interior que apareceram por causa do DNOCS, viveram à custa dele. Se não fosse ele, muitas cidades não existiriam.

Mas, um dia, apareceu a Sudene, que lhe tomou várias atribuições e não foi só isso, foram aparecendo outras repartições que lhe tiraram a responsabilidade por várias atividades e o DNOCS foi secando, diminuindo, murchando, até ficar um órgão quase só com o nome.

Devemos aos técnicos desde os engenheiros, arquitetos, médicos, farmacêuticos, odontólogos, agrônomos, biólogos, contadores, advogados, agrimensores, topógrafos, que impulsionaram o órgão em todos os sentidos dando a ele a importância que tem.

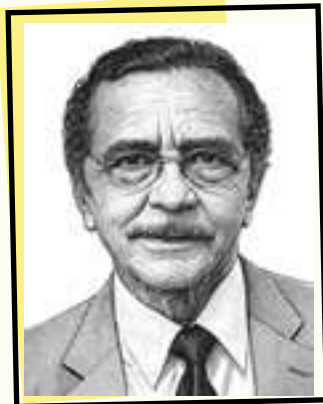
Se não fosse a piscicultura, acho que o DNOCS teria sucumbido, desaparecido.

Lembro que, certa vez, um caboclo ignorante disse sabiamente:

“Esse Seu DENOQUES é muito rico, tem estradas, açudes, plantações, estações, carros, trens e até avião”.



SOBRE O AUTOR



MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO (NIREZ)

nasceu em Fortaleza, é jornalista profissional, pesquisador, memorialista e colecionador. Filho do poeta, fotógrafo e pintor Otacílio de Azevedo e de D. Tereza Almeida de Azevedo, retocadora de negativos e positivos fotográficos. É irmão do astrônomo Rubens de Azevedo, da professora Maria Consuelo de Azevedo e do ensaísta Rafael Sânzio de Azevedo. Nirez mantém e coordena um precioso arquivo (Arquivo Nirez), constituído de fonógrafos, rádios, câmeras fotográficas e filmográficas, projetores, telefones e outros aparelhos que serviram, ao longo do tempo, de suporte para que se visse e ouvisse o que era produzido artística e comercialmente desde a primeira metade do século XX. O Arquivo Nirez é considerado um dos maiores acervos fonográficos do país. Possui uma coleção com mais de 20 mil discos de 78 rotações, além de fotografias, registros de acontecimentos, rótulos, figurinhas, álbuns que surgiram desde as balas holandesas, as estampas Eucalol, as Lever e ainda perfumarias antigas, canetas, lápis e caixas de fósforos de propagandas. Também faz parte do acervo valiosa coleção de carteiras de cigarros. Além desse grande trabalho, Nirez faz palestras e mantém um programa semanal há 61 anos, O Arquivo do Ceará, na Rádio Universitária FM. É membro da Associação Cearense de Imprensa, da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo, do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e esteve, por alguns anos, à frente do Museu da Imagem e do Som. Tem diversos trabalhos publicados e, por sua atuação incansável, recebeu vários prêmios como o Prêmio Rodrigo Melo Franco, o Troféu Sereia de Ouro, a Medalha do Mérito Cultural da Fundação Joaquim Nabuco entre outros.



ESCANEE O QR-CODE

COM AMORES NÃO SE BRINCA; DISCOS E DNOCS, AMORES PARA SEMPRE

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

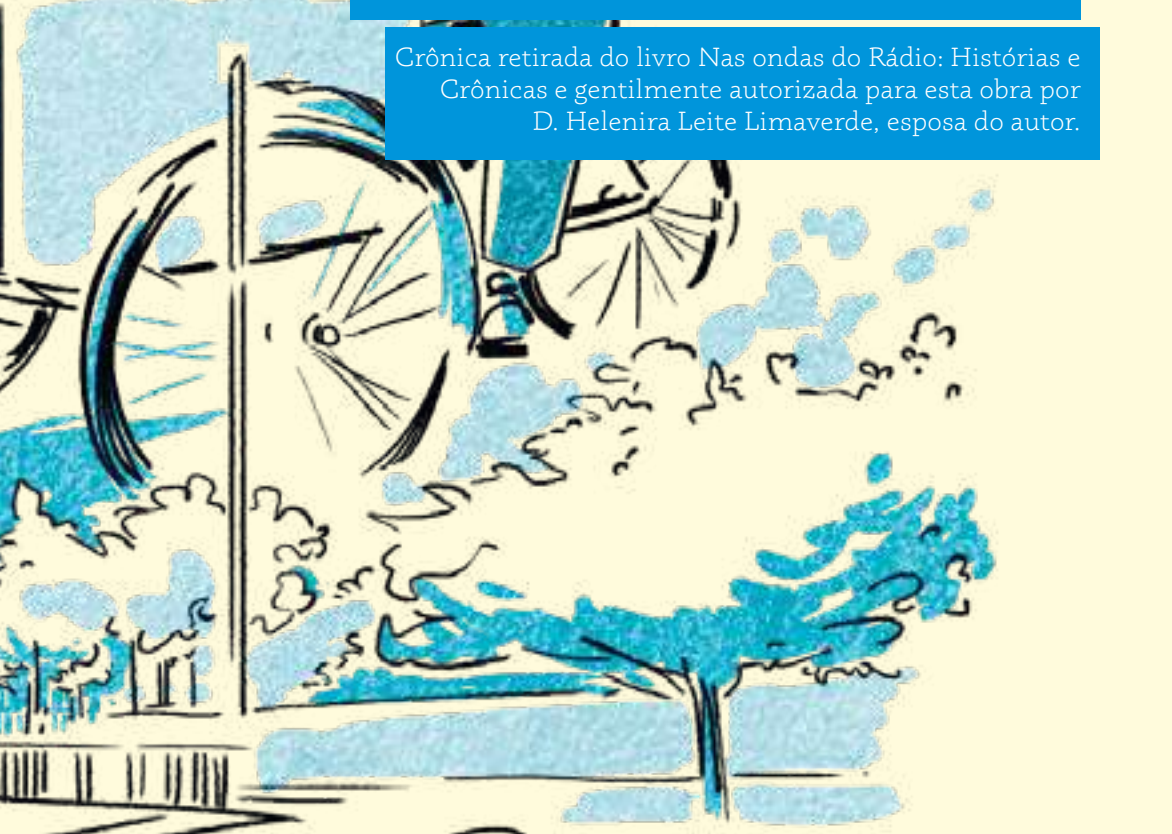




Abrigo central

Narcelio Sobreira Limaverde (*in memoriam*)

Crônica retirada do livro *Nas ondas do Rádio: Histórias e Crônicas* e gentilmente autorizada para esta obra por D. Helenira Leite Limaverde, esposa do autor.





im, o Abrigo Central, hoje um ilustre morto e saudoso para os que alcançaram o majestoso bloco de concreto armado, construído pelo prefeito daquele tempo, o dentista Acrísio Moreira da Rocha. Ele, muito mais político, afirmava nunca ter arrancado nem um dente.

Cheguei a ler, certo dia, um relatório sobre a construção do Abrigo, conforme escreveu o médico, também escritor, Mariano Freitas.

No documento, leio que o melhoramento está sendo erguido em pleno coração da cidade, na Praça do Ferreira, com o trabalho acompanhado de perto, e o povão, curioso, “cubando” tudo.

O Dr. Mariano descrevia que a obra gigantesca e monumental teria a capacidade para abrigar, do sol e da chuva, três mil pessoas, dispendo de mictório no subsolo e de telefones públicos. O Abrigo, naquele tempo, custou um milhão e quinhentos mil cruzeiros. Foi inaugurado em 1948, no auge da Fortaleza antiga.

No local, instalados a Livraria Edésio, o café Havaí e as cadeiras de engraxates do Zélimeira, torcedor símbolo do Ferrim e que chegou a escrever um livro falando sobre aquele local da cidade. E tinha mais no popular logradouro: a garapeira, misturando xarope com gás, do Peixoto Lins; a famosa bananada do Pedrão, apaixonado pelo Ceará Sporting Clube. É bom não se esquecer do café do Teteu, em plantão permanente, aguardando os frequentadores das pensões alegres até altas horas da noite.



O Abrigo Central era o famoso ponto de reunião dos malandros e dos que trabalhavam também. E, nesse tempo, quando o carnaval já estava na porta, O Pedrão vendia também procuradíssimo Leite de Onça, gostosa mistura de cachaça com leite condensado, marca Moça.

Era o local indicado para falar da vida alheia, de brigas de vizinhos, das mulheres que enganavam o marido e vice-versa. Foi lá que meu bloco de carnaval, Enverga, mas não quebra, organizado

por sargentos da Base Aérea, estreou, momentos antes de ir até a Rádio Iracema, no edifício Vitória, um quarteirão depois, para o programa do Irapuan Lima.

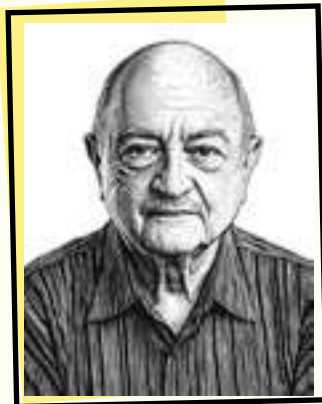
E para que os memorialistas, como o grande Nirez, não digam que esqueci alguma coisa, lembro que lá aconteciam os sorteios do cloretil, o popular lança-perfume, Rodo Metálico e Colombina, quando ainda não era proibido.



Ao final, mais um detalhe do campeão de votos, prefeito Acrísio Moreira da Rocha, dono de imensa popularidade, ele, embora rico, genro do milionário Pedro Philomeno, chegou em determinada noite a um comício, de bicicleta, vestindo camisa listrada. Era político popular, conversador e de inteligente lábia. Em determinado momento da campanha, desfilou numa passeata de carroças, ao lado do radialista Irapuan Lima. Enfim, era legítimo representante da Fortaleza antiga.



SOBRE O AUTOR



NARCÉLIO SOBREIRA LIMAVERDE, nasceu em Fortaleza, foi jornalista, radialista e cronista. Filho de José Limaverde e de D. Leda Sobreira Limaverde e casado com D. Helenira Leite Limaverde. Foi aluno do Colégio Cearense e depois estudou Administração. Ingressou no rádio, em 1954, na Ceará Rádio Clube. Exerceu a profissão de radialista durante 63 anos. Trabalhou também em várias emissoras de Fortaleza e na TV Ceará, onde foi o primeiro apresentador de notícias. Colaborou com os jornais O Estado, Diário do Nordeste e O Povo, sempre escrevendo crônicas sobre Fortaleza antiga. Publicou três livros de crônicas, foi membro honorário da Academia Cearense de Literatura e Jornalismo e deputado estadual de 1986 a 1990.



ESCANEE O QR-CODE

ABRIGO CENTRAL

Narcélio Sobreira Limaverde



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





O dia em que a cidade se vestiu de luto

Raimundo Gomes Ribeiro Júnior





uando se separou de Lagos, no Golfo da Guiné, por ocasião da deriva dos continentes, queria ser só bela, ter um sol só para ela. Tempos mais tarde, já desposada do sol, terra e mar se completavam, tal harmonia enchia qualquer olhar, o sopro dos ventos bailando os coqueirais, o chão de fina tez por onde os pés do grupo Tupi dançavam com o cantar de diferentes psitacídeos faziam do riacho Pajeú e do morro Marajaitiba, à foz do rio Ceará, uma terra de luz abençoada pela grandeza da Assunção de Nossa Senhora.

Muito tempo depois, tinha a cidadezinha que evocar seu grito de Fortaleza, Fortitudine Vincimus, como dizia Lanzin, pois, de encantada pelo sol, mergulhou em prantos. Diante disso, faz-nos pensar o mundo que no fundo vivemos a todo instante, um fluir constante de vida entre a via cartesiana, intensa e matematicamente previsível e, por outro lado, assim brutal, seu naufrágio inevitável diante da imprevisibilidade.

Naufrágio ou tragédia bastam para justificar a realidade do ano de 1878. Porém, antes convém dizer que os dois anos anteriores formaram a tríade da desolação no estado do Ceará. Foram anos de profunda crise hídrica, verões devastadores secaram reservatórios, afetando, inclusive parcialmente, a lagoa do Garrote, hoje lago da Cidade da Criança, e o poço da Praça do Ferreira, dois importantes locais de abastecimento naquela época. No sertão, fazendas inteiras ficaram reduzidas a nada.

Esses anos de crise expulsaram milhares de sertanejos de diferentes regiões do Ceará e, queria eu não ter que dizer, mas, lamentavelmente, no transcorrer dos caminhos migratórios rumo à capital, famílias inteiras morriam de fome e de sede, e aquelas que conseguiam chegar ao litoral ou ao local de esperança, que era a capital, já chegavam vencidas... esqueléticas... Os migrantes chegavam aos milhares e, excluídos da parte urbana da cidade, construía barracas, palhoças e casebres nos arredores de Fortaleza sem o menor preceito sanitário. Os abarracamentos se encontravam no Meireles, São Luís e Aldeiota, Pagehu, Benfica, São Sebastião, Tejubana, Jacarecanga, entre outros.

Nesse contexto, doenças, violência, prostituição e abandono colocavam todos em estado de desespero. Como, em agosto de 1878, quando retirantes do Mucuripe em confronto, tentaram impedir os abarracados do Meireles de retirarem pedras para serem trocadas por comida ou quando, em outra situação, na praça do encanamento, mais tarde, Visconde de Pelotas e depois praça da Bandeira, atual praça Clóvis Beviláqua, centenas de retirantes avançaram sobre vendedores de carne seca, farinha e outros víveres.

Esse cenário de profundo desespero e fragilidade humana pôs milhares de retirantes nas ruas, junte-se a isso a fragilidade sanitária da cidade. A soma desses fatores culminou nas condições propícias para uma disseminação rápida e letal de uma das maiores epidemias ocorridas em Fortaleza: a varíola.

A doença, quando aqui chegou, não escolheu sexo, tampouco condição social, pois aterrorizava desde os abarracamentos, passando pelas casas mais humildes, pelos bangalôs e até bateu à porta do próprio Palácio da Luz, na praça General Tibúrcio, hoje sede da Academia Cearense de Letras, na Praça dos Leões. Digo isso, pois a doença vitimou, levando para o cemitério, em 31 de dezembro de 1878, D. Marieta Raja Gabaglia, esposa do presidente da província, José Júlio Albuquerque de Barros, o Barão de Sobral, que presidiu a província do Ceará de 08 de março de 1878 a 02 de julho de 1880.

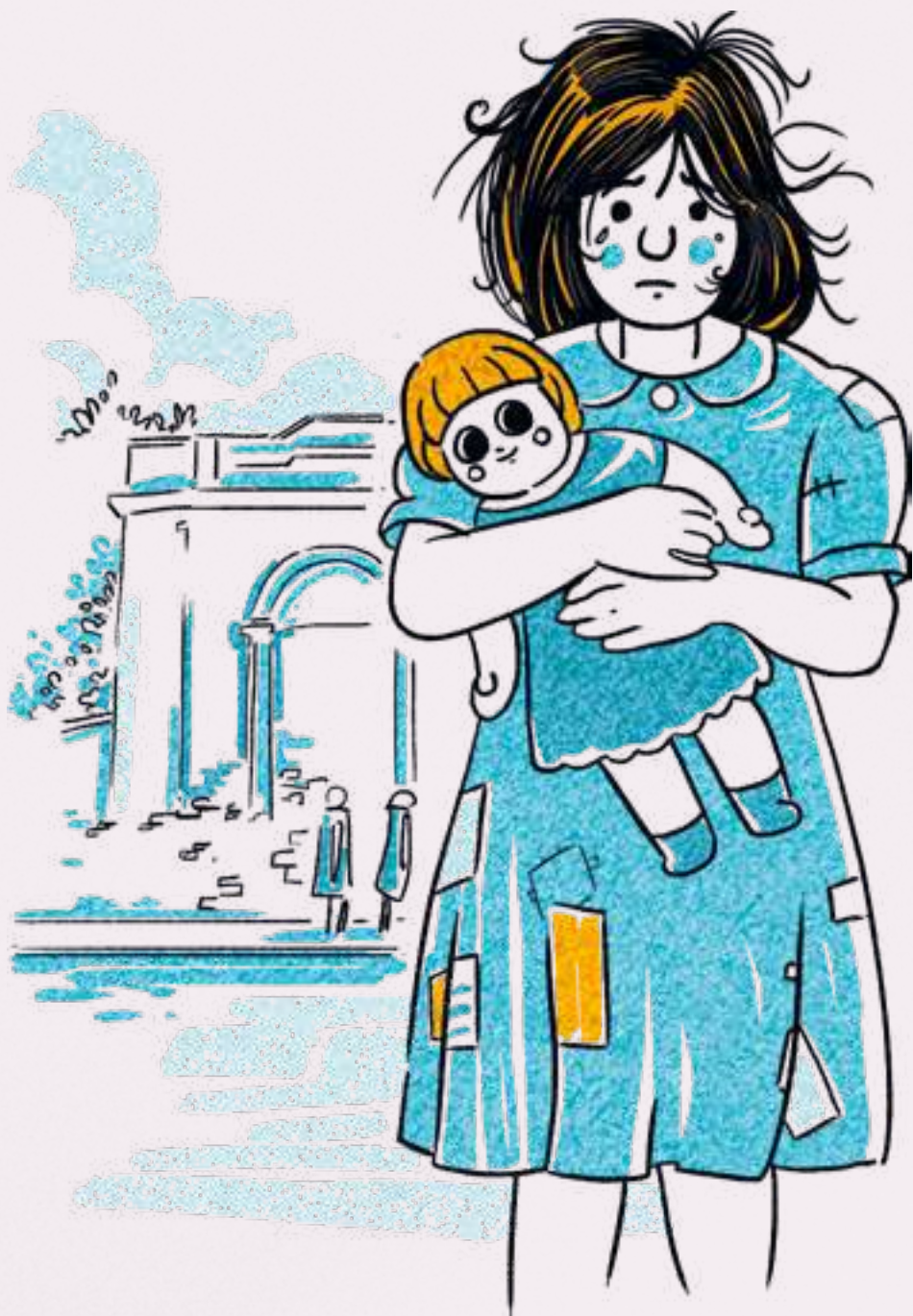
As medidas eram tomadas e aqui vale dizer que não surtiam os efeitos esperados. Praticava-se o isolamento compulsório nos Lazaretos e alguns cuidados nas casas de atendimentos médicos, pois o primeiro hospital público foi o Hospital de Caridade, depois Santa Casa de Misericórdia, construído no Campo da Pólvora em 1861, vizinho hoje ao Passeio Público. Este não recebia pacientes com varíola, a despeito do seu compromisso com a caridade, devido ao risco de contágio e às recomendações de isolamento aos pacientes.

Os Lazaretos, nomes que remontam ao Lázaro bíblico, eram locais destinados a acomodar viajantes e seus pertences para triagem em quarentena, porém, com o agravamento da crise sanitária, passaram a receber pacientes acometidos pela doença, isolando os variolosos da população.



Distantes do centro da cidade, existiam dois lazaretos. Um era o de Jacarecanga, construído em 1819, na gestão de Inácio Sampaio, e abandonado pouco antes de 1849. Estaria hoje nas imediações das ruas D. Maroquinha, Monsenhor Dantas, Adriano Martins e Adolfo Campelo. O outro Lazareto era o da Lagoa Funda, construído em 1856 por João Silveira de Sousa. Este ficava próximo à própria Lagoa Funda e se a mesma ainda existisse, hoje a encontraríamos entre as ruas D. Hélio Campos, antiga rua da Felicidade, Olavo de Andrade, Monsenhor Rosa e Cirandinha no bairro Carlito Pamplona, a poucos metros da Av. Leste-Oeste. O local hoje é ocupado por habitações, já que a lagoa fora aterrada em 1979.

Outras medidas iam da retirada dos abarracamentos, das instalações de habitações a sotavento. O transporte dos corpos vitimados pela doença passou a ser conduzido por vias próximas à praia; vasos com alcatrão acesos com o intuito de desinfetar os miasmas foram práticas sem grandes efeitos.



Vale aqui muitíssimo ressaltar as observações feitas pelo farmacêutico baiano, Rodolfo Theófilo, quando narra a relutância de muitas pessoas contra a vacina. As tentativas de vacinação corriam com o medo e com a desconfiança, pois que muitos, sem a menor informação, creditavam a vacina como a própria doença. Folhetins da época, semelhantes às atuais fake news, atacavam a eficácia da vacina, que já em 1796 era usada como imunizante elaborado pelo inglês Edward Jenner.

Todo esse cenário só agravava a epidemia e os bexigosos se multiplicavam dia após dia. Em 1878, diante da maior epidemia já registrada no país, os médicos residentes na província ficaram responsáveis pelos distritos de vacinação; Pedro Augusto Borges, José Lourenço de Castro e Silva, Francisco Jacinto de Mattos, Meton de Alencar, Antonio Pompeu de Sousa Brasil e João Moreira da Rocha.

Diante desse cenário pouco produtor, a cada dia, horas, minutos a doença tomava rumo incontrolável e seu espalhamento foi inevitável. Todo esse fatídico percurso recrudesciu no dia 10 de dezembro de 1878. Nesse dia, a cidade de Fortaleza viveu talvez o dia mais trágico de sua história, quando, de acordo com o livro *Variola e Vacinação no Ceará*, de Rodolfo Theófilo, foram registradas 1004 mortes causadas pela doença.

A cidade viveu um dia tenso, pois a solidão da sua população juntava-se ao desespero tanto dos mais abastados quanto dos mais humildes. Um silêncio fúnebre, não se sabia o que fazer para conter a fome insaciável da doença. Mesmo o governo tendo



contratado 64 coveiros, entre retirantes, pessoas sem ocupação e voluntários, já que não havia condições nenhuma para se selecionar cuidadores, carregadores e padioleiros, pois a natureza do trabalho exigia muito mais coragem do que perícia. Também entrava como forma de benefício algum peso em charque, farinha e, sobretudo, algumas doses generosas de aguardente. Já era grande achado encontrar quem se dispusesse a conduzir por aproximadamente quatro quilômetros os enfermos ou mesmo os já falecidos. Muitos em situação de tanta penúria que os poucos trapos já não eram suficientes para cobrir-lhes a intimidade.

Outros, já defuntos, pois seus corpos já padeciam há horas ou dias, eram acomodados em sacos de estopas ou amarrados pelos pés e pelas mãos a um pau; nessa sina, marchavam rumo ao cemitério do Lazareto da Lagoa Funda. Era comum os carregadores, sem proteção e sem preparo, por menor que fosse, já tomados por cachaça, pois só encachaçados suportavam o mau cheiro dos corpos já em estado crítico, arrumarem de qualquer forma o defunto quando, muitas vezes, as carnes separavam-se dos ossos.

A diária de um coveiro teve que ser estimulada, pois alguns adoeciam e o número de insepultos aumentava, os corpos eram empilhados e a situação só se agravava. Exaustos, os trabalhadores, homens rudes, acostumados a não escolher trabalho, por pesado que fosse, sentiram muitas dificuldades diante daquele cenário trágico.

Não era raro encontrar carregadores e padioleiros escornados à sombra, claudicantes, vencidos por horas de tragos e cansaço, a roncar ao lado do corpo insepulto e, se não fossem as baforadas, podiam até ser confundidos com um corpo moribundo. A fome, os maus-tratos, o cansaço e a natureza do trabalho colocavam à prova a resistência de todo aquele pequeno exército de corajosos. Ao final de uma jornada, caminhavam exaustos, em passos lentos... era pouco provável que, depois de um dia de sofrimento, muitos deles tivessem sequer condições de engolir algo ou mesmo proceder a contento à higiene pessoal.

No mesmo dia 10 de dezembro de 1878, decorrido o trabalho quase ininterrupto dos carregadores e padioleiros, não houve condições de sepultar todos os mortos, ficaram ainda insepultos 238 ao final do dia. O cantar fúnebre do ranger das padiolas se fez ouvir em distintas partes, essa era a outra imagem desoladora nas vias que conduziam os corpos já em avançado estado de decomposição para a paz final. O caminho ficava traçado pelas marcas das padiolas bastante desgastadas, quando davam já sinais de precisar de reparos.

O trabalho devia ser retomado no dia seguinte e os mesmos homens, quando, para operar o trabalho desafiador, ao chegarem ao local em que os corpos se encontravam, depararam-se com uma cena estarrecedora: urubus e até cães disputavam punhados de carne dos corpos, alguns já em estado avançado de decomposição. Só depois de afugentados os bichos, deram condições e os cadáveres foram finalmente enterrados em vala comum.

O farmacêutico Rodolfo Teófilo observou, viu de perto e fez muitos registros da catástrofe vivida em Fortaleza em seu livro Variola e Vacinação no Ceará. Diz ele: “Tinha Fortaleza o aspecto de sombria desolação. A tristeza e o luto entravam em todos os lares. O comércio completamente paralisado dava às ruas mais públicas a feição de uma terra abandonada. Os transeuntes que se viam eram vestidos de preto ou eram mendigos saídos dos Lazaretos com sinais recentes de bexiga confluyente que lhes esburacou a cara e deformou o nariz.”



As vítimas eram levadas ao cemitério do Lazareto da Lagoa Funda, muitos chegavam para tratamento e, não resistindo, por lá mesmo eram enterrados. Nessa época, já existia cemitérios em Fortaleza, aliás, por recomendação da saúde pública, não mais se faziam enterros nas dependências das igrejas, como na igreja do Rosário, a mais antiga da capital, pois o odor fétido dos corpos em decomposição tornava as celebrações momentos de muito desconforto.

Em terras que pertenciam à família Braga Torres, numa área a sota-vento, vizinha ao morro do Croata, foi erguido onde hoje é o espaço ocupado pela praça Castro Carreira, Praça da

Estação, o primeiro cemitério de Fortaleza, o São Casemiro, inaugurado em 08 de maio de 1848 e desativado em 1866. O nome homenageava o governador que autorizou sua construção, Casimiro José de Moraes Sarmento.

Outro cemitério de curta duração em Fortaleza foi o da Prainha, na praia de Iracema, anexo à capela do Seminário da Prainha. De acordo com pesquisadora Clélia Lustosa, em seu livro *Vida e Morte em Fortaleza*, este não foi favorável devido a sua posição a barlavento.

O São Casemiro acabou ficando inviável por sua localização, cada vez mais próxima do espaço urbano e por enfrentar a invasão das areias do morro. Diante disso, foi que, em 1866, um novo cemitério foi inaugurado, o São João Batista, na localidade de Tijubana. Em 1880, foi iniciada a transladação dos ossos exumados do antigo cemitério de São Casemiro.

As vítimas da varíola normalmente não eram enterradas nos cemitérios já existentes por medo da contaminação. Os corpos eram sepultados em locais distantes da área urbana, como nos Lazaretos, ou em locais isolados, chamados muitas vezes de “cemitério dos bexigentos”. A varíola era altamente contagiosa e, para evitar a propagação, centenas de pessoas eram enterradas em locais distantes, isso reflete não apenas o medo do contágio, mas também a separação que refletia o desprezo e a exclusão que sofriam essas populações. Para muitos, a varíola era entendida como uma doença de gente pobre, de desocupados e de marginalizados,

fato que colaborou para o isolamento mesmo após a morte, o que acarretou a falta de um mapeamento das pessoas que padeciam e de um possível registro para exumação.

Meses depois, passado o cume do pesadelo, a cidade aos poucos voltava a respirar. Aqui me ponho a imaginar alguma suposta cena perdida naquele triste entardecer. Se não aconteceu, dou margem à minha intuição imaginativa que se junta aos reais episódios narrados.

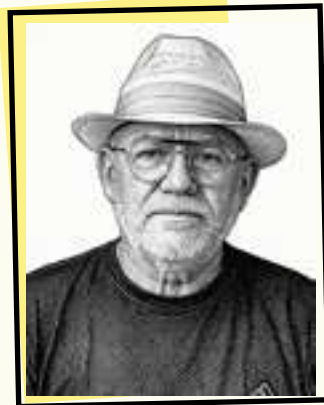
A barra da tarde parecia querer secar as lágrimas, a escuridão não mais se apropriava das vidas da cidadezinha, a esperança voltou a ser notícia. Fragmentos possíveis de resistência tentavam vencer a solidão e o medo. Algo no ar parecia diferente, parecia dizer que uma nova atmosfera se avizinhava à cidade e esta parecia protegida. Aos poucos, as ruas timidamente começavam a ficar preenchidas de transeuntes; dias depois, o comércio começava a receber a luz do sol e despertava para um recomeço.

Em um canto, em que se encontravam duas ruas no coração da cidade, uma pequena retirante observava tudo a seu modo, ali, sozinha, de vestidinho azul anjo, de rendas a rolotê, quase totalmente soltas do tecido já bem encardidas, carregava no magro corpinho um olhar perdido. A pele parda e sem banho que houvesse lhe tirado a poeira, justificava os cabelos aloirados que de sujos já não sentavam na cabeça. A pequena órfã, ensimesmada, com um semblante incomparavelmente inocente e um olhar de brilho lacrimal, observava a cidade vestida de luto. Tantos embaraços e

provações já não lhe permitiam juntar perguntas e, se as tivesse, talvez, para o primeiro que passasse indagaria: onde estaria a mãe, tão protetora? O pai? O único irmão... onde estariam todos? A cidade, ao que tudo indica, não lhe deu ouvidos, não houve acenos e respostas. A cidade nada pôde fazer, recebê-los foi a única forma de abraçá-los numa data tão difícil e triste.



SOBRE O AUTOR



RAIMUNDO GOMES RIBEIRO JÚNIOR nasceu em Independência, Ceará. É professor, pesquisador e escritor. Graduado em Filosofia, História e estudou Psicologia. É especialista em Administração e Gestão Educacional. Tem mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, tendo desenvolvido pesquisa em História e Memória da Educação. Atualmente, dedica-se ao magistério na rede pública municipal de Fortaleza, tendo

também lecionado no Ensino Médio, em cursos pré-vestibulares e no ensino superior. Participou do Clube dos Poetas Cearenses e tem trabalhos didáticos e literários publicados. Atualmente, influenciado por suas pesquisas sobre a cultura popular nordestina, atua também como produtor rural no interior do estado, onde desenvolve estudos sobre cadeia produtiva rural.



ESCANEE O QR-CODE

O DIA EM QUE A CIDADE SE VESTIU DE LUTO

Raimundo Gomes Ribeiro Júnior



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA

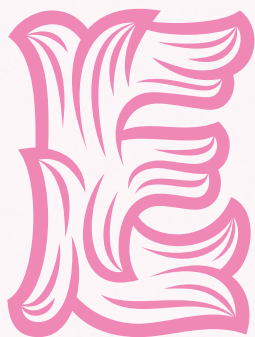




Peticharia (O sex-shop em Fortaleza)

Raimundo Netto





ra noite. Precisava de uma venda para os olhos. Coisa simples: uma solicitação de um grupo de trabalho para participar de uma inocente dinâmica na manhã seguinte.

Passei, por acaso, em frente a um sex-shop no Benfica. Veio-me à cabeça: talvez pudesse encontrar uma por ali. Entrei.

O proprietário da loja me atendeu com aparente cordialidade e discrição, não deixando transparecer, entretanto, certo olhar estranhamente pervertido: “Uma venda, hein? Hummm... de couro ou de pelúcia?” Cocei o queixo com o indicador: “Só tem dessas, é? De pelúcia, não rola, chapa...”

Nisso, um rapaz muito franzino e pálido se chegou. Encostou-se ao balcão, quase a sussurrar, apontando: “Quanto custa ‘aquilo’?”. “Aquilo o quê?”, fingiu estranhamento o dono da loja. “Aquele ali!” “Ah, a bombinha peniana manual?”, exclamou o vendedor com certa euforia, enquanto o rapaz se retorcia de vergonha, disfarçando o rosto com a mão peluda.

Depois, entrou um casal. A moça trazia um sorriso aberto de entusiasmo por ela e pelo namorado, que preferia guardar o seu por dentro. Pulando na ponta dos pés e sacudindo o dedinho, quase gritava: “Moço, e esse par de algemas?” “Essa de oncinha, princesa? Arrasou...”.



Não tardou e logo se distribuía no apertado corredor mais umas quatro garotas na caça daquelas peças exóticas.

Enquanto esperava para pagar a tal venda, pus eu também a explorar aquele templo de fetiches, numa espécie de “turismo sexual”. “Tem-se de um tudo para todos os gostos”, orgulhava-se o gerente: pênis artificiais de vários tamanhos, formatos, cores e texturas, até os fosforescentes — provavelmente para não se correr o risco de perdê-lo de vista —, com display de contagem de perda calórica — para quem pratica o sexo como método de emagrecimento —, incluindo os formatos especiais “Sheik” (pensei ser “Shrek”), “Czar” e “King”, além da exclusiva super-mega-plus prótese maciça “Créu”, na cor preta, em PVC atóxico e cinta regulável; dedais e linguais vibratórios; cintas-ligas, espartilhos, tapa-seios adesivos, tangas e calcinhas, com especialidade as comestíveis “Sensação” (sabor chocolate e morango) a advertir na embalagem: “Nela, não há nutrientes. Favor não degustar em cinemas. Ao utilizá-la, não esquecer a sobressalente.”; baralhos

eróticos, dados para strip-tease; vibradores wireless; bolinhas para pompoar (conhecido “colar tailandês”); lubrificantes e preservativos em diversos sabores, entre eles, a novidade “Melancia”.

Havia também os PETs, ou porta-bullets, animaizinhos (bois, macacos, coelhos) com enormes falos que dormem, ou melhor, nunca dormem, ao lado de suas donas.

Na seção “casal perfeito: tu gosta (sic) de apanhar e eu de bater”, via-se famosos kits de tortura erótica: calcinhas de couro com argolas e correntes, máscaras, vendas, coleiras, saqueiras, chibatas e algemas. Fantasias de policial, bombeiro, marinheiro, salva-vidas, enfermeira, colegial, garçom, empregada e ainda a do super-herói “Trepoman” — dispensando a braguilha.

Seção de produtos para banho, óleos de massagem e perfumes, com a promoção, “Pourhomme”, da fragrância “Cafajeste”, de grande aceitação. Na mesma linha, encontrei o “X-Man”, gel prolongador de ereção. Para as moças mais curiosas, produto de lançamento: o “pintômetro”! Claro, havia uma seção especial para voyeurs com DVDs pornográficos de todas as categorias. Logo à frente, um título curioso: Atolando o pé na jaca 5: três negrões para cada gostosa.

Nas prateleiras, bonecas infláveis, coisa antiga: “Britney”, “Nancy”, “Jéssica”... Surpreendeu-me, porém, o aparecimento do boneco “Butch”, espécie de “Ken” da modernidade, um pouco maior e mais devasso. E, pasmem, uma “Cabra”, “perfeita para

sua despedida de solteiro”, e um burrinho inflável sonoro, “experiência sexual excitante e diferente”.

Para casais apaixonados, a sugestão dos estojos: “caixinha safada” e “coração efervescente”. De novidade: aparelhos que sincronizam música com vibração (com uma estação para iPod) ou que emitem impulsos elétricos capazes de gerar orgasmos como se fossem pensamentos ou soluços. Prático demais para quem não pode perder tempo com coisas do tipo: “Como foi seu dia hoje, querida?”...

Tardava, acusei pressa, o gerente largou os demais clientes e ainda arriscou: “Vai mesmo só levar a venda? Tem certeza de que não gostaria de levar o chicotinho do kit? Combina demaaaais com você, príncipe...”

Pois é, como diria a Marta*, sexo também é cultura, é ou não é?



(*) A sexóloga Marta Suplicy, na época, ministra da Cultura (2012-2014)

SOBRE O AUTOR



RAIMUNDO NETTO é jornalista, editor, quadrinista, escritor e produtor cultural. Autor de obras premiadas em diversos gêneros. Atuou como coordenador da Política de Livro da Secult-Ceará, curador da Bienal do Livro do Ceará, criador e redator do I Prêmio Literário para autor(a) cearense e autor do projeto da I Feira do Livro do Ceará em Cabo Verde. É cronista do jornal O Povo desde 2007. Roteirizou documentários e editou cerca de 200 títulos. Recebeu a medalha Boticário Ferreira em 2012. É gerente de criação de projetos da Fundação Demócrito Rocha.



ESCANEE O QR-CODE

FETICHARIA (O SEX-SHOP EM FORTALEZA)

Raimundo Netto



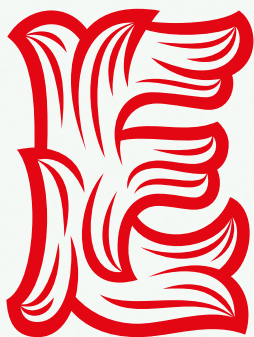
CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





Meu Disparate

Renata Rosa da Silva



ssa noite, a paciência perdeu o seu rumo e desencontrou-se de mim, fazendo-me sair à procura da paz. Telefonei para Daniel e o intimei a me acompanhar na busca pela calma e ele, sem escapatória, foi a minha companhia silenciosa.

Juntos tomamos uma água com gás e limão, sentados à mesa de um bar na Praia de Iracema, até chegar o que jamais poderia imaginar...

Lembro-me desse encontro, em que trocamos telefones e conversamos noite adentro. Marcamos de nos ver para nos conhecermos melhor e fui me mostrando através da Fortaleza, pois sentia que ela poderia falar mais e melhor de mim. Assim foi se seguindo, nas férias, o meu “Meu revelar”.

Na segunda-feira, convidei-o para ver a ressaca do mar, na Beira Mar, onde as ondas molhavam a pista, num espetáculo de força que me encantava.

Na terça-feira, no Leão do Sul, compramos pastel e caldo de cana e sentamos na Praça do Ferreira, observando o pra lá e pra cá das pessoas.

Na quarta, levei um livro e, em um banco no Parque do Cocó, iniciamos a leitura em meio ao verde da natureza.





Na quinta, pegamos um ônibus da linha “São do José de Ribamar” e percorremos a cidade, passando em frente ao Teatro José de Alencar, no centro da cidade, alheios a tudo, como se fôssemos apenas expectadores de um filme 3D.

Chegamos até domingo, quando fomos assistir a um filme francês na sessão de Arte, no Centro Dragão do Mar.

A Fortaleza, por seus contextos, revelava-me dia a dia que ele que se entediou ao balanço do mar, pediu leitura silenciosa, enjoou no ônibus, dormiu no cinema...ou seja, o seu roteiro era outro. E a minha cidade continuava a me dizer mais do outro do que de mim mesma, como um disparate vivo, onde as perguntas e as respostas se faziam desnecessárias.

Qual a sua cor favorita mesmo? Nem lembrei de perguntar... não deu tempo. Já se passaram 30 anos, mas ela continua sendo o meu caderno de Disparate...(risos) e disparate mesmo seria continuarmos juntos mesmo assim só pelo caldo de cana com pastel.

SOBRE A AUTORA



Renata Rosa da Silva, nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará. Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Federal do Ceará, com especialização em Controladoria e Contabilidade Pública. Também tem formação em design de produtos na área de joias. Atualmente, trabalha com auditoria e controladoria governamental. Participou da edição Gariri Criativo em 2017, de eventos literários e da exposição de Poesias Emolduradas no encontro da Poesia de Gesso em 2018. Teve joias contemporâneas selecionadas pelo Atelier Mourão da Escola de Artes para 1º concurso em 2018 no item broches.



ESCANEE O QR-CODE

MEU DISPARATE

Renata Rosa da Silva



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Mário Gomes, o poeta vira-lata

Ricardo Kelmer



ra um burburinho que rodava dentro da cabeça dele, sem parar. Uma noite, rodou, rodou e pariu um poema. E ele riu da própria marmota. Descobriu-se poeta.

Rapaz, trabalhar com redemoinho no juízo, não dá. Veio-lhe aí a revelação, aquilo que todo cão vira-lata sabe: se é pelas ruas que a vida livre escorre em poesia, bebamos de sua sagrada putaria. Então bati-
zou-se boêmio e vagabundo.

Rebelando-se contra tudo que não rima com liberdade, um dia, ele fugiu do manicômio. Lá no alto, a lua se apaixonou, a andarilha do céu, e jurou protegê-lo em suas perambulações e traquinagens. Assim, sempre sem dinheiro mas abençoado, fez-se aventureiro: em São Paulo, foi preso, mas escapuliu, por se fingir cineasta para as mulheres; em Minas, atrasou-se e não embarcou no ônibus que viraria na estrada, e lá nos cafundós da Bahia, escapou de morrer no veneno de um vatapá na encruzilhada.

Ah, ele sumia por meses, mas Fortaleza sempre o recebia de volta. Todo lascado de surras e prisões, mas uma ruma de história mirabolante para contar. À tarde, na Praça do Ferreira, o vento malandro a brincar de subir a saia das moças, era com suas errâncias quixotescas e os versos obscenos que o povo





se encantava, ele lá, de paletó sem gravata, camarada e bonachão. Fiel se manteve ao ofício de sua nobre vagabundagem, vivendo sem amanhã, e sempre o acudia um troco para a janta e o cigarro. De tanto encarnar o surreal da vida, ainda vivo virou lenda. Assim foi que, um dia, ele contando orgulhoso da aposentadoria por invalidez mental, os amigos entenderam: cidade bendita a que provê seus poetas mais puros.

Nos seus livros publicados, a arte intuitiva brincava longe dos parâmetros, feito criança travessa que, sem atinar, aponta o absurdo da existência. Era por isso que ele podia colher uvas no pé de cana até chegar o homem das laranjas. Por isso, ele, só ele, foi comido vivo em banquete por Odete, Judite e Maria Helena. Por isso que, em seu braço, a formiga bebia água e de sua merda, uma tarde, voaram borboletas. Porque só o poeta que reflete a lucidez primitiva do desconexo sabe que, na vitrine, a manequim tem fome.

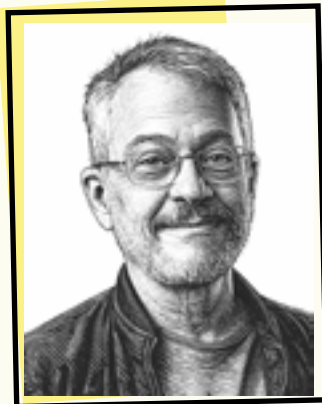
“Tua amada, cadê?”, as estrelas lhe indagam na solidão das madrugadas. “Ela não veio”, responde magoado e vira a cachaça. Agora, debilitado e maltrapilho, defende-se como pode de velhas assombrações, os eletrochoques, aquela virgem ingrata que lhe negou um nheconheco, a surra da multidão em Salvador por lhe confundirem com um bandido... Agora, veja só, proíbem-lhe recitar seus versos onde antes era aplaudido, como se atrevem? E esses moleques idiotas, que lhe acordam com pedradas, acham que é mendigo, não sabem que saiu no jornal, que o mulherio gama só de olhar? A mãe, tadinha, morrera, ela que cuidava de lhe dar

os remédios que sossegavam os burburinhos, e que agora já não parem poemas. Dizem que virou espectro vagante, que é melhor ir para a casa de repouso, que morreu mês passado, ah, não entendem p... nenhuma. Aquele bar ali na General Bezerril, outro dia, negaram-lhe um resto de pão que sobrou na mesa, vão tomar no c... Felizmente, as ruas sabem quem ele é. E pode lavar a calça no banheiro do José de Alencar. E embaixo da passarela do Dragão ainda lhe deixam dormir. E descansar a carcaça. E sonhar seu sonho louco de liberdade radical.

Ele se foi numa tarde sem vento, com os fogos do Ano-Novo a ignorar sua partida. Como não tinha documento, não podiam liberar o corpo para o velório na biblioteca. Mas ele é o poeta Mário Gomes, os amigos tiveram de explicar no IJF. Era a sua credencial, de mais não carecia para adentrar a posteridade. Lá no alto, a lua grávida dele não quis falar. Por detrás do Universo, Jesus tomou uma com Satanás. E mais além, na Praça do Ferreira, um vira-lata rodou, rodou e mijou um minuto de silêncio.



SOBRE O AUTOR



Ricardo Kelmer nasceu em Fortaleza, Ceará, onde voltou a morar em 2017 após anos vivendo no Rio de Janeiro e São Paulo. É escritor, roteirista, letrista musical e coordenador da Confraria Literati (@confrarialiterati), que divulga a cena literária cearense. Em seu novo livro de contos e crônicas, Fortaleza Prometida do Sol, a cidade de Fortaleza se veste de memórias e ficções e nos leva a um

íntimo passeio por seus recantos, personagens e acontecimentos. Tem várias obras publicadas nos gêneros crônicas, romances e memórias, além de grande atuação em movimentos artísticos e culturais.



ESCANEE O QR-CODE

MÁRIO GOMES, O POETA VIRA-LATA

Ricardo Kelmer



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





The background is a stylized illustration of a park. It features several trees with green foliage and brown trunks. In the foreground, there is a stone wall on the left and a fountain with a small figure on top. In the background, there are some benches and a building with a red roof. The overall style is simple and illustrative.

A praça dos leões: história e patrimônio

Sebastião Rogério de Barros da Ponte



Praça General Tibúrcio - ou dos Leões, como é mais conhecida - é uma das principais praças históricas do centro de Fortaleza. Ao contrário de todas as praças antigas da cidade, incluindo a do Ferreira e a José de Alencar, a Gen. Tibúrcio é a única que não sofreu descaracterizações, pois ainda conserva a aparência belle époque que lhe foi desenhada no longínquo ano de 1914, tempo em que Fortaleza sonhava ser uma pequena Paris.



A Praça Gen. Tibúrcio, antes de receber essa denominação em 1877, era chamada de Largo do Palácio e Praça do Palácio, por se localizar em frente ao Palácio da Luz, sede do governo do Ceará. Nessa época, não tinha nenhum embelezamento, era um imenso areal. As fortes chuvas do inverno rigoroso de 1847 abriram grandes fendas no logradouro, em razão do desnível entre ele e a então Rua de Baixo, hoje rua Conde D'Eu. Para evitar futuros desmoronamentos, o presidente da província mandou construir uma muralha para sustentar o terreno. Foram introduzidos pilares e grades de ferro contornando a praça e feitas escadarias para os pedestres acessarem a Rua de Baixo e vice-versa.

Em 1885, morre o Gen. Tibúrcio Ferreira de Sousa, cearense condecorado como herói por seus feitos militares durante a Guerra do Paraguai e, em razão disso, em 1887, a Câmara de Fortaleza resolve homenageá-lo, dando seu nome ao logradouro. Em 1888, foi colocada ali a estátua do General, a primeira de Fortaleza. Ela foi fundida em Paris pela Fundição Thiebault Frères, mas o seu pedestal em mármore foi esculpido em Fortaleza pelo artista Frederico Skinner.

Em 1892, a praça foi palco de intenso tiroteio entre militares florianistas e a força de segurança do governador do Ceará. O objetivo era depor o governador do Ceará, Gen. Clarindo de Queirós, que estava sitiado no Palácio e acabou se rendendo. A estátua do General recebeu balaço de canhão, mas curiosamente caiu em pé; o Palácio ficou bastante avariado pelo tiroteio que durou uma noite toda.

Apesar de estar encravada entre venerados templos laicos e sagrados como o Palácio da Luz, a Assembleia Legislativa e a Igreja do Rosário, a Praça do General transformara-se, na década de 1910, em depósito de materiais e pastagem de animais. Indignado com o fato, o intendente (prefeito) Ildefonso Albano (1912-1914) reformou-a por completo, deixando-a tão formosa quanto às



praças do Ferreira, Marquês do Herval (hoje, praça José de Alencar) e a Praça da Sé, remodeladas pelo prefeito Guilherme Rocha entre 1902/1903.

O projeto da nova praça impôs o recuo de oito casas e implantou um belo “jardim romântico ou Jardim Inglês”, com caminhos e canteiros sinuosos, inédito na capital. O jardineiro veio contratado do Rio de Janeiro e de suas mãos foram plantadas espécies nobres como cássias imperiais, jacarandás, casuarinas, araucárias, palmeiras, além de flores e plantas ornamentais. Presentemente, é, talvez, a praça mais arborizada do centro de Fortaleza.

A remodelação da praça completava-se com um coreto, bancos importados, 49 novos lampiões a gás (de noite parecia dia, segundo relato do prefeito Ildefonso) e, contornando-a, construiu-se uma balaustrada encimada por combustores, grandes jarros de bronze e três inusitadas estátuas de leões importadas de Paris.

A nova Praça General Tibúrcio causou enorme sensação na população, ainda mais por conta dos leões. A partir daí, o lugar foi batizado pelo povo como Praça dos Leões.

A Praça dos Leões ganhou uma nova estátua em 2008, a da escritora Rachel de Queiroz sentada em um dos bancos.

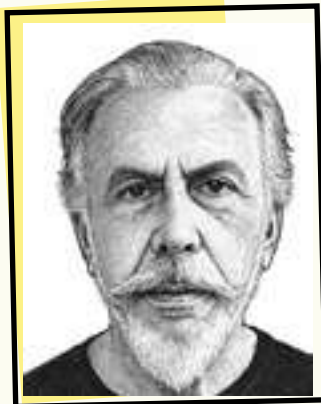
Em 1991, o logradouro foi tombado como patrimônio histórico do estado do Ceará em reconhecimento à sua relevância histórica e por compor um importante conjunto histórico-arquitetônico

formado pelo Palácio da Luz (construído no início do séc. XIX), Igreja do Rosário (1775), prédio da antiga Assembleia Provincial (1871), atual Museu do Ceará, e Edifício Brasil (1915).

Contudo, como sabemos, não basta tomar: importa conservar e preservar para que o logradouro mantenha suas características originais e conserve-se limpo, bem cuidado, seguro, confortável e atraente ao público, cumprindo à risca sua função de ser um lugar que assegure ao cidadão o direito ao lazer público de qualidade.

Conservação diuturna e restaurações periódicas da Praça dos Leões - e de outros equipamentos históricos da cidade - significam a valorização do nosso patrimônio cultural e reforçam a memória histórica e afetiva de Fortaleza.

SOBRE O AUTOR



Sebastião Rogério de Barros da Ponte (Tião Ponte) nasceu em Fortaleza. É professor aposentado do curso de História da Universidade Federal do Ceará, pesquisador e escritor. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Tem larga experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil,

atuando principalmente nos seguintes temas: controle social, urbanização, patrimônio, autoritarismo, modernidade e cidadania. Tião Ponte é autor de uma grande referência em pesquisa historiográfica, o livro *Fortaleza Belle Époque*, além de ser coautor de vários livros acadêmicos e didáticos.



ESCANEE O QR-CODE

A PRAÇA DOS LEÕES: HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

Sebastião Rogério de Barros da Ponte



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA





A vibrant cartoon illustration of a busy street scene. In the foreground, a man with red hair and glasses looks towards the viewer. To his right, another man with a white cap looks down at a blue book or document. In the background, a woman with blue hair is visible, and a man in a suit is seen near a building. The scene is filled with energy and movement, with various architectural elements and people. The color palette is dominated by orange, blue, and white.

Indo e voltando no 627 - Lagoa Redonda/Papiccu

Valdemice Costa de Sousa [Valdo]



da para o trabalho, 6h15 daquela manhã incrivelmente fria, daquele março de 2014, na Fortaleza de açúcar. A bruma nevoenta dava ares incomuns de inverno europeu, naquela parada lotada de gente que ficava próxima da Naturágua, na Lagoa Redonda. Após 50 minutos de aflita e ansiosa espera, enfim, eis que ele chega, o 627-Lagoa Redonda-Papicu. Ao longe, na aproximação, percebo a traseira mais rebaixada que o normal e a porta aberta denotando a situação que estava por vir. Pronto! Era rezar para que ele parasse, justamente onde eu estava e não ter que disputar, aos trancos e empurrões, a concorrência ávida pelo acesso tão desejado àquele colosso metálico, pois era pegar o dito e chegar logo no trabalho para uma importante reunião, ou então, esperar outra eternidade.

Pois bem, com uma mochila pesada em uma mão e a outra livre, consigo subir (Deus sabe como), no meio daquele pandemônio. Já devidamente “prensado” entre a porta traseira e a escada de acesso, com a respiração em suspenso, o fresco vem quando me acho e me ajeito por algum tempo ali, na área da catraca, uma espécie de oásis cercado de massa humana por todos os lados. O alívio dura pouco, pois logo percebo que, com a proximidade da sua parada, preciso enfrentar aquele mar, quase infinito, de gente. É, mais ou menos, como derrubar a famosa Lei de Newton que diz que “dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo”.



Mas aí surgem, da mente criativa, algumas estratégias possíveis para a resolução do imbróglio: respiro fundo, levanto a mochila e vou aproveitando para aplicar, a cada freada, a 1ª Lei de Newton, no caso, a inércia? Ou, respiro fundo, levanto a mochila, peço licença e cuidado porque estou levando um saco de peixe? Ou ainda, respiro fundo, levanto a mochila, peço licença e cuidado porque estou levando um saco de caju? Ou então, respiro fundo, levanto a mochila, não digo nada, mas boto para tocar na cabeça a “Me Leva Que Eu Vou” do Sidney Magal e vou passando pelo povo, lembrando-me dos gingados das poucas aulas de lambada, de 20 anos atrás?

Enfim, na proximidade da parada, de um jeito ou de outro, tem-se que enfrentar aquela massa homogênea de gente imprensada tal qual sardinha em conserva. Aproveitando para aplicar a primeira alternativa, a da inércia, as freadas bruscas feitas pelo motorista, agoniado pelo seu próprio atraso, ajudam a furar aquele bloqueio humano. Ainda assim, só consigo descer duas paradas após (era para descer na do Centro de Eventos), não sem algumas sequelas: a roupa toda amassada e mais suado que tampa de chaleira, e uma das alças da mochila, quebrada. O dia começou foi “bem”.

[RESPIRO]

Já de volta, no rumo da Lagoa Redonda, quando do retorno para casa, às 15h da tarde, o 627-Lagoa Redonda/Papicu (sempre ele) estava estranhamente mais lotado do que o de costume para aquele horário. O motorista, andando “voado” na Washington Soares e, no sacolejo provocado pelo zigue-zague, dá indícios para o fenômeno: estava atrasado. “— Ei, mah! tá levando é gente, né porco não!” – Berrava o povo, quase em coro, em meio às freadas abruptas.

A disputa por apoiar o pé completamente no chão (e não somente a ponta) estava ainda mais acirrada. Qualquer vacilo e... vupt! Outro pé já estava no lugar do seu. A mochila, pesada de livros, agenda e resmas de papel já usado, repousava sobre o ombro, feito balde d’água. Sem jeito, porque o casal que estava no assento à frente, já carregava, de favor a outros, uma pilha de bolsas, livros e sacolas, que iam do colo até o queixo.



Dois assentos após, uma dupla de senhoras conversava animadamente, alheias à massa de gente que viajava em pé, uniforme e compactada, e, também, ao calor que fazia naquele momento que, certamente, deveria estar aí por volta dos 42, 43 graus, no interior daquele Airfryer Phillips-Wallita gigante. E a gargalhada correndo solta no bate-papo animado das senhorinhas.

Pois bem. No início da Odilon Guimarães, boa parte do povo desembarca, o que alivia um pouco para o restante que fica. Pelo menos até chegar nas proximidades de um canal que fica no ponto mais baixo da avenida, cujo asfalto sempre vira farinha em cada chuva. Ali, todo mundo passa com cuidado, calma e parcimônia nessa época. Mas, para o nosso apressado (e atrasado) motorista, parecia que aquele trecho era do Rally dos Sertões.

Numa dessas chacoalhadas e freadas onde a inércia, nessa hora, atua sem perdão e, entre uma gargalhada e outra, uma das senhorinhas solta um grito. Em seguida, ouve-se um clec-clec-clec como de algo caindo no chão em direção à frente do ônibus:

— O que foi, mulher? - Pergunta a colega.

— Valha-me Nossa Senhora, mulher! - Responde, ao pôr a mão na boca.

— Mulher, a minha chapa caiu!



Nesse momento, como uma onda, do motorista ao trocador, uma gargalhada uníssona toma conta do coletivo, acompanhada pelas duas senhorinhas que também se divertiam com a inusitada situação. Lá na frente, um rapazinho que já se preparava para saltar em seu ponto, agachava-se e erguia um estranho (e babado) troféu. “— Achei aqui, senhora!” Grita, para, em seguida, devolvê-lo à sua enrubescida dona. Nova onda de gargalhadas.

Duas paradas após, era a minha vez de saltar. Exausto e moído, do trabalho e do desconforto compartilhado pelo arrocho da viagem, mas, com a alma incrivelmente leve.

SOBRE O AUTOR



Valdemice Costa de Sousa (Valdo) nasceu em Fortaleza, é Analista Legislativo da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece) e Designer Gráfico. Atua no Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp) da Alece, como gestor do desenvolvimento de projetos editoriais e institucionais das Edições Inesp. É graduado em Design Gráfico pela Unifanor, especialista em Design Editorial pela Uni7, tem MBA em Gestão Estratégica de Projetos pela Estácio e Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Escreve frequentemente, onde vincula em seus trabalhos sempre a observação atenta e precisa das cenas do cotidiano.



ESCANEE O QR-CODE

INDO E VOLTANDO NO 627 - LAGOA REDONDA/PAPICU

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA







Era uma vez um bar chamado Cais Bar

Wagner José Silva de Castro



m 1985, um ano antes de finalizar o curso de História, um amigo da universidade, músico e mais velho, disse-me: “Vou te levar para conhecer um lugar que você vai gostar muito”. Foi assim que fui apresentado à rua dos Tabajaras, ao Estoril e ao Bar do Raimundinho, em frente à pequena e nostálgica rua Alegre, que, da Tabajaras, dá acesso ao mar de Iracema. Em verdade, passamos a frequentar mais o Bar do Raimundinho, onde conheci músicos maravilhosos e o sentido da boemia e do ser boêmio. Após uma tarde de muita música, e naquela mesma noite de sábado, caminhando pela rua Alegre e diante das pedras em frente ao Oceano Atlântico, saí caminhando pela areia na direção contrária ao Bar do Estoril. Foi aí que me deparei com aquele bar, cheio de gente alegre, com muitos jovens e músicas maravilhosas.

Daquela caminhada nostálgica pela rua Alegre, veio a inspiração de uma letra, depois musicada pelo amigo Chico Pio. De certa forma, a canção “Outra Saudade” é a minha homenagem à Praia de Iracema: “Você não falava minha língua/ Mas também eles não falam latim nem grego/ E são felizes egotrips estudantes que se amam/ Ao som urbano do Legião/ Aquela parte, aquela outra parte/ Omitida vivida na cama/ Na cozinha, na pracinha/ Eu sei da solidão da rua Alegre e o vento do litoral...”. Pois é, foi assim que,





solitariamente, conheci o Cais Bar, no mesmo ano de sua gestão como espaço que marcou os artistas das gerações dos anos 1980 e 1990 na memória cultural da cidade.

De forma semelhante, o Bar do Estoril marcou a cultura, a intelectualidade, a memória dos artistas e de músicas nos anos 1960 e 1970. Sábado, dia 17, fui assistir a um show em homenagem à “memória”, celebrando os 40 anos do Cais Bar. Após rever e abraçar muitos amigos e de sentir saudade de outros que não estão mais neste plano, fiquei a observar. A multidão passava a olhar, sem entender a sonoridade daquela música bonita que provocava alegria e emocionava aquela gente já madura, sentada às mesas, mas que parecia não fazer sentido para aqueles jovens.

Cá com os botões da saudade, fiquei a me perguntar: “Cadê os amigos, os papos, os namoros, o chorinho, a roda de samba e as canções? Cadê as pedras e os pingos do Mar Oceano que refrescavam o bar?”. Mas a amendoeira-da-praia, conhecida como



castanhola, ainda está lá. A parede - o grande painel de caricaturas dos artistas - também. Observei também que o antigo restaurante La Tratoria, hoje Centro Cultural Belchior, havia incorporado a área física do Cais Bar. E fiquei a me perguntar: “Por que o poder público não reduz Espaço Cultural Belchior e, assim, teríamos de volta o espaço físico e, por conseguinte, a volta do Cais Bar. Sim, Néstor García Canclini tem razão ao se referir aos espaços e temporalidades das construções artísticas: “O lugar a partir do qual vários artistas latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas já não é a cidade na qual passaram a sua infância, nem



tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos”.

Esses espaços de memória vividos - o restaurante La Tratoria, hoje Espaço Cultural Belchior, como equipamento cultural que visa a dar espaço e apoio à cena musical cearense, promovendo atividades culturais variadas em homenagem ao cantor e compositor Belchior - poderiam dialogar com o Cais Bar e integrar mais cultura e mais possibilidades de produção artística na cidade, além da geração de empregos e do fortalecimento de pontos turísticos.

SOBRE O AUTOR



Wagner José Silva de Castro nasceu em Fortaleza. É professor de História, pesquisador, escritor, cronista, compositor e apresentador do Programa Entre nós, do Jornal Opinião. É graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em Perspectivas e Abordagens pela mesma universidade, mestre em História social e doutor em Educação Brasileira pela Universidade

Federal do Ceará. Wagner Castro tem sua história marcada por um percurso que envolve a pesquisa historiográfica, a música (com três cds editados) e a sala de aula. Sua produção é refletida nos diversos trabalhos publicados sobre história da música cearense, história dos festivais, autores, músicos, cantores e, evidentemente, sobre sua prática docente. Atualmente, Wagner Castro leciona no ensino superior, participa de encontros e coletâneas e continua produzindo textos e artigos científicos em portais de notícias, revistas e blogs.



ESCANEE O QR-CODE

ERA UMA VEZ UM BAR CHAMADO CAIS BAR

Wagner José Silva de Castro



CLIQUE AQUI PARA OUVIR A CRÔNICA



Hino do município de Fortaleza

Letra por **Gustavo Barroso**
Melodia por **Antônio Gondim**

Junto à sombra dos muros do forte
A pequena semente nasceu
Em redor, para a glória do Norte
A cidade sorrindo cresceu

No esplendor da manhã cristalina
Tens as bênçãos dos céus que são teus
E das ondas que o sol ilumina
As jangadas te dizem adeus

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar

O emplumado e virente coqueiro
Da alva luz do luar colhe a flor
A Iracema lembrando o guerreiro
De sua alma de virgem senhor

Canta o mar nas areias ardentes
Dos teus bravos eternas canções
Jangadeiros, caboclos valentes
Dos escravos partindo os grilhões

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar

Ao calor do teu sol ofuscante
Os meninos se tornam viris
A velhice se mostra pujante
As mulheres formosas, gentis

Nesta terra de luz e de vida
De estiagem por vezes hostil
Pela Mãe de Jesus protegida
Fortaleza, és a Flor do Brasil

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar

Onde quer que teus filhos estejam
Na pobreza ou riqueza sem par
Com amor e saudade desejam
Ao teu seio o mais breve voltar

Porque o verde do mar que retrata
O teu clima de eterno verão
E o luar nas areias de prata
Não se apagam no seu coração

Fortaleza! Fortaleza!
Irmã do Sol e do mar
Fortaleza! Fortaleza!
Sempre havemos de te amar



Festejar. Comemorar. Celebrar.

Trezentos anos de tanta beleza. Quando a conheci, seu primeiro gesto foi o abraço do mar. Que coisa mais linda. Cor igual, ainda não ví. Vivi alguns anos da adolescência junto a você. A vida era escola, praia de Iracema, aprender a dar braçadas com técnica na piscina olímpica do Clube Náutico. E as tertúlias, momento único: aconteciam em três clubes, em dias diferentes. Dançar, era muito bom. E no carnaval, o baile do Havaí no Iate Clube. Conversar na portão de casa, receber a turma, alguém tocava violão e a cantoria começava. Algumas madrugadas, recebia como presente, uma serenata. Lindo demais. Até hoje, me lembro da canção Laura. Fim dos anos 60. Com você, vivi um tempo feliz, bonito. Voltei a encontrá-la, já adulta. A toada, outra: trabalhar para me manter, enfrentar a rotina bem diferente de anos atrás. Você cresceu. Me assustei um pouco com a sua mudança. O teatro restaurado. Seus artesanatos ganharam espaços para comércio. Prédios na beira mar. Mais movimento, mais trânsito. Muitas coisas mudaram em você, mas a cor desse seu mar, num abraço a cada chegada, ficou mantido: é seu jeito aconchegante de receber. Atualmente a acompanho de longe. E você cresceu ainda mais. A maior do Nordeste, uma das maiores do país. Prossiga, mas não permita que a sufocuem. Você é cultura, arte, sabor, luz, sol, mar. Sigo com você no pensamento e no coração. Um xero Fortaleza querida. Parabéns, muitas alegrias. Um dia, a gente se reencontra e brinda!

Tania Ramos



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2025-2026

Deputado Romeu Aldigueri
Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Vice-Presidente

Deputada Larissa Gaspar
2ª Vice-Presidente

Deputado De Assis Diniz
1º Secretário

Deputado Jeová Mota
2º Secretário

Deputado Felipe Mota
3º Secretário

Deputado João Jaime
4º Secretário

EDIÇÕES
INESP
DIGITAL



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações

